

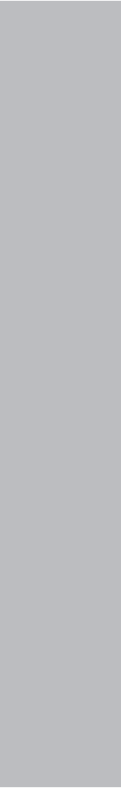


História de Nossa Gente

GINA VIDAL MARCÍLIO POMPEU
MÔNICA MOTA TASSIGNY
| COORDENADORAS |



Fortaleza – Ceará
2004



Agradecimentos

Agradecimentos especiais aos palestrantes do Ciclo de Debates **Ceará 400 anos**, promovido pela Assembléia Legislativa do Estado do Ceará através do Instituto de Estudos e Pesquisas sobre o Desenvolvimento do Estado do Ceará – INESP: Arnaldo Santos; Aroldo Mota; César Cals Neto; Geraldo da Silva Nobre; Hypérides Macedo; Prof. Airton de Farias; Prof. Almir Leal de Oliveira; Prof. Antônio Gilberto Nogueira; Prof. Artur Bruno; Prof. Francisco Moreira Ribeiro; Prof. Francisco Pinheiro; Prof. Josênio Camelo Parente; Prof. Juarez Fernandes Leitão; Prof. Pedro Albuquerque e jornalista Rodolfo Espínola. Ao professor e pesquisador iconográfico Ernane Pereira, por haver cedido as imagens do "Ceará Colonial", e à artista plástica Socorro Torquato, pela gravura da capa. Ainda ao Banco do Nordeste S.A, ao fotógrafo da Assembléia Legislativa, Dário Gabriel, ao memorialista Marciano Lopes, ao Governo do Estado e ao Museo da Imagem e do Som-MIS, pela cessão das fotos. Por fim, ao cartunista e artista plástico Mino Castelo Branco.

Copyright – © 2004 by

Coordenação Editorial

Gina Vidal Marcílio Pompeu e Mônica Mota Tassigny

Projeto Gráfico e Diagramação

Carlos Alberto Alexandre Dantas

Mário Giffony

Ilustração da Capa

Socorro Torquato

Impressão e Acabamento

Gráfica do INESP

Revisão

Vianney Mesquita – Reg. Prof. nº CE00489JP

Equipe de Pesquisadores

Cláudio Roberto Vasconcelos Marques

Giuseppe Uchoa Ribeiro Lôbo

Kelly Lima Abreu

Rosângela Cavalcante Lima

Catálogo na fonte por Norma Marques David de Souza

T788h Pompeu, Gina Vidal Marcílio (Org.)
História de nossa gente / Gina Vidal Marcílio Pompeu e Mônica Mota Tassigny.
– Fortaleza: Editora INESP, 2004.

203p. il.:

ISBN: 85-87764-54-3

1- História-Ceará 2- Tassigny, Mônica Mota.

CDD 981.31

Permitida a divulgação dos textos contidos neste livro,
desde que citados autor e fontes.

Sumário

PREFÁCIO

Deputado Marcos Cals

APRESENTAÇÃO 11

NAÇÃO CEARÁ, BRASIL: O ORGULHO DE SER CEARENSE

Mônica Mota Tassigny e Gina Vidal Marcílio Pompeu

INTRODUÇÃO 13

HISTÓRIA DA NOSSA GENTE: ESSA TERRA TINHA DONO

CAPÍTULO I

1 O CEARÁ PRÉ-COLONIAL (1500-1600): NEM TODO DIA ERA DIA DE ÍNDIO 17

1.1 Os povos nativos do Ceará – marco zero do Descobrimento, muito antes do ano 1502 17

1.2 Em 1500, o ano do Descobrimento: ano das dúvidas... 20

1.2.1 1532: o ano do “Redescobrimento”– o Siará vira capitania 21

1.3 1600: o ano da gente que entra sem pedir licença 22

1.3.1 1600: “o escambo toma-lá-dá-cá”: os franceses levavam madeira e os holandeses queriam minério! 22

1.3.2 1603: a “Bandeira” de Pero Coelho de Souza – “a ferro e a fogo”, vamos colonizar o Ceará 23

1.3.3 1607: a tentativa de catequese dos índios – em nome da Igreja, vamos “civilizar” os índios 24

1.3.4 1612: Bandeira 2 – a segunda vinda de Martim Soares Moreno 25

1.3.5 1637: o ano flamengo – os holandeses no Ceará 26

1.3.6 1656: o Ceará dependente de Pernambuco – nos tempos em que “o frevo era o senhor do maracatu” 28

1.3.7 1678: o boi-rei – a civilização do boi e do couro 28

CAPÍTULO II

2 O CEARÁ COLONIAL	31
2.1 1686: os bravos “bárbaros”	31
2.2 1700: e nós viramos Vila...	33
2.2.1 1701: redescobrimo o sertão	33
2.2.2 1726: e o Forte vira Vila...	34
2.2.3 1780: a Era do Algodão	36
2.2.4 1799: o maracatu liberta-se do bumba-meu-boi	36
2.3 1808: o ano da Corte	39
2.3.1 1817: luta pela liberdade	39
2.3.2 1817: luta de uma mulher “da peste”	41
2.3.3 1822: o sonho da independência	41
2.3.4 1824: insatisfação	42
2.3.5 1831: a sedição de Pinto Madeira	44
2.3.6 1835: Caranguejos x Chimangos	45
2.3.7 1845: o Liceu e a elite pensante cearense	46

CAPÍTULO III

3 O CEARÁ IMPERIAL (1844-1888)	49
3.1 De 1844 A 1865: o troca-troca de governantes	49
3.1.1 De 1844 a 1847: o repeteco de Vasconcelos	50
3.1.2 1851: o ano da febre	50
3.1.3 1854: um período curto para se governar uma província	50
3.1.4 1857: o ano da misericórdia	50
3.1.5 Ainda 1857: a economia do Ceará vai explodir!	51
3.1.6 De 1859 a 1860: homenagens	51
3.1.7 De 1864 a 1865: poder dos liberais	52
3.2 1865 a 1870: todos contra o Paraguai	53
3.3 1881 a 1888: a Terra da Luz	58
3.3.1 De 1881 a 1882: por amor à liberdade	58
3.3.2 1883: Redenção, teu nome é liberdade	60
3.3.3 1884: Ceará pioneiro	61

CAPÍTULO IV

4 O CEARÁ REPÚBLICA	67
4.1 1889: milagre em Juazeiro	67
4.2 1889: abaixo a Monarquia, viva a República!	70
4.2.1 E nós viramos República.....	72
4.2.2 1891: a República cria asas...	74
4.2.3 1892: a deposição	76
4.2.4 1896: início da “dinastia” acciolyana	79
4.2.5 1896: todos contra Conselheiro!	81

4.3	1900: a tentação do poder	83
4.3.1	1904: o repeteço	87
4.3.2	1908: o "tri"	87
4.3.3	1912: a renúncia	90
4.3.4	1912: tudo igual	92
4.3.5	1912: a "Sedição"	94
4.3.6	1914: a intervenção	97
4.3.7	1915: a seca	102
4.4	1920: a crise	103
4.4.1	Década de 1920: a oligarquia continua	105
4.4.2	1924: o Desembargador	107
4.5	1930: a Era Vargas	108
4.5.1	1930: Ceará revolucionário	111
4.5.2	Década de 1930: os interventores	113
4.5.3	1934: tempos novos	116
4.5.4	1935: tempo de perseguição	119
4.5.5	1936: o ano do Caldeirão	120
4.6	1937: a ditadura	122

CAPÍTULO V

5	DA REDEMOCRATIZAÇÃO À ERA DAS MUDANÇAS	127
5.1	1945: a queda	129
5.1.1	1946: o troca-troca de cargos	131
5.1.2	1947: o fim do começo	133
5.1.3	1948: a caça aos comunistas	134
5.1.4	1949: Ditadura novamente	134
5.2	1950: vivas às eleições	135
5.2.1	1951: seca-verde	136
5.2.2	1952: os "anjos rebeldes"	136
5.2.3	1953: pequenos passos para o progresso	137
5.2.4	1954: grandes passos para o progresso	138
5.2.5	1955: energia e presidente	138
5.2.6	1958: a seca	139
5.2.7	1959: "é dando que se recebe..."	140
5.3	1961: "Festa do século"	141
5.3.1	1962: a união faz a força	142
5.3.2	1963: planejando o futuro	143
5.3.3	1964: o golpe	144
5.3.4	1965: sem liberdade	144
5.3.5	1966/68: o AI-3 e o AI-5	145
5.4	1970: violência e repressão	147
5.4.1	1971: a trindade	147
5.4.2	1973: o progresso chegou	148
5.4.3	1974: grandes obras	149

5.4.4	1978: a voz do empresariado	150
5.4.5	1979: o retorno	150
5.5	1980: velhos novos tempos	152
5.5.1	1984: mobilização social	153
5.5.2	1985: socialismo cabeça-chata?	154
5.5.3	1986: O "Galeguinho dos olhos azuis"	154
5.5.4	1987: empresários no poder	155
5.5.5	1988: apoio incondicional	156
5.6	1990: Era de mudanças	157
5.6.1	1991: a herança	158
5.6.2	1993: o "canal do Trabalhador"	158
5.6.3	1994: a continuidade na diferença	158
5.7	2000: "do lado Esquerdo da rua Direita"	159
5.7.1	2002: continuidade ou mudança?	160
	BIBLIOGRAFIA CONSULTADA	163
	ANEXOS	167
	PRESIDENTES DO BRASIL	167
	PRESIDENTES DA PROVÍNCIA E GOVERNADORES DO CEARÁ	171
	PRESIDENTES DA ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA DO ESTADO DO CEARÁ	175
	CONSTITUIÇÕES POLÍTICAS DO BRASIL	178
	CONSTITUIÇÕES POLÍTICAS DO ESTADO DO CEARÁ	178
	PERSONALIDADES IMPORTANTES DA HISTÓRIA DO CEARÁ	179
	MAPA DO ESTADO DO CEARÁ	182
	MUNICÍPIOS DO ESTADO DO CEARÁ	183
	CEARÁ TERRA DA LUZ	188
	HINO DO CEARÁ	192
	ÍNDICE ONOMÁSTICO	193

Prefácio

Conhecer a história do Ceará significa reaver a identidade cultural do nosso povo. Partindo deste princípio, a Assembléia Legislativa do Estado do Ceará, por meio do Instituto de Estudos e Pesquisas sobre o Desenvolvimento do Estado do Ceará—INESP, apresenta aos jovens cearenses a **História de Nossa Gente**, como produto de permanentes esforços no sentido de contribuir para o fortalecimento da cidadania.

Este livro é o resultado dos trabalhos de pesquisa, registro e reflexão sobre o desenvolvimento histórico do Ceará, um dos projetos do Legislativo, empenhado em contribuir na democratização do acesso à cultura e incentivar o estudo histórico das relações que movem a nossa sociedade.

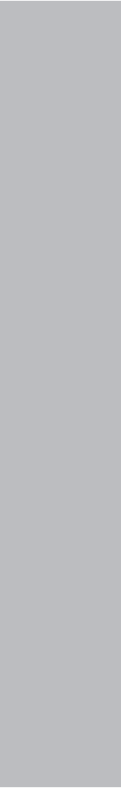
O resgate da história cearense é, assim, pressuposto dos questionamentos sobre o que somos, acerca do que queremos. O Estado do Ceará somos todos: índios, negros e brancos. E sabemos o que queremos: um povo que conhece suas origens e que acredita em si, no seu potencial de desenvolvimento.

A luta em defesa da igualdade não faz distinção de sexo, raça ou gênero, porque não há como conciliar democracia com qualquer forma de discriminação. Temos que afirmar nossa condição de sociedade multirracial: com etnias distintas e múltiplas tradições culturais. É essa diversidade que faz, no mundo de hoje, a riqueza do povo brasileiro.

Este livro representa mais um dos constantes desafios da Assembléia Legislativa do Ceará em estabelecer compromissos reais com a população para construir uma convivência plural e democrática.

Fortaleza, dezembro de 2004

Deputado Marcos Cals
Presidente da Assembléia Legislativa do Estado do Ceará



Apresentação

NAÇÃO CEARÁ, BRASIL: O ORGULHO DE SER CEARENSE

...Verdes mares bravios de minha terra natal, onde canta a jandaia nas frondes da carnaúba.

(JOSÉ DE ALENCAR, **Iracema**)

Do ponto de vista histórico, pode-se afirmar que uma das primeiras tentativas de colonização portuguesa em nossas terras iniciou-se com a criação da "Capitania do Siará", doada em 1535 ao fidalgo português Antônio Cardoso de Barros. Essa tentativa, contudo, não logrou êxito.

Anos mais tarde, em 1603, chegou ao território cearense o açoriano Pero Coelho de Souza, denominando as terras aqui encontradas de Nova Lusitânia. Acompanhando esta expedição, veio um rapaz com 17 anos, chamado Martins Soares Moreno.

Esse rapaz aqui retornou anos mais tarde, já como adulto, aliando-se aos índios nativos dessas terras nas lutas pela expulsão de franceses e holandeses. Lá pelos anos de 1619, depois de muitas batalhas contra invasores estrangeiros, Soares Moreno conseguiu, por intermédio de Carta Régia, o direito oficial de explorar a Capitania do Siará.

No Ceará, a ocupação deu-se a partir de duas rotas: uma pelo litoral, saindo de Pernambuco, e outra pelo interior, vinda da Bahia e também de Pernambuco, compreendendo a área que vai do médio São Francisco até o rio Parnaíba, nos limites entre Piauí e Maranhão.

O sertão cearense foi ocupado graças à pecuária e ao seu principal agente, o vaqueiro. Correndo pelas caatingas e sobrevivendo às diversas secas, desbravou e ocupou terras, pelo interior.

O Ceará já fez parte dos Estados do Maranhão e Pernambuco. Foi invadido pelos holandeses (1637, 1649), que ocupavam terras em Pernambuco, na época em que era subordinado a esse Estado. Conquistou autonomia definitiva em 1799.

O desenvolvimento da pecuária ajudou a expansão territorial e impulsionou a economia. Surgiram fazendas e vilas, no entanto, em virtude dos nossos problemas na seca, os rebanhos quase foram dizimados.

Assim, foi necessária a busca de saídas econômicas. Uma das mais importantes foi o cultivo do algodão, sobretudo pela inclusão deste produto no circuito de exportação para outros países, no período compreendido entre 1780 e 1820.

O binômio gado-algodão desencadeou importantes mudanças na base econômica do sertão, surgindo grandes proprietários de terra, embora persistisse com uma estrutura social desigual: fazendeiros ricos de um lado e trabalhadores pobres do outro.

A luta pelos ideais de liberdade foi uma constante na nossa História. Entre diversos episódios importantes que veremos no decorrer deste livro, destacou-se o movimento de 1824, quando participamos da Confederação do Equador, em conjunto com Pernambuco, Rio Grande do Norte e Paraíba, pela libertação dos domínios de Portugal.

A partir da segunda metade do século XIX, experimentamos grande progresso, com a chegada das estradas de ferro, da iluminação a gás e do telefone.

Também, temos orgulho de havermos sido a primeira província do Brasil a libertar os escravos, em 1884, e, ainda, de termos sido um dos primeiros a aderir aos ideais republicanos.

Na passagem ao século XX, já tínhamos espaços territorial e econômico bem definidos: o sertão do gado e do algodão e Fortaleza, no litoral, como entreposto comercial.

Atualmente, no século XXI, podemos dizer que criamos uma espécie de nação cearense-brasileira; com cultura marcante, com identidade de povo guerreiro e batalhador, como povo que não desiste nunca de lutar contra as adversidades. Com esse sentimento, convidamos a todos para um passeio pela "História da Nossa Gente", da nossa terra, pelas origens do bravo Povo Cearense.

Gina Vidal Marcílio Pompeu*
Mônica Mota Tassigny*

* Respectivamente Presidente e Técnica do Instituto de Estudos e Pesquisas sobre o Desenvolvimento do Estado do Ceará – INESP. Ambas professoras doutoras da Universidade de Fortaleza – UNIFOR.

Introdução

HISTÓRIA DA NOSSA GENTE: ESSA TERRA TINHA DONO

<i>Eu sou de uma terra que o povo padece, mas não esmorece e procura vencer. Da terra querida, que a linda cabocla de riso na boca zomba do 'sofrê'.</i>	<i>Não nego meu sangue, não nego meu nome olho para a fome, pergunto: o que há? Eu sou brasileiro, filho do Nordeste. Sou cabra da peste, sou do Ceará</i>
--	--

(PATATIVA DO ASSARÉ, letra da música **Cabra da Peste**).

Antes de 22 de abril de 1500, o Brasil não era conhecido por outros povos, a não ser pelos índios, seus habitantes.

Em 9 de março de 1500, o português Pedro Álvares Cabral, a serviço do Rei de Portugal, partiu do Tejo com destino às Índias, no Oriente.

Comandando uma esquadra formada de naus e caravelas, Cabral, navegando pelo oceano Atlântico, desviou-se do caminho das Índias e aportou no Brasil.

Os índios assustaram-se com a aproximação das caravelas, mas não ofereceram resistência aos portugueses, que desembarcaram na região de Porto Seguro, hoje cidade do Estado da Bahia.

Aqui chegando, Cabral tomou posse das terras brasileiras e chamou-as de Vera Cruz. Logo em seguida, fez uma nau voltar a Portugal levando uma carta, escrita por Pero Vaz de Caminha, ao Rei D. Manuel I, contando como chegaram ao Brasil.

Foi assim que começou o registro oficial da História do Brasil. A história do Ceará é parte integrante desses acontecimentos. Nosso País, descoberto pelos portugueses em 1500, foi colônia de Portugal até o ano de 1822.

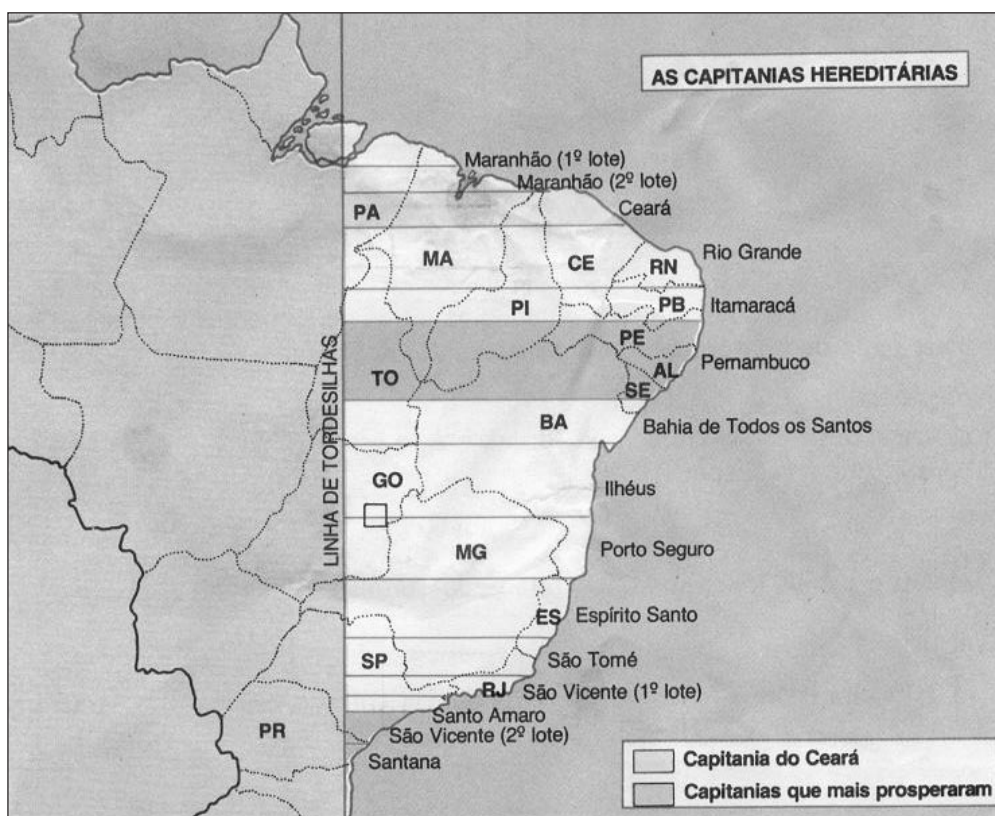
Com a independência, proclamada por D. Pedro I, o Brasil passou a ter um regime monárquico de governo que se estendeu até 1889, ano da Proclamação da República, regime que perdura até os dias atuais.

Durante o período colonial, as terras do Ceará foram ocupadas, gradativamente, pelo povo português. A princípio, formavam a Capitania do Ceará. Na monarquia, a Capitania passou a ser chamada de Província do Ceará.

Após a Proclamação da República, as províncias foram transformadas em estados e a Província do Ceará passou a ser denominada de Estado do Ceará.

Curiosidades

1. No século XV (1401-1500), Portugal e Espanha empreenderam viagens através dos oceanos, na tentativa de fazer comércio com outros povos. Para evitar conflitos, foi feito um acordo para orientar os países quanto à divisão de terras a serem conquistadas. Seis anos antes de Cabral chegar ao Brasil, os portugueses e os espanhóis assinaram o Tratado de Tordesilhas. Assim, este Tratado estabeleceu uma linha imaginária ou meridiana por meio da qual se determinava a qual país deveriam pertencer as terras a serem descobertas: as que ficavam ao leste da linha pertenceriam a Portugal e as que ficassem ao oeste, à Espanha.



Capitânicas Hereditárias

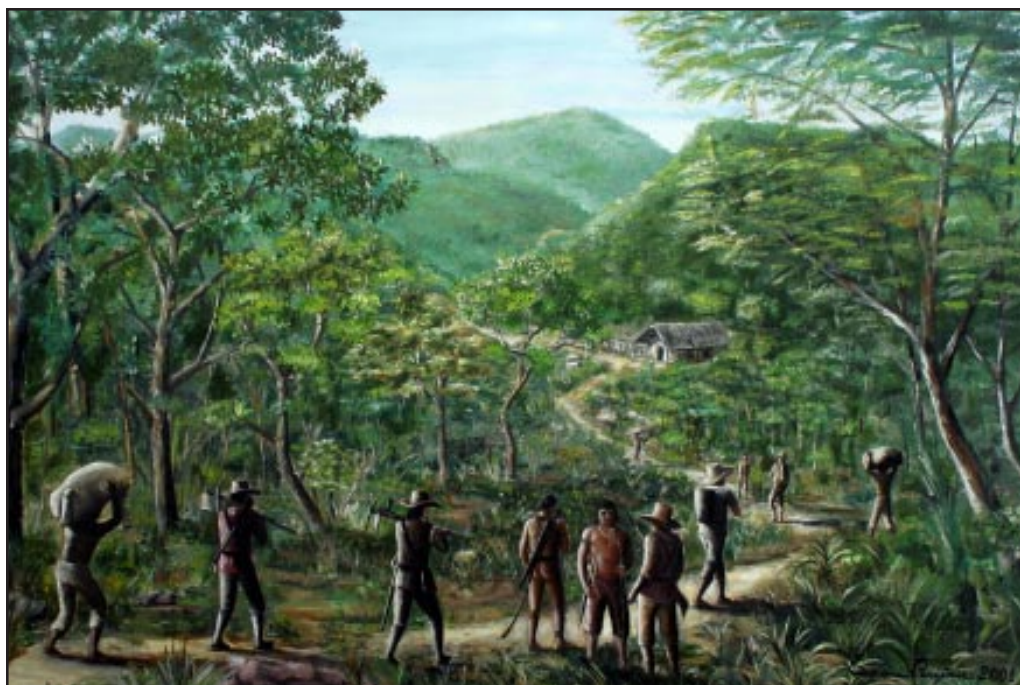
- *Os portugueses e espanhóis decidiram dividir (Tratado de Tordesilhas) a América, sem consultar os povos que aqui viviam: os índios.*
- *Os índios, a princípio, receberam pacificamente os europeus, mas logo perceberam que os portugueses queriam se apoderar de suas terras e que não os respeitavam como os verdadeiros donos, nativos do Brasil. Por isso, começaram a resistir e a lutar para não perder as terras onde caçavam e pescavam.*
- *A luta do índio foi constante, mas as armas utilizadas pelos portugueses eram mais poderosas. Milhares de índios foram massacrados. Um genocídio que continua até hoje!*



Imagens do Ceará Colonial. Óleo sobre tela, do professor Ernane Pereira.



Martin Afonso sendo pintado pelos índios. Óleo sobre tela, do professor Ernane Pereira.



As minas de prata. Óleo sobre tela, do professor Ernane Pereira.



Imagem do Ceará Colonial. Óleo sobre tela do professor Ernane Pereira.

O Ceará Pré-Colonial (1500-1600):

O Ceará Pré-Colonial (1500-1600): nem todo dia era dia de índio

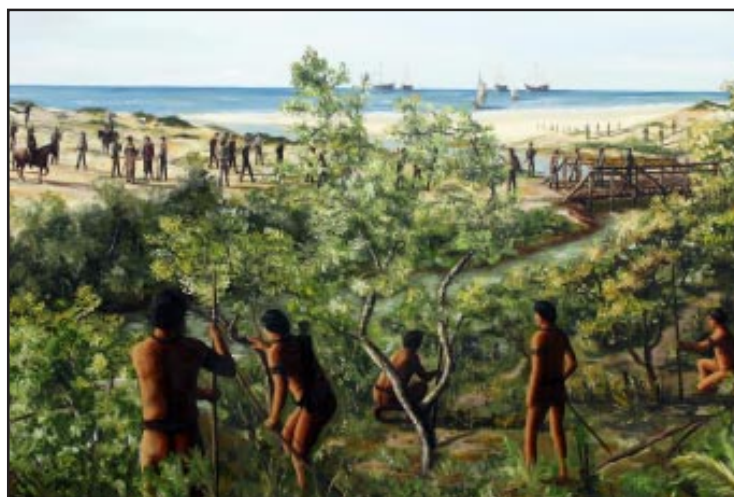
1 O CEARÁ PRÉ-COLONIAL (1500-1600): NEM TODO DIA ERA DIA DE ÍNDIO

O Ceará onde canta a jandaia, as terras dos povos indígenas foram usurpadas... (CHAVES, apud ARARIPE, 2002).

Os Tremembés eram hábeis nadadores; arremetiam a nado os tubarões com pau agudo, que lhes encaixavam 'goela adentro' com o que os traziam a terra e tiravam deles os dentes para flecha (BARÃO DE STUDART).

1.1 Os povos nativos do Ceará – marco zero do Descobrimento, muito antes do ano 1500

A incorporação do Ceará ao projeto colonial português aconteceu lentamente e de modo tardio. A colonização de nossas terras pelos portugueses só ocorreria, de fato, por volta do século XVII, em virtude das resistências dos povos nativos e, em parte, porque as terras não despertavam o interesse econômico imediato do projeto de colonização portuguesa.



Imagens do Ceará Colonial. Óleo sobre tela, do professor Ernane Pereira.

As tentativas de conquista do Ceará foram marcadas pelos conflitos entre os povos nativos, que defendiam seus territórios, e os brancos conquistadores. Os colonizadores queriam “limpar” a terra, isto é, expulsar os índios, para que o gado pastasse livremente. O avanço da pecuária implicava a prisão dos índios (em aldeias) para garantir lugares de criação do gado e, assim, assegurar os interesses do comércio pecuário.

De onde veio o índio não se sabe ao certo. Quando o homem “civilizado” aportou às costas cearenses, já o encontrou como senhor dessas terras, terra que, mais tarde, se denominou de Ceará. Nosso índio vivia em harmonia com a natureza, seja nas serras, sertões e praias.

Alguns historiadores afirmam que, quando os primeiros europeus chegaram ao Ceará, encontraram dois grandes grupos indígenas **tupis** e a tribo dos **jês** ou **tapuias**.

Os índios viviam de cultos, danças e com idioma próprio. Alimentavam-se de:

- caça;
- pesca; e
- coleta de alimentos.

No começo, o índio existia em proporções demográficas bastante elevadas, em torno de 150.000, distribuídos em 22 tribos. As mais importantes eram:

- *Cariris ou Quiriris* – os primeiros habitantes da orla marítima, oriundos da serra da Borborema, na Paraíba. Viveram longos anos nas imediações da serra do Araripe.
- *Jucás* – senhores dos sertões dos Inhamuns.
- *Icós* – viviam nas margens do Jaguaribe. Eram considerados povos valentes.
- *Paiaçus* – um dos mais temidos pelos europeus. Considerados guerreiros, afoitos e teimosos. Povoaram a serra do Apodi (Rio Grande do Norte) e a maior parte da ribeira do Jaguaribe.
- *Tocarijus* – viviam nas imediações da serra Grande e participaram, ao lado dos brancos, na célebre “Confederação dos Cariris”.
- *Calabaças* – muito desconfiados e pouco receptivos ao contato com o branco, ocupavam as nascentes dos rios Bastiões e Cariús.
- *Tremembés* – dizem que foram os responsáveis pela expulsão dos índios Cariris do litoral cearense.
- *Ararius* – habitavam as ribeiras do rio Acaraú.
- *Canindés* – viviam nas cercanias de Quixeramobim e de Banabuiú.
- *Inhamuns* – dominavam o alto Jaguaribe.
- *Tabajaras* – conhecidos como uma das tribos que mais fizeram resistência aos conquistadores brancos.
- *Jenipapos* – conhecidos como hábeis guerreiros. Participaram da famosa guerra dos Montes e Feitasas ocorrida nos sertões dos Inhamuns.
- *Quixadás* – viviam nas imediações de Quixadá.

Para as nações indígenas, não havia o sentimento de propriedade privada, do tipo: “essa terra me pertence!” Quando o colonizador português aqui chegou, os índios já tinham tido contato com o homem branco.

Segundo alguns historiadores que o povo francês já havia estado em território cearense lá pelo ano de 1590. Colonizadores, ocupantes ou simplesmente aventureiros, os franceses estiveram por aqui, inicialmente, num grupo de 16 pessoas chefiadas por Adolf Mobbille. O interesse desses franceses nessas terras era de natureza comercial.

Pouco se conhece a respeito, contudo, dessa estada em solo cearense: alguns informam que permaneceram por aqui durante 20 anos; outros dizem que houve grande progresso no relacionamento cultural do índio com o branco francês. O fato é que não existem provas inquestionáveis sobre tal episódio.

Informações sobre a origem dos índios, bem como acerca do número das tribos que viviam em terras cearenses, não têm comprovação. A existência de algumas tribos, entretanto, pôde ser comprovada por documentos da época colonial, enquanto, sobre a existência de outras, foram deduzidas por meio de investigações feitas por historiadores.

O Ceará foi um dos lugares do Brasil em que os índios mais reagiram às invasões portuguesas, dificultando, assim, a entrada dos colonizadores no sertão.

Nas vezes em que os portugueses conseguiam aqui se estabelecer, tentavam fazer dos índios escravos da lavoura, bem como empregá-los nos serviços domésticos, no pastoreio, ou ainda para lutar contra tribos que ofereciam resistência a esse domínio.

Acostumados com a liberdade, os índios não se adaptavam ao regime de escravidão imposto pelos portugueses. Muitos morriam, fugiam ou se rebelavam.

Curiosidades

1. Os índios tinham olhos miúdos e negros, dentes muito alvos e artificialmente pontudos, cabelos lisos e pretos, rosto de formato oval, corpos fortes e morenos. As mulheres índias eram chamadas de "cunhãs" e eram de porte reduzido, muito pequenas, com fisionomia alegre e formosa.
2. Entrou para a História, com o nome de Guerra dos Índios ou Confederação dos Cariris, uma sangrenta batalha iniciada em 1687, cobrindo quase toda a área territorial da Capitania do Ceará. Os maus-tratos dos colonizadores causaram ódio e revolta nos índios, desencadeando um conflito que durou cerca de 30 anos. Unidas numa formidável confederação, as tribos das serras da Borborema (Paraíba) e do Araripe (Ceará) promoveram uma luta de vida e morte contra a prepotência do conquistador. Essa revolta teve duas fases: a primeira investida em 1687, quando os nativos atacaram as regiões do litoral com tamanha ferocidade que ocasionou centenas de mortes; na segunda investida, os índios, acuada e perseguidos no litoral, fugiram para o alto sertão.
3. Nos últimos anos do século XVIII, desenrolou-se nos sertões dos Inhamuns e ribeiras do Jaguaribe uma sangrenta luta entre duas famílias: os Montes e os Feitosas. Brigavam por poder (político e econômico) e pela posse das terras.

Refletindo

- *Em três séculos de existência, os verdadeiros donos das terras que se denominou de Ceará, os índios, foram cruelmente massacrados...Resistiram às tentativas de conquista, emigraram e, por vezes, fugiram dos cercos dos inimigos colonizadores. Várias tribos não resistiram às moléstias transmitidas pelo branco e às brutalidades do conquistador, bem como ao vício da cachaça, e, aos poucos, foram dizimados e. Nos dias de hoje, temos poucos representantes das grandes nações indígenas que, com muita bravura e determinação, se opuseram aos assaltos do branco colonizador. De nosso índio, no entanto, permaneceu importante herança: hábitos alimentares, como gostar de tapioca, e costumes, como dormir de rede, por exemplo, além de amplo vocabulário e muitas lendas. Nomes como Maraponga, Iguatu, Icó, Jaguaribe, Aldeota, Guaramiranga, Itapajé etc., como várias outras, são de origem indígena.*
- *Cada uma das tribos tinha idioma próprio. Alguns historiadores informam que existiam os Tapuyas ou a denominação dada a qualquer índio que não tivesse origem tupi, significando até mesmo o que era diferente ou, ainda, o inimigo. O colonizador também empregou o termo "tapuya" para referir-se à gente considerada inferior, bárbara ou ignorante, deixando, com isso, transparecer grande preconceito contra o índio: aquele que tinha língua e costumes diferentes era considerado inferior. Tudo o que era diferente do povo branco era considerado indigno, inferior ou, até mesmo, menos inteligente.*
- *O processo de colonização tentou impor um novo modelo de vida para o índio, centrado no modelo europeu. Após a entrada dos brancos em solo brasileiro, com raras exceções, o índio passou a ser personagem marginalizada e desrespeitada.*

1.2 Em 1500, o ano do Descobrimento: ano das dúvidas...

Alguns historiadores acentuam que, dois meses antes da chegada de Cabral (1500) ao solo brasileiro, o navegador espanhol Vicente Pinzón teria aportado em terras cearenses.

Vicente Pinzón, antigo companheiro de Cristóvam Colombo (descobridor da América) e comandante do navio Nina, aqui chegou chefiando uma pequena frota de quatro caravelas com muitos marinheiros. Viajando pela costa cearense, esse navegador castelhano parou em um lugar que ele batizou de Santa Maria de la Consolación.

Outros pesquisadores afirmam que, no ano de 1501, os navegadores portugueses André Gonçalves e Gonçalo Coelho aportaram no litoral cearense na altura da enseada do Iguape. Também, mais tarde, outra expedição, comandada pelo fidalgo português Diogo de Lepe, chegou ao mesmo local visitado por Pinzón e lá ergueu uma cruz de madeira.

Cronistas e historiadores não estão de pleno acordo quanto à data exata em que espanhóis e portugueses pisaram pela primeira vez o solo cearense; contudo, o historiador

Thomaz Pompeu Sobrinho identifica, por meio de pesquisa realizada em documentos históricos, o **Cabo de Santa Maria de la Consolacion** como Ponta Grossa, no Município de Aracati. Ponta Grossa ou Mucuripe (como dizem outros historiadores), o certo é que não há provas definitivas sobre quando ou quem chegou primeiro ao solo cearense.

1.2.1 1532: o ano do “Redescobrimto” – o Siará vira capitania

Em 1532, D. João III (Rei de Portugal) dividiu o Brasil em Capitãrias Hereditárias. A Colônia foi dividida em 15 lotes, doados a 12 donatários que, apesar de possuírem poder total sobre as terras, não eram, de fato, seus proprietários. Os donatários deviam incentivar o desenvolvimento econômico de sua capitãria, defendê-la de ataques estrangeiros, incrementar o povoamento e promover a pacificação dos índios, facilitando o trabalho dos padres jesuítas.

No mesmo ano, por ato do Rei D. João III, foi instituída a Capitãria do **Siará**, atribuindo-se um lote de 50 léguas da costa até terra adentro para o português Antônio Cardoso de Barros que, contudo, nunca chegou a assumir seu posto.

No decorrer de todo século XVI, a Capitãria do **Siará** permaneceu em completo abandono. Exceto piratas, corsários ou aventureiros que chegavam para fazer comércio com as tribos indígenas, por aqui não pisou nenhuma autoridade portuguesa.

Somente meio século depois, na administração de Diogo Botelho, governador-geral do Brasil, tiveram início as primeiras tentativas efetivas de colonização do Ceará, como veremos a seguir.

Curiosidades

1. Não há explicações precisas sobre a origem do nome “Siará”. Alguns historiadores dizem que significa “riacho de água doce”, outros dizem que vem da palavra CIARÁ, que no idioma indígena quer dizer “canto da jandaia”. Existem ainda aqueles que afirmam que significa, no idioma dos Tapuias, “passarinho pequeno”. Ainda presumem que significa o rio (CEMO) que nasce da serra (ARÁ). Também existem aqueles que dizem originar-se das línguas índicas: da palavra “cê” mais “yara”, terra de muita arara.
2. Alguns estudiosos afirmam que a Capitãria do Siará ficava entre a chapada do Apodi, o rio Mundaú e a foz do rio Jaguaribe.

Refletindo

- *No Ceará-colônia era proibida, por Portugal, a circulação ou impressão de livros, revistas ou jornais, isso porque o povo sem instrução é mais fácil de ser controlado e dominado.*
- *Na Colônia, os padres jesuítas eram os responsáveis pela educação formal. Era um ensino predominantemente teórico, longe de aplicação prática. Pelo ensino religioso, transmitiam as idéias e os valores aceitos e considerados os corretos pela Metrópole-Portugal.*
- *A liberdade de expressão no Ceará colonial era praticamente inexistente. Nem a mulher, nem os filhos, muito menos os índios ou os escravos, tinham direito a dar opinião!*



Imagens do Ceará Colonial. Óleo sobre tela, do professor Ernane Pereira.

1.3 1600: O ano da gente que entra sem pedir licença

(...)Não era assim. Morava tudo uma coisa só. Mas chegaram os brancos(...)Quem é dono do Brasil é o índio. Não sei nem porque o branco veio pra cá! Tá tudo dividido(...)Índio não é bicho pra amansar. Amansar pra poder ficar assim manso e o branco aproveitar a terra dele (...)

(AWATELÃTO apud ALENCAR, 1987).

1.3.1 1600: “o escambo toma-lá-dá-cá”: os franceses levavam madeira e os holandeses queriam minério!

No ano de 1603, navegantes franceses, valendo-se da ingenuidade dos índios, praticavam uma espécie de comércio de trocas (escambo) com o índio. O produto mais importante nas trocas com o francês era o âmbar-gris, madeira que servia tanto para a fabricação de perfumes, como de tintas. Em troca de quinquilharias, os índios forneciam preciosas madeiras que eram transportadas em grandes embarcações para a França.

Esse tipo de comércio perdurou até a chegada, ao solo cearense, do povo holandês, em 1637, quando houve a tentativa de exploração de minérios, mas, logo, os holandeses desistiram dessa empreitada. A falta de estradas para o escoamento dos minérios, a dificuldade de acesso aos locais de exploração e os freqüentes ataques dos índios fizeram os holandeses mudarem de idéia.

O atraso da economia local também desencorajava aventuras estrangeiras pelo interior cearense. Somente em torno de 1637, ocorreu uma das primeiras tentativas de ocupação efetiva das terras, com o surgimento do ciclo da pecuária. O gado se constituiu, durante muito tempo, como nossa principal atividade econômica.

Do couro bovino se aproveitava quase tudo: confecção de cordas, portas de cabanas, alforjes para guardar comida, roupas para o vaqueiro entrar no mato, cadeiras com encosto e vários outros utensílios domésticos.



Chegada dos holandeses no Ceará. Óleo sobre tela, do professor Ernane Pereira.

1.3.2 1603: a “Bandeira” de Pero Coelho de Souza – “a ferro e a fogo”, vamos colonizar o Ceará

Bandeira branca, amor, não posso mais....

(ZÉ KETI)

Pero Coelho era açoriano. Foi nobre e antigo capitão de uma esquadra do Rei de Portugal. Desbravador ousado, dado a aventuras, obteve da Corte portuguesa, por intermédio do 8º governador-geral do Brasil, Diogo Botelho, o título de capitão-mor e os direitos para desbravar a Capitania do **Siará Grande**.

Após uma série de batalhas contra índios e invasores franceses, Pero Coelho conquistou, finalmente, a região de Ibiapaba. Retornou à Barra do Ceará e erigiu o **Forte São Tiago**.

Em 1605, abandonou São Tiago e construiu outra fortificação na foz do rio Jaguaribe. Mais tarde, sem recursos e completamente arruinado, Pero Coelho tentou, dessa vez, desbravar o interior do Ceará mas, com a pavorosa seca de 1605-1606 (a primeira grande seca registrada na História do Ceará), bateu em retirada.

Foi uma trágica história que lhe custou a vida e a dos próprios filhos (mortos de sede e de inanição) e, pouco tempo depois, encontrando-se no mais completo abandono, morreu no Rio Grande do Norte, sozinho e na miséria.



A invasão portuguesa. Óleo sobre tela, do professor Ernane Pereira.

1.3.3 1607: a tentativa de catequese dos índios – em nome da Igreja, vamos “civilizar” os índios

Os padres da Companhia de Jesus, chamados de jesuítas, chegaram ao Brasil já com os primeiros portugueses a pisarem por essas bandas. Foram eles que construíram escolas e edificaram as primeiras igrejas católicas.

Os jesuítas tentaram pacificar os índios. Criaram **aldeamentos**, que eram lugares especiais onde os índios deveriam morar, aprender a língua dos brancos, trabalhar e ser catequizados, isto é, iniciados nos ensinamentos da religião católica.

Isso representou grande violência contra os índios, pois eles eram obrigados a abandonar seus costumes e crenças e, ao adotarem os costumes dos brancos, eram coagidos a ignorar suas origens e suas referências culturais.

Os jesuítas Francisco Pinto e Luís Filgueira aportaram no Ceará por volta de 1607 e iniciaram as primeiras tentativas locais de catequese dos índios.

Tudo começou assim: na bela manhã ensolarada do ano de 1607, uma pequena comunidade indígena foi surpreendida pela presença dos padres jesuítas. Isso aconteceu nas imediações da Ibiapaba.

Tudo parecia correr de acordo com o projeto dos padres, mas, em 16 de janeiro de 1608, a pequena aldeia, em processo de catequese, foi surpreendida pelo ataque inesperado dos índios Tocarijus, pouco afeitos à invasão branca, que viviam há algumas léguas daquela aldeia.

De rápido ataque, muitos índios foram mortos e feridos e quase tudo foi incendiado. O padre Francisco Pinto foi morto em plena celebração da Santa Missa e o padre Luís Filgueira escapou da morte por não estar nesse dia no local onde ocorreu essa invasão.

Os catequizadores jesuítas, também, fundaram as chamadas **aldeias** ou **missões** e entre elas destacaram-se: Parangaba, Caucaia, Paupina, Pavuna e Santo Antônio de Pitaguari. Logo essas aldeias entraram em acelerado processo de dissolução. Desprotegidas, ficaram à mercê da pirataria e dos assaltos de aventureiros estrangeiros.



A Cruz de Filgueira. Óleo sobre tela, do professor Ernane Pereira.

1.3.4 1612: Bandeira 2 – a segunda vinda de Martim Soares Moreno

Lá pelo ano de 1612, o 9º governador-geral do Brasil, Diogo de Mendonça Furtado, resolveu, de uma vez por todas, colonizar o Ceará. Assim, audaciosa missão foi confiada ao jovem português Martim Soares Moreno que, ainda adolescente, havia acompanhado Pero Coelho em sua expedição ao Ceará.

No dia 20 de janeiro de 1612, Martim desembarcou na Barra do Ceará, acompanhado de um padre e apenas seis soldados. Aqui chegando, construiu um forte de madeira chamado **São Sebastião**.

Alguns historiadores cearenses informam que foi ao redor deste forte que a vila de Fortaleza começou a se organizar como cidade.

Outros historiadores afirmam que Martim Soares Moreno falava com perfeição a língua dos índios e isso facilitou sua permanência e administração da **Capitania do Siará**, bem como as alianças que fez com os nativos na luta contra os holandeses que tentavam se instalar em terras cearenses.

Em 1613, envolveu-se em uma grande luta para expulsar os franceses que haviam se radicado no Maranhão, entregando o governo da Capitania a Estevão Albuquerque.



Imagem do Ceará Colonial – Queda do Forte São Sebastião. Óleo sobre tela, do professor Ernane Pereira.

1.3.5 1637: o ano flamengo – os holandeses no Ceará

Por volta de 1637, os holandeses invadiram o Ceará. Aqui desembarcaram, com dezenas de soldados que, acompanhados de índios aliados, atacaram a fortificação chamada de São Sebastião. Nas costas cearenses, os holandeses se interessavam, principalmente, pela exploração das salinas.

Em 1644, entretanto, surgiram grandes divergências entre índios e holandeses. Os índios tomam o forte São Sebastião e eliminam seus ocupantes.

Passados cinco anos desse episódio, outra esquadra comandada pelo holandês Matias Beck aportou no Ceará. Algumas das fontes históricas indicam que esse navegador, também apontado como o verdadeiro fundador da cidade de Fortaleza, desembarcou na baía do Mucuripe e, desta vez, vinha à procura de minérios.

Para garantir a posse da terra, Matias Beck mandou construir um forte na margem esquerda do rio Pajeú, chamado de forte **Schoonenborch**. Em 1654, contudo, Matias Beck foi expulso do Ceará. Ao redor do **Schoonenborch** desenvolveu-se um povoado e, a partir dessa data, o forte passou a ser chamado **Fortaleza de Nossa Senhora da Assunção**. Assim, contam que se iniciava o povoamento do que, mais tarde, veio a se chamar de simplesmente **Fortaleza**, capital do Ceará.



Forte "Schoonenborch". Óleo sobre tela, do professor Ernane Pereira.

Curiosidades

1. D. João III, de Portugal, não querendo que o Brasil ficasse abandonado, à mercê dos traficantes de pau-brasil e de índios, resolveu dividir o Brasil em Capitânicas Hereditárias. O donatário de cada capitania era chamado de capitão-mor e devia, às próprias custas, promover o desenvolvimento de suas terras.
2. A capitania era doada, com direito à sucessão de posse da terra aos herdeiros do capitão-mor, tendo cada um o direito à vintena (5%) sobre a venda do pau-brasil, pesca e metais encontrados.
3. Uma das regalias do capitão-mor consistia em poder distribuir sesmarias, isto é, terra para cultivo agrícola. Os beneficiados, os sesmeiros, tinham de pagar um dízimo, um imposto correspondendo à décima parte do produto da lavoura.
4. Em 1603, Pero Coelho de Souza, nobre açorianos, cunhado de Frutuoso Barbosa, donatário da capitania da Paraíba, ofereceu-se ao 8.º governador geral do Brasil – Diogo Botelho – para colonizar a Capitania do Ceará, sem ônus para o tesouro público. Chegou pela foz do rio Jaguaribe com três barcos com mantimentos e munições. Nessa expedição vinha Martim Soares Moreno, o "Guerreiro Branco", personagem de Iracema, de José de Alencar, com apenas 17 anos de idade.
5. O nome de Pero Coelho foi imortalizado num pequeno trecho de rua em Fortaleza, seqüência da rua Pedro I.
6. Com Martim Soares Moreno, a partir de 1612, capitão-mor da Capitania do Ceará, vieram muitos de seus familiares e portugueses interessados em aqui enriquecer. Ao lado da construção do forte de São Sebastião, construíram um núcleo primitivo de povoamento, que alguns historiadores afirmam ter sido o embrião da cidade de Fortaleza.

Refletindo

- *O capitão-mor se achava no direito de escravizar e matar índios, na medida de suas necessidades e até de vendê-los, se assim lhe conviesse.*
- *Alguns historiadores atribuem ao holandês Matias Beck o título de verdadeiro fundador de Fortaleza. O forte holandês que mais tarde denominou-se Nossa Senhora da Assunção, teria sido a prova disso, localizado onde hoje se encontra o QG da 10.ª Região Militar, ao lado do Passeio Público. Afinal, quem foi o fundador da cidade de Fortaleza? Matias ou Martim...?*
- *Existem informações de que as principais missões dos jesuítas por aqui foram: Arronches (Parangaba), Paupina ou Pavuna (Messajana), Soure (Caucaia) e Ibiapaba (Viçosa do Ceará). Foram essas missões ou aldeias que se converteram pouco a pouco à condição de vilas. As ganâncias por dinheiro, a incompetência e a politicagem dos dirigentes dessas vilas queriam reduzir os índios à escravidão, forçando-os a trabalhos exaustivos, ocasionando a morte e a fuga de muitos deles para o sertão.*
- *As missões jesuíticas tentavam obrigar os índios a vestirem-se como os brancos e adotarem a religião católica, desrespeitando seus costumes e tradições.*



A catequese dos índios: Óleo sobre tela, do professor Ernane Pereira.

1.3.6 1656: o Ceará dependente de Pernambuco – nos tempos em que “o frevo era o senhor do maracatu”

A Capitania do Ceará foi dependente da Capitania de Pernambuco durante vários anos; somente após assumir o reinado de Portugal, em 1777, D. Maria I assinou Carta Régia considerando o Ceará independente de Pernambuco em 1799.

Nomeou para governar o Ceará o chefe-de-esquadra português Bernardo Manoel de Vasconcelos, em cuja administração foi aqui instalada a Junta da Real Fazenda. Como primeira medida administrativa dessa Junta, foram criadas casas para a inspeção do algodão em Fortaleza, Aracati e Acaraú.

Alguns estudiosos cearenses afirmam que Bernardo Manoel foi um excelente administrador. Colocou baterias de canhões na enseada do Mucuripe, organizou as milícias e montou laboratórios para o refino de salitre. Ainda, reedificou as vilas de Arronches (Parangaba), Soure (Caucaia) e Paupina (Mecejana). A partir de então, o Ceará não precisou mais enviar seus produtos para Pernambuco, passando a comercializá-los diretamente com Portugal.

1.3.7 1678: o boi-rei – a civilização do boi e do couro

Aonde a vaca vai, o homem vai atrás...

(ALENCAR)

Tomé de Sousa, primeiro governador-geral do Brasil, foi quem introduziu o gado no Nordeste de nosso País.

A criação de gado ajudou a ocupação do Ceará. Vindos de outras capitânicas, em busca de pastagens, os rebanhos espalhavam-se pelas terras cearenses, começando pela planície do rio Jaguaribe, indo até a chapada da Ibiapaba. Nessa ocupação, os índios eram expulsos ou empregados como mão-de-obra escrava ou livre.

Nas margens de nossos escassos rios, iam surgindo fazendas de gado com pequenos e grandes currais, aparecendo uma economia baseada no criatório bovino. Nesse período, a agricultura era uma atividade secundária e visava, somente, ao atendimento das necessidades locais de alimentação.

O gado vivo ou abatido era comercializado, originando lucros para o dono da fazenda. Surgiu, também, a figura do vaqueiro, o empregado mais importante na criação de gado.

O couro era usado como matéria-prima para a confecção de:

- a) selas;
- b) arreios;
- c) roupas de couro;
- d) chapéu;
- e) sapatos;
- f) cadeiras etc.

Os rebanhos eram conduzidos até os portos de Aracati e Acaraú, para o abate ou para a produção de charque ou carne do Ceará; ou seja: carne salgada ou seca para melhor conservação, originando as famosas **charqueadas** ou oficinas de beneficiamento de carne de charque, como primeira atividade industrial cearense.

A economia baseada na carne de charque progrediu até o final do século XVIII, quando ocorreu uma grande seca. O Ceará ficou sem chuvas durante 3 anos seguidos. Com isso, o gado morreu, ficando nossos rebanhos em número bastante reduzido.

Curiosidades

1. O som dos berrantes, instrumentos de sopro feitos de chifre de boi, e os gritos dos vaqueiros, os aboiôs, eram ouvidos desde os tempos da Colônia e até hoje são entoados pelos sertões.
2. Os vaqueiros portavam os sinais da "época do couro". Esses eram chapéus arredondados e de abas dobradas; o guarda-peito ou peitoral feito de couro curtido; o jaleco, casaco fechado apenas na altura do pescoço; o gibão, casaco comprido e sem gola; os guantes, luvas de couro apenas com o polegar; as perneiras protegendo as pernas e, nos pés, botas ou sandálias de couro duro e resistente.
3. Os rebanhos cresciam e iam abrindo caminho para o interior, levando gente atrás. Fazendas e caminhos de gado surgiam ao longo do rio São Francisco, apelidado de rio dos "Currais", e o mesmo ocorreu ao longo dos rios do Nordeste brasileiro.

Refletindo

- *Os colonizadores recebiam, por doação ou compra, extensas áreas de terra – os latifúndios. Apareceram, assim, as primeiras fazendas de criação. O fazendeiro detinha todo o poder sobre as terras e sobre as criações e, com isso, todos dependiam dele para comer, vestir-se ou morar. Eram homens grosseiros, violentos e mandões, acostumados a tratar gado e gente da mesma maneira!*
- *A vida no sertão acontecia em torno da casa da fazenda. Todos lá se reuniam. Encontravam-se os empregados e os parentes do dono da fazenda, sempre que chegava uma boiada ou quando havia festas religiosas. Criou-se, desde então, um tipo de organização social em que parentes, empregados e agregados se submetiam à proteção do fazendeiro, o qual, geralmente, tinha um título importante: coronel da Guarda Nacional, barão, ou ainda, "Coronel do Sertão".*
- *Nessa época, não existia pagamento em salário. O vaqueiro era o empregado mais importante, pois era o único que conhecia profundamente a terra e o gado; contudo, somente após quatro anos de serviço duro, tinha direito a receber seu primeiro pagamento: um bezerro de cada quatro que nasciam.*



Imagem do Ceará Colonial. Óleo sobre tela do professor Ernane Pereira.

O Ceará Colonial

O Ceará Colonial

2 O CEARÁ COLONIAL

A fazenda era a unidade econômica-social do Sertão. Ali, os proprietários – pode-se dizer, os primeiros coronéis – impunham a todos seu mando, dizendo quem deveria viver ou morrer, explorando os camponeses, tornando-os verdadeiros semi-servos e utilizando-os como jagunços em seus grupos armados.

(GASPAR BARLÉU *apud* VIEIRA, 2002)

2.1 1686: Os bravos “bárbaros”

Na Confederação dos “Bárbaros”, índios oriundos de várias capitanias e diversas tribos uniram-se para lutar contra a invasão do branco no Nordeste brasileiro. Os índios queriam impedir que os brancos destruíssem seu povo, sua terra e, principalmente, suas referências culturais.

A união, em forma de confederação, reunia diversas tribos do Ceará, Pernambuco, Rio Grande do Norte, Piauí e Paraíba. Todos lutavam contra as tentativas de escravização das tribos indígenas pelos invasores brancos.



Os índios em reunião. Complô indígena. Óleo sobre tela do professor Ernane Pereira.

O conflito chegou ao fim, após 30 anos de lutas, com a derrota dos índios. Durante a guerra, a população indígena foi quase exterminada pelo forte poderio militar dos brancos que, com suas armas, empurravam os índios para o interior do Estado, obrigando-os a viverem em regime de aldeamento, quase que confinados.

Os índios eram escravizados e condenados a uma vida limitada, pois os aldeamentos ficavam em áreas demarcadas e restritas, com poucos espaços para que os índios pudessem usufruir da terra. Ainda ficaram condenados a um processo de aculturação, pois os brancos queriam impor sua cultura e seus valores aos nativos.

Curiosidades

1. O hábito de dormir em redes herdamos dos índios, assim como alimentar-se de tapioca. Também aprendemos o cultivo de alguns produtos, como o milho e a mandioca.
2. Muitos dos índios foram usados como mão-de-obra na pecuária cearense. Os índios, após serem domesticados, ficavam na dependência de grandes fazendeiros, os chamados coronéis, que os utilizavam em disputas particulares de terras. Uma dessas guerras foi a dos Montes contra os Feitosas, ocorrida no sertão entre os anos de 1710 a 1725, que só acabou com a intervenção do Capitão-mor Manuel Francês, ordenando às duas famílias que largassem as armas, caso contrário sofreriam sérias consequências. Após o término das lutas particulares pela posse da terra, só os índios sofreram fortes punições. Os que participaram das lutas entre Montes e Feitosas foram expulsos do Ceará. Os Feitosas foram vitoriosos nessa disputa.
3. Vejamos, a seguir, o significado de algumas palavras indígenas que originaram o nome de algumas cidades cearenses:
 - Uruburetama: terra dos urubus;
 - Baturité: montanha;
 - Jaguaribe: rio das onças;
 - Banabuiú: brejo das borboletas;
 - Jericoacoara: buraco das tartarugas;
 - Aracati: vento do mar.

Refletindo

- *Mesmo com tantos crimes contra os índios, tanto no passado como no presente, eles vêm resistindo e continuam a existir no Ceará, com sua cultura e costumes, lutando sempre pela preservação e para que haja uma lei mais justa para que sejam respeitados os seus direitos.*

2.2 1700: € nós viramos Vila...

Por meio da ordem régia, decretou-se a fundação oficial da primeira Vila do Ceará, em 13 de fevereiro de 1699. Nesse período, a sede se revezava entre a Barra do Ceará e Aquiraz. Sua efetiva instalação ocorreu somente em 25 de janeiro de 1700, em Aquiraz. Foi, inicialmente, chamada Vila de São José de Ribamar.

A recém-fundada Vila era dirigida de forma trina, isto é, por uma administração dividida em três partes: pela Câmara, com alguns donos de terras, por capitães-mores e por alguns ouvidores. Esse sistema de administração constituído, na época, tentava harmonizar essas três instâncias de poder. A desorganização e a instabilidade político-administrativa desse trino poder ocasionou problemas para a concretização da instalação da 1ª vila, fazendo com que a sede administrativa se transferisse, constantemente, de um local para outro. A sede do poder ora funcionava nas margens do rio Pacoti (Iguape-Aquiraz), ora às margens do rio Ceará, (Barra do Ceará – Fortaleza).

Após um ataque inesperado dos índios, a sede da vila transferiu-se de Aquiraz para Fortaleza no ano de 1726.

2.2.1 1701: redescobrimo o sertão

*(...)Quando olhei a terra ardendo
Qual fogueira de São João
Eu perguntei a Deus do céu, ai
Porque tamanha judiação...*

*(...) Vai boiadeiro que a noite já vem.
Guarda teu gado e vai pra
junto do teu bem...*

(LUIZ GONZAGA)

A pecuária foi uma das principais responsáveis pela colonização de grande parte do interior do Brasil e, sobretudo, do Nordeste. Muitas cidades originaram-se das fazendas de criação bovina ou de feiras de gado. No Ceará, a ocupação de todo o território ocorreu, sobretudo, após a Ordem Régia de 1701.

O Império português proibia a criação de gado a menos de “10 léguas” de distância da zona litorânea, a fim de proteger a produção açucareira e para poder cobrar novos impostos.

A ocupação ocorreu por duas rotas distintas: uma vinda da Bahia, pelo interior, e a outra vinha de Pernambuco, pelo litoral. Os criadores de gado que ocuparam o Ceará utilizaram os rios Jaguaribe e Acaraú como os principais pontos para o manejo e transporte do gado. Esses lugares serviam como entradas para o gado, que vinha de estados vizinhos e, depois, era “distribuído” para novos pastos.

Para criar o gado, era necessário obter sesmarias, direito de posse para a exploração da terra. Assim, muitas semarias foram doadas a produtores da cana-de-açúcar que se tornaram grandes proprietários de terras e criadores de gado.

Os proprietários das terras moravam, em geral, na zona praieira, e as fazendas ficavam aos cuidados de uma pessoa de confiança. Esse empregado tinha a

responsabilidade de administrar a fazenda e era pago no sistema de “quarta”. Significava que, a cada quatro bezerros nascidos durante o ano, um era dele. Ele tinha, ainda, a obrigação de pagar aos seus ajudantes.

Os primeiros homens a cuidar do gado foram os índios, que logo foram substituídos por homens livres e por um pequeno número de escravos negros africanos, comprados pelos proprietários das fazendas.

Os que trabalhavam nas fazendas tinham uma casinha rústica como moradia para a família. Existia um pequeno roçado para o plantio, de onde era tirado o alimento diário.

Os rebanhos eram levados para os portos de Aracati e Acaraú, para serem abatidos e transformados em charque. Para a produção do charque, foram criadas oficinas de produção, e as técnicas de manejo do charque foram levadas até para o Rio Grande do Sul.

Como havia uma grande perda durante o transporte do boi até os portos, esses eram abatidos no próprio local e transformados em charque, evitando, assim, prejuízos.



As boiadas abrem caminho no sertão.

2.2.2 1726: e o Forte vira Vila...

Conforme alguns historiadores cearenses, Fortaleza se originou do antigo forte de Nossa Senhora de Assunção. Em 13 de abril de 1726, porém, foi instalada, oficialmente, a Vila da Fortaleza de Nossa Senhora da Assunção pelo Capitão-mor Manuel Francês.

Fortaleza foi elevada à condição de vila ainda sob a jurisdição e domínio da Capitania de Pernambuco.

A partir do ano de 1808, o porto de Fortaleza contribuiu para o desenvolvimento da economia cearense com a exportação de algodão para a Inglaterra. Com este fato, iniciou-se o processo de elevação da vila de Fortaleza à condição de capital da Província do Ceará. Assim, em 17 de março de 1823, a até então vila de Fortaleza de Nossa Senhora da Assunção foi elevada, por decreto Imperial, à condição de cidade e Capital da Província.

Com o desenvolvimento econômico, Fortaleza crescia rapidamente e, para ordenar esse crescimento, foi, então, contratado o engenheiro Silva Paulet no ano de 1818, para desenvolver um projeto ou “planta” da cidade, de maneira a organizar o espaço urbano de Fortaleza. Como a cidade não parava de crescer, contratou-se, na década de 1870, outro engenheiro, o senhor Adolfo Herbster, para nova estruturação e organização da cidade.



Planta feita pelo Capitão-Mór Manuel Francisco Francês, quando da instalação da Vila de Fortaleza de Nossa d'Assunção do Ceará.



Planta de Fortaleza e subúrbios (1875), de Adolfo Herbster, em traçado xadrez e *boulevards*. A parte escura é o perímetro central urbano.

2.2.3 – 1780: a Era do Algodão

Com o declínio da pecuária, o algodão tornou-se a principal fonte da economia cearense. Ainda durante o período de domínio da pecuária, o algodão já se apresentava como uma nova opção econômica.

Quando as secas dos anos de 1790 a 1793 dizimaram os rebanhos cearenses, o algodão tomou o lugar do boi na economia.

Com a entrada do algodão no circuito exportador (entre 1780 e 1820), as mudanças na estrutura da sociedade sertaneja aceleraram-se. A partir do início de 1800, a cultura algodoeira expandiu-se no interior do Estado. O Ceará começou a exportar algodão, diretamente, para o mercado exterior. O cultivo do algodão passou a incentivar novas atividades comerciais e urbanas no interior cearense, originando lucros e movimentando a economia.

Em virtude de aumento populacional da Europa, a procura por esse produto passou a ser grande. Por volta de 1808, com a abertura dos portos para exportação do algodão, Fortaleza passou a ganhar grande importância econômica, por ser responsável pela inspeção e pela exportação do algodão.

2.2.4 1799: o maracatu liberta-se do bumba-meu-boi

Em 1656, o Ceará saiu do domínio administrativo do Maranhão, depois de 35 anos subordinado a essa Capitania e, por ordem da Coroa Portuguesa, passou para a tutela administrativa de Pernambuco, sendo administrada como capitania secundária. Para administrar o Ceará, a capitania pernambucana designou capitães-mores para fazerem cumprir as ordens vindas de Pernambuco e da Coroa portuguesa. Mesmo sob o domínio pernambucano, o Ceará teve um grande desenvolvimento econômico.

Somente com a chegada de D. Maria I ao trono português, em 1777, a Capitania cearense ganhou, definitivamente, autonomia administrativa.

No dia 17 de janeiro de 1799, a Rainha de Portugal assinou a Ordem Régia considerando a capitania do Ceará independente de Pernambuco. Vários fatores contribuíram para essa decisão da Coroa portuguesa, entre eles, a possibilidade de maior desenvolvimento econômico da Capitania do Ceará, ensejando, assim, maior arrecadação de impostos para a Coroa.

Com tal ato, o trono português pretendia exercer diretamente o seu controle sobre a Província cearense. A separação oficial, entretanto, não conseguiu diminuir as influências políticas e econômicas pernambucanas. A Capitania cearense e principalmente a região sul do Ceará estavam muito ligadas a Pernambuco, sendo, também, fortemente influenciada pelos movimentos político-sociais vindos de lá.

1. Em 1706, o Governo de Portugal determinou a distribuição de armas a todos os brancos do território cearense, a fim de que eles pudessem proteger seus bens e para lutarem contra os índios que travavam uma guerra contra a colonização dos brancos na Capitania cearense.
2. Em 1713, Aquiraz foi elevada à condição de vila e sede da capitania do Ceará.
3. O 1º governador do Ceará, após a separação de Pernambuco, foi Bernardo Manuel de Vasconcelos.
4. Com a independência, o Ceará passou a comercializar diretamente com Portugal.
5. O capitão-mor Manuel Francês foi autor da primeira planta da cidade de Fortaleza. A segunda planta topográfica de Fortaleza tinha um sistema de traçado em forma de xadrez, projetado pelo engenheiro Silva Paulet em 1818. Essa forma foi uma maneira que o poder local tinha para controlar futuras manifestações opositoras ao governo. O 2º engenheiro contratado, Adolfo Herbster, aprimorou o traçado em xadrez e desenvolveu três boulevards (Dom Manuel, Duque de Caxias, e Av. do Imperador) com influência francesa, para facilitar o crescimento urbano do futuro.
6. Capitão-mor diz respeito à pessoa responsável pela administração da província ou vila, uma espécie de governador ou prefeito.
7. A pecuária é uma atividade de criação, domesticação e reprodução de animais com fins econômicos, como, por exemplo: criação de búfalos, bovinos, caprinos, eqüinos (cavalos), ovinos (ovelhas) e suínos (porcos).
8. No ano de 1726, a sede do Governo brasileiro foi transferida da Bahia para o rio de Janeiro.
9. As primeiras sesmarias, na região do Cariri datam de 1703. As primeiras vilas foram a do Crato e a de Jardim.
10. No Ceará existem diferentes tipos de vegetação, mas a caatinga é a vegetação que predomina em boa parte do território, tendo como símbolo os cactos. Também há três grandes paisagens: litoral, sertão e serra, cada uma com características próprias.
11. Além do rio Jaguaribe, que é o maior do Ceará, temos os rios: Acaraú, Coreaú e o Curú. Ainda possuímos grandes açudes, que são reservatórios construídos para represar a água dos rios e das chuvas, como os de Orós, Castanhão e Cedro.
12. Em 1795 tivemos a primeira catedral. A Ordem Régia de fevereiro de 1746 autorizava a construção de uma igreja, a primeira capela-mor da Matriz de Fortaleza. A construção iniciou-se em 1753, sendo concluída em 1795, mas em 1826, foi demolida e em seu lugar outra igreja foi construída e inaugurada em 1854. Essa nova igreja serviu de Catedral quando houve o desmembramento da Diocese pernambucana e criou-se a Diocese do Ceará. A construção da Catedral atual durou 39 anos para que fosse concluída. A inauguração foi em 22 de dezembro de 1973, na época em que Dom Aloísio Lorscheider era o Arcebispo Metropolitano.

Refletindo

- *D. Maria I, Rainha de Portugal que assinou a Carta Régia de Independência, era conhecida como a "louca", mas não apresentou sinais de loucura quando, pensando nos lucros para Portugal, separou o Ceará de Pernambuco.*
- *Nas vilas, o povo não tinha direito de opinar. A administração trina era sempre formada de representantes das classes economicamente favorecidas.*
- *Desde a época da administração trina das vilas, a desorganização e problemas de corrupção existem.*
- *A ganância dos portugueses era enorme, ao ponto de Portugal só ter dado a independência ao Ceará, visando a aumentar a sua arrecadação de impostos e, dessa forma, aumentar as fortunas dos nobres de Portugal.*
- *Foi por meio da perfuração de poços, construção de açudes, cisternas e barragens que os governantes pretenderam minimizar o problema de falta d'água no Ceará.*
- *Por possuir, em boa parte do Estado, clima semi-árido, os nossos rios são temporários, por isso temos que nos conscientizar da importância do não desperdício da água.*



Última missa na Catedral Metropolitana de Fortaleza (Igreja de São José), sendo transferida a imagem de São José para a Igreja do Rosário, para ser iniciada sua demolição (Foto Aba Film).

2.3 1808: o ano da Corte

...na verdade, havia fortes tendências para que o Brasil não permanecesse unido. Se você tivesse vivido em 1815, por exemplo, não correria o risco de dizer que o Brasil ia continuar unido dali a cinco ou dez anos. (...). Se a coroa portuguesa não tivesse vindo para cá em 1808, o Brasil hoje seria quatro ou cinco países.

(MELLO, 2003)

A guerra que o Imperador francês Napoleão Bonaparte travava na Europa contra a Inglaterra teve influências significativas para a realização do sonho da independência brasileira.

Após o Bloqueio Continental, decretado por Napoleão em 1806, que proibia a comercialização entre a Inglaterra e os demais países europeus, Portugal viu-se em dilema: aceitar a imposição francesa ou ficar ao lado dos antigos aliados, os ingleses, fato que ocorreu. Napoleão, vendo que Portugal não obedecia ao bloqueio, fez com que tropas franceses invadissem a fronteira de Portugal com a Espanha, em novembro de 1807, e fossem rumo à Lisboa.

O forte exército francês com seu poderio bélico fez com que D. João, que substituíra sua mãe, D. Maria I, desde 1792 no poder, por ela estar impossibilitada mentalmente de continuar à frente do Governo português, determinou a transferência da Corte para o Brasil.

Entre os dias 25 a 27 de novembro de 1807, a Família real, acompanhada de 10 a 15 mil cortesãos, fugir para o Brasil escoltada por uma frota de navios ingleses.

Ao desembarcarem em Salvador, no dia 28 de janeiro de 1808, D. João decretou a abertura dos portos brasileiros, para o comércio com as nações amigas. A estada da realeza na Bahia foi breve. Com a chegada ao Rio de Janeiro, vários problemas ocorreram. Pela insuficiência de casas e palácios para abrigar a Família real e sua comitiva, deu-se início a um processo de desocupação de vários edifícios da cidade. Os funcionários da Coroa percorriam todo o Rio de Janeiro, procurando casas e expulsando seus moradores, afixando nelas as iniciais: PR (Propriedade Real). Essa abreviatura logo foi popularmente renomeada por “ponha-se na rua”!

Muitas foram as obras construídas no Brasil, em razão da transferência da corte, dentre elas: a criação do Banco do Brasil, da Biblioteca Nacional, a elevação, em 1815, do Brasil à condição de Reino Unido de Portugal e Algarves.

2.3.1 1817: luta pela liberdade

No Ceará, como em outras províncias do Brasil, era grande o desejo de libertação do domínio português.

Em 1817, na vila de Santo Antônio do Recife (hoje cidade do Recife), a sede administrativa da Província de Pernambuco, um grupo de pessoas, inspiradas pela independência das 13 colônias inglesas na América e na Revolução Francesa de 1789, aspiravam à independência definitiva do reinado português.

Quando as Províncias do Ceará e da Paraíba foram libertas do domínio administrativo de Pernambuco, pela Carta Régia de 17 de janeiro de 1799, Recife teve sua arrecadação diminuída e, assim, almejava sua recuperação econômica. Iniciou-se, então, grande processo de propagação de idéias revolucionárias contra a Coroa portuguesa.

Aqui no Ceará, embora com as precauções tomadas pelo Governador da Província da época, Manuel Inácio de Sampaio, o "Governador Sampaio", para impedir a chegada desses movimentos revolucionários, as idéias republicanas repercutiram por toda a região sul, desencadeando manifestações, em várias localidades, em prol da libertação do domínio português.

Foi, então, enviado ao Cariri o Padre José Martiniano de Alencar. Veio, sobretudo, para difundir os ideais de liberdade.

O Padre José de Alencar chegou ao Crato em 29 de abril de 1817, e logo convocou sua família a aderir ao movimento pela independência. Sendo, prontamente, atendido, sua mãe D. Bárbara, e seu irmão Tristão Gonçalves engajaram-se ativamente no movimento revolucionário pela proclamação da República no Ceará.

Em um domingo, dia 3 de maio do ano de 1817, ao terminar a missa matinal em frente à igreja do Crato, o vigário José de Alencar, sem maiores explicações, proclamou a República.

Com um discurso cheio de entusiasmo, arrancando até aplausos das pessoas que ali estavam, leu o manifesto revolucionário de José Luiz de Mendonça, membro do Governo republicano de Pernambuco, e proclamou a República do Ceará. Após esse fato, José de Alencar marchou, acompanhado de algumas pessoas, para a Câmara Municipal, onde lavrou ata, implantando a República. Leu, ainda, mensagem de adesão ao Governo republicano de Pernambuco, destituindo, em seguida, o poder das autoridades monarquistas da cidade do Crato. Daí, partiu com os rebeldes para novas conquistas, chegando a tomar a vila de Jardim, no Cariri; entretanto, o movimento dali não passou, por não ter encontrado o apoio esperado da população.

A existência da república foi de curta duração. No mês de maio daquele ano, o movimento foi sufocado, por uma contra-revolução, comandada por Pereira Filgueiras, embora este tivesse prometido para a família Alencar a sua neutralidade em relação ao movimento pela república. Pereira Filgueiras tinha ordens expressas do Governador Sampaio para reprimir o movimento e prender seus líderes. Assim, em 11 de maio de 1817, a contra-revolução, contando com 1.000 soldados, sufocou o movimento pela liberdade e pela república.

2.3.2 1817: luta de uma mulher “da peste”

Prefiro seguir a sorte dos meus filhos a receber favores do tirano.

(BÁRBARA DE ALENCAR)

Eram tempos agitados. Existia um movimento que queria tornar livre as Províncias de Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte e Ceará. Foi a revolução de 1817, luta ferrenha pela implementação da república, mas, tal movimento não obteve êxito e foi vencido por falta de apoio popular e pela superioridade bélica das tropas imperiais.

No Ceará, destacou-se a figura de uma mulher de fibra e apaixonada pelos filhos. No sertão bravo, bruto e distante, Dona Bárbara de Alencar morava na vila do Crato. Influenciada pelos ideais dos filhos, Padre José Martiniano de Alencar, Tristão Gonçalves e Padre Carlos de Alencar, envolveu-se no movimento em favor da república.

Após a derrota do movimento encabeçado por seus filhos, tornou-se presa política. D. Bárbara recebeu voz de prisão no sítio Lambedor, de propriedade de sua família. Foi levada do Crato para Fortaleza, mas não sem antes passar por grande humilhação perante o povo daquela região. Teve muitos bens confiscados, pois era uma mulher de posses. Em dezembro de 1820, na Bahia, foi anistiada.

Na época de sua prisão, tinha 57 anos e viu dois de seus cinco filhos serem mortos durante a Confederação do Equador, conforme veremos no decorrer deste livro. Eram eles Tristão e Carlos.

2.3.3 1822: o sonho da independência

Após a morte de D. Maria I, em 1816, foi coroado rei de Portugal, D. João VI. Já adaptado à vida do Rio de Janeiro, o novo rei não pensava em retornar a Portugal, mas uma revolta na cidade do Porto, em 1820, e que se expandia por toda Portugal, exigia o seu regresso imediato. Dom João VI adiou ao máximo a sua volta à terra natal, até que, em abril de 1821, temendo perder a Coroa portuguesa, por causa da crise em que se encontrava o seu país, decidiu voltar a Lisboa, deixando em seu lugar o filho, D. Pedro I.

Os simpatizantes do movimento separatista processado no Brasil viram na figura de D. Pedro I uma grande oportunidade de concretizar o sonho da independência nacional.

Sob forte pressão do governo português para que ele retornasse a Portugal, e, assim, mantivesse o Brasil como reino unido, D. Pedro I declarou, em 9 de janeiro de 1822 que ficaria no País (Dia do Fico).

A independência brasileira estava próxima. O relacionamento político com Portugal estava complicado e agravou-se ainda mais quando D. Pedro, já simpatizante dos ideais separatistas, decretou que as tropas portuguesas em território brasileiro eram consideradas inimigas.

Quando em viagem a São Paulo D. Pedro tomou conhecimento, por intermédio de uma carta escrita por José Bonifácio, de que a Coroa exigia imediatamente seu regresso a Portugal. Viu que a hora chegara e, às margens do rio Ipiranga, em 7 de setembro de 1822, declarou o Brasil independente de Portugal.

No Ceará, brasileiros e portugueses reuniram-se em praça pública para declarar suas adesões à independência. Os cearenses, com grande sentimento patriótico, pois as idéias da revolução de 1817 ainda continuavam vivas, tiveram importante participação no movimento de independência do País.

Em outras províncias, houve reações contrárias à autonomia política e administrativa do Brasil do domínio de Portugal. Nas províncias do Maranhão e Piauí, comandadas por portugueses, havia forte movimento que chegou a reunir tropas para lutarem a favor de Portugal e contra o movimento nacionalista que se instalava no País.

O Ceará, vendo-se ameaçado de invasão, apelou para o Governo imperial, que chegou a enviar tropas. Por aqui, João José da Cunha Fidié comandava o movimento contrário à independência. Pela libertação do Ceará, lutaram José Pereira Filgueiras e Tristão Gonçalves, esse último irmão do Padre José de Alencar. Esses dois líderes, Filgueiras e Gonçalves, obtiveram grande sucesso em suas missões patrióticas, contribuindo, também, para a independência das Províncias do Maranhão e do Piauí.

Com o movimento de independência consolidado, deu-se início ao primeiro reinado do Brasil, que durou até o ano 1831.

2.3.4 1824: insatisfação

No ano de 1824, eclodiu no Ceará um movimento vindo de Pernambuco, chamado de **Confederação do Equador**. Contava com a adesão da Paraíba e do Rio Grande do Norte.

Sob o comando do Frei Caneca e de Manuel Paes de Andrade, os pernambucanos revoltaram-se contra o Imperador D. Pedro I, pois esse havia dissolvido a Assembléia Nacional Constituinte de 1823, instalada logo após a independência.

A dissolução da Primeira Assembléia Constituinte do País, e a outorga, pelo Imperador, da Constituição do Império do Brasil, provocou revoltas entre nacionalistas e democratas e, assim, teve início um novo movimento de insatisfação que se espalhou por todo o Nordeste brasileiro.

No Ceará, foi deposto Costa Barros, o 1º Presidente da Província cearense. Tal movimento teve, também, o Padre José Martiniano de Alencar como mentor intelectual. A **Confederação do Equador** inspirou-se na Constituição da Colômbia, impregnada de idéias republicanas.



Avenida Caio Prado, no Passeio Público, do lado do mar, com gradil de ferro separando o 2o plano e dezenas de combustores. Foram colocadas também dezenas de cadeiras. Foto para exposição de Chicago, em 1893.

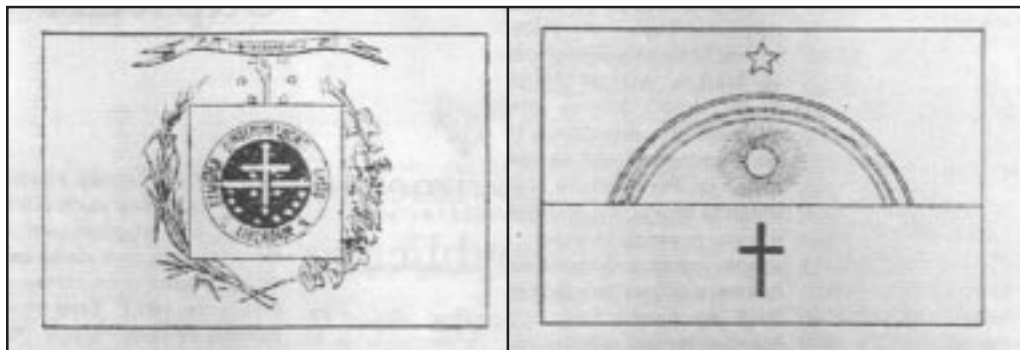
No dia 27 de agosto de 1824, formou-se um pacto de fidelidade à **Confederação do Equador**, reunindo quatro províncias: Ceará, Piauí, Rio Grande do Norte e Pernambuco. Reuniram-se, também, representantes das câmaras municipais do Ceará, do clero, militares e dos colégios eleitorais, formando, assim, um congresso, para a escolha dos futuros deputados cearenses e para a formação de uma nova Assembléia Constituinte. O Imperador enviou tropas para acabar com esse movimento que se instalava no Nordeste do Brasil. No Ceará, as tropas imperiais retomaram a sede do governo e partiram para prender e matar os líderes da **Confederação do Equador**.

No povoado de Santa Rosa, antiga Jaguaribara, em outubro de 1824, o exército imperial encontrou o exército rebelde de Tristão Gonçalves. Houve muitas baixas, Tristão foi morto a tiros de bacamartes dos soldados imperiais.

Pereira Filgueiras, o outro líder do movimento, rendeu-se às tropas do Imperador. Foi preso e enviado para o Rio de Janeiro, Capital do Império.

Costa Barros, que tinha reassumido o governo provisório do Ceará, entregou o cargo em de 1824 para José Félix de Azevedo Sá. Foi sob o comando do novo Presidente do Ceará que os líderes presos foram executados na Praça dos Mártires, onde, se localiza, hoje, o Passeio Público de Fortaleza.

Os demais líderes foram presos e fuzilados. Dentre eles foram condenados à morte: Tenente-Coronel Carapinima, Coronel Pessoa Anta, Miguel Pereira Ibiapina, Padre Mororó. Outros tiveram a pena de morte revertida em prisão perpétua, como: Antônio Bezerra de Souza e José Ferreira de Menezes.



Bandeiras da Confederação do Equador e Bandeira da República de 1817.

2.3.5 1831: a sedição de Pinto Madeira

Eu, Marquês de Paranaguá, Presidente da Assembléia-Geral Legislativa, como órgão da representação nacional em Assembléia-Geral, declaro desde já maior a Sua Majestade Imperial o Sr, Pedro II, e no pleno exercício de seus direitos constitucionais, viva a maioria de Sua Majestade o Sr. Pedro II ! Viva o Sr. Pedro II, Imperador constitucional e defensor perpétuo do Brasil. Viva o Sr. Pedro II !

(apud RODRIGUES, 1972)

Em 1831, no reinado do primeiro Imperador do Brasil, D. Pedro I sofria fortes pressões políticas, por parte de brasileiros e portugueses, para que renunciase à Coroa brasileira. Assim, em 7 de abril do mesmo ano, D. Pedro I abdicou do trono em favor de seu filho D. Pedro II, mas o novo Imperador ficou impossibilitado de assumir suas funções, devido ao fato de ter, apenas, 5 anos de idade.

O período após a abdicação de D. Pedro I ficou conhecido como "Regência". Durante esse tempo, o Brasil passou a ser governado por uma "Regência trina" eleita pela Assembléia Geral (Câmara e Senado). Inicialmente os regentes eram três (uma espécie de conselho), mas em 1834, a regência passou a ser exercida apenas por uma pessoa. Essa forma de governo perdurou até que D. Pedro II completasse a maioria, mas o novo Imperador chegou ao trono brasileiro antes disso. Em 1840, por força de ato adicional promovido pelo Parlamento Nacional, aos 14 anos de idade, D. Pedro de Alcântara foi coroado o segundo Imperador do Brasil. Seu governo foi o mais longo da história nacional, tendo durado até a implantação da República em 1889.

Durante o período regencial, ocorreram grandes movimentos políticos, que culminaram em revoltas provinciais. Entre elas destacaram-se: a "Farroupilha" no Rio Grande do Sul (1836-1845), a "Sabinada" na Bahia (1837-1838), a "Balaiada" no Maranhão (1838-1840), a Cabanagem", no Pará (1835-1840) etc.

No Ceará, destacou-se um movimento em favor da permanência de D. Pedro I no trono, que ficou conhecido como "Sedição de Pinto Madeira".

O Coronel de Milícias, Pinto Madeira, que já havia sido comandado por Pereira Filgueiras, era um homem autoritário e grande defensor do Governo imperial. Quando Pedro I abdicou da Coroa, Pinto Madeira sofreu perseguições de seus inimigos políticos, principalmente da família Alencar. Isso porque Madeira tinha como objetivo recolocar D. Pedro I no trono.

Para garantir o poder político dos monarquistas na região sul do Ceará, Pinto Madeira organizou um exército de sertanejos para combater os contrários à monarquia. Esse exército travou sangrentas lutas, assassinando José Pinto Cidade, ferrenho opositor da monarquia. Foi preciso a intervenção do Governo provincial cearense e do Governo regencial brasileiro, para sufocar o movimento conhecido como a "Sedição de Pinto Madeira".

A rendição de Madeira aconteceu em outubro de 1832. Foi levado a julgamento, com um tribunal composto de inimigos, que queriam culpá-lo de qualquer forma. Devido a uma forte pressão por parte do Governo do Ceará, chefiado pelo Pe. José de Alencar, Pinto Madeira foi condenado à morte e fuzilado em 1834, no Crato.

2.3.6 1835: Caranguejos x Chimangos

Durante o período regencial brasileiro, mais precisamente no início dos anos de 1830, as elites cearenses organizaram-se em partidos políticos, a fim de chegarem ao poder.

Dois partidos disputavam o poder no Ceará, o Partido Liberal, conhecido como Chimango, e os integrantes do Partido Conservador, conhecidos como Caranguejos. Os Chimangos eram liderados pelo liberal senador José de Alencar, pai e pai do escritor José de Alencar, e os Caranguejos pelos deputados Jerônimo Filgueira de Melo, José Antônio Ibiapina e o padre Antônio Pinto de Mendonça.

Os liberais comandaram o Ceará até o ano de 1837, quando foram ameaçados pelo novo regente do Brasil, que queria a retirada do senador Alencar da cena política.

De 1837 até o ano de 1840, os Caranguejos governaram o Ceará, em dois governos: o de Manoel Felizardo de Souza e Mello, que governou de 1837 a 1839, e João Antônio de Miranda, governando de 1839 até 1840, quando os liberais voltaram novamente ao poder.

As brigas entre Caranguejos e Chimangos acirraram-se a partir do ato adicional de 12 de agosto de 1834, quando foram instituídas as assembleias provinciais.

Em 11 de março de 1835, foi instalada a primeira Assembleia Provincial Legislativa do Ceará, tendo seus trabalhos sido iniciados em 7 de abril de 1835. Nesse período, Chimangos e Caranguejos disputavam, acirradamente, o poder na Assembleia. Nas eleições de 1841, os Chimangos saíram vitoriosos, elegendo um número superior de candidatos para as vagas da Assembleia.

2.3.7 1845: o Liceu e a elite pensante cearense

Em 15 de julho 1845, foi criado, pela Lei Provincial nº 304, o Liceu do Ceará. Escola de formação da elite cearense, foi moldado segundo o colégio D. Pedro I, do Rio de Janeiro. O Liceu foi símbolo e modelo da educação cearense por várias décadas. Não podemos falar em educação, em nosso Estado, sem que, obrigatoriamente, se faça referências ao Liceu do Ceará.

O Liceu do Ceará é o quarto colégio mais antigo do País. Por suas salas passaram, durante os seus 159 anos de existência, grandes nomes que se destacaram em diversas áreas, de variados segmentos, por todo o Brasil.

O primeiro diretor e fundador do Liceu foi Thomaz Pompeu de Souza Brasil, popularmente conhecido como Senador Pompeu. Ele destacou-se pela sua brilhante inteligência e grande cultura, atuando em vários campos. Foi professor, escritor, bacharel em Direito e político, sem falar de sua grande habilidade como orador.

Há registro de que o Liceu passou a funcionar, oficialmente, somente em 19 de outubro de 1845. Estabeleceu-se, provisoriamente, em várias sedes, até instalar-se, definitivamente, na sua atual sede, na praça Gustavo Barroso, Bairro de Jacarecanga. Modelos de liceus perpetuaram-se pelo Estado, dando origem a vários colégios "liceus" nas principais cidades do Ceará.



O Liceu em sua sede atual, que já chega aos 159 anos. Detalhe para a grafia do nome do estabelecimento com Y. Depois, por força de lei, mudaram a denominação para Colégio Estadual Liceu do Ceará.

Foto: Dário Gabriel.

1. Pereira Filgueiras lutou a favor dos monarquistas e contra seus opositores, sobretudo, contra a família Alencar. Em 1824, passou a lutar a favor dos ideais de independência, juntamente com a mesma família Alencar.
2. Padre José Martiniano de Alencar, conhecido como Senador Alencar, casou com uma prima e teve oito filhos, entre eles o famoso romancista cearense José de Alencar.
3. Na época da abertura dos portos brasileiros, em 1808, Portugal tinha a exclusividade para comprar os produtos da Colônia e também para revendê-los na metrópole, determinando o seu preço, gerando assim duplo lucro: na compra e na venda das mercadorias.
4. Em 1832, D. Bárbara morreu, na fronteira do Ceará com o Piauí. Foi enterrada em Paço das Pedras, hoje cidade de Brejo Santo. Antes da prisão de D. Bárbara, seu amigo e compadre José Pereira Filgueiras, comandante das tropas imperiais, pediu que fugisse, pois mantinha por ela enorme respeito; mas a guerreira recusou-se e pediu que lhe desse o mesmo destino dos seus dois filhos, José de Alencar e Tristão Gonçalves, que haviam sido presos.
5. Padre Mororó, participante do movimento revolucionário de 1824 – Confederação do Equador, foi fuzilado, recusando vendar os olhos e, antes de morrer disse: "soldados, o alvo é este. Atirem certo para que não me deixem sofrer muito".
6. No dia 13 de maio de 1831, chegou em Fortaleza a notícia de que D. Pedro I "abriu mão" da Coroa brasileira.
7. O 1º Presidente da Assembléia Provincial do Ceará foi o deputado Joaquim José Barbosa e, durante a instalação dessa Assembléia, quem governava o Ceará era o Padre José Martiniano de Alencar. O primeiro prédio ocupado pela Assembléia Provincial ficava na praça da Sé. Depois foi construído o Prédio da Assembléia Legislativa (Palácio Senador Alencar), onde hoje funciona o Museu do Ceará. Sua inauguração foi em 1871. Em 1977, foi construído o atual prédio da Assembléia Legislativa, localizado na avenida Desembargador Moreira (Palácio Aduauto Bezerra).
8. Durante o ano de 1835, o Padre José Martiniano de Alencar, Presidente da Província, foi autorizado pela Lei nº 18, de 2 de junho, a adquirir lâmpões para a iluminação pública de Fortaleza. Neste mesmo ano, em 7 de setembro, foi instalado o Banco Provincial do Ceará.
9. Em 1835, pela Lei nº 13, de 24 de maio, foi criada a Força Policial do Ceará, que viria a ser, depois de várias denominações, a Polícia Militar do Ceará. Seu 1º Comandante foi o Tenente do Exército Tomás Lourenço da Silva Castro.
10. O Liceu teve em seus quadros de alunos vários líderes políticos, entre eles o atual Governador do Ceará, Lúcio Gonzalo de Alcântara. Vários outros ex-governadores como: José Parsifal Barroso, José Matos Peixoto, Paulo Sarasate Lopes, Plácido Aderaldo Castelo e Faustino de Albuquerque passaram por suas cadeiras.

Refletindo

- *Embora as forças monarquistas tivessem sufocado o movimento em favor da independência brasileira da Coroa Portuguesa, não conseguiram acabar com os ideais de liberdade do povo cearense.*
- *Vários patriotas cearenses, como outros pelo Brasil, deram suas vidas pelos ideais de liberdade.*
- *Em 1826, ocorreu um fato curioso. As câmaras municipais desempenharam importante papel no Ceará Província. Um desses papéis importantes foi desempenhado pela Câmara de Quixeramobim. Após o ato em que o imperador Pedro I destituiu a Assembléia Constituinte do Brasil, a Câmara declarou deposta e extinta a Dinastia dos Orleans e Bragança. Em Quixeramobim, ficou o registro histórico da resistência e de não-aceitação da prepotência imperial.*
- *O Liceu produziu grandes intelectuais, que muito contribuíram para o desenvolvimento do Ceará. Esse colégio, ou melhor, centro de produção intelectual, foi um dos melhores do País, participando da formação de personalidades que fizeram e ajudaram a fazer a história do Brasil. Entre seus vários ex-alunos, destaca-se o jurista Clóvis Beviláqua, autor do 1º Código Civil.*
- *O Liceu tornou-se um centro gerador de futuros e grandes intelectuais. Seu método de ensino era tão bom que atraiu, até mesmo, estudantes de outras províncias do Brasil Imperial.*



O Hospital de Caridade ou Santa Casa de Misericórdia, quando surgiu, em 1857, tinha apenas um andar. O segundo andar foi construído em 1929. Foto: Dário Gabriel.

O Ceará Imperial

O Ceará Imperial

3 O CEARÁ IMPERIAL

No Ceará Imperial, o Brasil era dirigido por D. Pedro II. Foi o mais longo governo de nossa história, durou 49 anos – de 1840 até a Proclamação da República, em 1889.

A rápida expansão da cafeicultura deste período permitiu que o País superasse a crise econômica que se arrastava desde a época da independência. Além disso, o Governo, dispondo então de maiores recursos financeiros, sufocou as últimas rebeliões provinciais, garantindo, assim, a manutenção da unidade territorial brasileira e o absoluto controle da classe dominante agrária sobre todo o Brasil. Diga-se de passagem que a manutenção da unidade territorial foi o último serviço importante que a elite rural prestou ao País.

Entre 1850 e 1859, o Brasil passou a apresentar o aspecto que se transformaria na marca registrada do reinado de D. Pedro II: certa paz e relativo progresso.

O regime Imperial, no entanto, nos deixou como herança uma economia subdesenvolvida e um sistema político que, com raras exceções, variou entre uma “democracia sem povo” a uma ditadura pura e simples.

3.1 De 1844 a 1888: o troca-troca de governantes

No início do Império, as províncias brasileiras eram administradas por juntas governistas, mas, com a lei de 20 de outubro de 1823, estas foram abolidas no reinado do imperador D. Pedro I. Desde então, eram nomeados presidentes para responderem pela administração das províncias imperiais.

A administração provincial compreendeu o período entre os anos de 1844 e 1888. A História do Ceará registra o nome de 40 presidentes de província que governaram durante a segunda fase do Império.*

* Ver em anexo a relação de todos os Presidentes da Província do Ceará.

Entre os presidentes da Província cearense, uns destacaram-se por sua atuação política, outros por fatos relevantes ocorridos durante o governo, como o do Tenente – Coronel Ignácio Correia de Vasconcelos, que administrou o Ceará de 1833 a 1834 e novamente de 1844 a 1847. Vejamos a seguir alguns fatos interessantes do Ceará provincial.

3.1.1 De 1844 a 1847: o repeteco de Vasconcelos

O Tenente-Coronel Ignácio Correia de Vasconcelos, assim chamado pelos cearenses, governou a Província em dois períodos: o 1º período foi de 1833 a 1834 e o 2º período de 1844 a 1847, sendo que, na sua última gestão, realizou as seguintes obras: O farol do Mucuripe e o hospital de caridade de Fortaleza. Dizem alguns historiadores que foi um grande administrador.

3.1.2 1851: o ano da febre

Em 1851, ocorreu em Fortaleza a maior epidemia de febre amarela de nossa História. O Dr. Inácio Silveira da Mota era o presidente da Província, na época, e enfrentou sérios problemas, pois não tinha recursos para debelar a epidemia. A Província contava apenas com o trabalho de três médicos – o Dr. José Lourenço de Castro e Silva, Dr. Liberato de Castro e Marcos José Teófilo que, com o auxílio da sociedade, tiveram a difícil tarefa de erradicação dessa moléstia, pois a febre amarela já havia causado 261 óbitos.

3.1.3 1854: um período curto para se governar uma Província

O Padre Vicente Pires Mota foi nomeado Presidente da Província no dia 12 de janeiro de 1854. Tomou posse no dia 20 de fevereiro de 1854 e entregou o cargo no dia 11 de outubro de 1855, pois foi transferido para a Província do Paraná. Assim mesmo, nesse curto período, conseguiu inaugurar a matriz de São José, a paróquia mais importante da Fortaleza provincial.

3.1.4 1857: o ano da misericórdia

No ano de 1857, foi concluído o primeiro Hospital de Caridade de Fortaleza, hoje ocupado pela Santa Casa de Misericórdia. Na época, funcionava como posto de atendimento para alguns índios enfermos. Por falta de condições de funcionamento, o hospital foi fechado pelo então dirigente da Província que acabara de assumir o governo, o Dr. João Silveira de Sousa.

3.1.5 Ainda 1857: a economia do Ceará vai explodir!

No Governo do Presidente João Silveira de Sousa (1857 – 1859), foi criada a Capitania dos Portos do Ceará, por meio do Decreto nº 1944, fato que acarretou inúmeros benefícios para o crescimento econômico do Ceará, criando seu mais importante entreposto de exportação.

3.1.6 De 1859 a 1860: homenagens

Nesse período, a Câmara Municipal deu o nome de praça do Ferreira à praça Municipal, local onde morava o Tenente-Coronel Antônio Rodrigues Ferreira, conhecido como "O Boticário Ferreira".

Boticário Ferreira nasceu em 1801 e faleceu em 29 de abril de 1859. Natural da Cidade de Niterói, veio para o Ceará muito jovem, como um simples caixeiro-viajante.



Boticário Ferreira

Comerciante e boticário, utilizando-se da concessão da licença de "pronto-medicato", isto é, que dava direito à aplicação de primeiros socorros, estabeleceu-se com uma farmácia na rua Major Facundo.

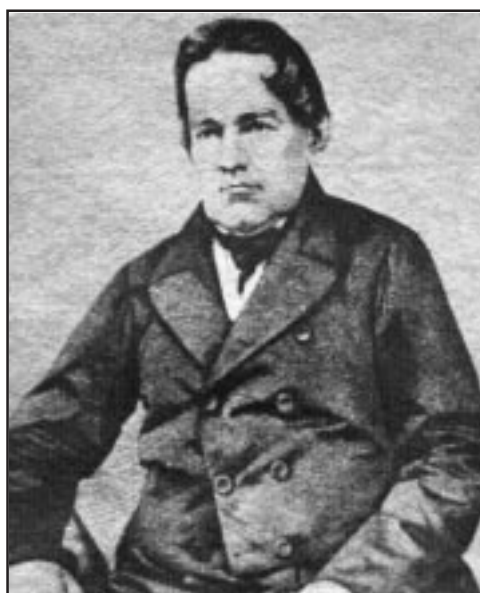
Em razão do seu temperamento cordial e comunicativo, sua casa de trabalho foi, posteriormente, transformada em um movimentado centro de reuniões políticas e sociais. Foi, também, presidente do Partido Conservador, onde gozava de enorme prestígio social e político em toda a Província, além de ser admirado pela população por sua conduta de homem íntegro e respeitado.

Foi Tenente-Coronel do Batalhão de Reserva de Fortaleza. Também foi Presidente da Câmara Municipal e, simultaneamente, exerceu o posto de Intendente de Fortaleza, prestando relevantes serviços à cidade. Nessa época, o intendente tinha as mesmas funções de um prefeito.

Hoje, seus restos mortais, juntamente com os de sua família, repousam no cemitério São João Batista, nesta capital.

Um fato considerado relevante, ocorrido no início do ano de 1860, foi a morte do ex-Presidente da Província do Ceará, José Martiniano de Alencar.

Personalidade marcante na política, o Senador Alencar envolveu-se, com toda sua família, na Revolução Pernambucana de 1817 e na Confederação do Equador de 1824.



Senador Alencar – Líder do Partido Liberal

Em sua residência no Rio de Janeiro, na então rua do Conde, fundou, em 15 de abril de 1840, a Sociedade Promotora da Maioridade do Imperador D. Pedro II ou “Clube da Maioridade”. Foi ele quem redigiu os estatutos e pôs-se à frente da propaganda dessa idéia. Presidente por duas vezes da Província do Ceará, residiu no Rio de Janeiro até sua morte em março de 1860.

3.1.7 De 1864 a 1865: poder dos liberais

Outro governo que mereceu destaque foi o de Lafayette Rodrigues Pereira (1864-1865), futuro conselheiro Lafayette, nomeado por carta imperial. A partir de seu governo, iniciou-se um longo período de poder do Partido Liberal.

O Conselheiro Lafayette Rodrigues Pereira era mineiro. Bacharel em Direito, foi figura notável como jurista e reconhecido como político de destaque no cenário nacional. Foi ainda deputado-geral, senador do Império e Ministro da Justiça.



1835 a 1856 – Sede da Assembléia Provincial, localizada na praça da Sé. O prédio já foi demolido. O desenho é de uma foto muito antiga.



Antiga Intendência Municipal, localizada na rua Floriano Peixoto. Foi a segunda sede da Assembléia Legislativa. O prédio foi demolido e em seu lugar foi construído o Abrigo Central. O local é hoje ocupado pelos jardins da praça do Ferreira.

3.2 – 1865 a 1870: todos contra o Paraguai

O Paraguai, desde a sua independência, foi governado por ditadores que buscavam de todas as formas se perpetuarem no poder e, para isso, procuravam evitar conflitos com os vizinhos. Essa postura de isolamento só durou até a chegada ao poder do ditador Francisco Solano López.

Antes da guerra, o Paraguai era considerado o País mais rico e desenvolvido da América do Sul e podia até servir de exemplo para os outros países do Continente

sul-americano, pois não dependia, economicamente, de outras nações, não admitia aporte de capital estrangeiro e sua moeda era extremamente forte.

Mesmo sem a ajuda de capital estrangeiro, o Paraguai desenvolveu-se, criando a siderurgia, estradas de ferro, telégrafos, fábricas de armas e de pólvora, tecidos, material para construção, papel, tintas etc.

No governo de Solano López, foi instituído o serviço militar obrigatório e criado um sistema de partilha de terras concedidas pelo Governo para os camponeses, entre outras ações importantes que impulsionaram o crescimento do País. Além disso, o Paraguai orgulhava-se de não possuir analfabetos, fato muito importante para a época e continua sendo, até hoje, questão relevante para qualquer nação.

Apesar, entretanto, de todo o seu crescimento econômico, Solano López tinha uma pretensão imperialista de formar "o grande Paraguai", que seria composto pelo próprio Paraguai, pelo Uruguai, por algumas regiões da Argentina, pelo Rio Grande do Sul e pelo Mato Grosso.

O grande objetivo de Solano López era a conquista do Uruguai e do Rio Grande do Sul, porque esse caminho era de fundamental importância para que o Paraguai conseguisse uma saída para o mar e, para isso, usava todas as estratégias políticas visando alcançar tal intento.

O nacionalismo paraguaio não admitia a influência dos europeus, sobretudo da Inglaterra, que possuía grande interesse em explorar os sul-americanos e, por isso, sentia-se incomodada pelo Paraguai, por este não aceitar o capital estrangeiro, mais especificamente, o dinheiro inglês. Somado a isso, a Inglaterra temia que o nacionalismo paraguaio fosse copiado por outros países sul-americanos, especialmente pelo Brasil e pela Argentina, que muito os interessavam comercialmente.

Assim, apoiada no argumento de que Solano López pretendia conquistar terras desses dois Países para formar o "Grande Paraguai", não foi difícil a Inglaterra convencer o Brasil e a Argentina a entrarem na guerra contra Solano.

O início da guerra deu-se quando Solano López, em 1864, mandou aprisionar o navio brasileiro Marquês de Olinda, que se encontrava navegando perto de Assunção, Capital do Paraguai.

A partir daí, os paraguaios invadiram o Mato Grosso e, um ano depois, Solano atravessou um pedaço do território argentino, com a finalidade de conquistar o Rio Grande do Sul.

A Argentina reagiu de imediato à invasão do seu território e aliou-se ao Brasil, entrando na guerra contra o Paraguai. Tornaram-se aliados do Brasil Argentina e Uruguai formando, assim, a famosa **Tríplice Aliança**.

Dotado de exército poderoso e numeroso, tanto em número de combatentes como em armamentos, as primeiras vitórias foram do Paraguai, sobretudo, devido ao preparo de seu exército, considerado o melhor da América do Sul e, ainda, seis vezes maior do que o do Brasil.

Diante da força paraguaia e das primeiras derrotas sofridas, D. Pedro II logo começou uma campanha para recrutar e mobilizar, em todo o Brasil, os chamados **"Voluntários da Pátria"** a fim de organizar e preparar, também, nosso exército.

Esses homens, na verdade, não eram todos voluntários. Grande parte era capturada à força e obrigada a seguir para a guerra. Além disso, a maioria esmagadora desses soldados era de escravos que eram enviados no lugar dos senhores, ou mesmo no lugar de seus filhos que não estavam dispostos a correrem risco de vida nos campos de batalhas.

A Guerra do Paraguai durou cinco anos, de 1865 a 1870, e terminou com a vitória do Brasil sobre o que restou das tropas paraguaias. No final da guerra, a Argentina e o Uruguai já haviam se retirado do conflito.



Guerra do Paraguai – Pedro Américo.

Curiosidades

1. Em 2 de abril de 1854, aconteceu um dia de festa em Fortaleza, quando foi inaugurada a matriz (atual Catedral) da igreja de São José em frente à praça Caio Prado (hoje praça da Sé). A Catedral da Sé levou 30 anos para ser construída e, quando foi inaugurada, ainda, não estava pronta.
2. Os primeiros calçamentos de Fortaleza foram feitos com pedras toscas vindas do Mucuripe. As pedras, poliédricas, vinham da serra de Maranguape e de Itaitinga.
3. Em 25 de setembro de 1856, foram iniciadas as obras de construção de prédio da Assembléia Provincial, onde hoje se localiza o Museu do Ceará. Situava-se no quadrilátero compreendido entre as ruas São Paulo (frente principal), General Bezerril, Floriano Peixoto e travessa Mourada Nova. O prédio destinava-se a abrigar as instalações da Assembléia e, posteriormente, do Liceu do Ceará. Francisco Xavier Paes Barreto era o Presidente da Província desta época.
4. O farol do Mucuripe foi terminado em 17 de novembro de 1846. Foi construído pelos engenheiros Júlio Álvaro Teixeira de Macedo e Luís Albuquerque. Em-

Curiosidades

bora os planos para sua construção tenham sido aprovados por Dom Pedro I em 1826, as obras só iniciaram no ano de 1840.

5. Em 1847, foi escolhido o local para a construção do Hospital de Caridade de Fortaleza. Atualmente, é onde está localizada a Santa Casa de Misericórdia.
6. A partir da criação do porto, o algodão, considerado o principal produto da economia cearense, marcou o ingresso do Ceará no mercado internacional, sendo vendido, sobretudo, para abastecer as indústrias têxteis inglesas. Isso porque os preços da fibra atingiram patamares muito elevados, em virtude da desorganização da produção de algodão dos Estados Unidos, até então, principal fornecedor das fábricas inglesas.
7. Entre os heróis condecorados durante a sangrenta Guerra do Paraguai, destacaram-se dois cearenses, os Generais: Antônio Tibúrcio e Antônio Sampaio.
8. Todos os países da América do Sul, no passado, foram colônias de países europeus e que, aos poucos, foram se libertando e se tornando nações independentes.
9. O Paraguai, considerado, atualmente, um dos países mais pobres das Américas, já foi, há um século, o País mais desenvolvido da América do Sul. O Paraguai ficou endividado com o Brasil e sua dívida só foi saldada no Governo de Getúlio Vargas, o qual declarou tal dívida perdoadada.



Jovita Feitosa

Refletindo

- O "sonho heróico" de Jovita Feitosa. *Natural de Inhamuns, da povoação de Brejo Seco, onde nasceu em 8 de março de 1848. Levava o apelido, ganhado na infância, de Jovita, e o sobrenome de Feitosa, por fazer parte da tradicional família dos Feitosas que se envolveram em luta contra a família dos Montes, fato famoso na História sertaneja. Tinha doze irmãos quando sua mãe faleceu por conta de uma epidemia colérica que assolou o sertão do Nordeste (1860) passando, então, a viver, por algum tempo, com o pai, até se transferir para Jaicós, no interior do Piauí. Depois de muito lutar para ser incluída nas fileiras*

do Exército Nacional, o Dr. Franklin Dória (Barão de Loreto), então Governador do Piauí, finalmente, permitiu o seu ingresso nas forças armadas, na patente de 1ª Sargento. Tendo chegado ao Rio de Janeiro em 1865, logo foi desautorizada a participar das tropas, por ordem do então Ministro da Guerra. Desiludida diante de sua não-participação, como combatente na Guerra do Paraguai, resolveu ficar na Capital da Corte, para, depois de 2 anos, aos 19 anos de idade, suicidar-se, após um malsucedido caso amoroso com um engenheiro de nacionalidade britânica, Guilherme Noët.

- Entre novembro de 1864 e março de 1870, Brasil, Argentina e Uruguai, formadores da Tríplice Aliança, enfrentaram o Paraguai na mais longa e sangrenta guerra da América do Sul.
- No dia 28 de janeiro de 1865, Israel Bezerra de Menezes apresentou-se como voluntário na guerra do Paraguai, após tomar conhecimento da declaração de guerra publicada no Jornal do Comércio, sendo o primeiro voluntário para lutar em tal conflito. Assim, no dia 6 de abril de 1865, embarcava, no vapor Jaguaribe, o primeiro Voluntário da Pátria.
- A Santa Casa foi construída, inicialmente, com recursos públicos fornecidos à Província para resolver os problemas advindos da última epidemia de febre amarela. O funcionamento da Santa Casa não era prioritário, sendo o funcionamento da Biblioteca e do Liceu priorizados naquele período, em virtude de uma pressão da intelectualidade e das famílias abastadas, que desejavam ver seus filhos estudando em Fortaleza, e não mais se deslocando para outras regiões, principalmente, Pernambuco e Bahia. A Santa Casa foi inaugurada com 80 leitos e tinha como mantenedora a Irmandade Beneficente da Santa Casa de Misericórdia.
- Segundo Raimundo Girão (Pequena História do Ceará, 1962), o Ceará contribuiu com um contingente de cerca de 5.082 homens para a campanha do Paraguai. Dois batalhões cearenses destacaram-se: 26º de Voluntários e o 14º de Infantaria. O primeiro chegou ao front em 30 de abril de 1870, sob o comando do coronel Antônio Tibúrcio Ferreira de Sousa (General Tibúrcio). Registra-se igualmente, neste episódio, a participação de Jovita Feitosa, como voluntária.
- O conflito ocorrido entre os quatro países da América do Sul, que culminou com a Guerra do Paraguai, deixou para trás um lastro de mortes e destruições para todos os lados. Para o Paraguai, as perdas foram ainda maiores. Dos 800 mil habitantes do Paraguai, na época, restaram pouco menos de 200 mil. Quase todos os homens morreram e, no final da guerra, os soldados paraguaios eram crianças com idades entre 06 e 15 anos. Os mais velhos haviam morrido, restando a decadência e a miséria para os sobreviventes.
- As despesas de guerra, as mortes de tantos brasileiros, o uso da mão-de-obra escrava para lutar pelo País, bem como o contato dos soldados brasileiros com os soldados das repúblicas platinas (Paraguai, Uruguai e Argentina), tudo isso, fez com que o povo condenasse a Monarquia escravista no Brasil e começasse a sonhar com uma república democrática livre para o nosso País.
- O Paraguai ficou arrasado após a guerra e, até hoje, passados mais de cento e trinta anos, não conseguiu recuperar-se e retornar aos patamares de desenvolvimento da época anterior à guerra. De lá para cá, o povo paraguaio passou a viver, basicamente, da agricultura porque sua indústria foi paralisada e, aos poucos, vem buscando sair do severo processo de recessão por meio da comercialização de produtos eletrônicos.

3.3 1883 a 1888: a Terra da Luz



*Oh! Negro, oh! filho da Hotentotia ufana
Teus braços brônzeos com dois escudos,
São dois colossos, dois gigantes mudos,
Representando a integridade humana!
Nesses braços de força soberana
Gloriosamente à luz do sol desnudos
Ao bruto encontro dos ferrões agudos*

*Gemeu por muito tempo a alma africana!
No colorido dos teus brônzeos braços,
Fulge o fogo mordente dos mormaços
E a chama fulge do solar brasido...
E eu cuido ver os múltiplos produtos
Da Terra as flores e os metais e os frutos
Simbolizados nesse colorido!*

O Negro
(AUGUSTO DOS ANJOS)

O tráfico de escravos era uma operação comercial considerada normal. Muitos traficantes eram políticos, tinham títulos de nobreza e grande influência na sociedade, chegando a subornar juízes e outras autoridades para não incomodá-los. Alguns chegaram a criar uma irmandade religiosa, elegendo São José como seu patrono e protetor.

Na Presidência de Sátyro de Oliveira Dias, entre os anos 1883 a 1884, foi promulgada a Lei que fazia do Ceará a primeira Província a acabar com a escravidão. Por isso, lhe foi atribuído o título de "Terra da Luz".

3.3.1 De 1881 a 1882: por amor à liberdade

No porto do Ceará não se embarca mais escravos!

(DRAGÃO DO MAR)

Com o fortalecimento das idéias abolicionistas, surgiu no Ceará a "Sociedade Perseverança e Porvir", composta por comerciantes que se dispunham a com-

prar cartas de alforria, dando liberdade para os negros cativos. Os primeiros abolicionistas, membros dessa sociedade, foram: José Amaral, José Teodorico da Costa, Antônio Cruz Saldanha, Alfredo Salgado, Joaquim José de Oliveira, José Barros da Silva, Manoel Albano Filho, Antônio Martins, Francisco Araújo e Antônio Soares Teixeira Júnior.

No ano de 1880, esses mesmos abolicionistas fundaram a "Sociedade Libertadora Cearense", que chegou a contar com 225 sócios. Essa Sociedade promoveu, inicialmente, a libertação de três escravos.

Com o passar do tempo, novas e valiosas adesões foram recebidas pela "Sociedade Libertadora Cearense". A esta também se filiaram: João Cordeiro, Frederico Borges, Antônio Bezerra, Almino Tavares Afonso, Isaac Amaral, José Marrocos e tantos outros. A sociedade fundou o jornal "Libertador", no qual eram divulgados os ideais abolicionistas e onde era defendida a idéia de "Liberdade aos escravos, seja por que meio for".

Um ato que mereceu destaque, na época, ocorreu no dia 25 de março de 1881, quando a "Sociedade" alforriou (libertou) 35 escravos.

No Ceará, os mais entusiasmados movimentos abolicionistas, em geral, eram provocados pela elite intelectual da Província; mas, o povo todo aderiu ao movimento pela liberdade dos negros, comprometendo-se a lutar. Nessa luta, mereceu destaque o papel desempenhado pelas mulheres cearenses que se engajaram e participaram ativamente, e com muita valentia, na campanha abolicionista, chegando, até, a fundarem a "Sociedade Libertadora", destinada a "quebrar as amarras da escravidão".

Outro destaque da campanha abolicionista no Ceará foi o caso do jangadeiro Francisco Nascimento, o "Dragão do Mar", considerado forte combatente do comércio de escravos que entrou para a nossa História. Decidido a lutar contra a escravidão em nosso Estado, Chico Nascimento, como chefe dos jangadeiros, convenceu seus companheiros a não mais colaborarem com o tráfico interno (comércio entre províncias), negando-se, inclusive, a transportar escravos para o sul do País.

Em 30 de agosto de 1881, o movimento abolicionista fechou o porto de Fortaleza ao embarque negro, tendo à frente o jangadeiro Francisco Nascimento, também, conhecido por Chico da Matilde. Por sua bravura, Chico da Matilde foi levado para a corte com sua jangada, desfilou pelas ruas, recebeu chuvas de flores da multidão e ganhou novo nome, mais pomposo e mítico: "Dragão do Mar". De lá, escreveu à mulher: "seu velho está tonto com tanta festa e cumprimentos de tanta gente importante".

Símbolo da resistência popular cearense contra a escravidão, "Dragão do Mar", agora, designa, com justo merecimento, um Centro de Arte e Cultura que leva o seu nome pelo que ele e seus colegas ousaram fazer em nome da liberdade, nas areias da Praia de Iracema.



Dragão do Mar

Curiosidade

O Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura foi inaugurado oficialmente em 28 de abril de 1999. Possui 30.000m² de área com rampas e passarelas que se interligam, formando um complexo de equipamentos culturais, abrigando: o Museu de Arte Contemporânea, o Memorial da Cultura Cearense, duas salas de cinemas, teatro, anfiteatro, livraria, loja de artesanato, além do planetário Rubens de Azevedo. Com o Dragão do Mar, o Estado se transformou num dos mais importantes pólos de difusão e produção cultural do País.



Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura. Foto: Dário Gabriel.

3.3.2 1883: Redenção, teu nome é liberdade

A imensa luz acesa no norte há de destruir as trevas do sul. Não há quem possa impedir a marcha dessa claridade....

*O negro construiu um país para outros;
o negro construiu um país para os brancos.*

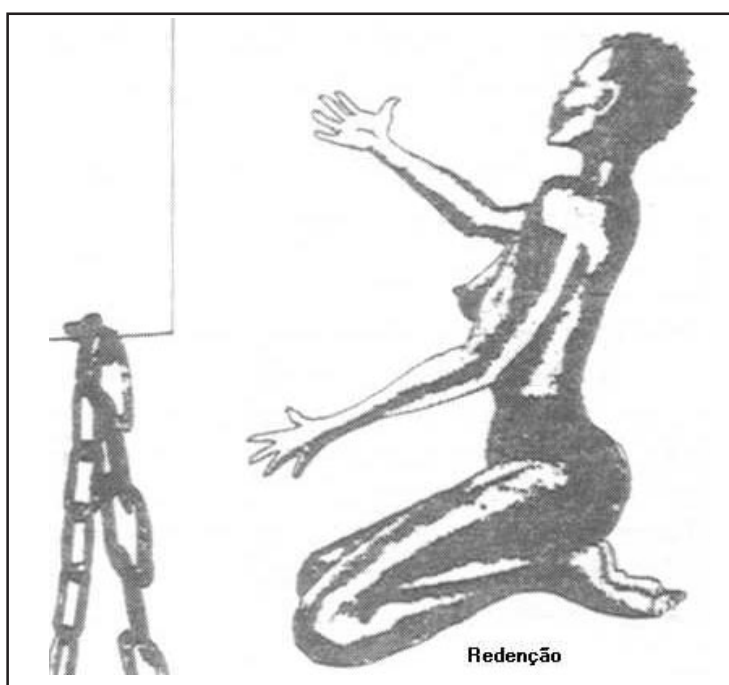
(JOAQUIM NABUCO)

No dia 1º de janeiro de 1883, Acarape foi o primeiro local do Ceará e do Brasil a libertar seus quase 300 escravos. Por isso, passou a chamar-se Redenção.

Logo depois, outros locais como Pacatuba, Itapajé, Baturité, Icó, Tauá, Maranguape, Aquiraz seguiram o exemplo.

No dia 25 de março de 1884 foi abolida a escravidão em toda a Província do Ceará. Por isso, essa data é comemorada até hoje. O número de escravos libertos foi da ordem de 35.508.

Poucos anos depois da libertação da escravidão no Ceará, a princesa Isabel, herdeira do trono e consciente das conseqüências de sua ação, sabendo que perderia a Coroa, assinou em 13 de maio de 1888 a Lei Áurea. Foi, por isso, chamada de "A Redentora". Seu gesto foi considerado importantíssimo na História do povo brasileiro.



Redenção

A Lei Áurea foi, assim, assinada pela princesa Isabel Cristina Augusta Leopoldina Francisca Micaela Gabriela Rafaela de Orleans e Bragança. A Lei era curtinha e nada dizia sobre o destino dos ex-escravos.

3.3.3 1884: Ceará pioneiro

O mundo progredia e não havia mais razão para que as pessoas de pele negra permanecessem escravas. Os negros escravos trabalhavam na lavoura e nos serviços caseiros e viviam submetidos ao tacão dos seus senhores, seus proprietários, como se não fossem gente. Não eram reconhecidos nem considerados pessoas humanas, mas sim como animais cativos.

Em razão disso, movido por um sentimento de justiça, José do Patrocínio, o grande tribuno negro, num dos seus magistrais discursos improvisados, denominou o Ceará de “Terra da Luz”, por ter sido a primeira província a ser o berço da libertação dos escravos. A abolição do cativo insere-se como a página gloriosa e mais humana da História do Ceará.

José do Patrocínio (José Carlos do Patrocínio), jornalista, orador, poeta e romancista, nasceu em Campos(RJ), em 9 de outubro de 1853, e faleceu no Rio de Janeiro(RJ), em 30 de janeiro de 1905. Compareceu às sessões preparatórias da instalação da Academia Brasileira de Letras e ocupou a Cadeira n. 21, que tem como patrono o escritor Joaquim Serra.

Era filho do Padre João Carlos Monteiro, vigário da paróquia e orador sacro de grande fama da capela imperial do Rio de Janeiro, e de “tia” Justina, famosa quitandeira. Passou a infância na fazenda paterna da Lagoa de Cima (RJ), onde pôde observar, desde criança, a situação dos escravos e assistir aos castigos que lhes eram infligidos.

Por certo, nasceu ali a sua extraordinária vocação abolicionista. Tinha 14 anos, quando, tendo recebido apenas a educação primária, foi para a Capital do Rio de Janeiro. Começou a trabalhar na Santa Casa de Misericórdia e estudou no externato de João Pedro de Aquino, fazendo lá os preparatórios do curso de Farmácia.



José do Patrocínio

Ingressou na Faculdade de Medicina como aluno de Farmácia, concluindo o curso em 1874. Sua situação, naquele momento, tornou-se difícil, porque os amigos da república de estudantes voltavam para suas cidades de origem, e ele teria que

alugar outra moradia. Foi assim que seu amigo João Rodrigues Pacheco Vilanova, colega do Externato Aquino, convidou-o para morar em São Cristóvão, na casa da mãe, então, casada em segundas núpcias com o capitão Emiliano Rosa Sena. Para que Patrocínio pudesse aceitar, sem constrangimento, a hospedagem que lhe era oferecida, o Capitão Sena propôs-lhe que, como pagamento, lecionaria aos seus filhos. Patrocínio aceitou a proposta e, desde então, passou, também, a freqüentar o “Clube Republicano” que funcionava na residência, do qual também faziam parte Quintino Bocaiúva, Lopes Trovão, Pardal Mallet e outros abolicionistas.

Não tardou muito e Patrocínio apaixonou-se por Bibi, sendo também por ela correspondido. Quando informado dos amores de sua filha com Patrocínio, o Capitão Sena sentiu-se revoltado, mas, no final das contas, Patrocínio e Bibi casaram-se.

Já nesse tempo, Patrocínio iniciara a carreira de jornalista na Gazeta de Notícias, e sua estrela começava a aparecer. Com Dermeval da Fonseca, publicou os “Ferrões”, quinzenário que saiu de 1º de junho a 15 de outubro de 1875, formando um volume de dez números. Os dois colaboradores assinavam com os pseudônimos Notus Ferrão e Eurus Ferrão e escreviam em prol da liberação dos escravos.

Dois anos depois, Patrocínio estava na Gazeta de Notícias, onde tinha ao seu cargo a coluna “Semana Parlamentar”, que assinava com o pseudônimo Proudhome. Em 1879, iniciou, oficialmente, campanha pela Abolição.

Em torno dele, formou-se um grande coro de jornalistas e de oradores, entre os quais, Ferreira de Meneses, Joaquim Nabuco, Lopes Trovão, Ubaldino do Amaral, Teodoro Sampaio, Paula Ney, todos da “Associação Central Emancipadora”, que lutava pela liberdade dos negros. Por sua vez, Patrocínio começou a tomar a frente nos trabalhos da Associação.



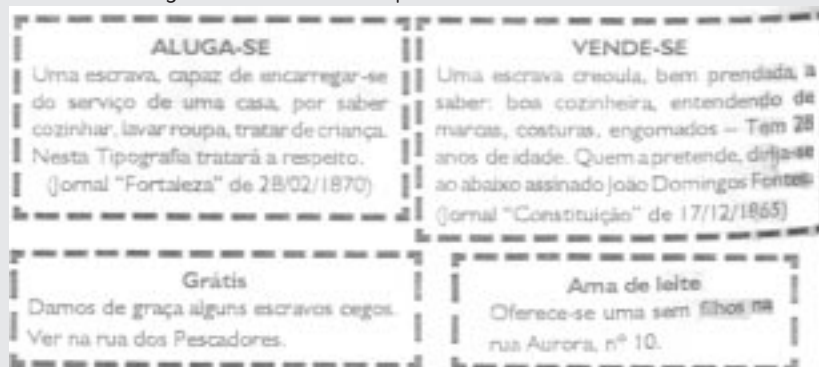
João Cordeiro



Antônio Bezerra

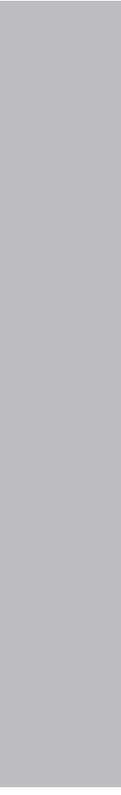
Curiosidades

1. Durante o fechamento do porto de Fortaleza ao embarque de escravos, o jangadeiro Francisco José do Nascimento, conhecido como o "Dragão do Mar", impediu, em agosto de 1881, que fossem embarcadas pelo vapor Espírito Santo duas escravas, apesar da presença do Chefe de Polícia, Dr. Torquato Viana, que compareceu ao trapiche para coagi-las. Resistindo às pressões de autoridades, outro abolicionista de nome João da Silva Jataí desapareceu, fugindo, com alguns negros, para local seguro e não divulgado.
2. No Ceará, existem, ainda, algumas manifestações culturais deixadas de herança pelo negro. Destacam-se: a dança do Congo, a Congada, os maracatus. Em geral, são festas ou desfiles, em que as pessoas se vestem com grande luxo, para lembrar a suntuosidade dos reis africanos. Algumas dessas manifestações, como os maracatus, são vistas com frequência nos desfiles de carnaval em Fortaleza.
3. Anúncios nos jornais do Brasil Imperial (e do Ceará).



4. Até 1850, a economia era quase que exclusivamente movida pelo braço escravo. O cativo estava na base de toda a atividade, desde a produção de café, açúcar, algodão, tabaco, transporte de carga, exercendo as mais diversas funções no meio urbano, como: carpinteiro, pedreiro, pintor, impressor, marceneiro, joalheiro, alfaiate, serralheiro, sapateiro, ferreiro, tecelão, entre outras.

- *A história registra que as terras cearenses possuíam menor número de escravos, em relação às demais províncias, mas, nem por isso, deixava de existir o triste comércio de negros. Por aqui, eram, também, traficados para os centros cacauzeiros, cafeeiros e açucareiros por bons preços. Essa exploração, entretanto, foi aos poucos despertando verdadeira repulsa entre os cearenses que iniciavam em Fortaleza, no ano de 1879, um movimento emancipador; por meio da fundação de uma sociedade chamada de "Perseverança e Porvir".*
- *Da mesma forma que se encontram nos jornais de hoje anúncios sobre a venda e aluguel de casas e objetos pessoais, nos jornais do Brasil Imperial eram comuns esses tipos de anúncios na compra e venda de escravos. Assim, os senhores brancos eram os donos da vida e do destino de seus escravos, podendo fazer o que bem quisessem com eles. A lei, inclusive, lhes assegurava esse "direito".*
- *Em pleno século XIX, durante o Segundo Reinado, quando já não mais existia escravidão no mundo civilizado, os negros continuavam, no Brasil, a ser considerados, por muitos brancos, como objetos, coisa ou mercadorias lucrativas compradas, vendidas, alugadas, emprestadas ou presenteadas. Muitos eram oferecidos até como garantia de empréstimos de dinheiro.*
- *Conceição dos Negros ou Conceição dos Caetanos é um dos poucos redutos negros existentes no Ceará. Quase todos os moradores pertencem a uma mesma família, a de Caetano José da Costa, seu fundador, proveniente do Município de Pacoti-Ceará. Caetano comprou um pedaço de terra em 1887, por 200 mil reis, três anos após a abolição dos escravos no Ceará. Possuía como bens a terra, a casa, um coqueiro, um tear e um caixão de madeira que comportava 16 alqueires (antiga medida de capacidade para líquidos, correspondendo a 13,8 litros) de farinha. Como fundador do lugarejo, sendo o mais velho do clã, exercia o poder de um patriarca, com quem eram discutidos os problemas e a ele cabiam as decisões. Não permitia que os negros casassem com brancos. Seus descendentes seguiram, por muito tempo, essa determinação, mas, aos poucos, as novas gerações quebraram esse costume. No Ceará, por não haver quase representantes da raça negra, é muito curioso que singular reduto negro tenha resistido bravamente, por gerações, ao entrosamento com outras comunidades e, ainda, sem sua descaracterização.*
- *Um dos locais que mais usou o trabalho dos escravos negros foi a cidade de Fortaleza, como um tipo de escravidão urbana. Esse fato pode ser comprovado quando se verificam os anúncios de jornais da época, onde negros escravos eram considerados uma espécie de mercadoria exposta à venda, aluguel ou, ainda, tendo suas fugas divulgadas com promessas de recompensas para quem os encontrasse.*



O Ceará República

O Ceará República

4 O CEARÁ REPÚBLICA

4.1 1889: milagre em Juazeiro

*Quem for para o Juazeiro,
vá com dor no coração
visitar Nossa Senhora
e o padre Cícero Romão.*

*Que o Padrim é um santo,
isso tá mais que provado;
basta atentar os milagres
que ele tem realizado.*

*O primeiro foi ter feito,
em certa manhã pacata
isso já faz tantos anos,
não me lembro bem a data
a hóstia virar sangue
na boca duma beata!*

(DIAS GOMES)



Beata Maria de Araújo

Fm 10 de março de 1889, ocorreu em Juazeiro do Norte (Ceará), o discutido episódio da transformação da hóstia em sangue na comunhão da beata Maria de Araújo, fato que tornou Juazeiro do Norte conhecido internacionalmente.

Ao participar da comunhão na capela de Nossa Senhora das Dores, a beata Maria de Araújo, solteira, com 28 anos de idade e lavadeira, ao receber a hóstia consagrada, não pôde degluti-la, pois esta transformou-se em sangue. Esse fato repetiu-se outras vezes, e o povo achou que se tratava do derramamento do sangue de Jesus Cristo e, portanto, um milagre.

As toalhas com as quais a beata limpava a boca, após a comunhão, ficaram manchadas de sangue e passaram a ser alvo da veneração do povo de Juazeiro.

Padre Cícero guardou sigilo por algum tempo, mas, logo, a história do milagre repercutiu em todo o Ceará.

Os médicos Marcos Madeira, Idelfonso Correia Lima e o farmacêutico Joaquim Secundo Chaves foram convidados para testemunhar as transformações da hóstia em sangue e, depois, assinaram atestado afirmando que o fato era inexplicável pela ciência, o que contribuiu para o fortalecimento da crença no milagre.

O povoado passou a ser alvo de peregrinações: as pessoas queriam ver a beata e adorar os panos manchados de sangue.

A notícia chegou ao conhecimento do Bispo D. Joaquim José Vieira, que, em novembro de 1889, escreveu uma carta ao Padre Cícero, pedindo explicações sobre os fatos ocorridos. Somente em janeiro de 1890, Padre Cícero respondeu a carta, pedindo desculpas por não ter comentado fato tão importante. Então, foi chamado ao Palácio Episcopal, em Fortaleza, a fim de prestar esclarecimentos sobre os acontecimentos.

O Bispo, pressionado por alguns segmentos da Igreja que não aceitavam a idéia do milagre, mandou instaurar um inquérito para analisar, oficialmente, os fatos. Nomeou uma comissão composta por dois sacerdotes: padres Clícério da Costa Lobo e Francisco Pereira Antero. Esses padres assistiram às transformações, examinaram a beata, ouviram testemunhas e concluíram que o fato era divino. O Bispo não gostou do resultado e nomeou outra comissão, constituída pelos padres Antônio Alexandrino de Alencar e Manoel Cândido.

A nova comissão deu a comunhão à beata e, como nada aconteceu, concluíram que não houve milagre algum. Assim, o Bispo escreveu ao Padre Cícero, avisando que o milagre era um assunto proibido. Tal ocorrido desencadeou uma briga entre Padre Cícero e a Igreja Católica.

Em 1892, o relatório do inquérito foi enviado pelo Bispo à Congregação do Santo Ofício, em Roma. A decisão de que o milagre era falso foi, igualmente, acatada. Então, os padres que acreditavam no milagre foram obrigados a se retratarem publicamente. Padre Cícero, como punição, teve a suspensão de sua ordem e foi ameaçado de excomunhão (expulsão da Igreja Católica).



Padre Cícero

Não acatando a decisão da Igreja, Padre Cícero voltou a exercer, por conta própria, as suas funções de padre. Recebeu, entretanto, um aviso de que se não deixasse Juazeiro seria desligado da Igreja Católica. Após esse episódio, o Padre partiu de Juazeiro, refugiando-se em Salgueiro (Pernambuco).

Em 1898, Padre Cícero viajou até Roma, com esperança de reaver suas funções. Foi perdoado, mas proibido de falar sobre o milagre. Em Juazeiro, explicou ter feito votos de silêncio sobre o fato, no entanto, pediu aos fiéis que continuassem as romarias a Nossa Senhora, em Juazeiro do Norte.

Curiosidades

1. Quem foi Padre Cícero? Padre Cícero Romão Batista nasceu no Crato (Ceará) no dia 24 de março de 1844 e foi ordenado em 1870. No Natal de 1871, Padre Cícero visitou, pela primeira vez, o povoado de Juazeiro do Norte, celebrando a tradicional missa do galo. No ano de 1872, com 28 anos de idade, Padre Cícero fixou residência definitiva no Juazeiro. Lá instalado, reformou a capelinha, erigida pelo primeiro capelão Padre Pedro Ribeiro de Carvalho, em homenagem a Nossa Senhora das Dores, padroeira do lugar, adquirindo várias imagens, compradas com as esmolas dadas pelos fiéis;
2. Vejamos alguns dos pensamentos do Padre Cícero:

"Só na velhice, pelas sinceras provas de lealdade durante toda vida do homem, é que se pode ter a convicção da verdadeira amizade."

"As ambições e elementos corrosivos movem os que governam."

"No terreno político, os homens de valor, por questões de patriotismo, não têm direito de ser modestos."

"Há generosidade que não se pode e nem se sabe pagar."

"Sem a unidade da fé é impossível a vitalidade, a grandeza e a inexpugnabilidade de um povo."
3. O que Padre Cícero fez pela educação:

"Deixo a maior parte dos meus bens para a benemérita e santa Congregação dos Salesianos, a fim de que ela funde aqui no Juazeiro os seus colégios de educação para crianças de ambos os sexos".
4. Padre Cícero defendia-se daqueles que afirmavam que ele era louco da seguinte forma:

"Não sou doído! Não sou idiota! Não entendo de magia! O que vos digo, o que vistes, eu ouvi, me foi predito. Jesus Cristo derramou seu sangue para nos salvar. Os que acreditarem, Ele o disse, se salvarão. Ele escolheu este lugar".
5. Dom Joaquim José Vieira foi o segundo Bispo do Ceará. Nasceu em 17 de janeiro de 1836 em Itapetininga- São Paulo. Foi indicado para o Bispado do Ceará em 1883 por Decreto Imperial. Em 1912, apresentou pedido de renúncia que foi aceito pela Santa Sé. Dom Joaquim lutou contra os abusos em Juazeiro do Norte e fundou a União do Clero.

Refletindo

- *Para conquistar o povo, Padre Cícero desenvolveu trabalho pastoral com pregação, conselhos e visitas domiciliares, ganhando a simpatia dos habitantes, passando a exercer grande liderança na comunidade.*
- *Para auxiliá-lo no trabalho pastoral, Padre Cícero recrutou mulheres solteiras e viúvas para a organização de uma irmandade formada por beatas, sob sua autoridade. Essas mulheres passaram a ver Padre Cícero como um santo.*
- *Com a emancipação de Juazeiro, que antes pertencia ao Crato, em 22 de julho de 1911, Padre Cícero foi eleito Prefeito do Município, antes distrito do Crato, visitado apenas pelosromeiros. Passou a ser procurado, também, por políticos e autoridades. Sua liderança e carisma fizeram dele uma pessoa amada, respeitada e temida por políticos e pela população.*
- *Padre Cícero morreu no dia 20 de julho de 1934, aos 90 anos. Seus adversários acreditavam que, morto, a devoção à sua pessoa logo acabaria. Enganaram-se, pois a cidade prosperou e a devoção aumentou. Até hoje, todo ano, uma grande multidão deromeiros, vindos dos mais distantes locais do Nordeste e do Brasil, chegam a Juazeiro para uma visita ao seu túmulo, na Capela do Socorro.*
- *Padre Cícero não foi canonizado pela Igreja, porém é tido como santo por uma legião de fiéis.*

4.2 1889: abaixo a Monarquia, viva a República!

A praça! A praça é do povo
 Como o céu é do condor,
 É o antro onde a liberdade
 Cria águias em seu calor.
 Senhor!... pois quereis a praça?
 Desgraçada a população
 Só tem a rua de seu....
 Ninguém vos rouba os castelos,
 Tendes palácios tão belos...
 Deixai a terra ao Anteu.

República!... Vôo ousado
 Do homem feito condor!
 Raio de aurora inda oculta
 Que beija a frente ao Tabor!
 Deus! por qu' enquanto que o monte
 Bebe a luz desse horizonte,
 Deixas vagar tanta frente,
 No vale envolto em negro?!...

(CASTRO ALVES)

O enfraquecimento do Império Brasileiro deu-se, sobretudo, no período entre 1870 e 1880 e esteve diretamente relacionado com as transformações que ocorreram na sociedade brasileira, tais como: a urbanização, o crescimento industrial, o desenvolvimento das camadas sociais urbanas, a introdução do trabalho assalariado, a abolição dos escravos e, também, as conseqüências da Guerra do Paraguai, como vimos em capítulos anteriores.

O Governo Imperial mostrava-se incapaz de resolver os problemas do Brasil. Não atendia às aspirações populares e não tinha habilidade política para evitar os confrontos com o Exército e a Igreja, explodindo, assim, alguns conflitos que enfraqueciam a autoridade Imperial.

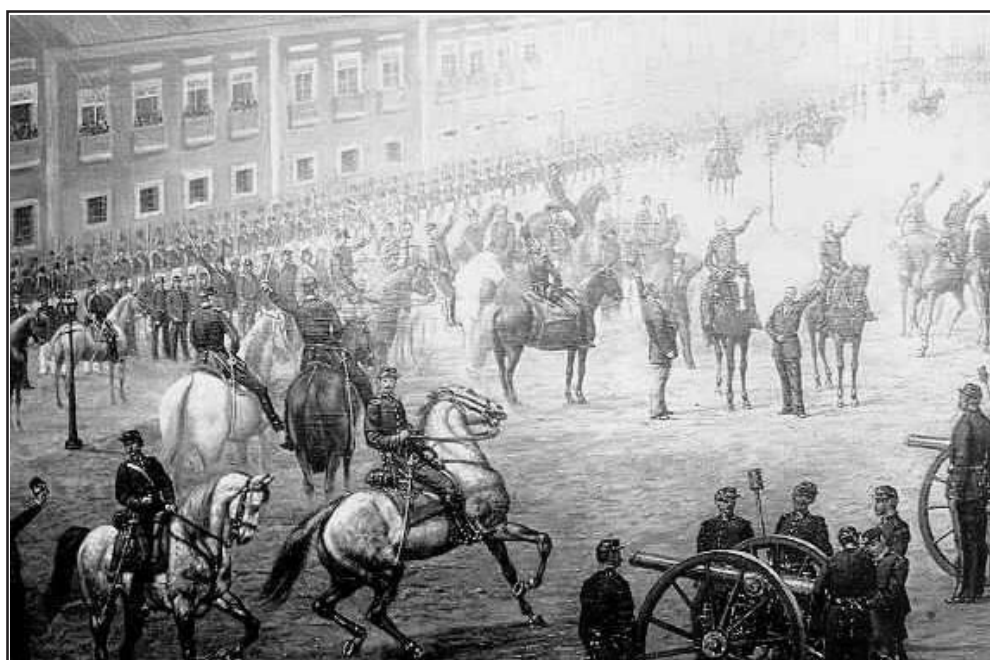
Havia questões a enfrentar, tais como:

- a) Questão Militar – muitos militares, insatisfeitos com o governo que os marginalizava politicamente, adotaram as idéias republicanas e abolicionistas para derrubar o imperador.
- b) Questão Religiosa – a igreja, por sua vez, lutava para se libertar do poder local dos governantes, indicados pelo Imperador.

Essas questões, somadas aos movimentos pela “Abolição”, enfraqueceram o Governo Imperial e foram fundamentais para a Proclamação da República, pois o império sustentava-se, principalmente, na manutenção da escravidão, no apoio da Igreja e do Exército.

A República nasceu de uma conspiração entre militares, cafeicultores de São Paulo e alguns membros da classe média urbana, todos unidos para derrubar a Monarquia.

Finalmente, no dia 15 de novembro de 1889, os militares do Exército, unidos aos fazendeiros de café, derrubaram o Governo Imperial e proclamaram a República no Brasil.



Proclamação da República – Vítor Meireles.

A Proclamação da República veio por intermédio do Marechal Deodoro da Fonseca; sem luta direta do povo, que permanecia, também na República, à margem das decisões políticas e sujeito às imposições das classes dominantes economicamente. Esperava-se, entretanto, que essa nova situação mudasse o País e que todos os cidadãos brasileiros pudessem participar, com igualdade de condições, do processo político no Brasil.

No dia seguinte à Proclamação, organizou-se, no Rio de Janeiro, um governo provisório chefiado pelo Marechal Deodoro da Fonseca. Com ele, o Exército chegava, então, a um longo período de liderança política no Brasil.

4.2.1 € nós viramos República...

No Ceará, a idéia republicana espalhava-se rapidamente. O movimento republicano, no entanto, apenas fortaleceu-se, quando se uniu a outro, igualmente forte, o movimento de libertação dos escravos.

Antes da Proclamação da República, já havia movimentos pela república no Ceará, impulsionados por meio da fundação de organizações republicanas: Clube Republicano de Aracati, fundado por Júlio César da Fonseca Filho; Clube Republicano de Saboeiro; Centro Republicano de Fortaleza, sob a direção de Antônio Pereira de Brito etc.

Entre esses movimentos, destacou-se o Centro Republicano de Fortaleza, que tinha suas idéias defendidas pelo jornal "O Libertador". Possuía, contudo, pouca representatividade popular, fato que não causou grande preocupação para os conservadores e os liberais do Ceará, que continuavam suas alianças políticas, motivados por interesses pessoais e de acordo com a conveniência de cada grupo político.

A Proclamação da República foi comunicada, oficialmente, ao Ceará, por intermédio de um telegrama, com a notícia da implantação do novo regime republicano.

Para o Ceará, a República chegou meio como surpresa. As autoridades, os partidos republicanos, o povo e a elite não esperavam que a República nascesse naquele momento e de forma inesperada.

Assim, pelo Decreto nº 1, as Províncias passaram a Estados-Membros da República dos Estados Unidos do Brasil.

No dia 16 de novembro de 1889, o último Presidente da Província do Ceará, Coronel Moraes Jardim, numa reunião no Palácio do Governo, alertou para a gravidade da situação e recusou a proposta de adesão à República nascente.

De imediato, entretanto, muitos dos cearenses apoiaram a República. O 11º Batalhão de Infantaria, os alunos da Escola Militar e os oficiais da Marinha logo abraçaram a nova forma de governo e demonstraram apoio da seguinte forma:

- reuniram-se na praça dos Mártires (Passeio Público) para comemorar a Proclamação da República, com discursos e gritos de "Viva a República"!
- Marcharam para o Palácio do Governo e, por onde passavam, destruíam placas, estátuas e tudo o que lembrasse o antigo Império.
- Chegando ao Palácio do Governo, depuseram, sem resistência, o último Presidente da Província do Ceará, o Coronel Jerônimo Rodrigues de Moraes Jardim, que governou por apenas um mês.



Luís Antônio Ferraz

Em 18 de novembro de 1889, foi indicado para administrar, provisoriamente, o Estado do Ceará, o Comandante do 11º Batalhão, Coronel Luís Antônio Ferraz.

Alguns republicanos, porém, não concordaram com a escolha de Ferraz, pois ele havia sido um fiel servo da monarquia, mas não puderam fazer nada, pois eram os militares que, na época, detinham o poder.

Com a Proclamação da República, os antigos monarquistas tiveram seus partidos dissolvidos e, sem sucesso, tentaram ingressar no Centro Republicano de Fortaleza, para conservar o eleitorado, enquanto fundavam partidos de forma que se adequassem à nova realidade política do País.

Em dezembro de 1889, o antigo Centro Republicano foi transformado em **Partido Republicano Cearense** e passou a abrigar novas adesões à República, organizados em centros, em todo o Ceará. Esses novos "centros" filiavam seus integrantes ao Partido Republicano, impedindo, assim, que os antigos monarquistas fundassem outras instituições partidárias e ganhassem força política.



Centro Republicano Cearense. Vemos o capitão Alfredo Barbosa, Honório Moreira, Henrique Cals, Antônio Sales, Jovino Guedes, João Lopes, Antônio Cruz, Luiz Sá, João Freire, Tenente Floriano Florabel, João Cordeiro, Gonçalo de Lajes, Joaquim Catunda, Capitão R. Amorim Figueira, Papi Júnior e José Correia do Amaral. Foto retirada da *Cronologia Ilustrada de Fortaleza: roteiro para um turismo histórico e cultural*. Vol. 2 (NIREZ, 2001).

Neste período, no ano de 1890, foi fundado o Primeiro Partido Operário cearense. Era composto, principalmente, de tipógrafos e sapateiros. Propunha-se a denunciar as más condições de vida e de trabalho da classe operária.

Curiosidades

1. Na Monarquia, o povo não tinha nenhuma participação na escolha dos governantes. Não havia eleições para escolha do Monarca (Imperador), só havia eleições para escolha dos deputados e senadores que ajudavam o Imperador a governar.
2. As eleições na Monarquia não contavam com a participação de todos os cidadãos brasileiros. A grande maioria não podia votar nem ser votada, uma vez que o voto era censitário (de acordo com a renda) e permitido somente aos homens alfabetizados, excluindo analfabetos e mulheres.
3. A Constituição de 1892 criou o cargo de Intendente, isto é, a mesma função de Prefeito Municipal. A partir de 1895, passou a ser nomeado pelo governante do Estado do Ceará.

Refletindo

- *Muita gente esperava que a mudança na forma de governo para república significasse, também, uma melhoria na escolha de seus governantes, após o afastamento dos monarquistas do poder, fato que não aconteceu, pois eram os militares que detinham o poder de indicação dos dirigentes do Estado.*
- *No Ceará, da mesma forma que em outros estados do Brasil, muita gente ficou decepcionada e achou que aquela não era a República com a qual haviam sonhado, porque não acarretou liberdade para o povo e muito menos significou igualdade de direitos: os ricos continuaram ricos e os pobres, mais pobres ainda.*
- *Mudava a forma de governo no Brasil, mudavam as pessoas que estavam à frente do Governo, mas a situação deles continuava do mesmo jeito. A falta de esperanças em melhores dias causava muita insatisfação e até desespero na maioria da população brasileira.*

4.2.2 1891: a República cria asas...

Proclamada a República, os estados brasileiros passaram a instalar suas assembleias constituintes. Em 16 de junho de 1891, foi promulgada a primeira Constituição cearense. Participaram dessa constituinte pessoas de renome nacional, como o jurista Clóvis Beviláqua, autor do Projeto do Código Civil, e o educador Agapito dos Santos.

A primeira Constituição Federal da República foi promulgada em 24 de fevereiro de 1891. Determinava que, até o final do ano de 1892, todos os estados deveriam ter sua carta constitucional.

Então, em 16 de junho de 1891, deputados e senadores cearenses (sistema bicameral), promulgaram nossa primeira Carta. Em 1892, houve modificação no sistema bicameral, passando o colegiado a denominar-se Assembléia Legislativa, composto exclusivamente de deputados, antes constituído de senadores e deputados.

Em fevereiro de 1891, Luís Antônio Ferraz, governador do Estado do Ceará, por motivo de doença, deixou o Governo, morrendo um mês depois no Recife.

Assumiu o seu lugar o vice, João Cordeiro que, no entanto, ficou por pouco tempo no poder, em virtude da sua forte oposição ao Presidente da República do Brasil, Deodoro da Fonseca. Indicou-se para substituí-lo o ex-combatente da Guerra do Paraguai, José Clarindo de Queiroz.



José Clarindo de Queiroz

Assim, em maio de 1891, foi instalado o Congresso Cearense Constituinte, que elegeu para governador do Estado o General de Divisão José Clarindo de Queiroz e para vice-governador do Estado o Major Benjamin Liberato Barroso.

O segundo governador republicano, General Clarindo de Queiroz, foi deposto do cargo antes mesmo de completar o primeiro ano de governo por ter apoiado o fracassado golpe de Deodoro da Fonseca. O golpe de Deodoro foi uma tentativa de barrar a oposição e centralizar o poder em suas mãos. Fechou o Congresso Nacional, decretou Estado de Sítio, estabeleceu a censura e prendeu vários líderes adversários. A oposição reagiu ao golpe, forçando a renúncia do então Presidente da República.

Curiosidades

1. A primeira Constituição Republicana do Brasil foi outorgada em 24 de fevereiro de 1891, e seus dispositivos fundamentais estabeleceram:
 - a) forma de governo: República;
 - b) forma de organização administrativa dos Estados: Federalismo – as antigas províncias do Brasil foram transformadas em estados-membros da Federação, com autonomia política, econômica e administrativa em relação ao Governo federal. Isso significa dizer que os estados eram independentes para escolher seus governantes, realizar empréstimos no Exterior, cobrar impostos, criar suas forças militares e policiais;
 - c) o sistema de governo "Presidencialismo" – significa que o chefe da Federação (Brasil) é o Presidente da República, com poderes para dirigir os Estados, em caso de conflitos internos ou externos.
2. A República estabeleceu a divisão dos poderes que deveriam ter atuação harmônica e independente. São eles:
 - a) EXECUTIVO – exercido pelo Presidente da República; nos estados, exercido pelo Presidente de Estado (hoje, governador);
 - b) LEGISLATIVO – exercido pelo Congresso Nacional (bicameral, Senado e Câmara dos Deputados – eleitos pelo voto direto); nos estados, exercido pelas Assembléias Legislativas; e o

Curiosidades

- c) JUDICIÁRIO – o órgão principal é o Supremo Tribunal Federal, secundado por juízes e tribunais federais; nos estados, era exercido pelos tribunais e juízes estaduais.
3. O regime republicano, também, estabeleceu a obrigatoriedade do voto para maiores de 21 anos, alfabetizados (mulheres, soldados, padres e mendigos não votavam). O voto era aberto, isto é, o eleitor revelava publicamente o seu voto.
4. Nosso 1º Presidente da República foi o Marechal Deodoro da Fonseca, Vice-Presidente: Marechal Floriano Peixoto.

Refletindo

- *A elaboração da primeira Constituição Republicana provocou muitas divergências entre os constituintes. Cada grupo defendia apenas o que o interessava e não o que podia ser melhor para o Brasil.*
- *O voto aberto e declarado permitiu a instituição do "voto de cabresto", pois os políticos controlavam os eleitores, distribuindo favores para aqueles que votavam conforme os seus interesses.*

4.2.3 1892: a deposição

No dia 16 de fevereiro de 1892, os cadetes da Escola Militar do Exército e da Marinha cercaram o Palácio do Governo do Ceará, exigindo a renúncia de Clarindo de Queiroz. Munidos de canhões e metralhadoras, iniciaram o bombardeio ao Palácio da Luz.

O então governador do Estado, Clarindo de Queiroz, com o apoio da Polícia Militar, reagiu, mas, no dia seguinte, com o Palácio crivado de balas, resultando na morte de treze pessoas e sem munição, rendeu-se, finalmente, aos inimigos. Entregou o cargo ao líder da manifestação, o Tenente-Coronel e Dirigente do Colégio Militar José Freire Bezerril Fontenelle.



Dia da deposição do Governador Clarindo de Queiroz pelos cadetes da Escola Militar do Ceará. Foto retirada da *Cronologia Ilustrada de Fortaleza: roteiro para um turismo histórico e cultural*. Vol. 2 (NIREZ, 2001).

José Freire
Bezerril Fonteneles

Foi forte a oposição ao Governo de Clarindo de Queiroz. Ficou, apenas, nove meses no poder, partindo para o Rio de Janeiro, onde morreu torturado em uma prisão.

O Coronel José Freire Bezerril Fontenelle transferiu o Governo, no dia seguinte, ao Vice-Governador do Estado, Major Benjamin Liberato Barroso.

Nessa época, em julho de 1892, foi promulgada a 2ª Constituição Estadual, legitimando, oficialmente, o novo Governador do Estado, o mesmo Tenente José Freire Bezerril Fontenelle e, como Vice-Governador do Estado, Nogueira Accioly.

O Governo de Bezerril Fontenelle agradou muito ao eleitorado. Em sua administração, preocupou-se com as finanças do Ceará, acumulou quantias consideráveis nos cofres públicos do Estado, fazendo com que a população aceitasse a indicação de seu sucessor, o Dr. Antonio Pinto Nogueira Accioly.

Curiosidades

1. O Palácio da Luz, residência oficial dos governantes do Estado do Ceará, foi a antiga residência do Capitão-Mor Antônio de Castro Viana, onde, também, funcionaram a Câmara Municipal, a Sede do Governo, a Biblioteca Pública, a Casa de Cultura Raimundo Cela e hoje, funciona a Academia Cearense de Letras.
2. A Academia Cearense de Letras foi fundada em 15 de agosto de 1894. É a mais antiga do Brasil, antes mesmo da Academia Brasileira de Letras, que foi fundada em 1896. Destacamos, entre os seus fundadores, o Dr. Guilherme Studart (Barão de Studart), Thomaz Pompeu de Souza Brasil, Justiniano de Serpa, Marcos Franco Rabelo e Farias Brito. Os objetivos da Academia não eram exclusivamente literários; além das letras propriamente ditas, utilizavam o campo das ciências, da educação e da arte, de um modo geral, para propagarem a cultura cearense.
3. O importante jornal "A República" foi resultado da fusão dos jornais "Liberador" e "Estado do Ceará". Após a Proclamação da República, a política nacional colocou em lados opostos os antigos republicanos cearenses, que acabaram se dividindo em duas facções:
 - a) os deodoristas – liderados por Antônio Luiz, Rodrigues Júnior, Gonzalo de Lagos, fundaram o jornal "O Norte" para divulgar suas idéias políticas. Esse grupo era chamado de maloqueiros (pivetes, bandidos, mal-educados); e
 - b) os anti-deodoristas – liderados por João Cordeiro, que continuou à frente do Centro Republicano e do jornal "Liberador", rompem com Deodoro devido aos destinos tomados pela República. Esse grupo era chamado pelos adversários de cafunfis (piolho que ataca galinhas, conhecido também por cafute).
4. Os antigos oligarcas aproveitaram-se do desmembramento dos republicanos. Rodrigues Junior aproximou-se dos *maloqueiros*, e Nogueira Accioly aliou-se aos *cafunfis*, obtendo em julho de 1892 a fusão do Centro Republicano com a União Republicana, até a formação do Partido Republicano Federalista.

Curiosidades

(PRF). Esse novo grêmio tinha como órgão oficial de divulgação o jornal "A República", fusão dos jornais "O Libertador" e do "Estado do Ceará".

5. Farias Brito nasceu em São Benedito-Ceará, em 1862. Realizou parte de seus estudos no Liceu do Ceará. Formou-se em Direito pela Faculdade de Direito do Recife. Atuou como promotor e, por duas vezes, como secretário no Governo do Estado do Ceará. Faleceu no Rio de Janeiro. Foi um grande filósofo e autor de uma das maiores obras filosóficas produzidas no nosso País. Seus escritos se dividem em dois temas centrais, denominados pelo autor: "Finalidade do Mundo" e "Mundo Interior" (Espírito). Morreu em 16 de janeiro de 1917 no Rio de Janeiro.

Refletindo

- *A Padaria Espiritual foi criada por Antônio Sales em maio de 1892. Foi, sem dúvida, o mais importante movimento cultural do Ceará. Causou grande repercussão, até mesmo fora do Estado. Era revolucionária, aliava talento com irreverência, deboche e crítica, sem perder o bom humor. A Padaria deixava claro o ódio que tinha pela burguesia local. Em um artigo publicado no jornal "O Pão", "o burguês é como uma bóia, não vive, nem vegeta, flutua...Porque, convençam-se, a humanidade ainda sofre e geme por culpa da burguesia – esse flagelo...cujas aspirações resumem-se neste preceito: encher bem a pança e ganhar dinheiro". A Padaria Espiritual incomodou burgueses e autoridades, chegando a ser vigiada por um delegado, sempre presente às reuniões.*



Padaria Espiritual. Da esquerda para a direita, vê-se em pé: Álvaro Martins (Policárpio Estouro), Raimundo Teófilo (José Marbri), José Maria Brígido (Mogar Jandira), Adolfo Caminha (Félix Guanabarino). Na mesma ordem os sentados: Sabino Batista (Sátiro Alegrete), Antônio Sales (Moacir Jurema) e Carlos Vitor (Alcino Bandolim). Foto retirada de *Padaria Espiritual – Biscoito Fino e travoso* (CARDOSO, 2002).



Antônio Pinto
Nogueira Accioly

4.2.4 1896: início da “dinastia” acciolyna

Em julho de 1896, tomou posse no cargo de governador do Estado do Ceará o Comendador Antônio Pinto Nogueira Accioly. No mesmo período, assumiu a Presidência da República Campos Sales, que consolidou a oligarquia cafeeira paulista e idealizou a chamada política dos governadores.

Accioly criou linhas telegráficas estaduais, ligando Fortaleza ao restante do Estado, com objetivo de ter o domínio das comunicações, facilitar a política oligárquica do Ceará e neutralizar a oposição.

Foi enviado dinheiro do Governo de Campos Sales para a construção de cinco pontes sobre o rio Pacoti, a estrada de ferro ligando Fortaleza a Uruburetama e para a encampação do Porto do Mucuripe. Nada foi concluído ou realizado, mas o dinheiro desapareceu dos cofres públicos.

Surgiram divergências e desconfianças entre o Governo local e o povo. É agravada a situação política de Accioly com o descaso de seu governo para com os flagelados da seca, ocorrida entre 1898 e 1900. Fortaleza foi atingida pela fome, tuberculose e por uma forte epidemia de varíola.

O Governo de Accioly não se interessou em imunizar a população, não fazia o menor esforço para adquirir a vacina, e ficava contra as pessoas que tentassem fazer alguma coisa para aliviar o sofrimento da população faminta e castigada pelas epidemias. Oficialmente, divulgava-se o boato de que a varíola era produto das vacinas e não uma epidemia causada por vírus, altamente contagioso.

Rodolfo Teófilo, farmacêutico da época, aceitou o desafio de enfrentamento da epidemia e produziu uma vacina de boa qualidade, fez campanha de esclarecimento e aplicou vacinas naquelas pessoas que aceitavam. Seu movimento foi considerado pelos Governos federal e estadual, não como uma campanha pela saúde e sim como uma afronta. Foi desmoralizado e acusado de infectar a população com sua vacina.

O Governo local, também, proibiu a migração de cearenses para outros Estados, com objetivo de evitar o êxodo dos eleitores. A proibição, entretanto, não foi acatada e muitas pessoas deixaram o Estado do Ceará. Por se achar dono da situação, Nogueira Accioly não colocou a máquina administrativa para fazer valer a proibição, tampouco mobilizou-se para conter a epidemia de varíola e, assim, não conseguiu fazer seu sucessor. Assumiu o candidato da oposição, Dr. Pedro Augusto Borges, eleito novo governador do Ceará.



Sanitarista Rodolfo Teófilo, no Morro do Moinho, procedendo à vacinação anti-variólica. Foto retirada da *Cronologia Ilustrada de Fortaleza: roteiro para um turismo histórico e cultural*. Vol. 2 (NIREZ, 2001).

Curiosidades

1. Oligarquia foi um tipo de poder político constituído por pessoas da mesma família, da mesma classe social ou do mesmo partido político. Foi um governo de poucos para poucos.
2. Nogueira Accioly nasceu em Icó – Ceará em 1840. Filho de um famoso coronel, formou-se em Direito no Recife e pelo prestígio do pai tornou-se promotor de justiça em Icó e Saboeiro. Depois se tornou juiz em Baturité e Fortaleza, no entanto, voltou-se para política, ao casar-se com Maria Teresa de Sousa, filha do Senador Pompeu, em 1877. Em 1880, Nogueira Accioly elegeu-se para a Câmara dos Deputados mas renunciou quatro anos depois, para ocupar o cargo de Vice-Presidente da Província do Ceará. Em 1889, conseguiu uma vaga como Senador, mas não foi empossado, em virtude de um golpe sofrido pela República. Foi Governador do Estado em 1896 e ficou no poder até ser deposto pela grande revolta popular, em 1912.
3. Oligarquia Accioly foi um governo exercido pelo domínio da família Accioly no Ceará a partir de 1896. Accioly deveria governar por quatro anos, no entanto, a família tomou conta do poder até 1912, ou seja, por 16 anos seguidos.
4. Rodolfo Teófilo, farmacêutico, teve grande destaque na vida cultural e política do Ceará. Participou de campanhas abolicionistas e republicanas, participou da Padaria Espiritual e foi um grande crítico da oligarquia acciolyana.

Refletindo

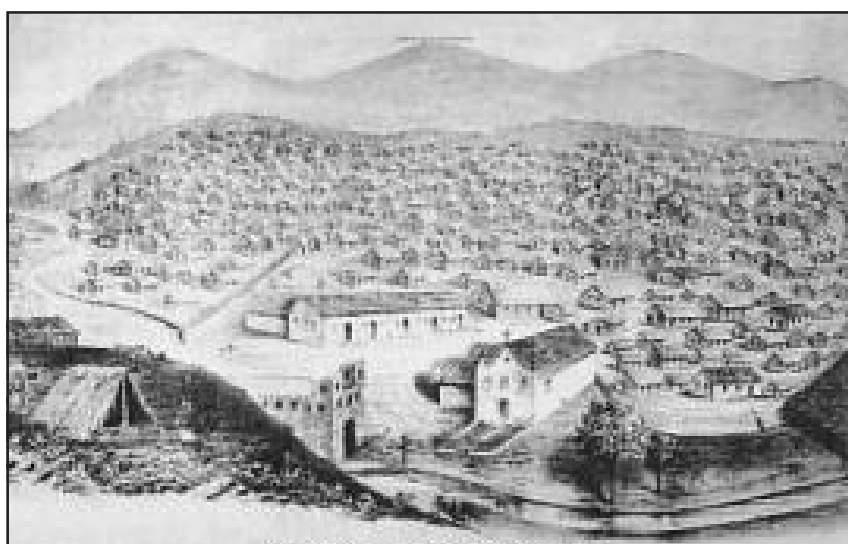
- *A Política dos Governadores foi um pacto de apoio mútuo entre os Governos estadual e federal, para que não houvesse desarmonia e não atrapalhasse a administração do País. Essa política gerou muita corrupção e desonestidade em todo o País, inclusive no Ceará. Quem fazia parte dessa política recebia do Governo federal favores pessoais, assim como benefícios para o Estado que governava.*

4.2.5 1896: todos contra Conselheiro!

Canudos não se rendeu. Exemplo único na História, resistiu até o esgotamento completo. Expugnado palmo a palmo na precisão integral do termo, caiu no dia 5, ao entardecer, quando tombaram os seus últimos defensores, pois todos morreram. Eram quatro apenas: um velho, dois homens feitos e uma criança, na frente dos quais rugiram raivosamente cinco mil soldados (CUNHA, 2002).

*Em 1898 há de rebanhos mil correr da praia para o sertão.
Então o sertão vai virar mar e o mar vai virar sertão...*

(ANTÔNIO CONSELHEIRO)



Arraial dos Canudos

O governo de Prudente de Morais (Presidente da República) caracterizou-se pela violência praticada contra as camadas sociais mais humildes do Brasil.

Nos sertões nordestinos, onde a fome, a seca, a pobreza, a miséria, a subnutrição e as doenças castigavam a maioria dos sertanejos, a situação do povo era terrível. Em virtude dos violentos contrastes sociais existentes na região, o Nordeste sofrido e miserável convivia, lado a lado, com o Nordeste dos latifúndios (grandes propriedades rurais) e dos ricos "coronéis do sertão". Senhores todo-poderosos, esses coronéis costumavam submeter uma multidão de pessoas, sem terras, à sua inteira dominação, pagando um salário de fome e gerando, por isso mesmo, insatisfação e violentas revoltas sociais.

Diante da miséria, da subnutrição e das condições geográficas, sobretudo pelo problema da seca, alguns nordestinos só tinham como saída de urgência a formação de grupos ou, ainda, juntarem-se em torno de líderes políticos ou religiosos como forma de resistência.

Foi nesse contexto que surgiram os cangaceiros ou jagunços. Sertanejos pobres, livres do controle dos coronéis, constituíram bandos armados, que assaltavam as fazendas e se apropriavam das riquezas exclusivas dos ricos.

Nesse mesmo Nordeste de jagunços, de coronéis e cangaceiros, ocorreu a famosa "Guerra de Canudos". Foi um movimento dos sertanejos contra a opressão dos latifundiários e contra as injustiças dos governantes.

No início da República Velha, em 1889, havia milhares de sertanejos sem trabalho e sem terra. As terras pertenciam aos grandes fazendeiros que empregavam poucos trabalhadores, pagando-lhes péssimos salários. A grande maioria vivia na miséria absoluta. Foi nesse ambiente que surgiu um cearense, fazendo pregações pelos sertões. Seu nome era Antônio Mendes Maciel, mais conhecido como Antônio Conselheiro ou Beato Conselheiro, pregando a salvação para quem o seguisse. Não era cangaceiro, não roubava, não usava armas e não praticava nenhum tipo de violência; da mesma forma que os cangaceiros, porém, ele também foi perseguido e fuzilado pelas tropas do Governo.

Antônio Conselheiro culpava a República pela crise econômica e financeira que atingia todo o Brasil e que agravava ainda mais as precárias condições do sertão. Defendia as idéias anti-republicanas e estimulava os sertanejos a lutarem pela posse da terra. Aconselhava, também, que o povo não pagasse os impostos cobrados pelo Governo, dizendo que só a Deus o povo devia prestar contas.

O povo sertanejo, pobre, sofrido e descrente das autoridades, passou a seguir o Beato, considerando-o santo, sobretudo, pela esperança que ele lhe dava de uma nova vida.

Antônio Conselheiro e a multidão de fiéis que o seguia terminaram fixando-se no interior da Bahia, num local chamado Arraial de Canudos. Ali, passaram a viver em comunidade, cultivando a terra e criando animais. Tudo o que era produzido no Arraial era dividido, igualmente, entre todos. Não havia patrões nem empregados, ninguém era mais rico ou mais pobre do que os outros. Todos tinham os mesmos direitos.

Canudos começou a atrair multidões de nordestinos, fato que provocou raiva e temor por parte dos governantes e dos grandes proprietários rurais.

Para a Igreja oficial, que perdia seus fiéis, e para os latifundiários, que perdiam sua mão-de-obra praticamente gratuita, Canudos estava ameaçando o poder e tinha que ser destruído. Padres e coronéis exerciam fortes pressões sobre o Governo federal para que providências fossem tomadas.

"Era preciso destruir Canudos, antes que seu exemplo estimulasse outros movimentos semelhantes..." Esta foi a ordem oficial, enviando tropas bem armadas para esmagar o "foco dos rebeldes".

Foi assim que teve início a "Guerra de Canudos" (1896 a 1897). O Governo enviou duas expedições militares, que foram vencidas pelos homens de Conselheiro.

ro. Uma terceira expedição, com aproximadamente 1.300 homens também foi derrotada e seu comandante, o Coronel Moreira, foi morto em combate. As várias derrotas militares decorriam do fato de a maioria dos soldados não conhecer a região das caatingas, tão familiar ao povo de Canudos.

Os homens de Conselheiro lutavam, bravamente, não só pela sobrevivência física mas também pela crença na salvação de suas almas. Acreditavam que essa era uma guerra santa e que o reino dos céus era a compensação para os que nela morressem.

O então Presidente da República, Prudente de Moraes, enfrentou forte oposição. Os radicais da oposição, em todo o País, acusavam o Presidente de fraqueza na repressão ao movimento.

Organizada então uma nova expedição e, após intenso bombardeio de canhões, o Arraial não resistiu, sendo derrotado. Canudos foi destruído e sua população massacrada. Sobre esse episódio, Euclides da Cunha escreveu o grande livro *Os Sertões*.

4.3 1900: a tentação do poder

No dia 12 de julho de 1900, assumiu o governo do Estado do Ceará o médico militar Pedro Augusto Borges, formado pela Faculdade da Bahia e Tenente-Coronel do Corpo de Saúde do Exército.

Pedro Borges foi colocado no poder com o objetivo de desmascarar e terminar com a carreira política de Nogueira Accioly.

No início de seu governo, dedicou-se a analisar as contas do Estado à procura de irregularidades do governo de Nogueira Accioly. Pedro Borges dispôs-se a denunciar e a divulgar, publicamente, as fraudes, os desvios de verbas públicas, o nepotismo (os cargos nas mãos de familiares) e a corrupção do governo de Accioly.

Diante da atitude de Pedro Borges, Accioly propõe um acordo político: que o governador “esquecesse” as acusações, acordando que a Assembléia Legislativa, de maioria acciolyna, daria apoio total a sua eleição para o Senado após o término de seu mandato de governador do Estado.

O acordo foi aceito por Pedro Borges e seu governo tornou-se uma continuação de Nogueira Accioly: com autoritarismo, corrupção e forte repressão às manifestações populares.

No final de seu mandato, com o domínio total do processo eleitoral, houve apenas uma troca: Pedro Borges foi para o Senado e Nogueira Accioly para o seu segundo mandato ao governo do Estado. E tudo ficou como era antes: os que mandavam continuaram no poder.



Pedro Augusto Borges



Ponte dos Ingleses. Foto: Dário Gabriel.

Curiosidades

1. O Mercado de ferro foi inaugurado no dia 18 de abril de 1897. Era destinado à venda de carne fresca e de verduras. Sua construção deu-se na administração do Intendente Guilherme César Rocha (homem fino e europeizado, foi o administrador que mais se empenhou no embelezamento de Fortaleza) e do governador Antônio Pinto Nogueira Accioly. Sua estrutura era metálica, fabricada na França. Suas calçadas eram de granito cearense. Na época localizado na praça do Ferreira, foi desmontado em 1937 desmembrado-se em duas partes: uma parte foi para a praça Paula Pessoa (São Sebastião) e a outra parte, para a praça Visconde de Pelotas (Mercado do Pinhões). Em 1968, a parte da praça São Sebastião foi desmontada e levada para a Aerolândia (Mercado da Aerolândia), onde ainda se encontra. No local da Praça São Sebastião foi levantado um galpão de alvenaria com telhas de amianto que já foi demolido para construção da Praça e do novo Mercado São Sebastião.
2. A construção da Ponte dos Ingleses teve início em 1902, por uma firma inglesa. A estrutura metálica foi importada de Londres, seu lastro era todo de madeira. A Ponte serviu como porto por mais de vinte anos, facilitando o movimento de pessoas e de cargas no Porto de Fortaleza na administração Campos Sales (Presidente da República). A construção só foi concluída em 1906. Era dotada de escada móvel para subida e descida de passageiros, mas não merecia confiança, pois era de construção precária, e de guindastes para cargas de mercadorias. Os navios ficavam ao largo, enquanto lanchas e botes faziam percursos entre os navios e a ponte. Serviu por mais de dez anos, no entanto, deteriorou-se pelo efeito da maresia e foi reconstruída em 1920. Hoje, encontra-se com seus serviços desativados, mas foi restaurada e aberta à visitação pública, sendo um dos pontos turísticos mais visitados de Fortaleza.

Curiosidades

3. Em 31 de abril de 1903, o HINO DO CEARÁ foi executado, pela primeira vez, em público, por alunas da Escola Normal, em sessão solene, no antigo Palacete da Assembléia Legislativa, onde hoje funciona o Museu do Ceará. A letra do Hino do Ceará é de Thomaz Lopes e a música de Alberto Nepomuceno.

4. Quem foi Alberto Nepomuceno?

Alberto Nepomuceno nasceu no dia 6 de julho de 1864, em Fortaleza, filho de Vitor Augusto Nepomuceno e Maria Virgínia de Oliveira Paiva. Começou seus estudos musicais por incentivo de seu pai, que era violonista, professor, mestre de banda e organista da Catedral de Fortaleza. No ano de 1872, foi morar no Recife juntamente com sua família, quando começou a estudar piano e violino. Em 1885, mudou-se para o Rio de Janeiro, dando continuidade aos seus estudos de piano. Seu grande interesse pela literatura brasileira e pela valorização da língua portuguesa aproximou-o de alguns dos mais importantes escritores da época, surgindo, da parceria com poetas e artistas, várias composições. No ano de 1902, foi nomeado Diretor do Instituto Nacional de Música, cargo que ocupou até 1916. Faleceu no Rio de Janeiro em 16 de outubro de 1920. Alberto Nepomuceno é considerado o pai da canção de câmara brasileira, pois insistiu na necessidade de utilização do idioma nacional como mais uma forma de nacionalizar a linguagem musical.

5. Quem foi Thomaz Lopes?

Thomaz Lopes nasceu no dia 16 de novembro de 1879, em Fortaleza, filho de João Lopes e Maria Amélia (Menininha) de Sousa. Estudou Humanidades no Parthenon Cearense e no Liceu do Ceará. Em 1896, foi morar no Rio de Janeiro, onde se bacharelou em Ciências Jurídicas e Sociais pela Faculdade de Direito. Serviu como Diplomata em Madri, posteriormente, na Suíça, onde faleceu em 10 de julho de 1903.

6. No dia 31 de julho de 2003, o atual Governador do Estado do Ceará, Lúcio Gonçalo de Alcântara, pelo decreto nº 27.155, tornou obrigatória a execução do Hino do Ceará nas escolas públicas e nas solenidades do Governo do Estado.

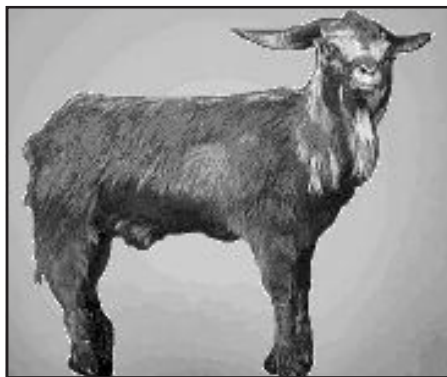
Refletindo

- *O ensino superior no Estado do Ceará teve início em 1903, com a instalação da Faculdade Livre de Direito, localizada no edifício do Liceu do Ceará. Depois do acordo político entre Pedro Borges e Nogueira Accioly, na prática, quem governava o Ceará era Accioly que se preocupava muito com a educação de seus familiares e protegidos. Planejou, então, a fundação da Academia Livre de Direito do Ceará. Na ocasião, não era boa a situação financeira do Estado. Assim, Nogueira Accioly sugeriu a extinção de 90 escolas primárias e, com esses recursos, fundou a Academia que foi dirigida pelo parente Dr. Antônio Pinto Nogueira Accioly e seu filho, Dr. Thomaz Pompeu Pinto Accioly.*
- *Fortaleza "Belle Époque": foi conhecido como o processo de remodelação (embelezamento) de Fortaleza. Foi projetado segundo o modelo parisiense, pois era a metrópole mais civilizada e charmosa do século XIX. A base desse processo chegou pela influência de firmas estrangeiras instaladas em For-*

Refletindo

taleza. A marca registrada de Paris eram os cafés, e em Fortaleza, na década de 1880, foram construídos elegantes cafés nos quatro cantos da Praça do Ferreira. Lá se encontravam os principais estabelecimentos comerciais, repartições públicas e o ponto de partida e chegada dos bondes. Em Fortaleza, como em muitas capitais do País, o "afrancesamento" tomou conta da cidade, pois era sinal de prestígio e refinamento. Utilizavam-se termos e nomes franceses onde fosse possível: nomes de figuras populares, títulos concedidos a autoridades, restaurantes, cafés, confeitarias, farmácias, lojas etc. As lojas vendiam artigos europeus como: tecidos, sapatos, perfumes, chapéus, bijuterias, conservas, bebidas, máquinas e peças de automóveis. Enquanto a elite se deleitava com as novidades vindas da Europa, como suntuosas construções de residências e de clubes sofisticados, com festas pomposas, expressões francesas por toda a parte e roupas elegantes, na mesma época, existiam tipos populares que debochavam da alta sociedade cearense que se fazia "afrancesar". Houve deboches não só pelas mudanças dos nomes nacionais por nomes franceses mas, também, pela espiritualidade popular que tudo satirizava. É o Ceará moleque, uma forma humorística de criticar o "afrancesamento" que tomava conta da cidade. A expressão "Ceará Moleque" vem da época em que se faziam piadas pelas coisas da França. Destaque para alguns tipos populares como:

- "Pilombeta", que foi uma figura que odiava a palavra trabalho. Quando lhe arranjavam algum emprego, pedia logo licença remunerada (recebendo dinheiro).
- "Tostão", que declamava um abecedário fazendo piadas com as pessoas importantes da cidade.
- "Tertuliano" foi um beato que fazia sermões muito engraçados que divertiam muito a população, mas a igreja não via a menor graça nas suas piadas.
- "Bode loiô (Yoyô)" foi um bode de uma família retirante da seca de 1915, que foi vendido a uma firma estrangeira localizada na Praia do Peixe (hoje Praia de Iracema). Ele tinha o hábito de quase todo dia passear sozinho da praia até a praça do Ferreira e todos gostavam dele. Houve uma eleição em Fortaleza em que o Bode Yoyô foi o vereador mais votado; isto foi uma maneira espirituosa de criticar nossos governantes.
- A morte do bode, em 1931, causou comoção pública, e fez com que a firma proprietária tivesse a idéia de empalhá-lo e doá-lo ao Museu do Ceará, onde se encontra até hoje.



Bode loiô

4.3.1 1904: o repeteco

Assumiu, pela segunda vez, o governo Estado do Ceará o Comendador Antônio Pinto Nogueira Accioly.

A partir de 1904, intensificou-se a luta da oposição contra Accioly, por meio da união de várias classes: antigos oligarcas, a burguesia comercial, a classe média, populares e alguns coronéis; todos contra a política econômica do Estado, que cobrava altos impostos aos comerciantes locais e beneficiava o comércio exterior com leves impostos para importação e exportação, favorecendo, apenas, um pequeno grupo que o apoiava.

Os opositores de Accioly lutavam para que:

- a) os comerciantes locais tivessem uma maior participação política no Estado;
- b) os antigos oligarcas haviam garantido seus privilégios, porém, desejavam derrubar a oligarquia acciolyna dominante para impor a deles;
- c) os coronéis, muitos de Sobral, do norte do Estado (com grande atividade comercial), foram prejudicados pela política econômica da oligarquia acciolyna;
- d) setores das classes média e popular, além dos altos impostos e do elevado custo de vida, desejavam maior participação nas decisões políticas cearenses.

As oposições usavam como instrumento de luta jornais e entidades de classe: o Centro Artístico Cearense (composto por operários e artesãos), a Fênix Caixeiral (órgão que representava os interesses de comerciantes) e a Associação Comercial. Essas entidades tiveram grande importância para o fim da oligarquia acciolyna.

O governo de Accioly reagia às críticas e, como desagravo e com dura punição, policiais à paisana destruíam jornais e espancavam os opositores, fazendo com que várias pessoas fugissem do Estado temendo a repressão.

Os jornais pró-Accioly faziam calúnias e até falsificavam documentos para destruir os opositores.

A oligarquia acciolyna, por sua vez, procurava fortalecer suas bases fora da Capital, que continuavam submissas ao Governo e à vontade dos coronéis do sertão.

Em 1907, Accioly fez aprovar uma lei, que feria a Constituição Federal, possibilitando sua reeleição sucessiva para o cargo de Governador. Conseguindo seu intento, organizou novas eleições.

4.3.2 1908: o “tri”

Nogueira Accioly iniciava seu 3º Governo do Estado, por uma série de irregularidades e sua reeleição causou grande revolta e descontentamento da sociedade.

Accioly considerava o Estado do Ceará como propriedade particular. Os cargos de alto escalão do seu governo eram distribuídos entre seus familiares, praticando o “nepotismo”, isto é, familiares ocupando cargos públicos.

Nessa época, o Ceará, encontrava-se em boa situação econômica, pois houve grande safra de algodão, assim como o retorno de muitos cearenses que haviam migrado para a Amazônia. Eles retornavam com dinheiro para investir no Ceará.

Atendendo aos pedidos do Governador Accioly, contudo, a Assembléia Legislativa e a Câmara Municipal de Fortaleza permitiram que esse dinheiro fosse empregado em atividades que não beneficiavam a economia do Estado, dando a isenção de impostos e perdoando tributos.

Por isso, o Governo começou a sofrer grande desgaste, sobretudo pelas denúncias da oposição sobre as corrupções praticadas, gerando revolta popular na Capital e nas cidades vizinhas.

O Governo, por sua vez, reagia às oposições políticas de seus adversários. A polícia reprimia as manifestações populares com bastante violência. Havia, ainda, tentativas de assassinatos, corrupção de juízes e utilizavam a imprensa, por meio dos jornais “A República e “O Tempo”, para a publicação de matérias contra a oposição, contendo calúnias e difamação. Existiu, inclusive, a falsificação de documentos, inculcando os adversários políticos de Accioly.

As práticas de corrupção eram muitas, como, por exemplo, a carne consumida em Fortaleza era comercializada pelo primo de Nogueira Accioly. Se alguém tentasse comercializar carnes vindas de municípios vizinhos, tinha sua mercadoria recolhida por policiais, sob o comando do Governo, por fazer concorrência ao parente do Governador.

Havia, ainda, na época, muito lixo espalhado pela cidade. O responsável pela coleta de lixo era amigo íntimo de Nogueira Accioly, fato que impedia o Intendente do Município (Prefeito) de tomar qualquer iniciativa em relação à limpeza de Fortaleza.

Todos esses fatos levaram à derrocada e à desmoralização do governo Nogueira Accioly, que logo foi deposto do poder.

Curiosidades

1. A oposição a Accioly aumentou quando os estivadores do Porto de Fortaleza (Ponte dos Ingleses) entraram em greve. Foi a primeira greve do Estado, por não concordarem com os alistamentos obrigatórios para a Marinha de Guerra. Accioly requisitou o Batalhão de Segurança para obrigá-los a voltarem ao trabalho. Houve confronto armado entre operários e policiais, que contou com o saldo de sete mortos e 40 feridos (todos populares), pela ação do Capitão do Porto Luís Lopes da Cruz. Houve grande indignação popular, quando se condenava o governo pelo fato de não ter intervindo na hora certa, evitando o massacre de populares.

- *O poder dos coronéis e o nepotismo de Nogueira Accioly que empregava seus parentes, compuseram o Governo. Isso ocorria porque no Ceará, durante muitos anos, a família Accioly dominou a política estadual. Em parte, a continuidade de seu domínio político dependia do controle dos principais cargos que, por isso mesmo, eram distribuídos a parentes próximos ou distantes. Veja o que acontecia:*
 - *No Governo:*
 - Governador do Ceará – Nogueira Accioly;*
 - Secretário do Interior – José Accioly;*
 - Diretor de Seção – Lindolfo Pinto, sobrinho do governador (Nogueira Accioly);*
 - Deputados estaduais – Benjamim Accioly Raimundo Borges e Jorge de Sousa (genros do governador), Jovino Pinto, José Pinto, Pinto Brandão, Padre Vicente Pinto (primos do governador), Antônio Gadelha (cunhado de um filho de Accioly).*
 - *Na Academia de Direito:*
 - Diretor – Nogueira Accioly;*
 - Vice-Diretor – Tomaz Pompeu (cunhado de Accioly);*
 - Lente de Direito Civil – Antônio Accioly;*
 - Lente de Economia Política – Tomaz Pompeu;*
 - Lente de Direito Civil – Antônio Accioly;*
 - Lente de Economia Política – Tomaz Pompeu;*
 - Lente de Medicina Legal – Jorge de Sousa (Genro de Accioly).*
 - *No Liceu:*
 - Professores – Tomaz Accioly, Benjamin Accioly, Jorge de Sousa (genro de Accioly).*
 - *Na Escola Normal:*
 - Tomaz Accioly, José Accioly e mais sobrinho, sobrinha e irmão do governador.*
 - *Na Intendência Municipal:*
 - Secretário – Antônio Gadelha (cunhado de um filho de Accioly).*
 - *Na Câmara Municipal:*
 - Secretário – Jovino Pinto (sobrinho de Accioly);*
 - Procurador Fiscal – Antônio Accioly.*
 - *No Batalhão do Exército:*
 - Comandante – Capitão Raimundo Borges (genro de Accioly).*
 - *Senadores federais:*
 - Tomaz Accioly e Francisco Sá (filho e genro de Accioly).*
 - *Deputados federais:*
 - José Lopes (primo de Accioly), Gonçalo Souto (tio de uma nora de Accioly).*
- *E mais, existiam Acciols em cargos das seguintes repartições: Higiene Pública, Correios, Inspeção Veterinária, Escolas de Aprendizes e Artífices etc.*

4.3.3 1912: a renúncia

Em 1912, a Liga Feminina (Organização das Senhoras e Senhoritas de Fortaleza) organizou uma passeata saindo do Passeio Público em favor da candidatura do Coronel Marcos Franco Rabelo à Presidência do Estado, contra o ocupante desse cargo, Nogueira Accioly.

Circulou, na cidade, a informação de que Accioly iria reprimir a passeata. Então, o Coronel José Faustino foi convidado pela Liga Feminina para comparecer à manifestação e garantir a ordem, mesmo contra a vontade do Governo.

A passeata foi um grande sucesso, fortalecendo a decisão popular de tirar a família Accioly do poder. Dessa forma, as relações tornaram-se cada vez mais tensas entre o Governo e a população.

Por fim, para desmoralizar totalmente o Governo Accioly, já desgastado pelas denúncias de corrupção, organizou-se outra passeata, a "Passeata das Crianças", reforçando a candidatura opositora de Franco Rabelo para o Governo do Estado.

A "Passeata das Crianças", também organizada pela "Liga Feminina e Pró Rabelo", contava com a presença de 600 crianças, todas vestidas de branco com enfeites verde e amarelo, portando um medalhão com a foto de Franco Rabelo.

Nessa manifestação, policiais, a mando de Accioly, atacaram crianças e adultos com a cavalaria. Crianças foram pisoteadas pela multidão e pelos cavalos. Algumas levaram tiros e muitas foram agredidas pela polícia. Uma criança de 10 anos foi morta por um policial que, logo em seguida, foi morto por um cabo do exército, revoltado com tamanha agressão e barbaridade.



Passeata das Crianças. Foto retirada de *Uma nova História do Ceará* (SOUZA, 2002).



Antônio Frederico de C. Mota

Após muita confusão nas ruas de Fortaleza, Antonio Pinto Nogueira Accioly foi pressionado pela população a renunciar. Contam que o Palácio da Luz, sede do Governo, foi cercado durante dias por populares. Trocaram tiros, cortaram a luz e, após alguns dias, Accioly finalmente renunciou.

Após a queda de Nogueira Accioly, partidos políticos começaram a se organizar; contudo, as mesmas forças oligárquicas continuaram no poder, isto é, faziam-se representar nesses mesmos partidos.

As forças políticas dividiram-se da seguinte forma:

- a) "Partido Republicano Democrata", também chamado de "partido rebelista" liderado por Tomás Rodrigues, João Tomé Saboya e Moreira da Rocha;
- b) "Partido Republicano Conservador", liderado por José Accioly (filho de Nogueira Accioly) e Floro Bartolomeu (Juazeiro do Norte).

Nenhuma dessas forças oligárquicas liderou completamente, pois havia constante alternância no poder; no entanto, dominaram a História Política do Ceará durante muito tempo. Esses partidos revezavam-se no poder e, somente em 1930, com a Revolução Getulista, tais partidos foram extintos.

Após todas aquelas manifestações populares, assumiu, então, o governo do Ceará, o vice de Accioly, o Coronel Antônio Frederico de Carvalho Mota, que ficou no poder até as próximas eleições majoritárias.

As eleições para a escolha de novo governante foram bastante concorridas. Disputaram Franco Rabelo e o General Bezerril Fontenele. Esse último, candidato oficial de Nogueira Accioly, foi derrotado por Franco Rabelo.



Presidente Antônio Pinto Nogueira Accioly quando de sua deposição. Foto retirada da *Cronologia Ilustrada de Fortaleza: roteiro para um turismo histórico e cultural*. Vol. 2 (NIREZ, 2001).

4.3.4 1912: tudo igual

Em 1910, Hermes da Fonseca chega à Presidência da República, tendo uma administração bastante agitada, cheia de manifestações populares.

Apesar das pressões, o Presidente da República apoiou a "política das salvações", isto é, acordo político firmado para conseguir manter-se no poder, por isso, indicando Franco Rabelo como candidato ao governo do Ceará.

Essa indicação mobilizou toda Fortaleza, revoltada com Accioly, garantindo a vitória de Franco Rabelo, que foi eleito com uma grande maioria de votos que, não foram suficientes para mantê-lo no cargo de governador do Estado.

Com a vitória nas eleições, Franco Rabelo encerrava o período de domínio da oligarquia acciolyana. Não acabava, entretanto, o poder de Accioly, que ainda tinha o domínio de importantes cargos políticos e, também, contava com a fidelidade de vários deputados estaduais.

Franco Rabelo, para ter sua vitória reconhecida pela Assembléia Legislativa, precisava da aprovação de 16 dos 30 deputados da Assembléia Legislativa. Teve que entrar em acordo com os acciolyistas, em troca da negociação de alguns cargos políticos. Permitiu a indicação de dirigentes dos municípios e, entre eles, a indicação de Padre Cícero para Intendente de Juazeiro.

O Coronel Franco Rabelo assumiu o cargo de governador do Estado com a aprovação de apenas 12 deputados, fiéis a Nogueira Accioly, ferindo a legislação em vigor, que exigia a aprovação de 16 deputados.

Esse fato causou grande revolta e indignação por parte dos correligionários de Rabelo. Ele foi uma grande decepção para seus aliados, fato que gerou grande desgaste de seu governo. Os que haviam apoiado o Coronel acusaram-no de traição.

Em seu governo, teve de enfrentar a "Sedição de Juazeiro", conflito armado exigindo sua renúncia, comandada pelo então deputado federal Dr. Floro Bartolomeu, com apoio ativo do Padre Cícero Romão Batista, fundador de Juazeiro e, na época, grande líder espiritual.

O governador Franco Rabelo mandou as tropas policiais para sufocar a revolta de Juazeiro, contudo, não conseguiu seu intento. Os romeiros revoltosos vieram até Fortaleza, exigindo a deposição imediata de Franco Rabelo. Tomou posse, como Interventor Federal, o Coronel Fernando Setembrino de Carvalho.



Marcos Franco Rabelo

Curiosidades

1. No Governo Accioly foi iniciada a construção do Teatro José de Alencar, inaugurado com a peça "O Dote", de Artur Azevedo. A obra do Teatro José de Alencar levou dois anos para ser construída. Sua estrutura metálica em estilo *art nouveau* foi importada da Escócia. É considerado um dos teatros mais belos do País. É uma casa de espetáculos ampla e confortável. Foi a mais importante obra do Governo Nogueira Accioly. Sua construção foi um fator decisivo para a afirmação do gosto cearense pelas manifestações culturais.
2. Em julho de 1911, o Presidente Antônio Pinto Nogueira Accioly iniciou obras de abastecimento de água e esgotos sanitários de Fortaleza, com a montagem de duas caixas d'água de ferro. Iniciou, também, a implantação dos canos para fornecimento de água encanada e sistema de esgotos.



Teatro José de Alencar – Foto: Dário Gabriel.



Caixas d'água na Praça Visconde de Pelotas, no Benfica, trabalho de abastecimento de água de Fortaleza interrompido por 13 anos. Foto: Dário Gabriel.

Refletindo

- *Fortaleza sempre teve a tradição de resistência e oposição contra as forças retrógradas. A população revoltou-se contra os desmandos do Governo Accioly.*
- *Foram incendiadas a casa de Nogueira Accioly e a "Fábrica Progresso", também de sua propriedade. Cerca de 1.500 pessoas cercaram o palácio de Nogueira Accioly que ficou sem água, luz e alimentos.*
- *Os opositores de Nogueira Accioly exigiram:*
 - a) *que ele não mais se candidatasse ao Governo do Ceará;*
 - b) *que ele pedisse ao Presidente da República ajuda para conseguir permanecer na Presidência do Estado;*
 - c) *que ele deixasse, imediatamente, o Palácio da Luz;*
 - d) *mas permitiram que fosse para o sul do Brasil, com toda a família, deixando em Fortaleza dois familiares como reféns.*

4.3.5 1912: a “Sedição”

*Vou pedi meu Padim Ciço
Vou pedi com devoção
Padim Ciço neste mundo
É nossa sarvação
Cura espinhela caída
Sabe fazer oração
Tira demônio do corpo
Afugenta tentação.*

*Vou pedi meu Padim Ciço
Prá minha égua rezá
Tira quebranto da égua
Outras mazelas tirá
Vou pedi meu Padim Ciço
Pra minha égua benzê
Ela anda descadeirada
D’oio direito não vê*

(ALENCAR, 1987)



Floro Bartolmeu e Pe. Cícero

Teve início, em dezembro de 1912, na cidade de Juazeiro do Norte, o movimento armado que culminou com a deposição do então governador do Estado, o Coronel Marcos Franco Rabelo.

O movimento foi comandado pelo deputado federal Floro Bartolomeu da Costa, sob o patrocínio do Padre Cícero Romão Batista, com oposição ao Governo de Franco Rabelo.

Floro Bartolomeu da Costa, após trabalhar nos sertões de Pernambuco e na Bahia, como jornalista, médico e tabelião, chegou em Juazeiro do Norte no ano de 1908, em companhia de um cidadão francês à procura de minérios e pedras preciosas.

Tornou-se rapidamente amigo de Padre Cícero. Ele foi homem de confiança, médico particular e, também, exercia grande influência sobre Padre Cícero.

Tudo começou da seguinte forma: Floro Bartolomeu resolveu a questão da mina de Coxa de propriedade de Padre Cícero, demarcando os limites de terra à força, e não de forma legal e, com o consentimento do Padre, formou um grupo de jagunços e, à bala, demarcou as terras.

Esse médico teve grande destaque na História do Ceará, contribuindo de forma decisiva na emancipação de Juazeiro, pois tornou-o município. Antes, era apenas Distrito do Crato.

Com apoio de Pe. Cícero, elegeu-se deputado estadual e logo depois, deputado federal.

Em 1909, Juazeiro do Norte deixou de recolher impostos e mobilizou mais de mil pessoas para um confronto aberto em oposição ao Governo estadual. Esse fato fez com que, no ano de 1911, Nogueira Accioly cedesse às pressões populares e, principalmente, de Floro Bartolomeu, tornando Juazeiro do Norte município e nomeando Padre Cícero como 1º Intendente.

Padre Cícero fez história e tornou-se o maior líder político do Cariri. Juntamente com Floro Bartolomeu, influenciou nas eleições para Presidente da República, ajudando a eleger o Marechal Hermes da Fonseca.

Em 1911, durante o governo do Presidente da República Hermes da Fonseca, o Ceará foi palco de um movimento rebelde de sertanejos. Essa revolta, ocorrida em Juazeiro, foi liderada por **Padre Cícero Romão Batista**, pessoa muito querida entre o povo nas proximidades do Cariri e até mesmo em outras cidades do Nordeste.

Os sertanejos do “Padim Ciço” lutavam para derrubar o Presidente do Ceará, que havia sido colocado no poder pelo Presidente Hermes da Fonseca, o mesmo que havia contribuído para a derrubada do poder da família Accioly e colocado em seu lugar o Coronel Franco Rabelo.

Ocorreu que os Accioly eram velhos aliados do Padre Cícero, o qual havia assinado, com outros coronéis do sertão da região, um acordo, pelo qual esses poderosos se comprometiam a se protegerem mutuamente, garantido a permanência dos Accioly no Governo estadual.

Padre Cícero não se limitou apenas a ficar na igreja, rezando missa, fazendo batizado e encomendando defuntos. Como grande líder que era, assumiu, também, destacado papel na política. Foi eleito Intendente de Juazeiro e Vice-Presidente do Ceará, quando o Presidente do Estado era o Dr. Nogueira Accioly.

Era, portanto, aliado político dos Accioly e, como tal, havia assumido o compromisso de garantir a oligarquia accioly na direção do Estado. Por isso mesmo, quando aconteceu a revolta popular em Fortaleza, que terminou derrubando Nogueira Accioly do Governo, o Padre Cícero liderou um movimento armado – **a Sedição de Juazeiro** – que tinha por objetivo expulsar o novo Presidente do Ceará, o Coronel Franco Rabelo, e entregar o Governo, de volta, à Accioly.

A **Sedição de Juazeiro** foi um movimento armado, ocorrido no Ceará entre os anos de 1913 e 1914. Para entender a Sedição, precisamos lembrar que o governo de Franco Rabelo só foi efetivado por um acordo firmado com Nogueira Accioly, obtendo o apoio de deputados da Assembléia Legislativa para eleger-se.

Em 1912, os representantes da Assembléia Legislativa tentaram acabar com o mandato de Franco Rabelo, mas não conseguiram. Outras tentativas foram feitas e, novamente, fracassadas. Por fim, para a esperada deposição de Rabelo, foi necessária a intervenção de Padre Cícero e Floro Bartolomeu, que lutaram e conseguiram a cassação de Franco Rabelo.

A revolta contra o governo Franco Rabelo decorria, também, do fato de que esse governante estava perseguindo e demitindo todas as pessoas que eram aliadas dos Accioly's no Ceará. O Padre Cícero chegou a ser demitido do posto de Intendente de Juazeiro.

Além disso, sob o pretexto de combater os cangaceiros, Franco Rabelo enviou tropas policiais para invadirem o Cariri, ocasionando saques e muita destruição nas cidades por onde passavam, além de perseguirem e prenderem vários partidários da oligarquia acciolyana.

Por isso mesmo, na **Sedição de Juazeiro**, o Padre Cícero teve que pedir apoio de muita gente: os coronéis do sertão, que eram chefes políticos e, também, aliados da oligarquia acciolyana; os cangaceiros, que colocaram suas armas à disposição, bem como uma multidão deromeiros, vindos de outras regiões do Ceará e da Paraíba, de Pernambuco e do Rio Grande do Norte – todos dispostos a morrer para defender o "Padim Ciço".

Chegando a Fortaleza, o grupo rebelde conseguiu, finalmente, tirar Franco Rabelo do poder. Em seu lugar, o Presidente da República, na época, o Marechal Hermes da Fonseca (1910 a 1914), colocou outro dirigente, que ficou como interventor, até serem realizadas novas eleições.

Podemos dizer que a **Sedição de Juazeiro** foi vitoriosa? Na verdade, ela conseguiu o objetivo a que se propunha: derrubar o Coronel Franco Rabelo do governo; no entanto, como toda revolta armada, teve como conseqüências mortes, fome, miséria, destruições, roubos, saques de cidades e muita violência.

Além da **Sedição de Juazeiro**, aconteceu também no Cariri, durante a República Velha, outro fato ligado ao Padre Cícero, muito importante na História do Ceará: o "Fenômeno do Caldeirão", que veremos no decorrer deste livro.

Curiosidades

1. No Ceará, após a Sedição de Juazeiro, foram formados dois grupos partidários: os democratas e os conservadores.
2. Os integrantes do Partido Conservador cearense também eram chamados de "marretas".

Refletindo

- *O "Pacto dos Coronéis" aconteceu em 4 de outubro de 1911. Foi assinado e registrado em cartório. Ocorreu quando Padre Cícero era Intendente de Juazeiro e, aconselhado por Floro Bartolomeu, reuniu 17 lideranças do vale do Cariri, selando um acordo que pretendia acabar com as sangrentas lutas locais entre os coronéis que usavam a força para ganhar suas causas e selar o apoio a Nogueira Accioly, colocando-se a favor. O Pacto não atingiu*

seus objetivos e, em janeiro de 1912, Nogueira Accioly foi deposto numa revolta popular. Após a Sedição de Juazeiro, os fazendeiros da região do Cariri voltaram a disputar o poder local em brutais conflitos armados.

- *Os partidos dessa época não tinham ideologia, isto é, um objetivo social ou ideal. A única reivindicação política a atingir era a participação na distribuição de prestígio, poder e cargos oficiais.*
- *Nesse período, o Presidente da República decidia a política que deveria orientar os estados brasileiros e, assim, todos os setores da política eram submetidos aos seus desígnios.*

4.3.6 1914: a intervenção

Em 15 de março de 1914, foi nomeado pela Presidência da República como interventor do Ceará o General Setembrino de Carvalho, homem de confiança do Presidente, Hermes da Fonseca.

No seu governo, uma das primeiras medidas foi entrar em contato com Floro Bartolomeu e com Padre Cícero, com o objetivo de fazer retornar de Fortaleza ao sul do Ceará (Cariri) as pessoas que ajudaram a derrubar Franco Rabelo, para reorganizar suas bases de apoio político.

A assessoria de Setembrino de Carvalho foi composta pelas principais forças envolvidas no combate da *Sedição de Juazeiro*, ocasião em que oligarcas e coronéis, apoiados, também, pelo Presidente Hermes da Fonseca e pelo senador Pinheiro Machado, conseguiram legitimar a deposição de Franco Rabelo.

Em 15 de maio de 1914, realizaram-se eleições para a Presidência do Estado, cujo eleito concluiria o mandato interrompido de Franco Rabelo, até o ano de 1916.

O Presidente Hermes da Fonseca, por sua vez, impunha aos cearenses a candidatura de Liberato Barroso como forma de atenuar ressentimentos dos oficiais das Forças Armadas, após a queda de Franco Rabelo.

Para a primeira, segunda e terceira vice-governadorias do Estado do Ceará, foram indicados, respectivamente: o Padre Cícero Romão Batista, Aurélio de Lavor e Gustavo Lima.

Os partidários de Franco Rabelo não lançaram candidatos e somente Benjamin Liberato Barroso concorreu à eleição como candidato da oposição. Um grande número de eleitores de Fortaleza não compareceu às urnas por considerar, ainda, Franco Rabelo legítimo governador do Estado. Já no restante do Estado, mobilizaram razoável número de eleitores. Os coronéis, por meio de fraudes e violência, conseguiram, mais uma vez, impor a vitória de seu candidato: Liberato Barroso.

Assim, em 12 de julho de 1914, acabou a intervenção federal e o poder foi entregue a Benjamin Liberato Barroso, eleito por quantidade inexpressiva de votos.



Fernando Setembrino de Carvalho

O Coronel Benjamim Liberato Barroso já havia governado, por pouco tempo, o Ceará, em 1892, quando da deposição do Presidente Clarindo de Queiroz. Ficou afastado do poder por 22 anos e sua vitória na eleição deu-se, também, pelo apoio de Hermes da Fonseca.

Quando reassumiu o Governo em 1914, encontrou o Ceará em péssima condição econômica e foi obrigado a fazer novas alianças, desprezando o apoio dado pelos conservadores acciolyinos, procurando adequar-se às exigências impostas pelo Presidente Hermes.

Liberato Barroso, vendo-se pressionado pela conjuntura política e econômica, passou a perseguir, violentamente, os antigos rivais. Entre suas medidas, destacaram-se:

- a) vetou um projeto de lei que indenizaria Floro Bartolomeu pelos gastos na "Sedição de Juazeiro";
- b) dissolveu o Batalhão da Polícia do Estado, formando novo grupo armado, composto, principalmente, de jagunços, com o intuito de desarticular o esquema militar existente em Juazeiro; e
- c) colocou em ação o poder de repressão contra quem fizesse oposição ao seu governo.



Benjamim Liberato Barroso

Pressionado pelo subsequente Presidente da República, Venceslau Braz, Liberato Barroso indicou, como seu sucessor, João Tomé de Sabóia e Silva, engenheiro e rico fazendeiro vindo do norte do Ceará. Essa candidatura foi aceita pelas principais correntes políticas do Estado e João Tomé assumiu o governo do Ceará.

Em 1916, iniciou-se, então, o Governo de João Thomé de Saboya. Sua administração foi marcada por incentivos à economia. Entre suas principais medidas, encontravam-se:

- a) colocou em dia o funcionalismo público;
- b) construiu açudes, poços e estradas;
- c) conseguiu, com a ajuda do Presidente da República, Epitácio Pessoa, melhorar a safra agrícola entre 1916 e 1918. Nesse período, a safra de algodão mostrou enorme crescimento, sendo responsável por cerca de 75% da renda total do Ceará.



João Tomé de Sabóia e Silva

No Governo de Thomé de Saboya, Fortaleza atravessava fase de grande crescimento. Os trabalhadores começavam a se organizar para lutar em favor dos seus direitos; foi uma época conhecida pela crescente onda de movimentos populares, que eclodiam nas mais diversas localidades do Ceará.

A cidade de Fortaleza tomava ares de modernidade, aparecendo os primeiros automóveis, os bondes elétricos e casas de espetáculos, como o famoso "Cine Majestic", localizado na Praça do Ferreira.

João Tomé de Saboya, contudo, permanecia totalmente ligado às antigas oligarquias, sendo, inclusive, candidato de consenso de todos os partidos da época. Apesar disso, ele não conseguiu manter por muito tempo aliança com esses grupos políticos e sua intenção de reeleição não foi acatada pelo Presidente da República, Epitácio Pessoa, que indicou, para seu lugar, Justiniano de Serpa, que venceu as eleições desse período.



Bonde Elétrico

Curiosidades

1. Em 1914, chegou energia elétrica em Fortaleza, pela "Ceará Light & Power Co", eletrificou bondes, antes puxados por burros que desenvolviam pouca velocidade e costumavam sujar a cidade. Os bondes elétricos eram mais velozes e passaram a cobrir os pontos mais distantes da cidade. Os novos bondes e o aumento do número de automóveis passaram a demandar uma urgente política de trânsito e de pavimentação de ruas.
2. Em 1915 foi fundado o Círculo Operário Católico (São José de Fortaleza) pelo bispo Dom Manuel. Esta fundação era de caráter assistencial e pretendia harmonizar os interesses divergentes entre capital e trabalho. Além de assistir os trabalhadores, lutavam contra o anticlericalismo e, especialmente, a influência da maçonaria.
3. Em 1919, o engenheiro e ex-Presidente do Ceará, Thomé de Saboya, realizou as primeiras experiências, visando à obtenção de chuvas artificiais, para resolver nosso eterno problema de falta de chuvas.
4. Em 1919, foi criado o Partido Socialista, com o objetivo de denunciar as péssimas condições de vida e trabalho dos operários cearenses, como: baixos salários, alto preço de gêneros alimentícios, falta de higiene no local de trabalho, as longas jornadas de trabalho etc.

Refletindo

- Na noite de 10 de outubro de 1917, foi assassinado o industrial Delmiro Gouveia, cearense de Ipu. Na ocasião, Delmiro estava sentado na varanda lateral de sua casa, lendo os jornais à luz da lâmpada elétrica e, por volta das 20 horas, três tiros o atingiram, fazendo-o tombar gritando: "Mataram-me. Tirem-me o paletó. Qual foi o cabra que atirou em mim?" Quinze minutos depois, cerrava os olhos para esta vida. Diz-se que foi vítima dos estrangeiros, pois sua fábrica de linha vinha concorrendo, com maior vantagem, sobre as importações e tornou-se uma ameaça para o mercado internacional. Foi próspero comerciante na cidade do Recife, onde construiu o moderno Mercado do Derby, único no gênero em todo Brasil. A 24 km da cidade de Cachoeira, em Alagoas, como homem de visão que era, implantou, na então Vila das Pedras, a florescente cidade que hoje tem seu nome. Ali instalou uma indústria de linhas, competindo com os produtos similares estrangeiros. Fez construir uma vila especial para seus operários e instalou água encanada nas residências. Teve, ainda, idéia do aproveitamento da Cachoeira de Paulo Afonso para a geração de energia elétrica, a fim de movimentar as máquinas de sua fábrica e iluminar a cidade que fundou. Na Região Nordeste, fez surgir indústrias de linhas, havendo adquirido máquinas inglesas da firma Dobson & Barlow. A matéria-prima era o nosso algodão.
- A Primeira Guerra Mundial aconteceu no período de 1914 a 1918 e foi um conflito que envolveu muitos países, inclusive o Brasil. Essa Guerra contribuiu para que muita coisa mudasse no mundo e, como consequência, muita coisa mudasse, também, no Brasil. Depois da Guerra, o mundo passou a viver uma época de grandes transformações; mas, no Brasil, o sistema político das oligarquias cafeeiras não possibilitava que acontecessem mudanças. Por isso, o poder dessas oligarquias começou a ser contestado por alguns grupos da sociedade brasileira: os industriais, a classe média urbana e a classe operária. Esses grupos, fortalecidos após a Primeira Guerra Mundial, ficaram com mais condições de exigir mudanças no Brasil. Até a época dessa grande Guerra, a política econômica do Brasil privilegiava, exclusivamente, a agricultura. Qualquer tentativa de privilegiar outra atividade, como, por exemplo, a indústria, era logo condenada pelos grandes fazendeiros. Durante a guerra, muitas indústrias européias fecharam, fato que provocou a diminuição, ou até mesmo, o fim das exportações. Não podendo mais comprar os produtos industrializados de que precisava, o Brasil passou a produzi-los aqui mesmo, ocasionando um grande desenvolvimento na indústria brasileira.
- No dia 05 de março de 1914, pela ameaça da invasão dos jagunços de Juazeiro do Norte, para derrubar o Governo de Franco Rabelo, e pela total falta de segurança oferecida à população, foi suspenso o tráfego dos bondes; foram fechados colégios, repartições públicas, casas de diversões, indústrias e o comércio.
- O desenvolvimento das indústrias e o crescimento das cidades contribuíram para que os industriais, a classe média urbana e a classe operária,

Refletindo

ficassem bem mais numerosos e, portanto, com maior força para contestar a oligarquia cafeeira existente e exigir mudanças no Brasil. É bom lembrar que os grupos urbanos não dependiam dos grandes fazendeiros para viver. Por isso, para eles, era muito mais fácil contestar esses fazendeiros. Os industriais (constituídos por imigrantes e por brasileiros que haviam investido dinheiro na industrialização) exigiam que fossem criadas leis de proteção à indústria, uma vez que, depois da guerra, ela passara também a dar lucros ao Brasil, sendo, portanto, um setor forte da economia brasileira. A classe média urbana (militares, escritores, artistas, políticos, pequenos comerciantes, bancários, funcionários públicos) lutava por mudanças nas condições de vida: contra a carestia dos aluguéis, dos transportes, dos alimentos. Lutava, também, contra os meios usados pela política "café-com-leite", exigindo reformas eleitorais, voto secreto, e a moralização das eleições. Os operários eram os que mais sofriam... Lutavam por melhores condições de vida e por uma política trabalhista que protegesse os seus direitos. Para conseguir o que reivindicavam, os operários fizeram inúmeras greves como meio de forçar os patrões a melhorar as péssimas condições em que trabalhavam e viviam.



Delmiro Gouveia

4.3.7 1915: a seca

*A vida aqui só é ruim
quando não chove no chão.
Mas se chover dá de tudo
fartura tem de porção.
Tomara que chova logo
tomara, meu Deus tomara!
Só dêxo o meu Cariri
no último pau-de-arara.
Enquanto a minha vaquinha*

*tiver o couro e o osso
e pudé com um chocalho
pendurado no pescoço,
eu vou ficando por aqui.
Que Deus do céu me ajuda,
quem foge da terra natal,
em outro canto não pára
só dêxo o meu Cariri
no último pau-de-arara.*

ÚLTIMO PAU-DE-ARARA
(VENÂNCIO/ CORUMBA/ JOSÉ GUIMARÃES)



Seca de 1915

Em 1915, o Ceará foi atingido por longa estiagem. Foi a conhecida "Seca do 15", que ocorreu no período da Presidência do Liberato Barroso. Essa foi uma das piores secas de nossa História.

O Ceará, sem recursos financeiros e pela total insensibilidade do Governo brasileiro, enfrentou uma situação muito difícil, quando:

- a) camponeses e animais morriam de fome e de doenças;
- b) mais de 40 mil nordestinos migraram para a Amazônia e para o sul do País;
- c) o solo nordestino tornou-se improdutivo em razão da falta de chuvas;
- d) aumentaram a pobreza, o número de cangaceiros e todo tipo de violência política, econômica e social.

Sobre a "Seca de 15", a escritora cearense Rachel de Queiroz descreveu o cenário cearense durante esse grande flagelo:

Novamente a cavalo no pedrês Vicente marchava através da estrada vermelha e pedregosa, orlada pela galharia negra da caatinga morta. Os

cascos do animal pareciam tirar fogo nos seixos do caminho. Lagartixas davam carreirinhas intermitentes por cima das folhas secas do chão que estalavam como papel queimado.

O céu, transparente que doía, vibrava, tremendo feito uma gaze re-puxada.

Vicente sentia por toda parte uma impressão ressequida de calor e aspereza.

Verde, na monotonia cinzenta da paisagem, só algum juazeiro ainda escapa à devastação da rama... E o chão, que em outro tempo a sombra cobria, era uma confusão deslocada de galhos secos, cuja agressividade ainda acentuava pelos espinhos (QUEIROZ, 1948, p. 12).

Essa importante escritora cearense faleceu no dia 4 de novembro de 2003. No livro indicado acima, Rachel deixou claro que a miséria nordestina não ocorria apenas pela questão climática (falta de chuva), como era dito pelas oligarquias; na verdade, a pobreza acontecia pela importância que o Governo não dava à questão da seca no Nordeste brasileiro.

4.4 1920: a crise

Muita gente estava descontente com o Governo brasileiro. Industriais, setores da classe média urbana e as classe trabalhadoras. Cada um tinha os seus motivos de insatisfação contra o governo, e só visava ao atendimento dos seus próprios interesses, isto é, dos privilégios dos produtores de café.

Na década de 1920, essas insatisfações aumentaram e o Brasil foi abalado pelas revoltas armadas. Por que as insatisfações e revoltas se intensificaram somente na década de 20? Vejamos, a Primeira Guerra Mundial terminou em 1918 e, depois da Guerra, o mundo passou a viver uma época de grandes transformações.

Aconteceram mudanças políticas, sociais e econômicas em todo o mundo. Surgiram países e outros deixaram de existir. Algumas ideologias (comunismo, capitalismo) passaram a predominar, influenciando e alterando o modo de viver... Até nas artes e na literatura ocorreram mudanças.

Parecia que o mundo queria se libertar das lembranças e iniciar outra era. Tudo mudava, mas, no Brasil, a república dos fazendeiros de café continuava com o mesmo modelo político ultrapassado. Marginalizava-se a maioria do povo brasileiro e, utilizando de meios corruptos e desonestos para se manter no poder, a oligarquia cafeeira, ao contrário do que acontecia no mundo, não aceitava qualquer tipo de mudança, temendo pôr em risco os seus interesses.

A partir de 1920, entretanto, um grupo levantou-se contra o governo dos fazendeiros. Foram os oficiais do Exército, especialmente os de baixa patente: os cadetes, tenentes e capitães, que lideraram a chamada Revolta Tenentista.

Formados na concepção “salvacionista”, isto é, de que a missão do Exército era salvar o Brasil do caos, esses oficiais não se conformavam com o tipo de governo que havia se instalado no País. A revolta aumentava, ainda mais, por causa da carestia de vida.

Contribuiu, também, para aumentar a revolta desses oficiais o fato de o Governo privilegiar muito mais as forças públicas estaduais (Polícia) do que o Exército. E, acima de tudo, revoltavam-se por serem sistematicamente obrigados a pegar em armas e lutar em defesa de um Governo que condenavam.

A situação era essa, de muita desconfiança, quando em 1922, aconteceram as eleições para escolha do Presidente da República, nos mesmos moldes corrompidos da “política café-com-leite” ao eleger um paulista, ou um mineiro, que apenas revezavam-se no poder. Antes das eleições serem realizadas, todo mundo já sabia qual o próximo candidato que seria eleito para governar o Brasil.

Então, dezoito oficiais que serviam na Escola Militar e no Forte de Copacabana, no Rio de Janeiro, revoltados contra tanta corrupção e mesmice, resolveram se rebelar, impedindo, pela força das armas, que o novo Presidente eleito (o paulista Arthur Bernardes), tomasse posse do Governo e continuasse perpetuando o domínio “café-com-leite” no Brasil.

Essa revolta, conhecida como a “Revolta dos Dezoito do Forte de Copacabana”, foi um protesto contra tudo o que havia de corrupto na República dos Fazendeiros.

Esse movimento, no entanto, foi esmagado e só dois dos oficiais conseguiram sobreviver; mas, dois anos mais tarde, em 1924, ocorreu nova revolta, conhecida como “Tenentista”, dessa vez, em São Paulo. Outra vez, as tropas do governo agiram com rapidez e os revoltosos, para não se renderem, tiveram que sair de São Paulo, fugiram em direção ao sul do Brasil.

Chegando ao Paraná, os oficiais paulistas encontraram-se com outro grupo de oficiais rebeldes, vindos do Rio Grande do Sul. Uniram-se e formaram o movimento chamado “Coluna Prestes”, liderado pelo Capitão Luís Carlos Prestes.

Durante dois anos, a “Coluna Prestes” percorreu o interior do Brasil, tentando, por onde passava, fazer com que a população se rebelasse contra a “República café-com-leite”.

Nessa caminhada, os tenentes puderam observar as injustiças sociais, os sofrimentos e a miséria do povo brasileiro. Eram muito maiores do que se podia imaginar. Puderam, ainda, constatar que o domínio e a exploração, exercidos pelos “coronéis do sertão” sobre os sertanejos, eram tão fortes que, dificilmente, o povo teria igualdade de condições de lutar contra o Governo que os oprimia.

Sem apoio e, por isso mesmo, sem condições reais de vitória, a “Coluna Prestes” terminou por se desfazer, mas seus integrantes não desistiram de lutar para mudar a situação do Brasil.



Justiniano de Serpa

4.4.1 Década de 1920: a oligarquia continua...

Justiniano de Serpa, de origem humilde, com muito esforço e estudo, conseguiu fazer carreira política. Foi jornalista, advogado, juiz de Direito, exerceu por várias vezes o cargo de deputado e participou de campanhas abolicionistas e republicanas.

Cumpriu vários mandatos legislativos no Pará, local onde teve que se refugiar em razão das perseguições exercidas pelos integrantes da oligarquia Accioly.

Em julho de 1920, Justiniano de Serpa tomou posse no cargo de governador do Ceará. Em seu governo, realizou várias obras, como:

- a) deu continuidade à construção de obras contra as secas;
- b) reorganizou a área educativa, trazendo o paulista Lourenço Filho para introduzir reformas no sistema educacional; e
- c) realizou algumas mudanças na Constituição estadual, como a proibição da reeleição consecutiva de governantes e acumulações de cargos remunerados, eleições diretas para intendentess (menos de Fortaleza), garantia de que os funcionários públicos não podiam ser demitidos sem haver um inquérito administrativo e direito de defesa.

O clima de violência social e política no Ceará, entretanto, nesse período, fez com que Justiniano de Serpa se aliasse e apoiasse o candidato das oligarquias tradicionais, Arthur Bernardes, para a Presidência da República do Brasil.



Ildefonso Albano

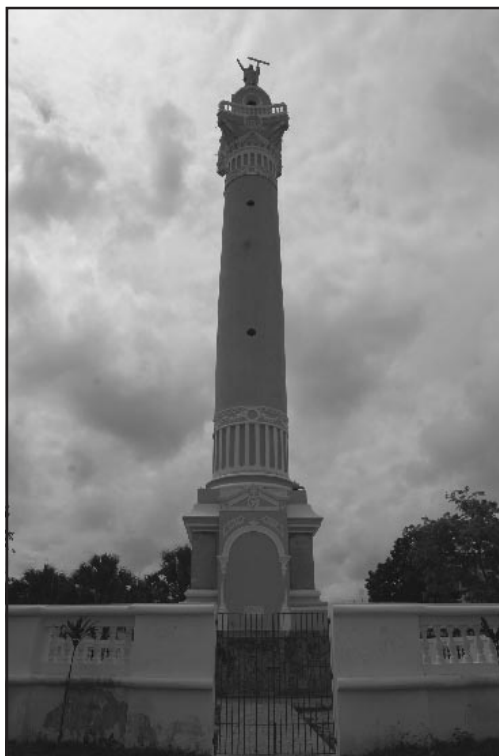
Em julho de 1923, Justiniano, por motivo de doença, renunciou ao cargo de Presidente do Estado, transferindo o poder para seu vice, Ildefonso Albano, ex-Intendente de Fortaleza no Governo de Franco Rabelo (no período compreendido entre 1912 a 1914). Um mês depois, Justiniano de Serpa morreu no Rio de Janeiro.

Ildefonso Albano assumiu, então, a direção do Ceará. Sua administração não foi de grandes realizações, dedicou-se, apenas, à sucessão no governo. De início, indicou para seu sucessor o companheiro de Partido Democrata, o ex-Presidente do Ceará, João Tomé de Sabóia e Silva. Teve divergências com os conservadores, que não aceitavam sua indicação.

Assim, mais uma vez, o poder central decidiu a composição da chapa para o cargo de Governador do Ceará. O Presidente da República, Arthur Bernardes, indicou José Moreira da Rocha (o Desembargador Moreira) para governar o Ceará.

Curiosidades

1. Em 1922, o Presidente Justiniano de Serpa baixou o decreto nº 1971, instituindo, oficialmente, o pavilhão estadual que deve ser idêntico ao nacional, substituindo o globo azul por um branco, no qual deverão figurar as armas do Estado. A bandeira foi criada pelo comerciante João Tibúrcio Albanos que, ao hastear a bandeira do Maranhão, terra de sua esposa, em sua residência, achou por bem ladear a bandeira do Ceará. Como essa ainda não existia, resolveu a situação colocando a bandeira nacional com o escudo do Ceará no lugar do globo.
2. Em 1922, foi construída a torre do Cristo Redentor para comemorar o centenário da Independência do Brasil, na praça Comendador Machado (hoje Cristo Redentor). A torre mede 35 metros de altura, com 3 metros de circunferência.
3. Em 1925, foi instituída a Associação Cearense de Imprensa, com a denominação de Associação dos Jornalistas Cearenses, tendo como primeiro presidente César Magalhães.
4. Em 1926, foi inaugurado, oficialmente, o Serviço de Abastecimento de Água de Fortaleza, pelo Presidente do Ceará, Desembargador José Moreira da Rocha.
5. Em 1927, faleceu no Rio de Janeiro o grande historiador e escritor Capistrano de Abreu. Ele nasceu no ano de 1853, em Maranguape, no sítio Columinjuba. Foi autor de muitas obras e considerado um dos grandes historiadores brasileiros. Escreveu a obra denominada *Descobrimento do Brasil e seu desenvolvimento no Século XVI*, ainda, *Capítulos da História Colonial*.



Torre do Cristo Redentor. Foto: Dário Gabriel.

- *Em razão das represálias e pela resistência de Nogueira Accioly em deixar o poder, cortaram o abastecimento d'água em Fortaleza. Os canos foram cortados e danificados, interrompendo o fluxo de água encanada que vinha do açude Acarape.*
- *Ainda na década de 1920, a política no Ceará era fortemente dominada pelos "coronéis do sertão", isto é, pelas oligarquias que insistiam em perpetuarem-se no poder.*
- *Nos anos 20, Fortaleza inspirava-se nos padrões franceses. O modo de vestir, bem como a "higienização" dos espaços públicos, eram importados da França.*
- *Semana da Arte Moderna – a intelectualidade brasileira promoveu, a partir de 13 de fevereiro 1922, em São Paulo, a Semana da Arte Moderna. Os artistas participantes revelaram ao público que era possível fazer arte moderna verdadeiramente nacional. Com esse espírito, os modernistas trouxeram temáticas nacionais para o centro de suas obras, valorizando o povo brasileiro. A Semana de 22 foi um escândalo, pois rompeu com velhas tradições estéticas importadas da Europa, modificando a linguagem, as formas de expressão artística, o gosto musical e literário, contestando as regras vigentes.*

4.4.2 1924: o Desembargador

José Moreira da Rocha (Desembargador Moreira) governou o Ceará de 1924 até 1928 e realizou um dos piores mandatos da História do Ceará, porque:

- a) uniu-se ao partido conservador de José Accioly, teve seu governo marcado por perseguição política contra os seus opositores;
- b) durante seu governo eram comuns espancamentos, saques, invasões, incêndios, demissões arbitrárias, clientelismo, isto é, troca de favores políticos e corrupção; e
- c) como governante, inaugurou, parcialmente, o serviço de água e esgoto de Fortaleza. Consolidou a utilização da Ponte dos Ingleses (Ponte Metálica) como ponte de desembarque no porto e realizou nova reforma na Constituição Estadual.

Em 1925, a população de Fortaleza revoltou-se contra o péssimo sistema de transportes, horários e preços da companhia inglesa de bondes "The Ceará Transway, Light & Power". Os bondes foram quebrados e houve uma grande concentração de pessoas na Praça do Ferreira. A população entrou em confronto com a polícia, ocasionando o fechamento do comércio, a suspensão de aulas do Liceu e a intensificação de policiamento.

Neste período, houve comentários de que a "Coluna Prestes" estaria vindo ao Ceará. O Presidente da República Arthur Bernardes convocou o deputado Floro Bartolomeu ao Palácio do Catete no Rio de Janeiro, com o intuito de que este chamasse os jagunços e os coronéis do sertão para lutarem a favor do Governo.



José Moreira da Rocha

Para proteger o território cearense, Floro Bartolomeu recebeu grande quantidade de material bélico, recursos financeiros e organizou um batalhão para defender o Ceará. Convidou Lampião para participar do combate e pediu que Padre Cícero intercedesse junto ao cangaceiro. Lampião recebeu uma falsa patente de Capitão do Exército, armas e munições para o combate. Com o apoio das autoridades, seguiu para Juazeiro com 50 homens. Para evitar conflitos desnecessários, no entanto, Luis Carlos Prestes mudou sua rota e entrou na Paraíba, frustrando a defesa armada pelas oligarquias cearenses.



Lampião



Eduardo Girão

Em maio de 1928, o Desembargador Moreira, por motivos de saúde, renunciou ao poder cearense, dirigindo-se à capital da República, morrendo em seguida.

Assumi, então, o Governo do Ceará, seu vice, Eduardo Henrique Girão, que conseguiu o grande feito de reaproximar os Partidos Democrata e Conservador. Com a união desses dois partidos, conseguiram eleger para o Governo do Ceará o jurista José Carlos de Matos Peixoto, que conservou as estruturas do poder dominadas pela oligarquia cearense.

José Carlos de Matos Peixoto, que deveria governar até 1932, foi deposto pela Revolução de 1930, como veremos a seguir.

4.5 1930: a Era Vargas



Getúlio Vargas

Em 1930, um movimento armado destituiu do poder o então Presidente da República Washington Luís, assumindo Getúlio Vargas. Esse movimento ficou conhecido como a "Revolução de 30", que objetivava pôr fim ao domínio das oligarquias agrárias no Brasil, possibilitando, assim, que outras forças políticas chegassem ao poder.

Essa revolução foi fruto de uma crise que já vinha se arrastando desde 1920, em razão do fortalecimento de novos segmentos da sociedade: burguesia industrial, burguesia comercial, classe média e trabalhadores, que se sentiam prejudicados pelo poderio das oligarquias.

Tais classes, também, uniram-se a uma parte dos integrantes do movimento “Tenentista”, formado por jovens militares da República Velha e pelas oligarquias dissidentes, que estavam ressentidas com a hegemonia política, isto é, com a permanência no poder de mineiros e paulistas na vida política nacional.

Além disso, essas forças emergentes não conseguiriam acesso imediato ao poder, sem contar com a “ajuda” dos oligarcas dissidentes que haviam se desentendido nas eleições presidenciais de 1930, diminuindo, assim, a força das antigas oligarquias tradicionais.

Da mesma forma, como aconteceu em outros estados nordestinos, o Ceará também logo aderiu à Revolução de 30, inclusive, pelo envolvimento direto de um militar cearense, Juarez Távora, um dos tenentes das “Revolutas Tenentistas”, liderando o movimento rebelde aqui no Ceará. Mais tarde, quando a revolução saiu vitoriosa, Juarez Távora foi nomeado, por algum tempo, representante oficial do governo revolucionário de Vargas, em todo o Nordeste.



Juarez Távora

Os antecedentes desse movimento revolucionário iniciaram-se em 1929. O mundo inteiro, inclusive o Brasil, estava atravessando uma grande crise econômica, como consequência de uma expressiva diminuição nas importações. O preço do café caiu assustadoramente, causando grandes prejuízos aos cafeicultores.

Com essa crise econômica, vieram as consequências: o desemprego, a inflação, a baixa de salários, aumentando ainda mais a insatisfação dos brasileiros com a República “café-com-leite”.

Em 1930, em meio a esse período de crises e de muita insatisfação, começaram as campanhas eleitorais para escolha do próximo Presidente da República.

A “política café-com-leite” mantinha-se por um acordo político firmado entre São Paulo e Minas Gerais, para que só esses dois estados pudessem se alternar no poder. Na eleição anterior a 1930, tinha sido eleito um paulista, Washington Luís, e, para que o acordo fosse cumprido, o próximo candidato à Presidência da República deveria ser indicado por Minas Gerais.

Em virtude das graves consequências da crise econômica, que atingia muitos cafeicultores, acreditava-se que somente um paulista poderia atender às necessidades de São Paulo. Rompeu-se, então, o acordo firmado entre Minas Gerais e São Paulo. Assim, Washington Luís impôs que o próximo Presidente da República fosse, novamente, um paulista.

A quebra do acordo, por São Paulo, causou revolta nos políticos mineiros que, imediatamente, passaram a apoiar o candidato de oposição, ou seja, o candidato dos antigos fazendeiros dissidentes. Para Presidente da República, foi indicado um fazendeiro gaúcho, Getúlio Vargas (então governador do Rio Grande do Sul) e para Vice-Presidente, um nordestino, João Pessoa (Governador da Paraíba).

Ocorreram as eleições e, como era de costume na “República café-com-leite”, aconteceram com muitas fraudes, dando, mais uma vez, a vitória ao candidato paulista Júlio Prestes, apoiado pelo Presidente da República Washington Luís.

O assassinato de João Pessoa no dia 26 de julho de 1930 foi o motivo alegado pelos conspiradores para iniciarem a revolução. Apesar do assassinato ter acontecido por questões internas ao Governo da Paraíba, o crime foi de repercussão nacional e, em 03 de outubro de 1930, o levante revoltoso eclodiu em Porto Alegre.

Então, no dia 24 de outubro de 1930, a revolução tornou-se realidade. Recebeu apoio dos industriais, da classe média, dos tenentes e de todos aqueles que estavam insatisfeitos com o Governo.

Com tanta gente apoiando a revolta, facilmente ela poderia transformar-se em uma guerra civil. Para evitar que isso acontecesse, as Forças Armadas deram um golpe militar, afastando Washington Luís da Presidência da República e entregando o Governo do Brasil a Getúlio Vargas, líder da Revolução de 30, em todo o País.

A posse de Getúlio Vargas deu início a um novo período na História da República Brasileira: "a Era Vargas". Essa "Era" compreendeu um longo período, que se iniciou em 1930 e se estendeu até 1945, com três fases diferentes.

O Governo Provisório (1930 a 1932) foi o período em que Getúlio Vargas ocupou a Presidência da República, provisoriamente, ou seja, só enquanto não eram feitas as eleições oficiais para a escolha do novo Presidente da República, fato que aconteceu somente em 1932.

Getúlio Vargas, ao assumir o poder, mudou o antigo sistema político controlado pelos cafeicultores de São Paulo, de maneira que lhe fossem dados amplos poderes para governar o Brasil. Tomou as seguintes medidas:

- a) fechou o Congresso Nacional e as assembleias legislativas dos estados formadas, principalmente, por "políticos café-com-leite";
- b) substituiu os governadores dos estados por pessoas de sua confiança. Nomeou interventores e tornou sem efeito a Constituição Republicana de 1891.

Sem Constituição e com o fechamento do Congresso Nacional e das assembleias estaduais, portanto, sem a ajuda do Poder Legislativo, Getúlio Vargas passou a governar o Brasil, com todos os poderes concentrados em suas mãos.

Curiosidades

1. Os velhos chefes das oligarquias continuaram dominando a política brasileira, mesmo no regime republicano, em diferentes regiões e municípios. Os fazendeiros continuaram controlando as eleições e os votos da massa de eleitores despreparados e dominados pelos "coronéis do sertão";
2. A Revolta do Forte de Copacabana, no Rio de Janeiro, em 1922, marcou o início do Movimento Tenentista. Originou-se do descontentamento com a política da Primeira República que atingia de forma marcante alguns grupos militares do Exército brasileiro. Seus oficiais, especialmente os mais jovens (os tenentes) lançaram-se no movimento, desencadeando revoltas e rebeliões em vários estados e cidades do País.

- *"Essa não é a República dos meus sonhos!". Essa expressão, dita por alguns republicanos, depois de alguns anos da Proclamação, mostra-nos a insatisfação dos republicanos, que acreditavam que com o novo regime haveria mudança nas chefias políticas do País, o que não aconteceu.*
- *Depois da revolução vitoriosa de 30, Getúlio Vargas fez diversas promessas ao povo:*
 - *"Construiremos uma Pátria Nova, onde grandes e pequenos tenham vez, onde todos os seus filhos participem igualmente! A revolução que fizemos foi fruto da vontade do povo, que agora é senhor do seu destino (...). Não haverá lugar para os corruptos que roubam o dinheiro do povo, não haverá lugar para o desrespeito à lei, para favores políticos, para a injustiça e a farsa."*
- *O que você achou dessas promessas? Iguais oportunidades para todos, participação, respeito à vontade do povo, honestidade, respeito às leis e justiça? Isso aconteceu de fato?*
- *As oligarquias paulista e mineira controlavam as eleições e o voto, garantindo com isso a vitória dos seus candidatos, elegendo-os prefeitos, vereadores, deputados, senadores, governadores de estado e até ajudavam a eleger presidentes.*
- *As eleições eram controladas pelos fazendeiros de café porque o Brasil era um país agrícola e a grande parte dos eleitores vivia no meio rural.*
- *Os chefes políticos controlavam as eleições no meio rural e eram também chamados de coronéis. O coronel se caracterizava pelo prestígio político e pelo poder de mando.*
- *O voto controlado pelo coronel do sertão foi chamado "voto de cabresto".*
- *O coronelismo ocorreu em todo o Brasil, porém foi mais marcante nos estados mais pobres, principalmente no Nordeste, onde as lutas pelo poder entre algumas famílias foram muito violentas.*
- *Assim, toda a estrutura de poder político no Brasil, desde o nível local, o município, passando pelo estadual, o Governo dos estados, até o nível nacional, o Governo Federal, apoiava-se no domínio político dos fazendeiros. E todos os presidentes da República entre 1894 e 1930 foram escolhidos por eles e por isso representavam seus interesses.*

4.5.1 1930: Ceará revolucionário

A Revolução de 30 no Ceará, como nos outros estados brasileiros, tirou antigas oligarquias do poder e o espaço político foi ocupado pelos tenentes revolucionários e pelas oligarquias dissidentes.

Na época, as oligarquias cearenses haviam elegido para o Governo do Ceará o jurista José Carlos de Matos Peixoto, que não concluiu o mandato. Foi deposto do cargo, pela revolução de 1930, assumindo o interventor Manuel do Nascimento Fernandes Távora.

A grande crise das exportações da República Velha foi sentida no Ceará, apesar de a estrutura econômica do Estado ser baseada, principalmente, no setor agrário, no latifúndio, grandes proprietários de terra e no binômio pecuária-cotonicultura.

No início de 1920, Fernandes Távora rompeu com o Partido Democrata e fundou um grupo republicano, o chamado "Partido Republicano Cearense", cuja influência republicana fez com que chegasse ao poder.

Até o final de 1920, a política do Ceará continuava a ser dominada pelos coronéis do sertão, que atuavam junto aos industriais locais, mantendo privilégios para ambas as classes. Assim, os Partidos "Democrata" e "Conservador" revezavam-se no poder; contudo, havia um grupo oligárquico dissidente, liderado por Manuel Fernandes Távora, que foi o grande impulsionador das idéias liberais e revolucionárias no nosso Estado.

Em 1922, foi lançado o jornal "A Tribuna", responsável por divulgar as idéias tenentistas e revolucionárias. O jornal foi extinto em consequência do "Estado de Sítio", situação em que o cidadão ficou temporariamente sem direitos e garantias, sob o comando do Presidente da República, Arthur Bernardes, que permaneceu no poder durante o período de 1922 a 1926.

Um ano depois, foi fundado o Partido da Mocidade, formado por estudantes, jornalistas, intelectuais e alguns integrantes da classe média. Esse grupo, mais tarde, dividiu-se em facções de esquerda e de direita, proliferando outros jornais, tais como: "O Ceará", "O Povo", "A Reação" e "A Razão".

Em março de 1930, nas eleições para a Presidência da República, o governador do Ceará, Matos Peixoto, apoiou a candidatura de Júlio Prestes para Presidente do Brasil. A vitória desse candidato aqui no Ceará veio por meio de fraudes, subornos, violências e grande perseguição aos adversários; havendo, inclusive, uma forte repressão quando uma das caravanas liberais pró-Vargas que percorriam o País chegou ao nosso Estado. Realizou-se um comício na "praça do Ferreira", que foi reprimido com violência pela polícia, o que fez suspender, provisoriamente, a campanha getulista no Ceará, garantindo a vitória local de Júlio Prestes.

Após esse episódio, entretanto, os partidários de Getúlio passaram a articular a revolta armada, coordenados por Juarez Távora, com o apoio de civis, de jovens oficiais do 23º Batalhão de Caçadores, dos integrantes do Colégio Militar e de alguns tenentes.

Depois do assassinato de João Pessoa, na Paraíba, o Governo da República enviou tropas para essa Capital.

José Carlos
de Matos PeixotoManoel do Nascimento
Fernandes
Távora

Em 03 de outubro de 1930, o governador cearense Matos Peixoto foi avisado de que os focos revolucionários, na Paraíba, poderiam chegar a Fortaleza. Então, o governador tomou as seguintes providências:

- a) colocou a Polícia Militar nas ruas, nas entradas de Messejana, Parangaba e Antônio Bezerra;
- b) instalou atiradores na praça General Tibúrcio;
- c) aumentou o número de policiais nas ruas;
- d) a imprensa foi censurada;
- e) o tráfego de trens foi cancelado; e
- f) ocorreu a prisão de vários opositores.

A repressão só desarticulou o movimento de alguns tenentes, que fugiram para cidade de Sousa, na Paraíba, seguindo ordens de Juarez Távora, logo após o assassinato de João Pessoa.

Assustado com o levante, Matos Peixoto pediu ajuda aos “coronéis do sertão”, que enviaram jagunços do interior para ajudá-lo, mas no dia 06 de outubro de 1930, Peixoto ficou sabendo da queda dos Governos de Pernambuco e do Rio Grande do Norte, e da vinda do levante em direção a Fortaleza.

Nessas circunstâncias, em 07 de outubro de 1930, duzentos membros do 21° BC – Batalhão de Caçadores, apoiadores de Getúlio Vargas, desembarcaram, do Vapor Itanagé, na Ponte dos Ingleses (Ponte metálica). Ficaram bastante surpresos porque não esperavam o apoio dos coronéis, nem o apoio da população em Fortaleza.

Sem opção, Matos Peixoto renunciou ao cargo de dirigente do Estado e, sob um coro de vaias, embarcou para o Rio de Janeiro, comemorando-se, assim, a vitória da Revolução no Ceará.

4.5.2 Década de 1930: os interventores

Fernandes Távora foi o primeiro Interventor do Ceará. Ficou apenas oito meses no Governo, curto período, quando não foi possível fazer grandes realizações. Entre suas ações, destacaram-se:

- a) desarmou e prendeu vários coronéis defensores das oligarquias, que logo foram soltos;
- b) abriu processos para investigar as irregularidades das antigas oligarquias, o que não deu em nada;
- c) decretou o número mínimo de 15 mil habitantes para formação de um município, reduzindo o total de 85 municípios para 51;
- d) deu continuidade às práticas políticas tradicionais e acabou por fortalecer o clientelismo que privilegiava os antigos oligarcas; e

- e) nomeou prefeitos, a maioria correligionários, isto é, do mesmo partido. Também indicou alguns integrantes dos extintos Partidos Democrata e Conservador para cargos de confiança.

Insatisfeitos com o comportamento do Interventor imposto por Getúlio no Ceará, as antigas oligarquias que perderam poder com a Revolução de 30, e os tenentes que exigiram um governo sem privilégios ou favorecimentos, pressionaram o Presidente da República Getúlio Vargas para destituir do poder Fernandes Távora. Em 21 de agosto de 1931, por decreto presidencial, Távora foi retirado do cargo de Interventor. Foi nomeado para substituí-lo o Capitão Roberto Carneiro de Mendonça.



Roberto Carneiro
de Mendonça

Roberto Carneiro de Mendonça foi o segundo interventor do Ceará. Por ser de outro Estado e por não estar ligado aos grupos políticos do Ceará, evitou, por algum tempo, os privilégios que marcaram a primeira interventoria; contudo, harmonizou as oligarquias locais e nomeou pessoas ligadas às oligarquias tradicionais para ocupar cargos dirigentes.

Em seu governo, cometeu um grave erro: não deu assistência à grande crise climática, a seca de 1932, quando milhares de pessoas passaram fome, sede e foram acometidas por doenças.

Por meio da Inspetoria Federal de Obras Contra as Secas (IFOCS), apenas alistava sertanejos para trabalhar na construção de açudes e estradas. Estes trabalhadores trabalhavam de sol a sol, não recebiam salários em moeda, mas alimentos, os quais, na maioria das vezes, eram desviados pelos encarregados da distribuição. As vagas eram poucas e nem todos os camponeses conseguiam se engajar nessa obra de emergência, fazendo com que muitos homens, mulheres, crianças e idosos ficassem na mendicância, pedindo esmolas.

Foram construídos acampamentos cercados de arame farpado e sob intensa vigilância, para evitar a fuga dos flagelados para a Capital, temendo a transmissão de doenças para a elite, isto é, para as classes economicamente mais favorecidas.

Com a revolta constitucionalista ocorrida em 1932, o Governo Federal convocou cearenses para a luta. Foram alistados muitos flagelados da seca e voluntários que preferiam morrer à bala do que de fome. Foram enviadas, também, efetivos do 23º BC – Batalhão de Caçadores, somando mais de dois mil cearenses ao combate constitucionalista.

Carneiro de Mendonça, em sua interventoria, manteve-se apolítico, ou seja, adotou uma política de neutralidade, não interferindo na arregimentação de pessoal que acontecia no Estado em apoio à revolução constitucionalista que acabava de despontar no horizonte.

Assim, no dia 09 de julho de 1932, estourou em alguns estados brasileiros a "Revolta Constitucionalista", decorrente do fechamento do Congresso Nacional e das Assembléias Legislativas Estaduais, por Getúlio Vargas. Objetivava exigir eleições imediatas para a escolha de nova Assembléia Constituinte, encarregada de escrever uma nova Constituição para o Brasil.

A princípio, não houve reação popular ao fechamento dessas instituições, mas esperava-se que tal situação fosse provisória e que Getúlio Vargas logo convocasse eleições para a escolha da Assembléia Constituinte.

Nas mesmas eleições, o povo, também, esperava eleger seus verdadeiros representantes políticos, mas o tempo passava e Getúlio Vargas não convocava eleições, continuando a governar o Brasil sozinho, com amplos poderes.

Por isso, foi inevitável a eclosão da “Revolta Constitucionalista”. Recebeu, principalmente, o apoio da maioria dos paulistas, de alguns jornais e rádios nacionais, no entanto, não conseguiu o apoio de todos os estados brasileiros.

Apesar de derrotada por falta de apoio, a “Revolta Constitucionalista” conseguiu seu objetivo somente anos mais tarde. Em 1933, Getúlio Vargas, finalmente, convocou eleições para a Assembléia Constituinte.

Curiosidades

1. Quem foi Fernandes Távora? Manuel do Nascimento Fernandes Távora nasceu em 1877 no Município de Jaguaribe – Ceará. Sua família possuía grandes propriedades na região e era de origem portuguesa. Formou-se em Medicina no ano 1903, pela Faculdade de Medicina no Rio de Janeiro, e clinicou na Amazônia entre 1904 e 1916, voltando ao Ceará no último ano, elegendose deputado estadual pelo Partido Democrata. Em 1920, rompeu com o Partido Democrata e fundou um grupo republicano, chamado “Partido Republicano Cearense”, cuja influência republicana fez com que o Partido chegasse ao poder. Perseguido por adversários, Fernandes Távora exilou-se na Europa, retornando somente em 1927 para o Ceará.
2. Em 1931, foi fundada em Fortaleza, pelo Tenente Severino Sombra, a Legião Cearense do Trabalho, em oposição às propostas da Aliança Liberal. Tratava-se de um movimento de natureza corporativista, que defendia interesses integralistas e católicos, pela organização e mobilização de trabalhadores.
3. Para reforçar as forças legalistas federais contra os revoltosos da Revolução de 30, no dia 1º de agosto de 1932 seguiu para São Paulo, a bordo do navio Paconé, o 23º Batalhão de Caçadores – 23º BC, comandado pelo Tenente-Coronel Alcebíades Chacon Barreto. No dia 13 de outubro de 1932, foram para o sul, pelo Paconé, o 2º e 3º Batalhões Provisórios do Ceará, com um efetivo de 1.000 homens, comandados pelos Tenentes-Coronéis Heitor Ulisses e Djalma Baima.
4. Foi inaugurado, em 22 de setembro de 1932, o Mercado Central de frutas e cereais, que serviu à Cidade durante muitos anos. Em 1975, o comércio de carne, frutas e verduras foi proibido e os boxes de artesanato foram incorporados ao local. Em 1997 foi construído e inaugurado um prédio, o mais importante centro comercial de artesanato da cidade.
5. No dia 15 de outubro de 1932, formou-se uma Comissão Executiva Central Provisória para a organização do Partido Social Democrático – PSD.

Curiosidades

6. Em 1933, Carneiro de Mendonça criou o Museu Histórico Antropológico do Ceará. Seu primeiro diretor foi o historiador Eusébio Nery Alves de Sousa. Em 1951, o Museu passou a chamar-se Museu Histórico do Ceará. Atualmente, chama-se Museu do Ceará. Também foi criada a Imprensa Oficial do Ceará pelo Interventor Federal Carneiro de Mendonça. Em 1975, quando já era Departamento de Imprensa Oficial do Ceará – DIO, foi transformado, por força de lei, em empresa pública com a denominação de Imprensa Oficial do Ceará – IOCE, extinto na década de 1990.
7. Também em 1933 surgiu o Partido Agrário do Ceará, como estratégia política de recomposição das oligarquias desalojadas do poder pela "Revolução de 30".

Refletindo

- *Em 14 de fevereiro de 1930, chegava a Fortaleza a Caravana da Aliança Liberal, fazendo propaganda da Chapa à Presidência da República de Getúlio Vargas e à Vice-Presidência João Pessoa. Foi um período em que houve grande participação ativa do povo cearense no destino da política nacional.*
- *No dia 24 de outubro de 1930, chegou a Fortaleza a notícia da queda do Presidente Washington Luís. Foi fechado o comércio e aconteceram famosos discursos políticos de apoio à deposição do Presidente no coreto da praça da Ferreira, proferido por Quintino Cunha e Demócrito Rocha.*

4.5.3 1934: tempos novos

No ano de 1934, foi promulgada a Constituição brasileira. Foi a primeira a preocupar-se com os problemas sociais do nosso País. Criou leis sobre educação, trabalho, saúde, cultura etc. Ampliou o direito à cidadania dos brasileiros, assegurando maior participação popular no processo político. Trouxe, portanto, uma perspectiva de mudanças positivas na vida de grande parte dos cidadãos brasileiros.

Também, em 1934, surgiram dois partidos políticos opostos: a Ação Integralista Brasileira (AIB) e a Aliança Nacional Libertadora (ANL), como resultado das divergências entre os que queriam mudanças e os que eram contra as mudanças.

A Ação Integralista Brasileira inspirava-se no fascismo europeu, isto é, aspirava a um governo de direita, antidemocrático e conservador, que ignorava os interesses do povo. O Partido Integralista era constituído de conservadores, ou seja, pessoas que não aceitavam renovações no Brasil, sobretudo não estavam de acordo com a participação das classes populares no processo político brasileiro. Foi formado pela elite (latifundiários, empresários e grandes comerciantes), classe média e oficiais de alta patente das Forças Armadas. Todos defendiam a propriedade privada (bens particulares) e combatiam, violentamente, os comunistas, considerados inimigos mortais do Governo.

A Aliança Nacional Libertadora foi um partido cujos integrantes não concordavam com os princípios do Partido Integralista. Suas idéias eram opostas às dos conservadores da Aliança Integralista, embora não adotassem princípios socialistas.

Esse partido opositor era constituído por alguns membros da classe média, alguns intelectuais e alguns militares de baixa patente das Forças Armadas.

Foi o Partido Comunista, contudo, o maior e o verdadeiro opositor dos integralistas. Não aceitavam a propriedade privada, defendiam a reforma agrária, não concordavam com a presença de empresas estrangeiras no Brasil, propunham o não-pagamento da dívida externa (dívida do Brasil para com os países ricos) e pretendiam transformar as empresas estrangeiras em empresas brasileiras.

A nova Constituição, promulgada em 16 de julho de 1934, em síntese, implantou as seguintes modificações:

- a) determinava a existência de três poderes – Executivo, Legislativo e Judiciário;
- b) estabeleceu o presidencialismo como forma de governo, porém, foi extinto o cargo de Vice-Presidente;
- c) o voto passou a ser secreto e obrigatório e, pela primeira vez em nossa História, as mulheres passaram a ter direito de votar;
- d) estabeleceu o número de dois senadores por Estado, com mandato de oito anos;
- e) determinou que os deputados seriam eleitos para mandato de quatro anos e o número de deputados era proporcional ao número de habitantes de cada Estado;
- f) obrigou as empresas estrangeiras a terem, no mínimo, dois terços de empregados brasileiros;
- g) instituiu o ensino primário gratuito e obrigatório;
- h) criou a Justiça Eleitoral para organizar e fiscalizar as eleições;
- i) permitiu representação classista no Congresso, significando com isso que os sindicatos dos patrões e dos empregados podiam eleger seus próprios representantes (deputados) com os mesmos direitos dos outros deputados;
- j) organizou a produção e estabeleceu condições de trabalho na cidade e no campo, tendo em vista a proteção social do trabalhador e, sobretudo, os interesses econômicos do País etc.

Tudo parecia correr bem, mas em 1935, Getúlio Vargas fechou a sede da Aliança Nacional Libertadora, prendendo muitos de seus integrantes e proibindo suas atividades. Também perseguiu, sem tréguas, os integrantes do Partido Comunista.

Em protesto às represálias do Governo getulista contra os comunistas, alguns integrantes da Aliança Nacional Libertadora, liderados por Luís Carlos Prestes, resolveram fazer um movimento armado chamado de "Intentona Comunista". Tal movimento foi, rapidamente, esmagado pelas tropas do Governo, fazendo com que Getúlio Vargas reforçasse, ainda mais, seu poder de repressão, sedimentando sua permanência no poder.

Aqui no Ceará, assumiu o comando do Estado o Coronel Felipe Moreira Lima. Havia apoiado o "Movimento Tenentista" e a Revolução de 30. Dizia-se socia-

lista, entretanto, não acreditava muito na democracia e aliou-se ao Partido Social Democrático (PSD) para evitar que antigos opositores oriundos de partidos da República Velha, da Liga Eleitoral Católica (LEC), voltassem ao poder.

Nas eleições legislativas de 1934, a Liga Eleitoral Católica elegeu sete deputados, enquanto que o Partido Social Democrático, do Coronel Moreira Lima, elegeu apenas quatro. Para o Partido Social Democrático, a vitória da Liga na composição das bancadas federais e estaduais significou o fim dos ideais propagados pela Revolução de 30 no Ceará e o retorno das antigas oligarquias ao poder.

Para a fundação da Aliança Nacional Libertadora aqui no Ceará, realizaram-se concentrações públicas e debates nas faculdades e escolas para discutir os objetivos desse Partido, o qual teve grande aceitação da classe média, dos liberais e de alguns operários que, com o avanço das idéias esquerdistas, se desligaram das associações Legião Cearense do Trabalho, dos círculos operários católicos, agremiações de operários. Em 22 de maio de 1935, foi fundada, oficialmente, a Aliança Nacional Libertadora. Essa entidade organizou uma das greves mais longas desse período: a famosa greve dos trabalhadores da Fábrica de Tecidos São José.

No governo Felipe Moreira Lima, vivenciou-se um período mais democrático e de grandes manifestações públicas contra os integralistas. A aproximação de Moreira Lima com a população e com os esquerdistas fizeram com que a Liga Eleitoral o atacasse, duramente, chamando-o de comunista.

A bancada federal (deputados federais) da Liga Eleitoral Católica também usou a imprensa do Rio de Janeiro para fazer falsas denúncias de fraudes e de arbitrariedades atribuídas ao Interventor Moreira Lima.

Já pensando no golpe de Estado, que ocorreu em 1937, Getúlio Vargas ficou a favor da Liga Eleitoral Católica, contra a Aliança Nacional Libertadora, pois pretendia aliar-se ao partido que garantisse sua maioria no Congresso Nacional.

Assim, em 10 de maio de 1935, Moreira Lima foi convocado por Getúlio Vargas a comparecer ao Rio de Janeiro. Foi destituído da interventoria em virtude das pressões impostas a Getúlio Vargas pela Liga Eleitoral Católica.

Em 26 de maio de 1935, com nova instalação da Assembléia Legislativa, em que a Liga Eleitoral Católica tinha maioria, com 16 deputados, elegeram Menezes Pimentel para governar o Estado do Ceará, ocasião em que a igreja e antigas oligarquias reconquistavam o poder político estadual.



Felipe Moreira Lima

Curiosidades

1. Em 1934, foi inaugurada a iluminação pública elétrica de Fortaleza. Foi apagado o último lampião a gás. Desde 1912, já existia a força elétrica que movia os bondes, mas, por força do contrato de iluminação a gás, a rede elétrica não chegava até a população.
2. Todas as vezes que os integralistas se reuniam na praça do Ferreira, integrantes da ANL zombavam, chamando-os de "galinhas verdes".



Mercado Central. Foto: Dário Gabriel.

Refletindo

- *Todos os dias ao entardecer surgiam na praça do Ferreira ativistas políticos da Ação Integralista Brasileira e Ação Nacional Libertadora (AIB e ANL). De um lado estavam os integralistas; do outro os partidários da Aliança Nacional Libertadora. Os primeiros ficavam nos bancos ou formando rodas, procurando atrair os circunstantes, com as suas camisas verdes e os seus "anauês". Palavras até antes desconhecidas do povo, como imperialismo, latifúndio, oligarquia, passavam a ser repetidas a cada instante. A massa, não havia dúvida, começava a se politizar.*

4.5.4 1935: tempo de perseguição

No ano de 1935, assumiu o Governo do Estado Francisco Menezes Pimentel, eleito pela nova Assembléia Constituinte.

Menezes Pimentel governou durante o período de 1935 a 1937 como governador eleito e, em seguida, de 1937 a 1945, com Interventor Federal, nomeado por Getúlio Vargas.

Como reflexo do que estava acontecendo no resto do País, o Governo de Menezes Pimentel foi um dos mais autoritários e violentos da História do Ceará. Vejamos por que:

- destituíu prefeitos e funcionários públicos ligados ao PSD (Partido Social Democrático);
- depois da decretação da ilegalidade da ANL (Aliança Nacional Libertadora), todos os núcleos locais desse partido foram fechados; e
- depois da Intentona Comunista de Prestes, em 1935, usou a Lei de Segurança Nacional para perseguir seus opositores, principalmente os comunistas, sob o comando de delegados e subdelegados de polícia, que agiam com grande truculência.



Francisco de Menezes Pimentel

Foi uma época de grande autoritarismo e repressão. Com o golpe de Getúlio Vargas, instituindo o “Estado Novo” em Fortaleza, foram fechadas a Assembléia Legislativa e a Câmara Municipal.

O então Governador Menezes Pimentel permaneceu no cargo como Interventor Federal por ter dado grande apoio a Getúlio Vargas. Ele realizou um dos governos mais autoritários de que se tem notícias no nosso Estado. Mandou prender, mandou fechar, acabou partidos políticos, enfim, todos os que não estavam de acordo com seu governo eram violentamente reprimidos.

Em 1937, com novo “golpe”, o Presidente da República, Getúlio Vargas, confirmou o nome de Menezes Pimentel como Interventor Federal no Ceará. Aumentou ainda mais a violência praticada no seu Governo. Menezes Pimentel empreendeu:

- a) a perseguição à oposição, a cargo do órgão oficial secreto – Delegacia de Ordem Política e Social (DEOPS);
- b) demitiu os prefeitos eleitos em 1936 e funcionários públicos ligados ao PSD (Partido Social Democrático);
- c) aprisionou e deportou comunistas e demais esquerdistas;
- d) fechou lojas maçônicas e centros espíritas em todo Estado do Ceará “em nome da moral e dos bons costumes”;
- e) todas as livrarias foram fiscalizadas e recolhidos todos os livros e revistas que difundissem idéias contrárias ao Governo;
- f) intensificou uma grande fiscalização nos hotéis e pensões, para ter maior controle das pessoas que estavam na cidade; e
- g) realizou palestras em colégios para combater o comunismo, com a presença de professores, alunos e pais de alunos.

No ano de 1938, quando aconteceu no País a derrocada final do Integralismo, o Ceará tornou-se um verdadeiro campo de guerra. Menezes Pimentel, apesar de ter praticado tanta violência, ainda levou vantagem com os novos acontecimentos. Estava viajando nesta ocasião, quando ocorreu um fato curioso, pois houve uma espécie de “endeusamento” de seu nome por parte da população. Foram inaugurados bustos e retratos de Pimentel por todo Estado e seu nome foi dado a praças, ruas, escolas, creches etc.

Somente em 27 de outubro de 1945, Getúlio Vargas baixou um decreto exonerando Menezes Pimentel do cargo de Interventor do Ceará, porque, nessa ocasião, não estava empenhado na campanha para mantê-lo no poder. Nomeou para o cargo de Interventor do Ceará o aracatiense e professor do Colégio Militar Benedito Augusto Carvalho dos Santos.

4.5.5 1936: o ano do Caldeirão

Caldeirão era o nome de uma fazenda, situada na serra do Araripe, que pertencia ao Padre Cícero. Foi para lá que ele enviou um de seus devotos, o beato

José Lourenço. Paraibano, solteiro, José Lourenço tinha 20 anos de idade quando chegou a Juazeiro, atraído pela santidade de Padre Cícero.

Junto com outros seguidores do Padre (em torno de duas mil pessoas), José Lourenço fundou, no Caldeirão, uma comunidade que se dedicava ao trabalho religioso. Graças à comunidade, logo as terras da fazenda tornaram-se as mais férteis da região. Os moradores construíram uma barragem, um engenho e um tear para fazer roupas. Plantavam milho, arroz, mandioca, cana, feijão e algodão. Também criavam cavalos, vacas e porcos.

Numa região dominada pela seca e pela fome, o Caldeirão destacava-se pela fartura de alimentos que produzia. E, o mais importante, tudo o que era produzido era dividido, igualmente, entre todos que faziam parte da comunidade.

Por tudo isso, o Caldeirão foi considerado um verdadeiro “fenômeno”, isto é, uma coisa extraordinária e surpreendente, pois atraía legiões de seguidores de Padre Cícero.

A experiência comunitária do Beato foi um sucesso. Por isso mesmo, logo atraiu a atenção e a inveja de muita gente. Ninguém queria admitir que um grupo de “fanáticos ignorantes”, como eram considerados pelas autoridades, fosse capaz de transformar uma terra seca, no Ceará, numa terra de tanta fartura. Tudo era atribuído à fé, à força de vontade e à dedicação com que trabalhavam. E, especialmente, porque trabalhavam uma terra cuja produção era toda dividida entre os integrantes da comunidade.

A fama do Caldeirão e da fartura em que vivia o povo de lá espalhou-se, rapidamente, não só pelo Ceará, como também por outros estados do Nordeste – Pernambuco, Paraíba e Maranhão. Muita gente começou a abandonar o lugar em que vivia para vir partilhar a fartura da fazenda Caldeirão.

Foi assim que começaram os problemas para o Beato e sua gente. Os proprietários de terra, em geral, começaram a se queixar ao Governo de que o beato estava tirando toda mão-de-obra de suas fazendas. O Governo, dizendo que a experiência do Beato era ilegal, enviou tropas para a região, com a missão de queimar e arrasarem tudo.

E o Padre Cícero, o que dizia disso tudo? Padre Cícero morreu em 1934, dois anos antes da destruição do Caldeirão. Enquanto viveu, tentou contornar a situação, mostrando ao Governo e aos proprietários de terras que não estava acontecendo nada de condenável no Caldeirão, mas, isso não evitou que, em 1937, as forças policiais invadissem e destruíssem todo o trabalho feito na comunidade e os beneficiamentos feitos na terra.

Depois de sua morte, a situação piorou. Por testamento, ele havia deixado a fazenda Caldeirão para os padres Salesianos, com a condição de que eles construíssem um colégio e protegessem as romarias anuais à cidade de Juazeiro.

Para obrigar o Beato e sua gente a saírem da fazenda, o Governo federal enviou novas tropas policiais. Dessa vez, atacaram com grande ferocidade a fazenda, destruindo e matando os que ainda resistiam. No final, o Caldeirão foi totalmente destruído por um incêndio. O Beato conseguiu fugir e estabeleceu-se numa fazenda em Pernambuco, onde veio a morrer de morte natural, em 1946.

Curiosidades

1. Na fazenda Caldeirão, falava-se que o boi do beato José Lourenço operava toda sorte de milagres, curando qualquer tipo de doença.
2. A fim de mostrar que o boi não era santo, Floro Bartolomeu mandou abater o animal em frente à cadeia, onde estava encarcerado o beato José Lourenço.

Refletindo

- *Em 1936, um forte contingente policial ocupou as imediações do sítio Caldeirão, comunidade de trabalhadores rurais guiados pelo beato José Lourenço. Logo em seguida, a comunidade foi barbaramente destruída pela polícia do Estado.*
- *O beato José Lourenço organizou o Caldeirão baseado em três princípios: fraternidade, oração e trabalho. Todos deveriam viver em solidariedade, dividindo tudo o que era produzido de acordo com a carência de cada um.*

4.6 1937: a ditadura

De acordo com a Constituição de 1934, o mandato presidencial era de quatro anos e deveria haver eleições para Presidente em janeiro de 1938. Como Getúlio Vargas não pretendia deixar o Governo, em 1937 preparou um novo golpe de Estado.

Para justificar tal golpe, foi forjado, por parte de alguns militares integralistas e homens do governo, o Plano Cohen. De acordo com o Governo, existiria um plano comunista para assassinar os principais políticos do País e tomar o poder. O plano, entretanto, na realidade não existia. Foi uma manobra para Getúlio permanecer no governo e implantar uma ditadura no País.

Assim, no dia 10 de novembro de 1937, foi dado oficialmente o golpe. Getúlio Vargas fechou o Congresso Nacional e, na noite do mesmo dia, anunciou uma nova Constituição.

A nova Constituição, outorgada em novembro de 1937, ficou conhecida pelo nome de “Polaca”. Foi elaborada pelo jurista Francisco Campos, que se baseou principalmente na Constituição fascista antidemocrática da Polônia. Estava implantada, dessa forma, a ditadura de Vargas, conhecida como “Estado Novo”.

A ditadura é um regime de governo em que todos os poderes ficavam centrados em uma só pessoa ou grupo, classe ou a um partido. Para a Constituição de 1937 ser base da ditadura, era, portanto, necessário que fosse uma Constituição autoritária que dava grandes poderes ao governante.

Essa Constituição possibilitou:

- a) a falta de autonomia dos estados, ficando todos subordinados ao Governo federal;

- b) o fechamento do Congresso Nacional e das assembléias estaduais;
- c) a reforma da Constituição;
- d) maior controle por parte das Forças Armadas;
- e) nomear Interventores para todos os estados;
- f) acabar com todos partidos políticos;
- g) acabar com a liberdade de imprensa;
- h) proibir greves; e
- i) perseguir os inimigos do governo.

A ditadura de Vargas criou ainda alguns mecanismos de propaganda do Governo e de forte repressão e controle da população. Entre eles, destacou-se o DIP – Departamento de Imprensa e Propaganda – que devia fiscalizar e censurar toda notícia, antes de ser publicada ou propagada pelos meios de comunicação, evitando, assim, que o povo soubesse das corrupções praticadas no Governo, bem como das perseguições, mortes e torturas feitas contra os opositores da ditadura. O DIP servia, também, para fazer propaganda favorável e elogios ao Governo.

Foram criados ainda os seguintes órgãos: o DASP – Departamento de Administração do Serviço Público, destinado a controlar o Serviço Público, e a PE – Polícia Especial, responsável pelas prisões, torturas, perseguições e pelo terrorismo contra aqueles que não aceitavam o “Estado Novo”.

Com tantos poderes, Getúlio Vargas dissolveu o Congresso Nacional, destituiu governadores, proibiu greves e acabou com a liberdade dos sindicatos. A partir de então, os estatutos e as diretorias dos sindicatos passaram a depender da aprovação do Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio, havendo sido criadas várias leis trabalhistas como:

- a) férias remuneradas;
- b) descanso semanal remunerado;
- c) indenização por dispensa sem justa causa;
- d) estabilidade no emprego;
- e) jornada de trabalho de oito horas;
- f) regulamentação do trabalho da mulher e do menor; e
- g) salário mínimo etc.

Essas leis trabalhistas, contudo, somente foram consolidadas a partir de 1943, ano em que entrou em vigor a CLT – Consolidação das Leis do Trabalho.

Em setembro de 1939, começou a Segunda Guerra Mundial, ocasião em que a Alemanha invadiu a Polónia. Getúlio Vargas procurava tirar o máximo proveito desse conflito internacional, que gerou conseqüências e disputas pelo poder entre as principais nações: França, Inglaterra, Itália, Alemanha, Estados Unidos, União Soviética e Japão. No final, terminou por envolver quase todos os países.

No início da Guerra, o Brasil ficou neutro, no entanto, o envolvimento econômico com os Estados Unidos e a evidência de uma possível vitória aliada fizeram com que o Brasil entrasse no conflito. Em 1942, o País rompeu relações diplomáticas

com Alemanha, Itália e Japão e permitiu que os aliados do Eixo (Estados Unidos, França e Inglaterra) instalassem bases de apoio no Nordeste.

Além do fornecimento de matérias-primas e de algumas manufaturas, o Brasil participou da guerra enviando a FAB – Força Aérea Brasileira e a FEB – Força Expedicionária Brasileira para os campos de guerra europeus.

A guerra terminou em 1945. A vitória dos Aliados contra as ditaduras nazista e fascista, lideradas pela Alemanha e Itália, bem como o clima de insatisfação social, ocasionaram o desgaste e o fim da ditadura Vargas. Os militares brasileiros compreenderam, então, que não tinha mais sentido apoiar o Governo de Getúlio Vargas e que era preciso mudar para um novo regime.

Pressionado pela sociedade, Vargas começou a fazer concessões, tentando, com isso, continuar no poder. Em 1945, concedeu anistia ampla a vários presos políticos, mandou liberar os comunistas da cadeia, permitiu a volta dos exilados e decretou um Ato Adicional que marcava eleições diretas e livres em todo o País.

Começou, então, o processo de abertura política do Brasil, isto é, o processo que iria trazer o País de volta à democracia.

Surgiram partidos políticos, como:

- UDN (União Democrática Nacional) – partido que reunia os antigetulistas e os anticomunistas; era constituído pelos integrantes mais conservadores da elite empresarial, por latifundiários e por alguns integrantes da classe média urbana;
- PSD (Partido Social Democrático) – criado por Getúlio Vargas, reunia também empresários, indivíduos da classe média urbana e industriais;
- PTB (Partido Trabalhista Brasileiro), também criado por Getúlio Vargas, reunia, especialmente, os trabalhadores, mas também empresários que apoiavam Getúlio; esse partido visava a atender reivindicações trabalhistas nos moldes do “Estado Novo”, isto é, sob o controle do Governo getulista;
- PSP (Partido Social Progressista) – reunia integrantes da classe média urbana e empresários. Usava métodos populistas para agradar o povo, mas era muito conservador; e
- PCB (Partido Comunista Brasileiro) – esse partido já existia antes do “Estado Novo”, mas suas atividades haviam sido proibidas; com a abertura política, voltou à legalidade; seu presidente era Luís Carlos Prestes.

Convocadas novas eleições, cada partido apresentou o seu candidato à Presidência da República. Entre eles, o Brigadeiro Eduardo Gomes, pela UDN, e o General Eurico Gaspar Dutra, pelo PSD e PTB, esses últimos partidos criados por Getúlio Vargas.

Em meio a uma agitada campanha eleitoral, surgiu um movimento popular favorável à continuidade de Getúlio Vargas no poder. Esse movimento foi chamado de “queremismo” porque populares, com o apoio dos comunistas e de aliados do PTB, percorriam as ruas gritando: “Queremos Getúlio, queremos Getúlio!”.

A aproximação de Getúlio Vargas com os comunistas levou muitos políticos a acreditarem que ele pretendia dar um novo golpe e permanecer no poder; mas, finalmente, em outubro de 1945, Getúlio Vargas foi deposto. O poder foi entregue, provisoriamente, a José Linhares, Presidente do Supremo Tribunal: era o fim da ditadura getulista.

Realizadas eleições diretas em dezembro de 1945, saiu vitorioso o candidato de Getúlio Vargas da coligação PTB-PSD, General Eurico Gaspar Dutra.

Curiosidades

1. Em 25 de setembro de 1938, falecia o Dr. Guilherme Studart (Barão de Studart). Foi autor de importantes estudos na historiografia cearense. Barão de Studart nasceu em Fortaleza no ano de 1856. Foi um grande pesquisador da História do Ceará, escreveu *Notas para a História do Ceará, Dados e Fotos para a História do Ceará*, em 3 volumes; *Dicionário Bibliográfico do Ceará*, em três volumes; *Documentos para a História do Brasil e especialmente do Ceará e Geografia do Ceará*. Foi presidente Perpétuo do Instituto do Ceará e membro da Academia Cearense de Letras.
2. Em 1938 foi morto, juntamente com boa parte de seu bando, o famoso cangaço Virgulino Ferreira da Silva, Lampião. Nasceu em Serra Talhada, sertão pernambucano, região dominada pela violência e a população quase dizimada pela seca. Durante sua infância, Virgulino trabalhou em uma pequena propriedade rural de sua família, onde aprendeu a caçar, atirar e a defender-se, qualidades necessárias para sobreviver na época. Também foi tropeiro, isto é, condutor de gado, conhecendo os mais íntimos segredos da caatinga e estabelecendo contato com pessoas importantes. Continuou trabalhando em suas terras, quando essas foram alvo de saques, incêndios e crimes, causando tremenda revolta. Seu objetivo era apenas vingar a morte do pai, o que fez, matando o mandante e o executor do crime. Virgulino Lampião passou a ser perseguido em todos os lugares por onde andava, e, em suas fugas, acabou tomando gosto pelo crime. Em 1927, no auge da Coluna Prestes, por intermédio de Padre Cícero, foi convocado para combatê-la, com a promessa de perdão de seus crimes. Também recebeu, de um funcionário do Ministério da Agricultura, a patente de Capitão das Forças Patrióticas. Sentindo-se uma autoridade de verdade, ostentou essa patente enquanto viveu.
3. Em 1938, foi inaugurado em Fortaleza o Departamento de Censura, Divulgação e Propaganda, que foi a oficialização, no Estado, da censura nacional.
4. No dia 14 de novembro de 1940, morreu, aos 72 anos de idade, o poeta, jornalista, cronista e romancista, Antônio Sales. Cearense de Paracuru, intelectual dos mais lúcidos, como romancista, foi autor de *Aves de Arribação*. Foi membro da Padaria Espiritual, onde usava o pseudônimo de Moacir Jurema. Hoje é nome de avenida em Fortaleza.
5. Em 1942, multiplicaram-se "pirâmides de metal" nos principais pontos do centro de Fortaleza, pois as pessoas colocavam peças de alumínio, cobre e zinco que serviriam de ajuda na fabricação de artefatos de guerra, como capacetes,

Curiosidades

armamentos, navios etc. Os simpatizantes do nazismo, chamados "quinta-colunas", jogavam penicos nas pirâmides de metal com o intuito de desmontá-las. Essas pirâmides existiam há algum tempo para ajudar na construção de navios das Forças Armadas. Cada um desses amontoados de ferro tinha o nome, sempre de um herói nacional, como Duque de Caxias, Almirante Barroso, Almirante Tamandaré. No dia da entrega do material coletado, acontecia uma grande festa com discursos os mais inflamados, declamações e músicas patrióticas.

- Em 16 de julho de 1941, faleceu em Fortaleza o Padre Antônio Thomás, "Príncipe dos Poetas Cearense". Nasceu em Acaraú, no dia 14 de setembro de 1868. Nunca publicou livro, por ser extremamente humilde, mas os seus sonetos são primorosos, destacando-se *Verso e Reverso*, *Palhaça*, *Contraste* e tantos outros.. A Academia Cearense de Letras ergueu, na Praça do Liceu, duas grandes liras de bronze e dois sonetos de Antônio Thomás gravados no mesmo metal.

Refletindo

- No mês de setembro de 1941, saiu de Fortaleza para a Baía de Guanabara, no Rio Janeiro, a Jangada São Pedro, tripulada pelos pescadores Manoel Olímpio de Meira (Jacaré), Raimundo Correia Lima (Tatá), Manoel Pereira da Silva (Manoel Preto) e Jerônimo André de Souza (Mestre Jerônimo). Após dois meses em alto-mar, finalmente, chegaram ao Rio de Janeiro. Este fato teve grande repercussão, pois os jangadeiros foram recebidos pelo então Presidente Getúlio Vargas no Palácio Guanabara, ocasião em que solicitaram maior assistência aos jangadeiros. Retornaram do Rio de Janeiro de avião e foram recebidos com grandes festejos pelos cearenses. Esse fato demonstrou a importância da reivindicação como arma política de conquista de direitos.
- Em virtude da Segunda Guerra Mundial, a partir de 1942, o petróleo ficou escasso no mundo e por isso iniciaram-se vários racionamentos em todo o País. Foram racionados gasolina, querosene e também alimentos. O racionamento de gasolina causou a paralisação de vários veículos, como ônibus e carros de aluguel. Até hoje o mundo depende do petróleo para movimentar a economia.




Pescadores que participaram do raide Fortaleza-Rio de Janeiro, na jangada São Pedro: na hora da partida. Foto do médico Pestana. (Nirez, 2001).

Da Democratização à Era das Mudanças

Da Democratização à Era das Mudanças

5 DA REDEMOCRATIZAÇÃO À ERA DAS MUDANÇAS

 período compreendido entre os anos de 1945 e 2000 foi marcado por profundas transformações culturais, econômicas e políticas no Estado do Ceará.

Do ponto de vista cultural, podem-se destacar três períodos distintos, conforme as explicações que seguem.

Durante a década de 1940, surgiu uma série de associações culturais em todo o Brasil. No Ceará, formaram-se várias delas. Destacaram-se o grupo Clã, que realizou o I Congresso de Poesia do Ceará, e o Centro Cultural de Belas Artes, a primeira das entidades ligadas às artes. Seus membros agitaram a vida artística da Cidade de Fortaleza nos tempos de guerra.

A vinda do pintor suíço Jean-Pierre Chabloy a Fortaleza contribuiu com o sucesso do primeiro Salão de Abril, em 1944. Chabloy conseguiu que pintores cearenses, anônimos à época, expusessem suas obras no Rio de Janeiro, Capital Federal e cultural do País. Foram eles: Antônio Bandeira, Inimá de Paula, Raimundo Feitosa e Chico da Silva.

Ao Centro Cultural de Belas Artes sucedeu a Sociedade Cearense de Artes Plásticas, criada por iniciativa de artistas como Aldemir Martins, Estrigas, Barrica, Carmélio Cruz e Jonas Mesquita. A entidade ficou responsável pela organização, a partir de 1946, do Salão de Abril e sobreviveu até a década de 1950.

No início da década de 1950, ocorreram transformações consideráveis no padrão de cultura e lazer da cidade. Proliferaram os clubes, diversão das elites. Data deste período a inauguração do Iate Club, nas proximidades do porto do Mucuripe; do Jockey Club Cearense e da atual sede do Náutico Atlético Cearense, localizado na avenida Beira-Mar.

Os cinemas continuaram sendo a opção de cultura e lazer preferida dos fortalezenses. Foi durante este período que surgiram algumas salas de projeção, a exemplo do Cine São Luiz, construído pelo Grupo Severiano Ribeiro, para ser a maior e a mais bela sala de cinema do País.

Do ponto de vista econômico, destacou-se a chegada dos americanos a Fortaleza. Em virtude da Segunda Guerra Mundial, modificou-se, consideravelmente, a vida cearense durante a década de 1940. Os soldados norte-americanos trouxeram consigo novos hábitos de consumo, de vestimenta e comportamento. Caracterizam este período o crescimento do consumo de refrigerantes, a utilização de vitrinas por parte das lojas, o uso do *jeans* etc. Copiava-se o estilo de vida americano visto nos filmes e incrementava-se o comércio com a abertura de lojas.

A década de 1950 foi bastante expressiva. Dentre as iniciativas econômicas, destacou-se em nosso Estado o “Grupo Edson Queiroz”, na distribuição de GLP (Gás Liquefeito do Petróleo). A partir desta década, o conglomerado diversificou sua área de atuação, sendo não somente um dos maiores grupos empresariais do Ceará, mas também do Brasil.

Já no plano político, a década de 1950 marcou o início de um período participativo e democrático que perdurou até o ano de 1964. Saíram de cena os interventores federais, que deram vez aos governadores eleitos pelo voto popular. Os partidos políticos, que se organizavam localmente, passaram a ser organizações nacionais.

Na década de 1960, ocorreram duas mudanças consideráveis do ponto de vista político. Em primeiro lugar, a vitória da União Pelo Ceará, aliança entre dois partidos conservadores (PSD e UDN) que levou ao poder Virgílio Távora. Este foi o responsável pelo primeiro plano de governo do Ceará (PLAMEG I), atitude a que seus sucessores deram continuidade.

Com a implantação do Plano de Metas Governamentais (PLAMEG), particularmente com a eletrificação do campo e a chegada da energia elétrica de Paulo Afonso (BA) à capital cearense, que até então era de vocação eminentemente agrária (baseada principalmente na agricultura, no boi e no algodão), passou por um processo de diversificação. Com a melhoria e ampliação das rodovias estaduais, as obras de infra-estrutura (água e eletricidade), iniciou-se um processo de modernização do campo.

Em segundo lugar, o golpe militar de 1964, que afastou da vida pública grandes personalidades políticas em todo o País, incluindo o Ceará, como Blanchard Girão e Aníbal Bonavides, sob a justificativa do combate ao comunismo e à corrupção. Mudou-se também a estrutura partidária, criando-se o sistema bipartidário que permitiu ao regime “camuflar-se” de democrático.

A década de 1970, no plano político cearense, foi marcada pelo governo de três políticos: Adauto Bezerra, César Cals e Virgílio Távora.

A década de 1980 foi pautada por alternância no poder local. O apoio do Governador Gonzaga Mota à reabertura política resultou no rompimento deste político com Virgílio Távora. Surgiu, neste contexto, a figura do empresário Tasso Jereissati, como o candidato que pretendia promover a modernização e a mudança política do Ceará.

Assumindo o Governo do Estado em 1987, o grupo político de Tasso imprimiu uma gestão centrada na ampliação da infra-estrutura do Estado e de sua industrialização. O grupo tassista consolidou-se como o mais duradouro grupo político da história republicana no nosso Estado.



Este display feito para farmácias no ano de 1943 é muito popular entre os colecionadores. Era a época da guerra e os militares consumiam Coca-Cola



5.1 1945: a queda

A malta incontrolável passou a depredar tudo o que tivesse qualquer ligação com os alemães, italianos e japoneses. Lojas como 'As Pernambucanas', do grupo Lundgren, a Sapataria Veneza, representações de laboratórios como a Bayer e outros, foram destruídos violentamente, seguindo-se saques por parte dos aproveitadores de sempre.

(GIRÃO, 1997)

Com a adesão do Brasil à II Guerra Mundial, o Ceará, assim como Pernambuco e Rio Grande do Norte, passou a servir de base de apoio às Nações Aliadas aos Estados Unidos. A proximidade entre o Nordeste brasileiro e os continentes africano e europeu tornou essa região um ponto estratégico no envio de tropas e na organização de ações militares. Na década de 1940, os americanos desembarcaram no Ceará, criando uma base em nosso Estado.



Expedicionários da FEB na Batalha de Montese – Itália

Em todas as esquinas, bares, colégios havia grupos pró e contra os Aliados. A grande maioria era favorável à entrada do Brasil no conflito contra a Alemanha e Itália. Prova disto foi o quebra-quebra, promovido em 1942, quando os estabelecimentos comerciais pertencentes a italianos e alemães foram quase todos atacados (e alguns saqueados) pela multidão que, desse modo, pressionava o Presidente Getúlio Vargas para a adesão do Brasil, que entrou na guerra neste mesmo ano.

No dia-a-dia cearense, não se falava em outra coisa: as conseqüências da guerra e seus flagelos. Ao mesmo tempo em que trazia dor e temor para uns (as mães, esposas, parentes e amigos dos pracinhas, em especial), tornava a sociedade mais politizada e participativa nos assuntos mundiais.

O ex-Interventor cearense Fernandes Távora reuniu um grupo de aliados com o fim de fundar o Partido de União Democrática Cearense, que tinha como objetivos apoiar a candidatura do Desembargador Faustino de Albuquerque para o Governo do Estado e a do Brigadeiro Eduardo Gomes para a Presidência da República.

Faziam parte deste grupo:

- José Acioly;
- Egberto de Paula Pessoa;
- José de Borba;
- Plínio Pompeu;
- José Sabóia.

Os partidos políticos constituídos durante o processo de redemocratização pós-Vargas no Estado do Ceará foram:

- a) PSD (Partido Social Democrático) – chefiado por Menezes Pimentel;
- b) PDC (Partido Democrata Cristão) – chefiado por Aderbal Nunes Freire;
- c) PRP (Partido de Representação Popular) – chefiado por José de Pontes de Medeiros;
- d) UDN (União Democrática Nacional) – chefiado por Fernandes Távora;
- e) PPS (Partido Popular Sindicalista) – dirigido por Olavo Oliveira, que posteriormente requereu o registro como PSP (Partido Social Progressista), liderado nacionalmente por Adhemar de Barros;
- f) PCB (Partido Comunista Brasileiro) – voltou à legalidade sob a liderança de José Bento de Souza;
- g) PAN (Partido Agrário Nacional) – liderado por Humberto Rodrigues de Andrade;
- h) PL (Partido Libertador) – liderado por Jäder de Carvalho.



Fernandes Távora durante a visita do Brigadeiro Eduardo Gomes

5.1.1 1945-1947: o troca-troca de cargos

Contavam agora os pessedistas com o apoio, a nível nacional, da Presidência da República que irão acionar tendo por fim lograr o seu objetivo que seria alcançado com a exoneração, em 10/10/46, do Sr. Pedro Firmeza da Interventoria, posto que havia assumido no lugar do Sr. Beni de Carvalho eleito que fora para Câmara Federal pela UDN (RIBEIRO, 1983).



Beni de Carvalho

O período de democratização no Ceará, iniciado com o afastamento de Getúlio Vargas da Presidência, em 1945, e concluído em 1947 com a posse de Faustino de Albuquerque como governador eleito foi marcado por instabilidade política. Durante este período, o Estado teve 11 interventores:

- Francisco de Menezes Pimentes (1945);
- Benedito Augusto de Carvalho dos Santos (1945 e 1946);
- Daniel Augusto Lopes (1945);
- Tomás Pompeu de Sousa Brasil Filho (1946);
- Raimundo Gomes de Matos (1946);
- Acrísio Moreira da Rocha (1946);
- Pedro Firmeza (1946);
- Carlos Livino de Carvalho (1946);
- Luís Cavalcante Sucupira (1946 e 1947);
- José Machado Lopes (1946 a 1947); e
- Feliciano Augusto de Ataíde (1947).

Acrísio era um político de massas. Identificava-se com a população residente nos bairros pobres de Fortaleza. Morava em sua residência, negando a vida luxuosa dos palácios governamentais, e estava sempre pronto para atender à população em qualquer hora do dia ou da noite.



Acrísio Moreira da Rocha

Com a ascensão do General Dutra, à Presidência da República, Acrísio foi demitido, permanecendo pouco tempo no Governo. O motivo dessa substituição foi a ligação do novo chefe da Nação com outros grupos do PSD no Estado do Ceará. Em seu lugar, assumiu a Interventoria Pedro Firmeza.

Pedro Firmeza foi jornalista e Bacharel em Direito. Veterano na política, logo ocupou a Interventoria (no dia 26 de fevereiro), um dia após sua chegada do Rio de Janeiro.



Pedro Firmeza

Como era ano eleitoral, os partidos políticos intensificavam seus trabalhos, tanto na Capital quanto nos outros municípios. Os pessedistas lutavam pela manutenção de suas bases e os udenistas lutavam pela conquista delas. Paralelamente, o PCB voltava à legalidade e iniciava-se um processo de fortalecimento no Estado, agindo em duas frentes:

- a) promovendo comícios-relâmpagos;
- b) agindo por meio do jornal "O Democrata", o grande veículo de propaganda do Partido. Este jornal denunciava o estado de miséria em que viviam os cearenses e veiculava matérias de caráter ideológico, isto é, em favor dos princípios do regime comunista.

A ação dos comunistas, entretanto, era barrada pelas forças políticas da sociedade cearense, tais como:

- a) a Igreja Católica, conservadora, chegava a incitar a violência no Estado contra a implantação do comunismo; e
- b) grande mobilização de empresários. Os trabalhadores envolvidos com o Partido Comunista ou que comungassem com seus ideais eram boicotados pela classe industrial cearense.

A violência política tomava conta do Estado. As disputas eleitorais resultavam, por vezes, em mortes. A chegada dos comunistas a determinadas localidades era motivo de fúria por parte da população, incitada por alguns religiosos.

Em meio ao clima tenso no Estado, o PSD sofria um "racha", em virtude da nomeação do Prefeito de Saboeiro Joaquim Moraes Feitosa, da UDN. Em reunião, líderes do partido resolveram pedir providências ao Presidente da República.

Assim, o Interventor Pedro Firmeza foi convocado a viajar para o Rio de Janeiro, a fim de dar explicações ao Presidente Dutra. Rompeu com seu partido, sendo logo substituído no dia 9 de outubro pelo Coronel Machado Lopes, que assu-



José Machado Lopes

miu, no dia 28 de outubro de 1946, prometendo cumprir e zelar pela Constituição. Pouco a pouco, compôs seu secretariado e suas bases de apoio. Chegou ao poder com o intuito de garantir liberdade e lisura ao processo eleitoral que estava marcado para janeiro de 1947.

Em 24 de dezembro de 1946, foi a vez do PTB (Partido Trabalhista Brasileiro) constituir-se no Ceará. Sob a presidência do trabalhador portuário Vital Félix de Sousa, o Partido apoiou a candidatura do general Onofre Muniz, ao governo do Estado.

Outro Partido que veio a organizar-se neste final de ano foi o PSP (Partido Social Progressista), sob a liderança do então dissidente pessedista, Olavo Oliveira.

5.1.2 1947: o fim do começo

(...) O Interventor não influiu no resultado da eleição, embora desejasse a vitória do General Onofre Gomes, do PSD. Tanto que, a UDN adotou uma posição de neutralidade com relação à sua administração (MOTA, 2001).

As eleições aconteceram no dia 19 de janeiro de 1947, para deputados estaduais, senador e governador. O interventor Machado Lopes, pelo fato de não se ter utilizado da máquina estatal para garantir a vitória do pessedista Onofre Muniz, passou a ser hostilizado pelos militantes de seu Partido.

Impossibilitado de percorrer o Estado, em razão das manifestações contrárias a sua atuação, o PCB (Partido Comunista Brasileiro) candidatava, seus militantes como forma de tentar facilitar sua penetração nas massas, mesmo que as candidaturas não representassem efetiva possibilidade de vitória.

A coligação com o PSP (Partido Social Progressista) possibilitou que a UDN (União Democrática Nacional) chegasse ao poder, derrotando o general Onofre Muniz, candidato pelo PSD (Partido Social Democrático). Saiu vitorioso nas eleições Faustino de Albuquerque.

Nas eleições municipais de 1947, o PR (Partido Republicano) de Acrísio Moreira da Rocha foi o que mais cresceu, tanto pelo carisma de seu líder quanto pela filiação de ex-membros do PCB, novamente colocado na ilegalidade, por decreto do Presidente Eurico Gaspar Dutra.

Em 18 de setembro de 1946 foi promulgada uma nova Constituição Federal, tendo como modelo a Constituição de 1934. Incorporou no seu texto a proteção aos trabalhadores, à ordem econômica, à educação e à família, bem como o regime de partidos, o voto secreto e a representação proporcional. Já no Estado do Ceará, adaptando-se a nova realidade, foi formada uma Assembléia Constituinte que promulgou a sua Constituição em 1947.

5.1.3 1948: a caça aos comunistas

Fortaleza funcionava como entreposto comercial; segundo dados relativos ao ano de 1948, tínhamos 117 firmas de importação e 49 responsáveis pela exportação. Exportávamos, principalmente, matérias-primas de origem vegetal e animal, cera de carnaúba, óleos de oiticica, mamona, babaçu e algodão, peles silvestres e de animais domésticos. Importávamos produtos industrializados, máquinas, automóveis, tecidos de lã e linho, ferro, aço e insumos tais como carvão, chumbo, cimento e drogas. Era o comércio o principal responsável por nossa economia como gerador de capital e o grande empregador da mão-de-obra existente na capital (RIBEIRO, 1989).

O ano de 1948 começou, politicamente, conturbado. Em 08 de janeiro, os parlamentares ligados ao PCB (Partido Comunista Brasileiro) tiveram seus registros cassados. A bancada do Partido na Assembléia Legislativa, apesar de ser composta somente por dois deputados, José Marinho de Vasconcelos e José Pontes Neto, era bastante atuante.

Os parlamentares ligados ao PCB agiam em três frentes:



Faustino
Albuquerque

- a) como porta-vozes da população, utilizando a tribuna para denunciar problemas, como, falta de energia elétrica, falta de açudes, baixos salários pagos aos trabalhadores etc;
- b) para a implantação do regime comunista, isto é, o estabelecimento de uma sociedade sem classes sociais; e
- c) na elaboração constante de emendas e artigos para a Constituição Estadual.

Faustino de Albuquerque assumiu o Governo nesta época e passou a enfrentar graves problemas de instabilidade política. O principal motivo foi o rompimento da UDN com o Partido Social Progressista (PSP), aliança que o havia levado ao Governo.

5.1.4 1949: ditadura novamente

Efetivamente, o governo Dutra (1946-51) foi marcado por uma administração conservadora em favor das classes dominantes. Uma outra marca deste período foi a política externa alinhada aos norte-americanos. No plano econômico, deu início a uma liberalização, reduzindo a intervenção do Estado no mercados.

Em 5 de fevereiro desse ano, o jornal "O Democrata", que defendia ideais comunistas, sofreu penalidade imposta pelo Governo Federal: foi fechado, permanecendo, assim, por um período de seis meses.

Curiosidades

1. Acrísio Moreira da Rocha, interventor federal no Ceará e prefeito de Fortaleza por duas vezes, faleceu em 25 de fevereiro de 2004 aos 96 anos de idade.
2. Registra-se que o carnaval de 1946 foi apelidado "Carnaval da Vitória". Dizem que foi animadíssimo, por conta das comemorações do fim da II Guerra Mundial, visto que essa festa, praticamente, não aconteceu nos três anos anteriores.
3. Em 19 de maio de 1947, pela última vez, o bonde elétrico transitou pelas ruas de Fortaleza, deixando para trás 34 anos de existência (eram 67 ao todo, se incluirmos os bondes tracionados por animal), não restando sequer um exemplar para ficar de registro histórico.
4. Leonardo Mota (Leota), o famoso folclorista e escritor cearense, membro da Academia Cearense de Letras e do Instituto do Ceará, faleceu no dia 2 de janeiro de 1947.

Refletindo

- *A máquina estatal tem sido historicamente utilizada, através dos tempos, pelos políticos, para que possam eleger seus sucessores. Será que nós, cidadãos, podemos fiscalizar? Será que podemos impedir que a máquina estatal seja utilizada para eleger candidatos da situação?*
- *A perseguição e os crimes políticos eram práticas comuns no Estado. Na Capital, a perseguição aos simpatizantes do comunismo dava-se tanto pelos empresários quanto pela Igreja Católica.*
- *A distribuição de cargos políticos, através da história, foi uma forma encontrada pelos políticos para manter a base de apoio ao Governo, reforçando a prática do clientelismo.*
- *O PCB passou mais tempo na ilegalidade do que na legalidade. A perseguição aos comunistas era feita pelo Estado (conservador), pela Igreja e pelos empresários, que demitiam os funcionários ligados ao "Partidão", sendo, na época, pouco provável que o trabalhador comunista viesse a arranjar um novo trabalho.*

5.2 1950: vivas às eleições

Em 03 de outubro de 1950, realizaram-se eleições gerais para presidente, vice-presidente, governador, vice-governador, senador, deputado federal, deputado estadual, prefeitos e vereadores. Para Presidente da República foi eleito Getúlio Vargas.

No Ceará, duas chapas concorreram ao pleito:

- a) uma formada pela UDN-PDC-PTB tinha como candidato ao Governo o deputado Edgar de Arruda (UDN), tendo como vice Fausto Cabral (PDC). O candidato ao Senado foi Fernandes Távora (UDN);

- b) a outra chapa era composta pelo PSD-PSP-PR e tinha como candidato ao Governo Raul Barbosa (PSD), seu vice Stênio Gomes da Silva (PSP). O candidato ao Senado foi o general Onofre Gomes Muniz (PSD).

O pleito eleitoral terminou com a vitória, para o Governo do Estado, de Raul Barbosa (PSD). Sua coligação elegeu ainda nove deputados federais e vinte e seis estaduais. Já a chapa adversária elegeu, somente, dois deputados e o Prefeito de Fortaleza, Paulo Cabral de Araújo.

5.2.1 1951: *seca-verde*

O Governador Raul Barbosa, no primeiro ano de seu governo, perdeu inteiramente o controle sobre as violências políticas no interior. Com um agravante: era minoritário na Assembléia Legislativa, o que contrariava seu plano político (MOTA, 1997).

Em meio à crise política provocada pela saída do deputado Chico Monte, do PSD, assumiu o governador Raul Barbosa, no dia 31 de janeiro de 1951. Nomeou seu secretariado e, em seguida, pronunciou o primeiro discurso como governador do Estado. Em sua longa fala, tocou em questões como a necessidade de uma mudança de mentalidade por parte do povo, articulação regional, apoio ao Governo federal e a necessidade de contenção de despesas.

Raul Barbosa encontrou, em seu primeiro ano de governo, oposição por parte da UDN, rival histórico do PSD que, além de ser maioria na Assembléia Legislativa, tinha o controle do jornal "O Povo". A situação agravava-se em razão dos constantes conflitos ocorridos no Estado, em sua maioria, envolvendo chefes políticos de ambos os partidos.

O ano de 1951 também foi marcado pela "seca verde". A saída encontrada pelo Governador foi tentar viabilizar a produção de chuvas artificiais para solucionar o problema da seca em nosso Estado, pelos altos custos com aviões e produtos químicos e os resultados ineficientes das primeiras experiências, o projeto logo foi abandonado.

5.2.2 1952: os "anjos rebeldes"

(...) De 1950 a 1954, alguns deputados estaduais da UDN resolveram apoiar administrativamente o Governador do Estado eleito pelo PSD-PSP. Apelidávamos de anjos rebeldes. A rebeldia Angélica constituía máscara de falta de vergonha e de convicção política. Na essência, ninguém queria ficar de baixo (MONTENEGRO, 1980).

A eleição, de 1952, para a Mesa Diretora da Assembléia Legislativa, foi palco de um acontecimento político que mostrou um "racha" na UDN. A vitória da chapa

do PSD, mesmo não tendo maioria, evidenciou que políticos udenistas “traíram” o partido. Como consequência, Perilo Teixeira, o líder da UDN na Assembléia, foi substituído por João de Alencar Melo.

As intrigas políticas ocorreram, também, no seio do PTB (Partido Trabalhista Brasileiro), fundado por Getúlio Vargas. A corrente liderada pelo petebista Othon Sobral, que contava com dois deputados estaduais, pretendia maior participação no Governo de Raul Barbosa, posição, no entanto, contrária à de Carlos Jereissati, o outro líder petebista que tinha um grupo bem mais extenso, do qual faziam parte alguns vereadores da bancada fortalezenses e vários deputados federais. Nas eleições para o Diretório Estadual, venceu a corrente liderada por Carlos Jereissati. Assim o PTB permaneceu fora do governo Raul Barbosa.

5.2.3 1953: pequenos passos para o progresso

(...) O 3º ano da administração Raul Barbosa consolidou a liderança político-administrativa do Governo com a atenção que o Governo Federal dispensava ao Ceará na criação do Banco do Nordeste do Brasil, assistência aos flagelados da seca e o aconselhamento político que o Presidente da República emprestava ao Governador (MOTA, 1997).



Raul Barbosa

Raul Barbosa tinha grande interesse em pacificar os ânimos políticos daquele período. No início do ano de 1953, promoveu um acordo com o PTB e com setores da UDN, conseguindo êxito. Mesmo pacificando setores udenistas, a posição deste Partido era a de não dar tréguas ao Governo, promovendo uma “oposição eficiente” e constante a Raul Barbosa.

Na mesma época, a União dos Moços Católicos, chefiada pelo arcebispo D. Antônio de Almeida Lustosa, deu posse à diretoria. Seu objetivo era “ocupar espaços na vida político-partidária”, influenciando na decisão do eleitorado. Essa nova diretoria, por sua vez, era presidida por Mauro Benevides.

No final de 1953, com vistas à sucessão do próximo ano, Raul Barbosa, respaldado por seu partido, o PSD, propôs uma nova pacificação entre os partidos políticos. Em reunião, no Rio de Janeiro, com as lideranças dos grandes partidos cearenses, propôs negociação, contudo, sua inabilidade política na condução desse acordo fez com que seu objetivo não se concretizasse. Tendo anunciado o nome de Fernandes Pinto como candidato majoritário ao Governo e sem a resposta de apoio dos outros partidos, gerou insatisfação geral entre aqueles dispostos a apoiá-lo.

Raul Barbosa, como medida de emergência e na tentativa de amenizar os ânimos, propôs resolver os problemas de energia da Capital. A cidade de Fortaleza, que sofria constantes racionamentos de energia elétrica, ganhou uma usina a diesel no final de 1953. A medida amenizava a situação, porém a solução definitiva só viria com a chegada da energia de Paulo Afonso. Tal medida, entretanto, não resolveu todos os problemas enfrentados pelo Governador.

5.2.4 1954: grandes passos para o progresso

(...) O terceiro governante do período de redemocratização veio com o jornalista e Deputado Paulo Sarasate Ferreira Lopes, assumindo o cargo em 1954. Dinâmico em suas atividades parlamentares e dotado de qualificações políticas (...) (ARAGÃO, 1987).



Paulo Sarasate
Ferreira Lopes

Em janeiro de 1954, Raul Barbosa reuniu, novamente, representantes de partidos com o intuito, mais uma vez, de uma pacificação com vistas à próxima sucessão governamental. Lançou o nome do general Juarez Távora como candidato ao Governo, no entanto, determinados grupos (PDC e deputados do PSD) voltaram-se contra ele, impossibilitando o estabelecimento de acordo político.

Em face dos acontecimentos, a UDN, juntamente com o PTB, anunciaram que se coligariam para o pleito de outubro de 1954. O grupo situacionista (PSP-PSD) tentou articular-se, mas não obteve êxito.

Percebendo que a renúncia seria vantajosa politicamente, o governador Raul Barbosa deixou o cargo para concorrer à vaga ao Senado Federal, assumindo seu vice, Stênio Gomes da Silva.

O PSP, em aliança com o PSD, aliados de Raul Barbosa, lançaram a candidatura de Plínio de Sabóia no dia 24 de julho de 1954, retirando essa candidatura no dia 2 de agosto do mesmo ano, em nome de novo candidato: Armando Falcão. Já a UDN, coligando-se com o PTB, indicou, no dia 25 de julho de 1954, o nome de Paulo Sarasate ao Governo, tendo como vice o petebista Flávio Marcílio.

Concorreram à sucessão estadual onze partidos políticos. A falta de recursos fazia com que os próprios candidatos tivessem que financiar suas campanhas que, desde esse período, custavam muito caro. As eleições foram marcadas por fraudes e pelo abuso do poder econômico.

Venceu a eleição o diretor do jornal "O Povo" e deputado federal Paulo Sarasate Ferreira Lopes, candidato pela UDN, tendo como vice Flávio Marcílio, que chegou a assumir várias vezes o Governo do Estado, em razão dos freqüentes afastamentos do governador Sarasate.

O Governo federal instalou o Banco do Nordeste do Brasil (BNB), com sede em Fortaleza. Referido órgão foi peça importante no processo de modernização do Estado do Ceará, juntamente com a criação da Universidade Federal do Ceará. Ambas as instituições contribuíram para a formação de quadros técnicos que comporiam a futura Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste (SUDENE), criada em 1959.

5.2.5 1955: energia e presidente

No dia 23 de março de 1955, o então Prefeito de Fortaleza, Paulo Cabral de Araújo, inaugurou a Usina Termo-Elétrica do Mucuripe e o Serviço de Luz e Força de Fortaleza (Serviluz). Buscava-se, mais uma vez, solucionar o problema de energia



Stênio Gomes
da Silva

elétrica que afligia a cidade de Fortaleza. Dois dias após essas inaugurações, deixava o cargo para seu sucessor Acrísio Moreira da Rocha.

As eleições para Presidente da República, nessa época, movimentaram o Ceará, particularmente Fortaleza, que recebia freqüentemente os candidatos oficiais que promoviam comícios nas praças da cidade.

Estiveram no Ceará: Adhemar de Barros, Juarez Távora, Juscelino Kubitschek (JK) e João Goulart (candidato a vice de JK).

Embora o vencedor dessas eleições tenha sido Juscelino Kubitschek (JK), no Ceará, o general Juarez Távora recebeu uma expressiva votação, em virtude do legado político da família Távora no Ceará.

5.2.6 1958: a seca

Dinâmico em suas atividades parlamentares, dotado de qualificações políticas, o Governador Sarasate não cometeu nem o pecado da deslealdade nem a segurança individual sofreu danos por atos de coação, podendo ser considerado como cumpridor de deveres implícitos. Era, contudo, bastante temperamental (ARAGÃO, 1987).



Flávio Portela
Marcílio

Em 3 de março de 1958, o PSD, chefiado por Menezes Pimentel, foi registrado no Tribunal Regional Eleitoral. Dava-se início ao processo de sucessão estadual.

Em 1º de julho do mesmo ano, o governador Paulo Sarasate passou o cargo para seu vice, Flávio Marcílio, para concorrer a uma vaga na Câmara Federal.

O Partido mais estruturado da época era a UDN que tinha, ao todo, 95 diretórios no Estado, 14 a mais do que seu rival mais próximo, o PSP. Em virtude da sua maior penetração no Estado, elegeu cerca de 1/3 dos prefeitos e dos vereadores. As agremiações partidárias desse período, entretanto, não tinham caráter ideológico, as coligações davam-se nos termos mais diversos possíveis e de acordo com as conveniências. No sul do Estado, os movimentos separatistas, isto é, que não queriam cumprir os acordos firmados entre os políticos dominantes da política cearense, foram influenciados pelo discurso oposicionista. Alegava-se atenção somente à Capital, deixando o restante à margem das decisões políticas. Esse fato prejudicou bastante os planos das coligações de apoio à UDN.

As eleições ocorreram durante um período de grande seca. A utilização indevida de recursos públicos vindos do Governo federal, sobretudo por meio do Departamento Nacional de Obras Contra as Secas (DNOCS) e do Departamento Nacional de Estradas e Rodagem (DNER), foi responsável pela eleição de vários políticos. Em meio à miséria do povo, o abuso de dinheiro e a corrupção (no desvio de verbas públicas) marcaram o pleito desse período.

Assim, foram eleitos Parsifal Barroso, governador, e Wilson Gonçalves, vice-governador.

5.2.7 1959: “é dando que se recebe...”

José Parsifal Barroso, homem culto e moderado, assumiu o governo relativo ao quadriênio 1958/62. De início, recebeu por herança o flagelo de uma terrível seca, a estiagem de 1958, não totalmente escassa de chuvas, mas alarmante em suas conseqüências várias (ARAGÃO, 1987).



Parsifal Barroso

Parsifal Barroso adotou em seu Governo o “é dando que se recebe”. Cedia cargos a políticos ligados à oposição em troca de apoio político. Enfrentava, ainda, as conseqüências da seca e a derrota de seu candidato à Presidência da República.

Nessa época, os políticos cearenses foram partícipes ativos das eleições presidenciais, tanto no plano nacional como local. O empenho do governador Parsifal Barroso pelo candidato pelo PTB Marechal Henrique Teixeira Lott resultou em vitória, na Capital, embora o resultado das eleições, no plano nacional, tenha sido diferente.

Jânio Quadros foi o vencedor. Político imprevisível, adotou a vassoura como símbolo para “varrer” a corrupção da política brasileira. Contou com o apoio de Virgílio Távora, o qual atuou como secretário geral de sua campanha.

Jânio renunciou pouco tempo depois, mas Virgílio Távora teve longa vida como político no nosso Estado.

Curiosidades

1. O sistema eleitoral adotado nas eleições de 1950 perdura até hoje. A única mudança foi a da não-contabilização dos votos em branco no cálculo do quociente eleitoral.
2. A “seca-verde” ocorre pelo excesso de chuvas em um determinado período e ausência de chuvas nos anos subsequentes. O resultado é que, apesar do mato estar verde, não há água para consumo.
3. A “chuva artificial” diz respeito a um processo de bombardeamento de nuvens com produtos químicos, com uso de aviões de pequeno porte.
4. Em 3 de novembro de 1953, chegou a Fortaleza a imagem de Nossa Senhora de Fátima para o altar da igreja que estava por construir na avenida 13 de Maio. A chegada da Santa deu novo nome ao bairro, que passou a chamar-se Bairro de Fátima.
5. No dia 9 de julho de 1954, apresentou-se, na praça Coração de Jesus, a Orquestra Sinfônica Brasileira, regida por Eleazar de Carvalho. O concerto foi transmitido pela Ceará Rádio Clube e pela Rádio Iracema de Fortaleza.
6. Morreu no dia 26 de janeiro de 1957 o primeiro Presidente da República cearense, o ex-Ministro do Supremo Tribunal Federal, José Linhares, que assumiu logo após a deposição de Getúlio Vargas, em 1945.

Curiosidades

7. Durante o encerramento da Semana da Ópera "O Guarani", de autoria do maestro Carlos Gomes, realizada no Teatro José de Alencar, foi executado, pela primeira vez, o Hino de Fortaleza, música do professor Antônio Gondim de Lima e letra de Gustavo Barroso.
8. No dia 26 de março de 1958, foi inaugurado o cine São Luiz. Localizado na rua Major Facundo nº 510, praça do Ferreira. O cinema comportava até 1.307 pessoas, sendo, também, o primeiro cinema de Fortaleza a ter ar-condicionado.
9. Foi lançada, no dia 23 de maio de 1959, a pedra fundamental da Televisão Ceará, canal 2, propriedade da Rede Tupi de Televisão. Localizava-se na Avenida Antônio Sales.
10. Morreu no dia 3 de dezembro de 1959, na cidade do Rio de Janeiro, o escritor Gustavo Guilherme Dódt da Cunha Barroso (Gustavo Barroso). Cearense de Fortaleza, foi membro ativo da Academia Brasileira de Letras.

Refletindo

- *Dizem alguns estudiosos que, entre os fenômenos climáticos, a seca é o mais ameno deles. Será que a questão da seca tem sido enfrentada por parte dos governos de modo correto?*
- *Qual a importância da fidelidade partidária? Deve-se ou não votar com a maioria do partido? E, quando não se concorda com as decisões partidárias?*
- *A política local, muitas vezes, não segue as orientações nacionais. Por vezes, coligações que parecem impossíveis são concretizadas, em nome de interesses econômicos e/ou políticos.*
- *Juarez Távora, ao ser cogitado como candidato ao Governo do Estado no ano de 1954, foi bastante saudado, principalmente pelos setores mais conservadores da sociedade cearense.*
- *D. Antônio de Almeida Lustosa, criador da União de Moços Católicos e Arcebispo de Fortaleza, desempenhou precioso papel para os setores conservadores da sociedade, pois era ferrenho defensor dos interesses das classes dominantes economicamente.*
- *As verbas destinadas à solução das mazelas provocadas pela seca por muitas vezes foram utilizadas em favor de políticos, desviando-se de sua destinação: ajudar o sertanejo castigado pela falta d'água.*

5.3 1961: "Festa do século"

Em 28 de dezembro de 1961, foi inaugurada a primeira fase do Plano de Eletrificação do Estado do Ceará. A festa contou com a presença do Governador Parsifal Barroso e do Ministro da Viação, Virgílio Távora, representando o Presidente da República, João Goulart.



Plano de Eletrificação do Nordeste

A partir da inauguração dessa "Primeira" fase, a Companhia de Eletricidade do Cariri (CELCA) pôde funcionar como distribuidora de energia. Oito municípios foram atendidos, sendo este número ampliado aos poucos.

Nesta ocasião, o povo do Cariri foi às ruas a fim de comemorar os novos tempos com grande festa: "A festa do século". A vida econômica dessa região, desde então, mudou consideravelmente.

5.3.1 1962: a união faz a força

A "União Pelo Ceará" foi um movimento no qual as elites políticas conservadoras cearenses, ligadas ao PSD e à UDN, uniram-se com o interesse de barrar a ascensão de novas forças políticas no Estado. Lançaram a candidatura do jovem deputado Virgílio Távora, tendo como vice, Figueiredo Correia (PSD) e, para o Senado, Wilson Gonçalves (PSD) e Tancredo de Alcântara (PTN).



Virgílio Távora – Foto cedida pelo Governo do Estado do Ceará.

Alguns políticos conformaram-se, outros fizeram oposição a esse movimento. O grupo político ligado ao deputado Adahil Barreto, por exemplo, desligou-se da UDN e filiou-se ao PDC – Partido Democrático Cristão, unindo forças políticas opositoras, como o PSP de Olavo Oliveira, PTB de Carlos Jereissati e o PR de Acrísio Moreira da Rocha e seus irmãos Péricles e Crisanto. Apoiados por forças sociais (sindicatos e estudantes), lançaram a candidatura do próprio Adahil para governador, tendo como vice o petebista Fausto Cabral e para o Senado saíram candidatos Olavo Oliveira e Carlos Jereissati.

A vitória da “União pelo Ceará” foi esmagadora. Virgílio Távora venceu para o Governo do Estado. Dos 64 deputados estaduais, elegeram 43; na Câmara Federal, foram 15 dos 21 eleitos. Adahil Barreto elegeu-se deputado federal.

5.3.2 1963: planejando o futuro

O governo Virgílio Távora, iniciado em 1963, fecha o ciclo de institucionalização democrática e terá prosseguimento ao longo do sistema implantado pela Revolução de 1964. O Coronel Virgílio elegeu-se pela chamada “União Pelo Ceará (...) (ARAGÃO, 1987).

Com apenas 46 anos de idade, morreu o senador Carlos Jereissati. Tal acontecimento provocou alteração considerável no quadro político local; afinal, o chefe político do PTB não havia deixado herdeiros políticos diretos. Vale ressaltar que a ascensão política do senador petebista foi o grande motivo da “União pelo Ceará”.

Virgílio Távora assumiu o Governo do Ceará, pretendendo estruturar a administração pública, sobretudo por meio do desenvolvimento de planos e metas de governo. O “carro-chefe” de sua gestão foi o projeto de energização do Estado. Essa proposta, inicialmente defendida por Paulo Sarasate, foi também “abraçada” por ele quando, ainda, era deputado federal.

Vale destacar que, pela primeira vez, o Estado do Ceará tinha um plano de governo estruturado, a partir de uma análise da situação real, destacando aquilo que deveria ser feito e com que recursos contaria. Algumas das gestões anteriores à de Virgílio, embora bem-intencionadas, foram falhas por não haver um planejamento. O plano de governo de Virgílio chamou-se PLAMEG (Plano de Metas Governamentais) e foi um instrumento muito eficiente na administração dos escassos recursos públicos, bem como na realização de obras.

5.3.3 1964: o golpe

A patente de coronel e o legado dos Távoras como revolucionários históricos preservavam Virgílio de ser jogado na vala comum dos políticos. Entretanto, suas ligações pessoais com o ex-presidente João Goulart e de modo especial sua breve passagem pelo Ministério da Viação e Obras Públicas, em 61, colocavam-no sob suspeita e tornavam-no vulnerável às investidas dos adversários que exigiam sua cassação (CARVALHO, 2002).

Virgílio Távora estava em seu segundo ano de mandato como governador, quando irrompeu o golpe militar de 1ª de abril de 1964, que derrubou João Goulart da Presidência. Tendo como lema pôr fim à subversão e à corrupção, os militares promoveram a cassação de vários governos estaduais. A amizade com Goulart tornava Virgílio “alvo” de alguns militares. Castello Branco, todavia, novo Presidente da República, conhecia a trajetória política da família Távora no Estado do Ceará, diminuindo, assim, as possibilidades de represálias contra Virgílio.

Naquele fatídico 1º de abril de 1964, em Fortaleza, várias residências foram invadidas pela polícia, pessoas foram presas e políticos foram cassados. Uma série de abusos foram cometidos em nome do “golpe militar”.

Com o golpe de 1964, a política estadual passava a se organizar em função do que se decidia no plano federal. Os atos institucionais decretados pelo presidente Castello Branco modificaram, como num passe de mágica, toda a estrutura política brasileira, muitas vezes, aprofundando os conflitos locais e obrigando à adesão dos políticos, sob pena de cassação dos direitos políticos.

5.3.4 1965: sem liberdade

Em 1965, houve eleições para o cargo de governador nos 11 estados nos quais os mandatos duravam cinco anos. Apesar de enfraquecidas pelas cassações de diversas lideranças, a oposição venceu em cinco estados, dois deles de grande importância política: na Guanabara venceu Negrão de Lima (PSD-PTB) e em Minas Gerais venceu Israel Pinheiro (PSD-PTB). Esse resultado provocou a decretação, 24 dias depois do pleito, do AI-2, que em artigo lacônico, terminou com a rica experiência multipartidária da República de 1946: Ficam extintos os partidos políticos e cancelados os respectivos registros (art.18).

(NICOLAU, 2002)

Em 27 de outubro de 1965, por força do Ato Institucional nº 2, foram extintos os partidos políticos; no entanto, menos de um mês após a publicação do

ato, o Governo federal publicou novo ato complementar, permitindo a criação de algumas organizações.

Foi possível, então, a criação de três agremiações políticas. Era necessário que cada uma delas contasse com a assinatura de 120 deputados federais e de 20 senadores para funcionar. A intenção do Governo era a criação de somente duas entidades: uma governista forte e outra oposicionista fraca. O importante seria dar um aspecto “democrático” ao regime militar, imposto pela força ao povo brasileiro.

Surgiram, assim, a ARENA (Aliança Renovadora Nacional), representando a situação governamental, e o MDB (Movimento Democrático Brasileiro), como oposição ao regime militar.

No Ceará, a ARENA constituiu-se de políticos ligados à UDN, ao PSD, além de setores do PTB. Já o MDB foi formado por ex-petebistas e de pessedistas da ala liderada por José Martins Rodrigues. A nova configuração partidária causou diversos problemas em virtude da reunião, em uma mesma agremiação, de inimigos locais históricos. Tais agremiações, contudo, passadas as eleições de 1966, poderiam requerer registro oficial como partido político.

5.3.5 1966/68: o AI-3 e o AI-5



Plácido Aderaldo
Castelo

(...) Nascido sob a influência do recém-implantado sistema revolucionário, o governo Plácido Castelo tomou forma absolutamente gerencial, sem criatividade e sem se ater aos desafios do progresso. O seu governo iniciou-se em setembro de 1966, período em que política partidária e política econômica tomavam isoladamente seus respectivos destinos. A economia se desenvolvia por suas próprias forças, impulsionada pela instalação de indústrias, a modernização das técnicas de comércio e a ampliação da rede bancária. O setor pesqueiro também evoluía, empresarial e comercialmente, adquirindo destaque nas exportações e conseqüentemente no carreamento de divisas para o País. Na área sertaneja, fonte natural de riquezas e, sobretudo, como pólo de sustentação alimentar urbano, continuaram a foíce e o machado em sua mult centenária prática de desenvolvimento, tendo como fonte de auxílio o fogo ou o regime predatório das habituais queimadas. Piorou o sertão, com o despovoamento rápido, de braços úteis, e só excepcionalmente servido por rudimentos de mecanização (ARAGÃO, 1987).

Em 03 de fevereiro de 1966, o Governo decretou o Ato Institucional nº 3 (AI-3). A partir de então, o governador e vice-governador de Estado passariam a ser eleitos por meio do voto indireto. Os governadores em 1967, 1971 e 1975 foram eleitos, nas Assembléias Legislativas, pelo voto indireto dos deputados.

O AI-3 provocou mudanças, também, no âmbito municipal. Os prefeitos das capitais passaram a ser nomeados pelo governador, embora tivessem que se submeter à aprovação da Assembléia Legislativa.

Tanto o governador do Estado, Virgílio Távora, quanto seu vice, Joaquim Figueiredo Correia, renunciaram aos cargos, pois pleiteavam uma vaga na Câmara Federal. Assumiu, então, o Governo do Estado, o Presidente da Assembléia Legislativa, Franklin Gondim Chaves.

Em 13 de setembro do mesmo ano, tomou posse o governador eleito, Plácido Aderaldo Castelo, candidato contrário à chapa governista da época. Mais uma vez, o poder local não conseguiu eleger seu sucessor.

Em 13 de dezembro de 1969, o presidente Costa e Silva baixou o AI-5, decretando o recesso do Congresso Nacional.

O AI-5 foi um instrumento que deu poderes ilimitados ao presidente da República. Podia fechar o Congresso, podia cassar mandatos e suspender direitos políticos, assim como demitir ou aposentar servidores públicos.

A partir do AI-5, o regime militar concentrou-se na chamada comunidade de informações, isto é, naqueles órgãos de vigilância e repressão. Estabeleceu-se, na prática, a censura aos meios de comunicação, música, cinema.

No Ceará, foram cassados pelo AI-5 os seguintes deputados: Murilo Rocha Aguiar, Sebastião Brasilino de Freitas, Ernani de Queirós Viana, José Firmo de Aguiar, Haroldo Magalhães Martins, Luciano Campos Magalhães, Dorian Sampaio, Moslair Cordeiro Leite e Raimundo Ximenes Neto.

Curiosidades

1. A construção de linhas e redes de distribuição de energia dependia da cooperação dos prefeitos municipais. No Município de Altamira – PA, o prefeito chegou a vender o jipe da Prefeitura para arrecadar recursos.
2. No dia 20 de janeiro de 1962, foi inaugurada a estação de passageiros do aeroporto Pinto Martins.
3. No dia 28 de junho de 1966, faleceu o famoso cego Aderaldo (Aderaldo Rufino Ferreira de Araújo), poeta e cantador de cordel que entrou para o folclore cearense.
4. Em 1967, faleceu em acidente aéreo o ex-presidente cearense Humberto de Alencar Castello Branco; morreu também, em Paris após uma operação para extração de amígdalas, o pintor cearense Antônio Bandeira. Foi um dos fundadores do Centro Cultural de Fortaleza, entidade que precedeu a Sociedade Cearense de Artes Plásticas.
5. Em 1968, morreu o senador Paulo Sarasate, ex-governador do Ceará.

Refletindo

- *As forças conservadoras, sempre que necessário, unem-se para preservar o poder.*
- *É importante que haja um planejamento de governo? Por que o ato de planejar se faz necessário aos governantes?*
- *Um dos motivos alegados para a necessidade do golpe militar foi o combate à corrupção. Foram 21 anos no poder e, entretanto, a corrupção não foi sanada.*
- *Em janeiro de 1966, a Biblioteca Pública Menezes Pimentel, que funcionava no Palácio da Luz, entrou em processo de mudança para sua nova sede localizada na praça do Cristo Rei. Durante a mudança, vários livros raros foram jogados fora e perdidos.*

5.4 1970: violência e repressão

O governo de Plácido Castelo foi difícil devido à limitação dos recursos. O Fundo de Participação foi uma criação posterior a seu governo e Plácido Castelo atrasou bastante o funcionalismo público durante toda sua gestão. Mas, dentro do espírito do movimento político de 1964, ele fez obras grandiosas, como a construção do Instituto Penal Paulo Sarasate (IPPS), a rodovia do Algodão, ligando Fortaleza a Crato, a rodovia litorânea ligando Fortaleza a Aracati, o Estádio Plácido Castelo, depois conhecido como Castelão, concluído no governo Virgílio Távora, o Palácio da Abolição. Enfim, construiu prédios, símbolos dessa nova etapa de poder: presídios, palácios e estádios de futebol. Sua participação política é típica de um vazio de poder das lideranças tradicionais (PARENTE apud SOUZA, 2002).

No Governo de Plácido Castelo, os crimes políticos eram realidade no Ceará. Fora da Capital do Estado, opositoristas, ligados ao MDB, eram vitimados e muitos foram presos ou mortos. Nos municípios, grupos políticos entravam em conflito. Havia muita repressão e medo.

A ARENA, pela própria dinâmica política cearense, de adesismo às situações governistas, abrigava diversos grupos políticos, inclusive, de inimigos que, embora fizessem parte de um mesmo partido, entravam constantemente em conflito.

As eleições de 1970 realizaram-se de forma direta (voto popular) para os mandatos do Legislativo (senadores e deputados) e de forma indireta para o mandato de Governador. Os resultados deste pleito mostraram a força política que a Arena, partido da situação, tinha:

- a) além de dois senadores, Virgílio Távora e Wilson Gonçalves, foram eleitos 13 deputados federais e 52 estaduais contra 3 federais 16 estaduais do MDB;
- b) nos municípios, a situação elegeu 985 vereadores, enquanto a oposição, somente 115. O MDB sequer foi votado em 66 municípios do Estado.

As eleições, mais uma vez, foram marcadas por várias denúncias de fraudes e corrupção. As campanhas deveriam ser financiadas pelos partidos e, apesar de regulamentado, o fundo partidário não era controlado e, assim, os próprios candidatos financiavam suas campanhas, à revelia da lei e de acordo com as alianças firmadas entre vários colaboradores.

5.4.1 1971: a trindade

(...) Ao Dr. Plácido Castelo, sucedeu o engenheiro César Cals de Oliveira Filho, recrutado de setores da administração federal e instalando-se a 15 de março de 1971. Estreando na política, logo revelou suas inclinações partidárias, com a criação do 'Cesismo' ou formação de tendências políticas em torno de sua liderança (ARAGÃO, 1987).

Eleito por voto indireto, assumiu no dia 15 de março de 1971 como novo governador do Estado, o engenheiro César Cals de Oliveira Filho, tendo com vice

Humberto Bezerra. Na mesma ocasião, tomou posse o prefeito nomeado de Fortaleza, Vicente Cavalcante Fialho.

A partir daí, formou-se uma trindade: César Cals, Virgílio Távora e Adauto Bezerra. Foram dirigentes de nosso Estado por um longo período e tiveram participação ativa nos rumos da política cearense.



César Cals, Virgílio Távora, Adauto Bezerra. Foto cedida pelo Governo do Estado do Ceará.

5.4.2 1973: o progresso chegou

Diversas mudanças foram percebidas a partir de 1973, desde a fundação da primeira universidade privada do Estado, a UNIFOR (Universidade de Fortaleza), até a chegada da televisão em cores no Ceará. O ano de 1973 foi marcado por profundas transformações tanto na política quanto na sociedade como um todo.

Além disto, aliado às idéias de grandes obras do Governo federal, o governador cearense César Cals deu início a um arrojado projeto de estruturação do Estado, particularmente da Capital, Fortaleza, já considerada metrópole.

Algumas destas obras foram:

- a) construção do Terminal Rodoviário João Tomé;
- b) instalações da FUNCEME – Fundação Cearense de Meteorologia;
- c) início da construção do Centro de Convenções;
- d) construção do Centro de Turismo de Fortaleza;
- e) construção da avenida Leste Oeste; do kartódromo Governador César Cals; da Sede do DNOCS (Departamento Nacional de Obras Contra as Secas);
- f) inauguração do Castelão.

5.4.3 1974: grandes obras

O governador César Cals dá continuidade à realização de grandes obras. Fundou-se o Instituto Penal Feminino, posteriormente nomeado Auri Moura Costa. A gestão de César Cals rendeu-lhe dois títulos de grande importância: Dr. *Honoris Causa* da Universidade Federal do Ceará e o troféu Sereia de Ouro.

Nesse período, o vice-governador Humberto Bezerra, renunciou ao cargo para concorrer a uma vaga na Câmara dos Deputados.

Em 3 de outubro de 1974, por eleições indiretas (Assembléia Legislativa), Adauto Bezerra foi eleito governador do Ceará, tendo como vice o então senador Waldemar de Alcântara.



César Cals – Foto cedida pelo Governo do Estado do Ceará.

Neste mesmo ano foi encontrado morto, nos arredores de Lyon (França), o frei Tito de Alencar Lima, cearense nascido em Fortaleza. Destacou-se como líder político atuando na década de 1950 na JEC (Juventude Estudantil Católica), lutando pelos direitos humanos.



José Adauto Bezerra de Menezes

5.4.4 1978: a voz do empresariado

O trabalho que os representantes da segunda geração de empresários cearenses vêm realizando junto ao Centro Industrial do Ceará caracteriza-se por seu aspecto inovador e pela abrangência de suas propostas, cujo objetivo fundamental é estabelecer novos parâmetros no relacionamento entre a classe industrial e o Estado, cobrando dessa forma, uma nova postura das elites políticas e econômicas do Ceará e do Nordeste, em detrimento do comportamento até então vigente, onde basicamente predominava a passividade do empresariado e o paternalismo do Estado (SAMPAIO FILHO, 1987).

Um grupo de jovens empresários, entre 35 e 45 anos de idade, assumiu o comando do Centro Industrial do Ceará (CIC), superando o tradicional alinhamento desta entidade à Federação das Indústrias do Estado do Ceará(FIEC). Propôs novo rumo político para nosso Estado. O novo presidente do CIC, Benedito Clayton Veras (Beni Veras), jovem empresário do setor têxtil, ao contrário dos representantes da FIEC, tinha em mente um novo padrão de ação empresarial.

Desde a gestão Beni Veras, o CIC passou a promover uma série de debates com nomes nacionais, tornando-se um dos grandes centros para discussão sobre política, economia e sociedade.

A mentalidade dos jovens empresários do CIC estava alinhada às novas concepções de participação do Estado no plano nacional. Pretendia, assim, um empresariado mais ousado e menos dependente do governo local.



Beni Veras – Foto cedida pelo Governo do Estado do Ceará.

5.4.5 1979: o retorno

Com a volta ao governo estadual, Virgílio confirma a condição de maior chefe político do Ceará. Em uma clara alusão ao seu primeiro mandato de governador, seu novo plano administrativo ganha o nome de PLAMEG II (CARVALHO, 2002).

Em 1979, a distensão lenta e gradual empreendida pelo Presidente Geisel mostrou sinais mais sólidos de reabertura política. O governo empreendeu uma re-

forma do sistema partidário. Os partidos políticos deveriam configurar-se enquanto tal. A Arena deixou de existir e o MDB “ganhou” um “P”, tornando-se PMDB.

Neste período, Virgílio Távora tomou posse à frente do governo do Estado, nomeando prefeito de Fortaleza Lúcio Alcântara, filho do ex-governador Waldemar de Alcântara, político fiel ao grupo virgilista.

Nesta segunda gestão como governador, Virgílio Távora lançou o Plano de Metas Governamentais II (PLAMEG II) com o objetivo de fomentar o desenvolvimento industrial do Estado. Para isto, planejava a construção de rodovias, ampliação do abastecimento de água da cidade de Fortaleza e do aumento da capacidade do porto e aeroporto. Neste período, inicia-se uma seca que resultaria em diversos problemas para a administração, sendo necessário tomada de medidas emergenciais.

Curiosidades

1. Em 1970, pela primeira vez, assumiu a Prefeitura de Fortaleza uma mulher. Em virtude de uma viagem do prefeito José Walter Cavalcante, assumiu em seu lugar a presidente da Câmara Municipal, a vereadora Mirtes Campos.
2. Em fevereiro de 1971, saíram de circulação, após breve período de utilização (1967-1971), os ônibus elétricos que havia em Fortaleza. Faziam as linhas Bezerra de Menezes e Parangaba. No dia 5 de setembro do mesmo ano, esses ônibus foram vendidos para a Companhia Metropolitana de Transportes Coletivos, de São Paulo.
3. Também em 1971, jogou contra o Fortaleza o clube de futebol moscovita Dínamo, no estádio Presidente Vargas, ocasião em que a partida terminou empatada em 2x2.
4. No ano de 1972, foi instalada a Central de Abastecimento do Ceará, no Distrito Industrial, como parte do Sistema Nacional de Abastecimento.
5. Em 1972, a cidade de Fortaleza já possuía mais de um milhão de habitantes. O número exato era de 1.160.002 pessoas.
6. No dia 23 de janeiro de 1979, o escritor Aurélio Buarque de Holanda recebeu o título de Cidadão Cearense.

Refletindo

- *A partir da escolha de César Cals como governador, formou-se o núcleo dos três “coronéis” que comandaram a política cearense por muito tempo. Qual a herança deixada por eles? A permanência ou a alternância no poder é boa para a política?*
- *No dia 6 de abril de 1973, 23 militantes do movimento revolucionário ligados ao PC do B foram presos na residência de José Tarcísio Crisóstomo. Entre eles, havia professores universitários, acadêmicos e bancários. O período foi marcado por forte repressão por parte do Governo Federal.*

Refletindo

- *A sucessão do coronel César Cals em 1976 foi mais tranqüila do que a do antigo governador Plácido Castelo. Foi feito um acordo e a trindade César, Virgílio e Adauto decidiu que era a vez do coronel Adauto Bezerra – da antiga UDN – ser o escolhido. Seu vice foi também um tradicional político militante da região central, Waldemar de Alcântara – do antigo PSD – ligado a Virgílio Távora.*
- *Em 1977, a Emenda Constitucional nº8, que ficou conhecida como Pacote de Abril, instituiu a eleição indireta para o Senado. Nas eleições em que 2/3 do Senado seriam renovados, um senador continuaria a ser eleito pelo voto direto e o outro seria eleito pelo mesmo colégio eleitoral que escolhia o governador. Este senador era conhecido como "biônico".*
- *O político deve ser profissional? Ou a política deve ser feita por pessoas das mais diferentes profissões?*

5.5 1980: velhos novos tempos

Em meio ao racionamento d'água iniciado em Fortaleza no mês de janeiro de 1980, o governo deu continuidade às obras de estruturação do Estado, destacando-se o sistema de abastecimento d'água Pacoti-Riachão.

Neste período, inicia-se ainda o processo de reestruturação partidária no Ceará. Em maio de 1980, instalou-se em Fortaleza o Partido Democrata Social (PDS), abrigando políticos ligados à extinta Arena. Nos meses subsequentes, outros partidos formaram-se em nosso Estado, a exemplo do PMDB e do Partido Popular (PP).

Em 14 de maio de 1982, o governador, Virgílio Távora renunciou mais uma vez ao cargo, com a pretensão de candidatar-se a senador. Assumiu em seu lugar o vice, Manoel de Castro. Renunciou também o Prefeito de Fortaleza, Lúcio Alcântara, assumindo seu vice José Aragão.

Durante as negociações políticas, surgiu o conhecido "Acordo de Brasília". Neste acordo, Virgílio Távora sugeriu o nome de seu ex-secretário de Planejamento, o economista Luiz de Gonzaga Fonseca Mota, para concorrer ao Governo do Estado pelo PDS. Gonzaga Mota havia sido o coordenador do Plano de Metas Governamentais (PLAMEG II). Seu nome, ao contrário de Aécio de Borba (natural candidato virgilista), não contava com a rejeição de Adauto Bezerra nem de César Cals.

No Acordo, ficou acertado que César Cals indicaria o Prefeito de Fortaleza e Adauto Bezerra sairia como candidato a vice-governador. A chapa pedessista disputou as eleições contra Américo Barreira e Mauro Benevides.

Em virtude das secas, que mais uma vez assolaram o sertão cearense, bem como da falta de uma intervenção do Governo federal para sanar esse problema, a Cidade de Fortaleza sofreu uma onda de invasão por parte de flagelados da seca fugindo do restante do Estado.

Foi nesse quadro que, em 15 de março de 1983, o governador eleito Luiz Gonzaga Fonseca Mota tomou posse, tendo como vice o coronel Aduino Bezerra. Nessa ocasião, foi nomeado Prefeito de Fortaleza César Cals Neto.

Na gestão de Gonzaga Mota, foram realizadas relevantes obras para o Estado do Ceará: a construção do Instituto de Médico Legal (IML) e a reforma do Hospital Albert Sabin, quando ali foi implantado o Setor de Oncologia.



Luiz Gonzaga da Fonseca Mota

Seu rompimento com o Governo federal representou graves problemas financeiros para nosso Estado. Isto ocorreu, numa época em que os estados ainda dependiam demasiadamente de verbas federais. Foi o motivo que levou o Governador cearense a emitir as “gonzaguetas”: um vale que era aceito no comércio em substituição ao dinheiro.

Gonzaga Mota encontrou diversos problemas para dar prosseguimento à sua administração. O Estado encontrava-se endividado e houve freqüentes atrasos no pagamento ao funcionalismo público. Fortaleza, neste ano, também enfrentou o início de um longo período de racionamento d’água.

5.5.1 1984: mobilização social

Em meio a uma longa estiagem, a sociedade cearense manifestava-se de vários meios. Apesar de escassas chuvas terem sido registradas no mês de fevereiro de 1984, a cidade de Fortaleza recebia, diariamente, enorme contingente de trabalhadores rurais que fugiam rumo à Capital, como única possibilidade de sobrevivência.

No bairro do Pirambu, em Fortaleza, o “Movimento Nacional contra a Fome e o Desemprego” encerrou, em janeiro, o “Jejum Pela Paz”.

Pela terceira vez, realizou-se o “Congresso dos Moradores de Bairros e Favelas”. O evento foi palco de discussões acerca dos graves problemas enfrentados pela Capital cearense.

Os professores da Universidade Federal do Ceará – UFC entraram em greve por conta de salários defasados. A mobilização da sociedade civil em favor de uma greve geral, ainda que não tenha tomado maiores proporções, acionou estudantes e intelectuais cearenses.

Em virtude de suspeitas de irregularidades no Banco do Estado do Ceará (BEC), desconfiança de desvio verbas, o governador Gonzaga Mota determinou abertura de inquérito. O acontecimento causou bastante desgaste político ao governador que sofreu vários ataques de membros de seu partido, inclusive.

5.5.2 1985: socialismo cabeça-chata?

Nas vésperas das eleições de Maria Luíza Fontenele, candidata à prefeitura de Fortaleza (década de 80), todas as pesquisas divulgadas davam ampla vantagem a Paes de Andrade. Mas um conjunto de eventos aconteceu e com tanta força que muitas pessoas saíram de casa para votar em Paes e votaram em Maria Luíza (PINHEIRO, 2002).

Durante as eleições para a Prefeitura de Fortaleza em 1985, o Partido dos Trabalhadores – PT apresentou como candidata, a Professora Maria Luíza Fontenele, que, até bem perto da realização do pleito, tinha poucas chances de vitória. Contudo, em virtude de um forte trabalho de mobilização popular, conseguiu chegar à Prefeitura.

O grande esforço empreendido pela militância do PT, promovendo desde campanha junto aos bairros da periferia, até “boca-de-urna”, com o apoio de intelectuais e de formadores de opinião, possibilitaram a “virada”.

Maria Luíza foi eleita Prefeita de Fortaleza, obtendo mais de 11 mil votos de diferença em relação ao segundo colocado, Paes de Andrade. Representou um novo momento na política cearense, tanto pelo fato de ser uma proposta de esquerda, como por ter sido a primeira “fissura” efetiva no tradicional quadro da política cearense.

5.5.3 1986: o “Galéguinho dos olhos azuis”

Em meio às negociações políticas, surgiu o nome de Tasso Jereissati como candidato a Governador do Estado do Ceará pelo PMDB. Com a concordância do então Presidente José Sarney, que lograva grande sucesso com o recém-lançado Plano Cruzado, a indicação do empresário foi acatada pelo Partido e por setores importantes da sociedade cearense.

Tasso elegeu-se, tendo como vice Francisco Castelo de Castro. O grupo “mudancista”, formado por empresários e políticos do PMDB, elegeu 12 deputados federais e 24 estaduais.



Tasso Jereissati

5.5.4 1987: empresários no poder

Tasso Jereissati assumiu o Governo do Estado do Ceará aos 37 anos de idade, criticando o clientelismo. Atacava a política empregada por seus antecessores, prometendo em seu discurso um "combate sem tréguas à miséria".

As diretrizes traçadas para a administração pública de Tasso eram:

- a) austeridade;
- b) moralização; e
- c) modernidade.

Seus antecessores entregaram-lhe um Estado endividado. As despesas com o pessoal da administração pública (direta e indireta) alcançaram mais de 87% da receita corrente líquida disponível do Estado. A máquina estatal estava emperrada e a dívida alcançava índices de aproximadamente US\$15 milhões. A única saída seria agir rapidamente para sair da grave crise financeira.

Nesta direção, foram baixados 15 decretos que resultaram, dentre outras conseqüências, na demissão de cerca de 30 mil funcionários públicos contratados de modo irregular, isto é, sem concurso público.

Em total desacordo à política adotada por Tasso, alguns aliados de campanha, como o PCB e PC do B, romperam com o Governo estadual. Criticavam o fato de o Governo ter adotado a moralização do funcionalismo público como carro-chefe de seu governo, esquecendo outras diretrizes definidas antes das eleições. Tal rompimento dificultava a adoção de medidas governamentais, pois a base de apoio na Assembléia Legislativa diminuiu.

Em Fortaleza, a prefeita Maria Luiza, cercada de problemas políticos e financeiros, foi obrigada a declarar Estado de emergência. Alegava que o êxodo rural, isto é, a migração de populações rurais para Fortaleza fugindo da seca, tinha chegado a pontos insustentáveis e o Município não dispunha de recursos financeiros para prestar e gerir os serviços públicos à população.

5.5.5 1988: apoio incondicional

Nas eleições municipais de 1988, o PMDB venceu na capital e na grande maioria das prefeituras do Estado. O ex-deputado estadual Ciro Gomes, tendo como vice de sua chapa Juraci Magalhães, derrotou, por uma pequena margem de votos, o candidato Edson Silva do Partido Democrático Trabalhista (PDT). Sua campanha para prefeito baseou-se na associação de sua imagem à de Tasso Jereissati.

A eleição de Ciro Gomes representou a vitória "mudancista", também na Capital, local onde se concentrava a maior parte do eleitorado cearense. Outro ponto relevante foi o fato de que a gestão de Maria Luiza Fontenele com todos os problemas de administração enfrentados, enfraqueceu a esquerda em Fortaleza.

Nesse período, faleceu em Brasília o senador Virgílio Távora. O corpo foi transportado para Fortaleza para que, em sua terra natal, fosse velado e enterrado. Compareceram diversos políticos, inclusive seus opositores que, à despeito das diferenças ideológicas, o admiravam. Morria, assim, um dos "coronéis" da trindade, sem deixar herdeiro político.

Curiosidades

1. No dia 09 de julho de 1980, às 09h30min, chegou a Fortaleza o papa João Paulo II. Neste dia, rezou missa no estádio Plácido Aderaldo Castelo (Castelão). No dia seguinte, despediu-se da Cidade em seu papamóvel.
2. Durante o Congresso Cearense de Saúde, realizado no dia 23 de maio de 1985, em Fortaleza, discutiu-se pela primeira vez no Estado a doença sexualmente transmissível denominada AIDS – Síndrome da Imuno-Deficiência Adquirida.
3. Faleceu em Fortaleza, no dia 21 de abril de 1986, o ex-governador José Parsifal Barroso, vítima de um ataque cardíaco.

Refletindo

- *O retorno do pluripartidarismo deu início à criação de uma série de partidos políticos. A proliferação de partidos políticos é boa para o País? O que eles defendem?*
- *Em 24 de outubro de 1984, o deputado Sérgio Filomeno teve seu mandato cassado pelo TRE – Tribunal Regional Eleitoral – por ter abusado do poder econômico, durante a campanha de 1982.*

Refletindo

- *A eleição de Maria Luiza representou importante feito da esquerda. Sua vitória decorreu da capacidade de seu grupo político na mobilização popular.*
- *Em dezembro de 1986, contando com menos de um ano de mandato, a Prefeita de Fortaleza, Maria Luiza, anuncia rompimento com seu Partido, o PT – Partido dos Trabalhadores. Desde que assumiu, enfrentou uma forte oposição interna devido ao fato de sua carreira política meteórica. Na verdade, ingressou no partido por não poder concorrer ao almejado cargo sem ser filiada a algum Partido, isto provocou insatisfação de grupos históricos do Partido dos Trabalhadores.*
- *Em 12 de junho de 1986, o presidente da República José Sarney congelou os preços em todo o Território nacional, modificando também a moeda do País, que passou a ser o Cruzado Novo. Nessa época, incentivou-se a todo cidadão ser um fiscal, denunciando o comerciante que aumentasse os preços, incrementando a inflação.*

5.6 1990: Era de mudanças

Ciro Gomes deixou a Prefeitura de Fortaleza para candidatar-se ao Governo do Estado pelo Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB), partido recém-fundado pelo grupo político de Tasso Jereissati, tendo como vice o ex-deputado Lúcio Alcântara, do PDT (Partido Democrático Trabalhista). O resultado das eleições evidenciou a consolidação do “Projeto das Mudanças”, encabeçado pelo ex-governador Tasso Jereissati. A vitória de Giro deu-se já no primeiro turno.

Seguindo os mesmos passos de sua campanha para a Prefeitura de Fortaleza, Giro explorou o discurso “mudancista”. Dotado de uma habilidade excepcional para expressar-se, isto é, com grande capacidade oratória, compôs uma imagem de progresso e seriedade.



Ciro Ferreira Gomes

5.6.1 1991: a herança

Em se tratando de despesas, Ciro herdou da gestão anterior um Estado bem mais “enxuto”, isto é, com menores dívidas do que o seu antecessor. Antes havia 87% da receita corrente líquida do Estado comprometida com o pagamento de pessoal. Após a primeira gestão do Governo das Mudanças, esses números caíram para cerca de 45%.

O “Governo das Mudanças”, na gestão de Ciro, também, contava com maioria na Assembléia Legislativa. Dos 46 deputados estaduais, 36 apoiavam Tasso.

5.6.2 1993: o “canal do Trabalhador”

Em virtude de prolongada seca e pela necessidade urgente de solucionar o problema de abastecimento d’água na Capital, o Governo Ciro encontrou como solução desviar água do rio Jaguaribe para Pacajus: nascia a idéia do “canal do Trabalhador”.

O canal foi construído com uma extensão de 118km e consumiu um investimento de US\$ 48 milhões. Os trabalhos nos canteiros de obras não cessavam, trabalhava-se 24 horas por dia, com o intuito de que a água chegasse a Fortaleza.

A água chegou! A conclusão da obra em tempo recorde reforçou a imagem de Ciro Gomes empreendedor. Apesar da indiscutível utilidade, algumas vozes voltaram-se contra essa obra, alegando gasto excessivo de recursos investidos, sem licitação, isto é, sem concorrência para escolha do menor preço.

5.6.3 1994: a continuidade na diferença

Ainda que a gestão de Ciro Gomes tenha dado continuidade ao projeto iniciado por Tasso Jereissati, o modo pelo qual o Governo foi conduzido indicava diferenças. O secretariado de ambos foi constituído de técnicos, todavia, Ciro tinha um convívio mais próximo com diferenciados grupos políticos cearenses. Eram comuns visitas aos municípios do Estado, além da marca pessoal de receber lideranças políticas em seu gabinete.

A Secretaria de Cultura, que já vinha sendo ressaltada durante o Governo de Tasso, foi, na gestão de Ciro, aquela que mais produziu material de divulgação do Governo. As mudanças, como o próprio nome sugere, foram base, também, das ações no âmbito da cultura.

Investiu na publicação de reportagens em revistas nacionais e internacionais, mostrando os atrativos turísticos do Estado. Assim como Tasso, Ciro valorizou a indústria do turismo e soube utilizar os meios de comunicação para divulgar o Estado do Ceará.

Curiosidades

1. Em 1992, Antônio Cambráia venceu as eleições para a Prefeitura de Fortaleza, com o apoio de Juraci Magalhães.
2. Em 1995, Tasso Jereissati assumiu o Governo do Estado pela segunda vez. Entre as ações, destacou-se a criação dos conselhos municipais.
3. Em 1996, Juraci venceu as eleições para a Prefeitura de Fortaleza, ainda no primeiro turno. Consolidava, de vez, seu grupo político em Fortaleza.
4. No ano de 1998, as eleições para a Assembleia Legislativa foram bastante disputadas. Em média, havia 7,8 candidatos disputando uma vaga de deputado estadual.
5. Pela terceira vez, tomou posse como governador Tasso Jereissati (segunda vez consecutiva), tendo como vice seu companheiro de partido, ex-senador Benedito Clayton Veras (Beni Veras) no dia 1º de janeiro de 1999.

Refletindo

- *Em 1998, Ciro Gomes, então filiado ao PPS – Partido Popular Socialista, candidatou-se à Presidência da República. Embora tenha sido o candidato mais votado no Estado do Ceará, na Capital venceu Lula, o candidato do PT.*
- *Em 1999, foi inaugurado o Centro Cultural Dragão do Mar de Arte e Cultura, no dia 28 de abril. Com 30 mil m² de área construída, conta com um planetário. A cultura constitui instância privilegiada de expressão e de identificação de um povo.*

5.7 2000: “do lado Esquerdo da rua Direita”

Juraci Magalhães (PMDB) concorreu à reeleição para a Prefeitura de Fortaleza, tendo Inácio Arruda (PC do B – Partido Comunista do Brasil) como seu maior adversário. Juraci representava o grupo político que estava no poder, desde que Ciro Gomes renunciou o mandato de Prefeito para concorrer às eleições governamentais. Inácio representou a esquerda, a oposição.



Prefeito Juraci Magalhães

Embora Inácio Arruda tenha ascendido nas pesquisas, na preferência do eleitorado, a vitória final foi de Juraci Magalhães, tendo como vice Isabel Lopes.

5.7.1 2002: continuidade ou mudança?

De fato, resultados não antecipados talvez tenham sido a característica mais presente nos resultados das eleições de 2002 no Ceará, diferentemente do que ocorreu nos pleitos dos anos 90, quando as vitórias e derrotas eram vitórias e derrotas anunciadas pelos institutos de pesquisa com uma distância a perder de vista. Agora, foi a primeira vez que acontece um segundo turno em eleição para governador do Estado, desde que, pela Constituição de 1988, tal acontecimento foi instituído (MORAES, 2002).

As eleições de 2002 para o Governo do Estado foram vencidas pelo então senador Lúcio Alcântara, do PSDB, tendo derrotado o vereador de Fortaleza, José Airtton, representante do PT que, surpreendentemente, subiu tanto nas pesquisas que quase provocou empate nas eleições de segundo turno para Governador.

As vagas na Assembléia Legislativa foram preenchidas por 14 partidos diferentes. Os resultados mostraram que, dos partidos que compõem a Assembléia, três cresceram (PL – Partido Liberal: 200%; PSB – Partido Socialista Brasileiro: 100%; e PT – Partido dos Trabalhadores: 66,66%), e seis diminuíram suas bancadas: (PSC – Partido Social Cristão e PTB – Partido Trabalhista Brasileiro: 100%; PFL – Partido da Frente Liberal e PDT – Partido Democrático Trabalhista: 50%; PSDB – Partido da Social Democracia Brasileira: 19,04%; e PMDB – Partido do Movimento Democrático Brasileiro: 16,66%). Esse quadro já se modificou em 2003.



Posse do Governador Lúcio Alcântara, acompanhado de sua esposa Beatriz Alcântara

Apesar da coligação encabeçada pelo PSDB ter sido responsável pela eleição do Governador Lúcio e dos dois senadores, além de ser a maior bancada na Assembléia Legislativa, e de ter boa parte dos deputados federais, os resultados das

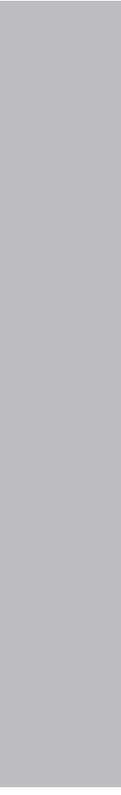
eleições evidenciaram desgaste no grupo "mudancista". O rompimento de Sérgio Machado, Wellington Landim e a filiação de Ciro Gomes ao PPS representam certa desagregação do grupo de Jereissati. A vitória, por pouco mais de três mil votos de diferença, indicou que algo começa a mudar na política em relação às últimas décadas.

Lúcio Alcântara assumiu um governo que, de um lado, soube manter o equilíbrio das contas públicas, promoveu a desburocratização do Estado do Ceará, reduziu taxas de mortalidade infantil, melhorou índices na educação, mas, de outro, foi incapaz de reduzir os índices de concentração de renda. O problema do desemprego e do subemprego e o processo de empobrecimento dos trabalhadores ainda são sérios problemas a serem enfrentados. O que será da administração Lúcio Alcântara? Faremos progressos? Mudaremos o quadro de pobreza? Resolveremos o problema histórico da seca? Serão criados mais emprego e renda?

No Poder Legislativo, o deputado Marcos Cals (PSDB) é o presidente da Assembléia Legislativa. Este livro constitui, entre tantos outros, um de seus projetos na direção da Assembléia.

Daqui para frente vocês é que reescreverão nossa História. Registrem no diário, leiam nos jornais, acompanhem no rádio, na televisão... Vocês serão os responsáveis por dar continuidade à *História de Nossa Gente*, sempre lembrando de sua importante participação no destino político, cultural, social e econômico de nosso Estado.

Participe, vote conscientemente, avalie o Governo, critique e dê sugestões. Organize-se, defenda sua comunidade, seja solidário e realize todos os seus sonhos. Este Estado é seu e você faz parte da Nação Ceará, Brasil.



Bibliografia Consultada

ALBUQUERQUE, Manoel Maurício de. **Pequena história da formação social brasileira**. 4. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1986.

_____. **Brasil vivo – a República**. Petrópolis: Vozes, 1986. p. 34

_____. **Brasil vivo**. Petrópolis: Vozes, 1991. v. 1 e 2.

ALENCAR, Chico. **História da sociedade brasileira**. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1987.

ALMANAQUE BRASIL. (Especial) **Brasil dia-a-dia**. São Paulo: Abril Cultural. s/d.

AQUINO, Rubem et al. **Fazendo a história**. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1989.

_____. **História das sociedades americanas**. Rio de Janeiro: Liv. Eu e Você, s/d.

_____. **História das sociedades**: das comunidades primitivas às sociedades feudais. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1980.

_____. **História das sociedades**: das sociedades modernas às sociedades contemporâneas. Atual. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1980.

ARAGÃO, Raimundo Batista. **História do Ceará**. V.5. Fortaleza: 1987.

ARARIPE, Tristão de Alencar. **História da província do Ceará**: desde os tempos primitivos até 1850. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2002.

ARAÚJO, Ariadne. **Bárbara de Alencar**. Fortaleza: Demócrito Rocha, 2000.

ASSARÉ, Patativa do. **1909 – digo e não peço segredo**. São Paulo: Escrituras Editora, 2001.

AZEVEDO, Miguel Ângelo de Nirez. **Cronologia ilustrada de Fortaleza**: roteiro para um turismo histórico e cultural. v. 1 e 2. Fortaleza: Casa de José de Alencar/ Programa Editorial, 2001.

BARROSO, José Parsifal. **Uma história política do Ceará –1889-1954**. Fortaleza: Banco do Nordeste do Brasil, 1984.

BERUTTI, Flávio et al. **História**. Belo Horizonte: Editora Lê, 1993. v. 1 a 4.

_____. **Os caminhos do homem**. Belo Horizonte: Editora Lê, 1993. v.1 a 4.

BONFIM, Washigton Luís de Sousa. "De Távora a Jereissati: duas décadas de política no Ceará". In: PARENTE, Josênio; ARRUDA, José Maria. **A era Jereissati**: modernidade e mito. v.1. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2002. pp.35-62.

CAMPOS, Raimundo. **História geral**. São Paulo: Atual, 1981. v. 2.

- CÁRCERES, Florival. **História das Américas**. São Paulo: Cortez, 1992.
- CARDOSO, Gleudson P. **Padaria Espiritual**: biscoito fino e travoso. Coleção Outras Histórias. Fortaleza: Ed. Museu do Ceará, 2002.
- CARVALHO, Rejane Vasconcelos Accioly. "Virgílio. Adauto e César Cals: a política como arte da chefia". In: PARENTE, Josênio; ARRUDA, José Maria. **A era Jereissati**: modernidade e mito. v.1. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2002. pp.09-34.
- CEARÁ. ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA. MEMORIAL DEPUTADO PONTES NETO. **Presidentes do Poder Legislativo do Ceará**: 1835-2002. 3ªed. Fortaleza: INESP, 2001.
- CHIAVENATO, J. J. **Genocídio americano**: a guerra do Paraguai. São Paulo: Brasiliense, 1979.
- COLEÇÃO REFAZENDO A HISTÓRIA. **Roteiro de leituras e atividades**. São Paulo: Ática, 1989. v. 1 e 2.
- COLEÇÃO RETRATO DO BRASIL. **Da monarquia ao Estado militar**. São Paulo: Editora Três/ Política Editora, 1985. 3v.
- COLTRIM, Gilberto. **História e consciência do mundo – da Pré-História à Idade Média – e da Idade Moderna à Contemporânea**. São Paulo: Saraiva, 1992.
- CUNHA, Euclides da. **Os Sertões**. Fortaleza: ABC, 2002. (Coleção Os Clássicos).
- DELLA TORRE, M. B. L. **Homem e sociedade**: uma introdução à Sociologia. 15. ed. São Paulo: Editora Nacional, 1989.
- DIÓGENES, Glória. "Ciro Gomes: percursos de uma imagem". In: PARENTE, Josênio; ARRUDA, José Maria. **A era Jereissati**: modernidade e mito. v.1. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2002. pp.107-124.
- ESPINOLA, Rodolfo. **Vicente Pinzón e a descoberta do Brasil**. Rio de Janeiro: Toopbooks, 2001.
- FARIA, Ricardo de Moura. **Nossa História – História geral**. Belo Horizonte: Lê, 1984.
- FARIAS, Airton de. **História do Ceará**: dos índios à geração Cambeba. Fortaleza: Tropical, 1997.
- _____. **Senador Alencar**. Fortaleza: Demócrito Rocha, 2000.
- FAUSTO, Boris. **História do Brasil**. 8. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo/ Fundação para o Desenvolvimento da Educação, 2000.
- FURTADO FILHO, João Ernani. **Soares Moreno e Matias Beck**: inventário de uma polêmica nas escritas de Ismael Pordeus. Fortaleza: Museu do Ceará/ Secretaria da Cultura e do Desporto, 2002.
- GADELHA, Mona. **José de Alencar**. Fortaleza: Demócrito Rocha, 2000.
- GALEANO, Eduardo. **As veias abertas da América Latina**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, s/d.
- GIOVANNI, Maria Lúcia Ruiz. **História**. São Paulo: Cortez, 1992.
- GIRÃO, Blanchard. **Mucuripe**: de Pinzón ao Padre Nílson. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 1998.
- _____. **O Liceu e o Bonde**: na paisagem setentrional da Fortaleza Província. Fortaleza: ABC, 1997.

- GIRÃO, Raimundo. **Evolução histórica cearense**. Fortaleza: BNB/ ETNE, 1985.
- _____. **Pequena história do Ceará**. Fortaleza: Universidade Federal do Ceará/ Biblioteca da Cultura/ Arquivo Documental, 1971.
- HOBSBAWN, Eric. J. **A era das revoluções 1789-1848**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, s/d..
- HUBERMAN, Leo. **História da riqueza do homem**. Rio de Janeiro: Zahar, 1974.
- _____. **História da riqueza dos Estados Unidos: nós o povo**. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- IGLESIAS, Francisco. **Trajétoria política do Brasil (1500-1964)**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- JANOTTI, Maria de Lourdes. **O coronelismo: uma política de compromissos**. São Paulo: Brasiliense, 1981.
- KOSHIBA, Luiz et al. **História da América**. São Paulo: Atual, 1979.
- LEITÃO, Juarez. **A praça do Ferreira: república do Ceará-moleque**. Fortaleza: Edições Ao Livro Técnico, 2002.
- _____. **Sábado, estação de viver: histórias da boemia cearense**. Fortaleza: Premius, 2000.
- LEITE FILHO, Rogaciano. **A história do Ceará passa por esta rua**. 2. ed. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2002.
- LIBÂNIO, João Batista. **O mundo dos jovens**. 2. ed. São Paulo: Loyola, 1983. (Coleção Teologia e Evangelização)
- LIMA, Esperidião Queiroz. **Tempos heróicos**. Fortaleza: Edições UFC, 1984.
- LIMA, Marcelo A. C. **Padre Cícero, jagunços e romeiros**. Universidade Federal do Ceará, 1990 (Coleção Estudo do Ceará).
- LINHARES, Maria Yedda (org.). **História geral do Brasil: da colonização à modernização autoritária**. Rio de Janeiro: Campus, 1989.
- MACEDO, Joaryvar. **Império do Bacamarte: uma abordagem sobre o coronelismo no Cariri cearense**. Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, 1990.
- MARTIN, Isabela. **Os empresários no poder: o projeto do CIC (1978-86)**. Fortaleza: Secretaria de Cultura e do Desporto do Estado do Ceará, 1993 (Série Monografias).
- MELO, Evaldo Cabral. Uma pedra no sapato do Brasil. In: **Revista Nossa História**. n1. nov/2003. p 59.
- MOTA, Aroldo. **História política do Ceará (1889-1930)**. Fortaleza: ABC. Fortaleza, 2000.
- _____. **História política do Ceará (1930-1945)**. Fortaleza: ABC. Fortaleza, 2000.
- MOTA, Aroldo. **História política do Ceará (1945-1947)**. 2. ed. Fortaleza: ABC Fortaleza, 2001.
- _____. **História política do Ceará (1950-1954)**. Fortaleza: ABC Fortaleza, 1997.
- _____. **História política do Ceará (1987-1991)**. Fortaleza: Multigraf Editora, 1992.
- NICOLAU, Jairo Marconi. **História do voto no Brasil**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar 2002. (Coleção Descobrimdo o Brasil).

NOBRE, Geraldo da Silva. **Ceará: energia e progresso**. Fortaleza: Secretaria de Cultura e Desporto, 1981.

_____. **O processo histórico de industrialização do Ceará**. Fortaleza: Federação das Indústrias do Ceará, 2001.

NIREZ, F. **Cronologia de Fortaleza: roteiro para um turismo histórico e cultural**. Fortaleza: Banco do Nordeste do Brasil-BNB, 2002.

PAIVA, Flávio. **Mobilização social no Ceará: 16 anos de tentativas e promessas de diálogo**. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2002.

PARENTE, Josênio Camelo. **Projetando a hegemonia burguesa: organização e expressão política dos industriais cearenses**. *Revista de Ciências Sociais*, vol. 20/21, nºs 1/2, 1989/90.

PINHEIRO, Daniel Rodrigues de Carvalho. **Da pesquisa de opinião à eleição**. Disponível em: <http://www.unifor.br/servlets/newstorm.notitia.apresentacao.servletdenoticia/codigodanoticia=8797&datadojornal=atual>, 2002.

PONTE, Sebastião Rogério. **Fortaleza belle époque: reformas urbanas e controle social (1860-1930)**. 3. ed. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2001.

QUEIROZ, Rachel de. **O quinze**. 4. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1948.

REVISTA MUNDO JOVEM. S.N.T.V. 194, 209, 231, 253 e 254.

RIBEIRO, Francisco Moreira. **A redemocratização de 1945 a 1947**. Fortaleza: Secretaria de Cultura e do Desporto, 1983.

_____. **O PCB no Ceará: ascensão e declínio – 1922-1947**. Fortaleza: Edições Universidade Federal do Ceará/ Stylus Comunicações, 1989.

ROCHA, César Asfor. **Clóvis Beviláqua**. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2001.

RODRIGUES, José Honório; RODRIGUES, Leda Boechat (org). **O Parlamento e a evolução nacional**. Brasília: Senado Federal, 1972.v.4. Tomo II.

SAMPAIO FILHO, Dorian. **A industrialização do Ceará: empresários e entidades**. Fortaleza: SENAI/DR-CE. Coordenadoria de Divulgação e Documentação, 1987.

SANTOS, Arnaldo; LEITÃO, Juarez. **Verbo cívico: visão histórico-sociológica da Assembleia Legislativa do Ceará**. Fortaleza: Expert, 2002.

SANTOS, Wanderley Guilherme dos (org.). **Votos e partidos: almanaque de dados eleitorais: Brasil e outros países**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2002.

SILVA FILHO, Luiz Macêdo de. **Fortaleza: imagens da cidade**. Fortaleza: Museu do Ceará/Secretaria de Cultura e do Desporto do Ceará, 2001.

SOUZA, Simone de (org.). **História do Ceará**. Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha, 1994.

_____. **Uma nova história do Ceará**. 2. ed. rev. e atual. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2002. 448p.

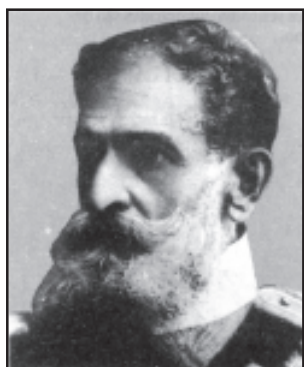
TELLES, Antônio. **Padre Cícero nas pegadas do mestre**. [s.e.] Juazeiro do Norte, 1985.

VIEIRA, Sofia L. **História da Educação no Ceará: sobre promessas fatos e feitos**. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2002.

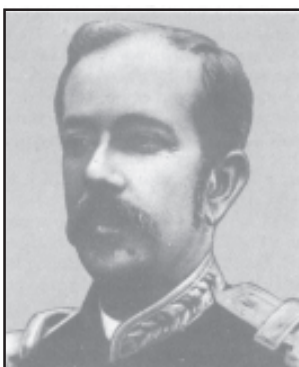
ANEXOS

Anexos

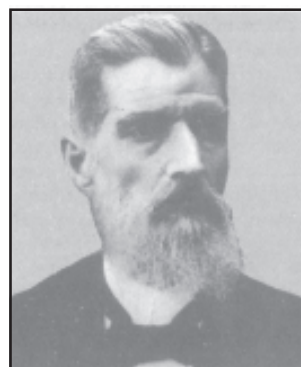
PRESIDENTES DO BRASIL



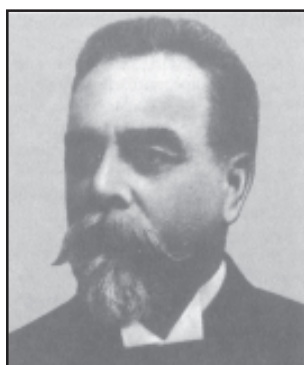
Manoel Deodoro da Fonseca
1889-1891



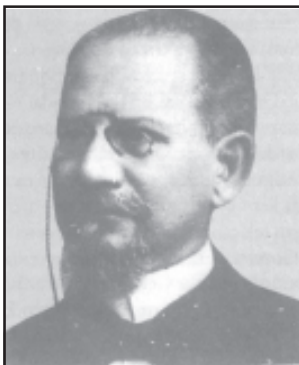
Floriano Vieira Peixoto
1891-1894



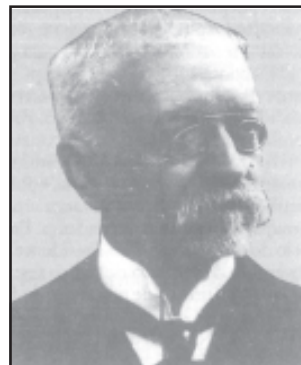
Prudente José de Moraes Barros
1894-1898



Manuel Ferraz de Campos Salles
1898-1902



Francisco de Paula Rodrigues Alves
1902-1906



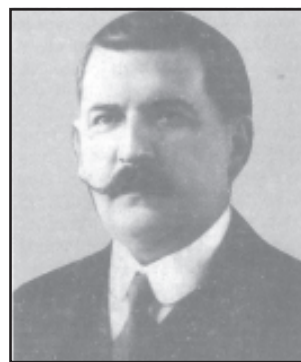
Affonso Augusto Moreira Penna
1906-1909



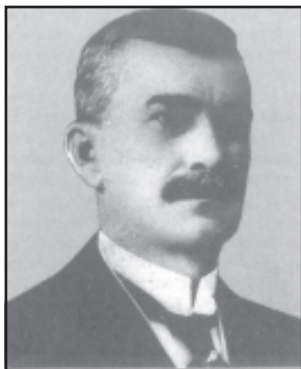
Nilo Procópio Peçanha
1909-1910



Hermes Rodrigues da Fonseca
1910-1914



Wenceslau Braz Pereira Gomes
1914-1918



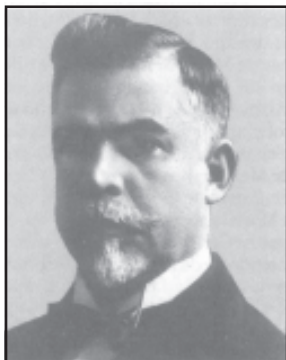
Delfim Moreira da Costa Ribeiro
1918-1919



Epitácio Lindolfo da Silva Pessoa
1919-1922



Arthur da Silva Bernardes
1922-1926



Washington Luís Pereira de Sousa
1926-1930



Getúlio Dornelles Vargas
1930-1945



Eurico Gaspar Dutra
1946-1951



Getúlio Dornelles Vargas
1951-1954



João Café Filho
1954-1955



Nereu de Oliveira Ramos
1955-1956



Juscelino Kubitschek de Oliveira
1956-1961



Jânio da Silva Quadros
1961



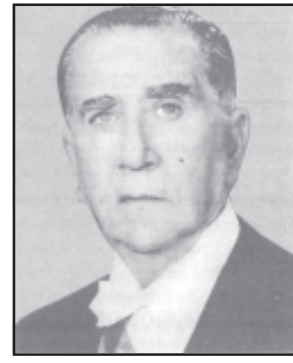
João Belchior Marques Goulart
1961-1964



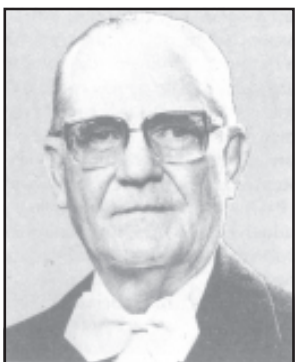
Humberto de Alencar Castello Branco
1964-1967



Arthur da Costa e Silva
1967-1969



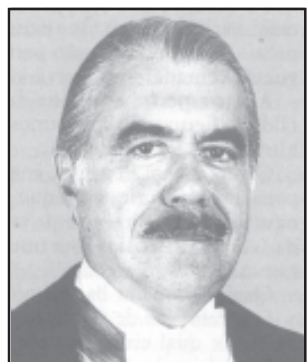
Emílio Garrastazu Médici
1969-1974



Ernesto Geisel
1974-1979



João Baptista de Oliveira Figueiredo
1979-1984



José Ribamar Ferreira de Araújo Costa
1985-1989



Fernando Affonso Collor de Mello
1990-1992



Itamar Augusto Cantiero Franco
1992-1995



Fernando Henrique Cardoso
1995-1999
1999-2002



Luiz Inácio Lula da Silva
2003-

PRESIDENTES DA PROVÍNCIA E GOVERNADORES DO CEARÁ

Pedro José da Costa Barros	1824
Tristão Gonçalves de Alencar Araripe	1824
Pedro José da Costa Barros	1824
José Félix de Azevedo e Sá	1825
Antonio Sales Nunes Belford	1825-1829
José Antonio Manoel Machado	1829
Manoel Joaquim Pereira da Silva	1829-1830
José de Castro e Silva	1830
Manoel Joaquim Pereira da Silva	1830
Miguel Antonio da Rocha Lima	1830-1831
João Facundo de Castro Menezes	1831
Miguel Antonio da Rocha Lima	1831
José Mariano de Albuquerque Cavalcante	1831-1833
Ignacio Correa de Vasconcellos	1833-1834
José Martiniano de Alencar	1834-1837
João Facundo de Castro Menezes	1837
Manoel Felisardo de Sousa e Mello	1837-1839
João Antonio de Miranda	1839-1840
Francisco de Sousa Martins	1840
João Facundo de Castro Menezes	1840
José Martiniano de Alencar	1840-1841
João Facundo de Castro Menezes	1841
José Joaquim Coelho	1841-1843
Joaquim Mendes da Cruz Guimarães	1843
José Maria da Silva Bitancourt	1843-1844
Ignacio Correa de Vasconcellos	1844-1847
João Crisóstomo de Oliveira	1847
Frederico Augusto Pamplona	1847
Casimiro José de Moraes Sarmiento	1847-1848
João Crisóstomo de Oliveira	1848
Fausto Augusto de Aguiar	1848-1850
Joaquim Mendes da Cruz Guimarães	1850
Ignacio Francisco Silveira da Motta	1850-1851
Joaquim Marcos de Almeida Rego	1851-1853
Joaquim Vilella de Castro Tavares	1853-1854
Vicente Pires da Motta	1854-1855
José Antonio Machado	1855
Francisco Xavier Paes Barreto	1855-1856
Joaquim Mendes da Cruz Guimarães	1856
Herculano Antonio Pereira da Cunha	1856
Francisco Xavier Paes Barreto	1856-1857
Joaquim Mendes da Cruz Guimarães	1857
João Silveira de Souza	1857-1858
Antonio Marcellino Nunes Gonçalves	1858-1859
José Liberato Barroso	1859
Joaquim Mendes da Cruz Guimarães	1859
Antonio Marcellino Nunes Gonçalves	1859-1861

Antonio Pinto de Mendonça	1861
Manoel Antonio Duarte de Azevedo	1861-1862
José Antonio Machado	1862
José Bento da Cunha Figueiredo Júnior	1862-1864
José Antonio Machado	1864
Vicente Alves de Paula Pessoa	1864
Lafayette Rodrigues Pereira	1864-1865
Francisco Inácio Marcondes Homem de Mello	1865-1866
João de Sousa Mello e Alvim	1866-1867
Sebastião Gonçalves da Silva	1867
Pedro Leão Velloso	1867-1868
Antonio Joaquim Rodrigues Júnior	1868
Diogo Velho Cavalcanti de Albuquerque	1868-1869
José Antonio de Araújo Freitas Henriques	1869-1870
Joaquim da Cunha Freire	1870-1871
José da Costa Pereira Júnior	1871
Joaquim da Cunha Freire	1871
José Antonio de Calazans Rodrigues	1871-1872
Joaquim da Cunha Freire	1872
José Wilkens de Mattos	1872
Joaquim da Cunha Freire	1872
Manoel Soares da Silva Bezerra	1872
Esmerino Gomes Parente	1872
Francisco de Assis Oliveira Maciel	1872
Joaquim da Cunha Freire	1872
Manoel Soares da Silva Bezerra	1872-1873
Francisco Teixeira de Sá	1873-1874
Heráclito d'Alencastro Pereira da Graça	1874-1875
Esmerino Gomes Parente	1875-1876
Francisco de Farias Lemos	1876-1877
Caetano Estelita Cavalcanti Pessôa	1877
Paulino Nogueira Borges da Fonseca	1878
José Júlio de Albuquerque Barros	1878-1880
André Augusto de Pádua Fleury	1880-1881
Pedro Leão Velloso	1881-1882
Sancho de Barros Pimentel	1882
Domingos Antonio Raiol	1882-1883
Antonio Teodorico da Costa	1883
Sátyro de Oliveira Dias	1883-1884
Antônio Pinto Nogueira Accioly	1884
Carlos Honório Benedito Otoni	1884-1885
Miguel Calmon du Pin e Almeida	1885-1886
Joaquim da Costa Barradas	1886
Enéas de Araújo Torreão	1886-1888
Antônio Caio da Silva Prado	1888-1889
Américo Militão de Freitas Guimarães	1889
Henrique Francisco d'Ávila	1889
Jerônimo Rodrigues de Moraes Jardim	1889
Luís Antônio Ferraz	1889-1891
João Cordeiro	1891

Benjamim Liberato Barroso	1891
José Clarindo de Queiroz	1891
Feliciano Antônio Benjamim	1891
José Clarindo de Queirós	1891-1892
Antônio Pinto Nogueira Accioly	1892
José Freire Bezerril Fonteneles	1892-1896
Antônio Pinto Nogueira Accioly	1896-1900
Pedro Augusto Borges	1900-1904
Antônio Pinto Nogueira Accioly	1904-1910
Belisário Cícero Alexandrino	1910
Antônio Pinto Nogueira Accioly	1910-1912
Antônio Frederico de Carvalho Mota	1912
Belisário Cícero Alexandrino	1912
Marcos Franco Rabelo	1912-1914
Fernando Setembrino de Carvalho (Interventor Federal)	1914
Benjamim Liberato Barroso	1914-1916
João Tomé de Sabóia e Silva	1916-1920
Justiniano de Serpa	1920-1923
Ildefonso Albano	1923-1924
José Moreira da Rocha	1924-1928
Eduardo Girão	1928
José Carlos de Matos Peixoto	1928-1930
Manoel do Nascimento Fernandes Távora	1930-1931
João da Silva Leal	1931
Roberto Carneiro de Mendonça	1931-1934
Olívio Dornelas Câmara	1934
Roberto Carneiro de Mendonça	1934
George Cavalcante Cerqueira	1934
Roberto Carneiro de Mendonça	1934
Felipe Moreira Lima	1934-1935
Franklin Monteiro Gondim	1935
Francisco de Menezes Pimentel	1935-1945
Benedito Augusto de Carvalho dos Santos	1945
Daniel Augusto Lopes	1945
Benedito Augusto de Carvalho dos Santos	1945-1946
Tomás Pompeu de Sousa Brasil Filho	1946
Raimundo Gomes de Matos	1946
Acrísio Moreira da Rocha	1946
Pedro Firmeza	1946
Carlos Livino de Carvalho	1946
Pedro Firmeza	1946
Luís Cavalcante Sucupira	1946
José Machado Lopes	1946-1947
Luís Cavalcante Sucupira	1947
Feliciano Augusto de Ataíde	1947
Faustino de Albuquerque e Sousa	1947
Joaquim Bastos Gonçalves	1947
Faustino de Albuquerque e Sousa	1947-1951
Raul Barbosa	1951-1954
Stênio Gomes da Silva	1954

Francisco Ponte	1954
Stênio Gomes da Silva	1954-1955
Paulo Sarasate Ferreira Lopes	1955-1958
Flávio Portela Marcílio	1958-1959
José Parsifal Barroso	1959-1963
Virgílio Augusto de Moraes Fernandes Távora	1963-1966
Franklin Gondim Chaves	1966-1967
Plácido Aderaldo Castelo	1967-1971
César Cals de Oliveira Filho	1971-1975
José Adauto Bezerra	1975-1978
Waldemar de Alcântara	1978-1979
Virgílio Augusto de Moraes Fernandes Távora	1979-1982
Manoel de Castro	1982-1983
Luiz Gonzaga da Fonseca Mota	1983-1987
Tasso Ribeiro Jereissati	1987-1991
Ciro Ferreira Gomes	1991-1995
Francisco Adalberto Barros de Oliveira Leal	1995
Francisco de Paula Rocha Aguiar	1995
Tasso Ribeiro Jereissati	1995-2002
Lúcio Gonçalo de Alcântara	2002-

PRESIDENTES DA ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA DO ESTADO DO CEARÁ

Joaquim José Barbosa	(1835-1837/1846-1847)
João Facundo de Castro Menezes	(1838-1839)
Miguel Fernandes Vieira	(1840-1841/1844-1845)
Frutuoso Dias Ribeiro	(1843)
Tristão de Alencar Araripe	(1848-1849)
Domingos José Nogueira Jaguaribe	(1850-1851)
Manuel Teófilo Gaspar de Oliveira	(1852)
José Pio Machado	(1853-1854)
Pedro Pereira da Silva Guimarães	(1855)
Manuel Franco Fernandes Vieira	(1856-1857)
Justino Domingues da Silva	(1858-1861)
Gonçalo Batista Vieira	(1862/1870-1871)
Francisco Xavier Nogueira	(1863/1872-1877)
Hipólito Cassiano Pamplona	(1864-1865)
Francisco Correia de Carvalho e Silva	(1866)
Antonino Pereira de Alencar	(1867-1868)
Antônio Joaquim Rodrigues Júnior	(1869)
José Pompeu de Albuquerque Cavalcante	(1878-1880)
Helvécio da Silva Monte	(1881)
José Antônio da Justa	(1882)
João Antônio do Nascimento e Sá	(1883)
Antero José de Lima	(1884-1885)
José Teixeira da Graça	(1886)
João Paulino de Barros Leal	(1887-1888)
Luiz de Souza Leitão	(1888)
Diogo Gomes Parente	(1889)
José Joaquim Domingues Carneiro	(1891)
Antônio Pinto Nogueira Accioly	(1892-1893)
Gonçalo de Almeida Souto	(1892/1898-1899)
Carlos Felipe Rabelo de Miranda	(1894-1897)

Belisário Cícero Alexandrino	(1900-1912)
Francisco Ferreira Antero	(1913)
Floro Bartolomeu da Costa	(1914)
Tibúrcio Gonçalves de Paula	(1915-1919)
Antônio Botelho de Souza	(1920)
Rubens Monte	(1921)
José Lindo da Justa	(1922-1923)
Francisco de Paula Rodrigues	(1924-1925)
Eduardo Henrique Girão	(1926-1929)
João Otávio Lobo	(1930)
César Cals de Oliveira	(1935-1937)
Joaquim Bastos Gonçalves	(1947-1949)
Amadeu Furtado	(1950)
Péricles Moreira da Rocha	(1951)
Raimundo Ivan Barroso de Oliveira	(1951-1953)
Francisco Ferreira da Ponte	(1952 / 1954)
Décio Teles Cartaxo	(1955 / 1958)
José Napoleão de Araújo	(1956)
Edson da Mota Corrêa	(1957)
Almir dos Santos Pinto	(1959/ 1965/ 1973-1974)
Abelardo Gurgel Costa Lima	(1960-1961)
Raimundo Gomes da Silva	(1961 / 1968)
José Pontes Neto	(1962)
Carlos Mauro Cabral Benevides	(1963-1964)
Franklim Gondim Chaves	(1966-1967)
José Aduino Bezerra	(1967 / 1970-1971)
Gonçalo Claudino Sales	(1969)
Manoel Castro Filho	(1970)
Alceu Vieira Coutinho	(1975-1976)
Paulo Feijó de Sá e Benevides	(1977-1978)
Aquiles Peres Mota	(1979-1980 / 1983-1984)
Antônio dos Santos Soares Cavalcante	(1981-1982)
Francisco Castelo de Castro	(1985-1986)
Antônio Gomes da Silva Câmara	(1987-1988)

Francisco Pinheiro Landim	(1989-1990)
Júlio Gonçalves Rêgo	(1991-1992)
Francisco de Paula Rocha Aguiar	(1993-1994)
Artur Silva Filho	(outubro de 1994 – janeiro de 1995)
Cid Ferreira Gomes	(1995-1996)
Moésio Loiola de Melo	(de outubro a dezembro de 1996)
Luiz Alberto Vidal Pontes	(1997-1998)
José Wellington Landim	(1999-2000 / 2001-2002)
Marcos Cals de Oliveira	(2003-)

CONSTITUIÇÕES POLÍTICAS DO BRASIL

- Constituição Política do Império do Brasil – 1824
- Constituição da República dos Estados Unidos do Brasil – 1891
- Constituição da República dos Estados Unidos do Brasil – 1934
- Constituição dos Estados Unidos do Brasil – 1937
- Constituição dos Estados Unidos do Brasil – 1946
- Constituição da República Federativa do Brasil – 1967
- Constituição da República Federativa do Brasil – 1988

CONSTITUIÇÕES POLÍTICAS DO ESTADO DO CEARÁ

- Decreto nº 122, de 23 de dezembro de 1890
- Constituição Política do Estado do Ceará – 1891
- Constituição Política do Estado do Ceará – 1892
- Reforma da Constituição do Estado do Ceará – 1905
- Constituição Política do Estado do Ceará – 1921
- Constituição Política do Estado do Ceará – 1925
- Constituição Política do Estado do Ceará – 1935
- Constituição Política do Estado do Ceará – 1945
- Constituição Política do Estado do Ceará – 1947
- Constituição Política do Estado do Ceará – 1967
- Constituição Política do Estado do Ceará – 1989

PERSONALIDADES IMPORTANTES DA HISTÓRIA DO CEARÁ

Fechando as atividades comemorativas da passagem do séc, XX, o Sistema Verdes Mares de Comunicação promoveu concurso para a eleição em todo o Estado para identificar as dez personalidades que mais se destacaram no século passado. Foram indicadas: Antônio Martins Filho, Padre Cícero Romão Batista, Clóvis Bevilácqua, Edson Queiroz, Eleazar de Carvalho, Helder Pessoa Câmara, Humberto de Alencar Castello Branco, Patativa do Assaré, Rachel de Queiroz e Virgílio Távora. O Padre Cícero foi eleito por voto popular como o mais célebre entre os demais indicados.

Antônio Martins Filho: Nasceu na cidade do Crato, a 22 de dezembro de 1904. Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais, membro da Academia Cearense de Letras e reitor, fundador da Universidade Estadual do Ceará e Federal do Ceará. Recebeu treze títulos honoríficos e publicou vinte e sete obras.

Cícero Romão Batista (Padre): Nasceu em 1894 na cidade do Crato. Ordenou-se e tornou-se bastante popular. Foi o primeiro prefeito de Juazeiro do Norte. A fama de milagreiro começou em 1886, quando uma hóstia se transformou em sangue na boca da beata Maria de Araújo. O acontecimento espalhou-se pelo Nordeste e deu ao padre a alcunha de santo. O “Padim-Ciço” Romão Batista morreu em 1934.

Clóvis Bevilácqua: Nasceu a 4 de outubro de 1859 em Viçosa do Ceará. O jurisconsulto, escritor, crítico literário, professor e historiador, foi um dos fundadores da Academia Brasileira de Letras em 1896. Clóvis Bevilácqua – considerado o “pai do Código Civil Brasileiro”. Faleceu em 1944 com 84 anos de idade na cidade do Rio de Janeiro.

Edson Queiroz: Nasceu em Cascavel em 12 de abril de 1925. De vendedor aos oito anos de idade a fundador do grupo que hoje reúne 17 empresas e uma fundação. Morreu aos 57 anos de idade em acidente aéreo, depois de construir um dos maiores conglomerados empresariais do País. Deixou seu nome na metalurgia, educação e comunicação.

Eleazar de Carvalho Nasceu em Iguatu, no dia 28 de junho de 1912. Considerado um dos mais importantes maestros da música erudita brasileira. Regeu orquestras no Brasil, Estados Unidos e na Europa. Faleceu em São Paulo em 25 de setembro de 1996.

Hélder Pessoa Câmara (Dom): Nasceu em Fortaleza a 07 de julho de 1909, considerado o mais polêmico bispo brasileiro. Recebeu a antonomásia de “Pai dos pobres” pelo Papa João Paulo II por sua luta contra a fome. Faleceu no Recife em 1999.

Humberto de Alencar Castello Branco: Nasceu em Fortaleza a 20 de setembro de 1897. Foi o primeiro presidente do regime militar. Para alguns foi um ditador, para outros, liberal. Faleceu em acidente aéreo no ano de 1967.

Patativa do Assaré (Antônio Gonçalves da Silva): Um dos maiores poetas populares do Brasil. Nasceu em Assaré no ano de 1909. Em seus livros, fala do povo, da seca e do sofrimento do nordestino. Reconhecido mundialmente, é a maior referência da oralidade poética no Ceará. Faleceu em 2002.

Rachel de Queiroz: Nasceu em Fortaleza em 1910. Foi a primeira escritora brasileira a tornar-se imortal da Academia Brasileira de Letras. Até 90 anos, Raquel de Queiroz escreveu romances, peças teatrais, livros infantis e crônicas. Faleceu em 2003.

Virgílio de Moraes Fernandes Távora: Nasceu em 1919. Destacou-se como um dos mais importantes políticos cearenses, marcando a efetivação do processo de industrialização no Ceará. Foi governador, senador, deputado federal e ministro de Estado. Faleceu em 1988.



ANTÔNIO MARTINS FILHO



CLÓVIS BEVILÁCQUA



EDSON QUEIROZ



ELEAZAR DE CARVALHO



DOM HÉLDER PESSOA CÂMARA



HUMBERTO DE ALENCAR
CASTELLO BRANCO



PADRE CÍCERO



PATATIVA DO ASSARÉ

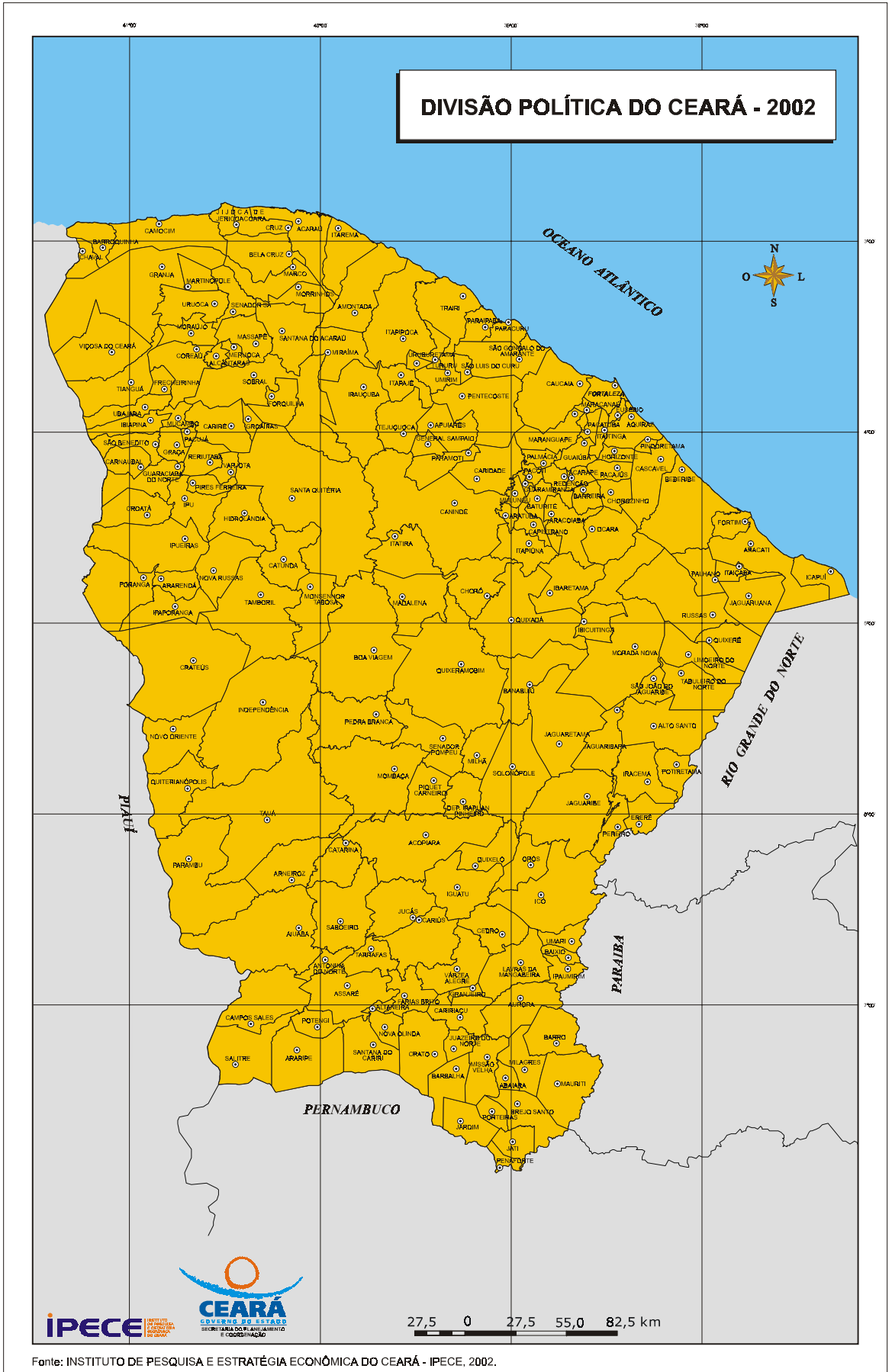


RACHEL DE QUEIROZ



VIRGÍLIO FERNANDES TÁVORA

MAPA DO ESTADO DO CEARÁ



Fonte: INSTITUTO DE PESQUISA E ESTRATÉGIA ECONÔMICA DO CEARÁ - IPECE, 2002.

MUNICÍPIOS DO ESTADO DO CEARÁ

Município	Ano de Instalação	Área km ²	Microrregião	Mesorregião
Abaiara	1.957	182,6	Brejo Santo	Sul Cearense
Acarape	1.989	136,5	Baturité	Norte Cearense
Acaraú	1.849	839,2	Litoral de Camocim e Acaraú	Noroeste Cearense
Acopiara	1.921	2.296,20	Sertão de Senador Pompeu	Sertões Cearenses
Aiuaba	1.956	2.471,60	Sertão de Inhamuns	Sertões Cearenses
Alcântaras	1.957	134,9	Meruoca	Noroeste Cearense
Altaneira	1.958	87,1	Caririaçu	Sul Cearense
Alto Santo	1.957	1.322,90	Baixo Jaguaribe	Jaguaribe
Amontada	1.986	1.581,90	Itapipoca	Norte Cearense
Antonina do Norte	1.958	250,80	Várzea Alegre	Centro-Sul Cearense
Apuiarés	1.957	565,10	Médio Curu	Norte Cearense
Áquiraz	1.933	482,80	Fortaleza	Metropolitana de Fortaleza
Aracati	1.842	1.276,00	Litoral de Aracati	Jaguaribe
Aracoiaba	1.933	628,10	Baturité	Norte Cearense
Ararendá	1.993	354,70	Sertão de Crateús	Sertões Cearenses
Araripe	1.935	1.042,50	Chapada do Araripe	Sul Cearense
Aratuba	1.957	157,50	Baturité	Norte Cearense
Arneiroz	1.957	941,90	Sertão dos Inhamuns	Sertões Cearenses
Assaré	1.865	1.127,20	Chapada do Araripe	Sul Cearense
Aurora	1.933	892,20	Barro	Sul Cearense
Baixio	1.956	141,80	Lavras da Mangabeira	Centro-Sul Cearense
Banabuiú	1.989	1.225,50	Sertão de Quixeramobim	Sertões Cearenses
Barbalha	1.876	451,90	Cariri	Sul Cearense
Barreira	1.989	228,30	Chorozinho	Norte Cearense
Barro	1.951	697,80	Barro	Sul Cearense
Barroquinha	1.989	367,90	Litoral de Camocim e Acaraú	Noroeste Cearense
Baturité	1.858	347,30	Baturité	Norte Cearense
Beberibe	1.951	1.626,90	Cascavel	Norte Cearense
Bela Cruz	1.957	846,30	Litoral de Camocim e Acaraú	Noroeste Cearense
Boa Viagem	1.936	2.737,50	Sertão de Quixeramobim	Sertões Cearenses
Brejo Santo	1.890	684,30	Brejo Santo	Sul Cearense
Camocim	1.879	1.157,50	Litoral de Camocim e Acaraú	Noroeste Cearense
Campos Sales	1.933	1.093,10	Chapada do Araripe	Sul Cearense
Canindé	1.846	3.205,40	Canindé	Norte Cearense
Capistrano	1.951	186,90	Baturité	Norte Cearense
Caridade	1.958	791,70	Canindé	Norte Cearense
Cariré	1.935	711,20	Sobral	Noroeste Cearense

Município	Ano de Instalação	Área km ²	Microrregião	Mesorregião
Caririáçu	1.933	690,50	Caririáçu	Sul Cearense
Cariús	1951	1.055,90	Várzea Alegre	Centro-Sul Cearense
Carnaubal	1.957	292,20	Ibiapaba	Noroeste Cearense
Cascavel	1.833	820,40	Cascavel	Norte Cearense
Catarina	1.957	582,10	Sertão de Inhamuns	Sertões Cearenses
Catunda	1.993	807,60	Santa Quitéria	Noroeste Cearense
Caucaia	1.903	1.195,60	Fortaleza	Metropolitana de Fortaleza
Cedro	1.920	678,80	Iguatu	Centro-Sul Cearense
Chaval	1.951	247,90	Litoral de Camocim e Acaraú	Noroeste Cearense
Chorozinho	1.989	308,30	Chorozinho	Norte Cearense
Choró	1.993	792,70	Sertão de Quixeramobim	Sertões Cearenses
Coreaú	1.935	815,00	Coreaú	Noroeste Cearense
Crateús	1.832	2.799,60	Sertão de Crateús	Sertões Cearenses
Crato	1.853	1.117,05	Cariri	Sul Cearense
Croatá	1.989	382,7	Ibiapaba	Noroeste Cearense
Cruz	1.986	329,1	Litoral de Camocim e Acaraú	Noroeste Cearense
Deputado Irapuan Pinheiro	1.989	509,6	Sertão de Senador Pompeu	Sertões Cearenses
Ererê	1.989	323	Serra de Pereiro	Jaguaribe
Eusébio	1.989	78	Fortaleza	Metropolitana de Fortaleza
Farias Brito	1.890	476,8	Caririáçu	Sul Cearense
Forquilha	1.986	548,4	Sobral	Noroeste Cearense
Fortaleza	1.725	313,8	Fortaleza	Metropolitana de Fortaleza
Fortim	1.993	279,7	Litoral de Aracati	Jaguaribe
Frecheirinha	1.951	137,5	Coreaú	Noroeste Cearense
General Sampaio	1.956	184,9	Médio Curu	Norte Cearense
Graça	1.989	261,3	Sobral	Noroeste Cearense
Granja	1.776	2705	Litoral de Camocim e Acaraú	Noroeste Cearense
Granjeiro	1.957	99	Caririáçu	Sul Cearense
Groaíras	1.957	156,1	Sobral	Noroeste Cearense
Guaiúba	1.989	271,3	Fortaleza	Metropolitana de Fortaleza
Guaraciaba do Norte	1.879	537,1	Ibiapaba	Noroeste Cearense
Guaramiranga	1.990	107,6	Baturité	Norte Cearense
Hidrolândia	1.957	978,8	Santa Quitéria	Noroeste Cearense
Horizonte	1.989	191,9	Pacajus	Metropolitana de Fortaleza
Ibaretama	1.989	822,3	Sertão de Quixeramobim	Sertões Cearenses
Ibiapina	1.933	368,1	Ibiapaba	Noroeste Cearense
Ibicuitinga	1.989	380,6	Baixo Jaguaribe	Jaguaribe
Icapuí	1.986	429,4	Litoral de Aracati	Jaguaribe
Icó	1.738	1936,8	Iguatu	Centro-Sul Cearense
Iguatu	1.851	1042,6	Iguatu	Centro-Sul Cearense
Independência	1.933	3178,2	Sertão de Crateús	Sertões Cearenses
Ipaporanga	1.989	646,4	Sertão de Crateús	Sertões Cearenses
Ipauimirim	1.951	286,2	Lavras da Mangabeira	Centro-Sul Cearense

Município	Ano de Instalação	Área km ²	Microrregião	Mesorregião
Ipu	1.842	636	Ipu	Noroeste Cearense
Ipueiras	1.935	1131,7	Ipu	Noroeste Cearense
Iracema	1.951	770	Serra de Pereiro	Jaguaribe
Irauçuba	1.957	1384,9	Sobral	Noroeste Cearense
Itaiçaba	1.956	240,2	Litoral de Aracati	Jaguaribe
Itaitinga	1.993	155,3	Fortaleza	Metropolitana de Fortaleza
Itapajé	1.933	399	Uruburetama	Norte Cearense
Itapipoca	1.823	1191,6	Itapipoca	Norte Cearense
Itapiúna	1.957	592,9	Baturité	Norte Cearense
Itarema	1.986	738,4	Litoral de Camocim e Acaraú	Noroeste Cearense
Itatira	1.951	740,6	Canindé	Norte Cearense
Jaguetama	1.935	1870,8	Médio Jaguaribe	Jaguaribe
Jaguaribara	1.957	595,6	Médio Jaguaribe	Jaguaribe
Jaguaribe	1.864	122,3	Médio Jaguaribe	Jaguaribe
Jaguaruana	1.865	746,4	Baixo Jaguaribe	Jaguaribe
Jardim	1.814	500,9	Cariri	Sul Cearense
Jati	1.951	347,5	Brejo Santo	Sul Cearense
Jijoca de Jericoacoara	1.990	195,9	Litoral de Camocim e Acaraú	Noroeste Cearense
Juazeiro do Norte	1.911	235,4	Cariri	Sul Cearense
Jucás	1.859	940,7	Várzea Alegre	Centro-Sul Cearense
Lavras da Mangabeira	1.816	993,3	Lavras da Mangabeira	Centro-Sul Cearense
Limoeiro do Norte	1.871	771	Baixo Jaguaribe	Jaguaribe
Madalena	1.989	1109,2	Sertão de Quixeramobim	Sertões Cearenses
Maracanaú	1.983	98,6	Fortaleza	Metropolitana de Fortaleza
Maranguape	1.851	654,8	Fortaleza	Metropolitana de Fortaleza
Marco	1.951	583,8	Litoral de Camocim e Acaraú	Noroeste Cearense
Martinópolis	1.957	365,8	Litoral de Camocim e Acaraú	Noroeste Cearense
Massapê	1.897	533,4	Sobral	Noroeste Cearense
Mauriti	1.933	1045,5	Barro	Sul Cearense
Meruoca	1.951	155,4	Meruoca	Noroeste Cearense
Milagres	1.846	620,5	Brejo Santo	Sul Cearense
Milhã	1.986	525,2	Sertão de Senador Pompeu	Sertões Cearenses
Miraíma	1.989	766,1	Sobral	Noroeste Cearense
Missão Velha	1.864	533,9	Cariri	Sul Cearense
Mombaça	1.933	2114,1	Sertão de Senador Pompeu	Sertões Cearenses
Monsenhor Tabosa	1.951	877,7	Sertão de Crateús	Sertões Cearenses
Morada Nova	1.876	2796,6	Baixo Jaguaribe	Jaguaribe
Moraújo	1.957	471	Coreaú	Noroeste Cearense
Morrinhos	1.957	404,2	Litoral de Camocim e Acaraú	Noroeste Cearense
Mucambo	1.953	240,2	Sobral	Noroeste Cearense
Mulungu	1.957	103,8	Baturité	Norte Cearense
Nova Olinda	1.957	290,7	Cariri	Sul Cearense
Nova Russas	1.933	741,4	Sertão de Crateús	Sertões Cearenses

Município	Ano de Instalação	Área km ²	Microrregião	Mesorregião
Novo Oriente	1.957	951,1	Sertão de Crateús	Sertões Cearenses
Ocara	1.989	775,2	Chorozinho	Norte Cearense
Orós	1.956	598,7	Iguatu	Centro-Sul Cearense
Pacajus	1.935	241,9	Pacajus	Metropolitana de Fortaleza
Pacatuba	1.869	138	Fortaleza	Metropolitana de Fortaleza
Pacoti	1.933	94,5	Baturité	Norte Cearense
Pacujá	1.957	65,8	Sobral	Noroeste Cearense
Palhano	1.958	438,8	Baixo Jaguaribe	Jaguaribe
Palmácia	1.957	150,8	Baturité	Norte Cearense
Paracuru	1.951	296,6	Baixo Curu	Norte Cearense
Paraipaba	1.986	314,1	Baixo Curu	Norte Cearense
Parambu	1.956	2440,1	Sertão de Inhamuns	Sertões Cearenses
Paramoti	1.957	514,8	Canindé	Norte Cearense
Pedra Branca	1.935	129,2	Sertão de Senador Pompeu	Sertões Cearenses
Penaforte	1.958	178,1	Brejo Santo	Sul Cearense
Pentecoste	1.935	1352	Médio Curu	Norte Cearense
Pereiro	1.933	423,1	Serra de Pereiro	Jaguaribe
Pindoretama	1.989	75,7	Cascavel	Norte Cearense
Piquet Carneiro	1.957	580,1	Sertão de Senador Pompeu	Sertões Cearenses
Pires Ferreira	1.989	247,5	Ipu	Noroeste Cearense
Poranga	1.957	247,4	Ipu	Noroeste Cearense
Porteiras	1.951	190,2	Cariri	Sul Cearense
Potengi	1.957	334,5	Chapada do Araripe	Sul Cearense
Potiretama	1.989	495,2	Serra de Pereiro	Jaguaribe
Quiterianópolis	1.989	1069,4	Sertão de Crateús	Sertões Cearenses
Quixadá	1.870	2059,7	Sertão de Quixeramobim	Sertões Cearenses
Quixelô	1.986	554,5	Iguatu	Centro-Sul Cearense
Quixeramobim	1.856	3275	Sertão de Quixeramobim	Sertões Cearenses
Quixeré	1.957	600,8	Baixo Jaguaribe	Jaguaribe
Redenção	1.889	240,7	Baturité	Norte Cearense
Reriutaba	1.935	366	Ipu	Noroeste Cearense
Russas	1.859	1614,3	Baixo Jaguaribe	Jaguaribe
Saboeiro	1.935	1354,2	Sertão dos Inhamuns	Sertões Cearenses
Salitre	1.989	797,5	Chapada do Araripe	Sul Cearense
Santa Quitéria	1.856	4270,5	Santa Quitéria	Noroeste Cearense
Santana do Acaraú	1.862	1017,7	Sobral	Noroeste Cearense
Santana do Cariri	1.885	806,5	Cariri	Sul Cearense
São Benedito	1.872	301,1	Ibiapaba	Noroeste Cearense
São Gonçalo do Amarante	1.921	845,8	Baixo Curu	Norte Cearense
São João do Jaguaribe	1.957	286,8	Baixo Jaguaribe	Jaguaribe
São Luís do Curu	1.951	125,7	Médio Curu	Norte Cearense
Senador Pompeu	1.896	1043,9	Sertão de Senador Pompeu	Sertões Cearenses
Senador Sá	1.957	431,2	Sobral Noroeste	Cearense

Município	Ano de Instalação	Área km²	Microrregião	Mesorregião
Sobral	1.841	2129	Sobral Noroeste	Cearense
Solonópole	1.935	1440,1	Sertão de Senador Pompeu	Sertões Cearenses
Tabuleiro do Norte	1.957	832,7	Baixo Jaguaribe	Jaguaribe
Tamboril	1.933	2046,6	Sertão de Crateús	Sertões Cearenses
Tarrafas	1.989	451,1	Várzea Alegre	Centro-Sul Cearense
Tauá	1.929	3957,4	Sertão dos Inhamuns	Sertões Cearenses
Tejussuoca	1.989	804,5	Médio Curu	Norte Cearense
Tianguá	1.933	647,5	Ibiapaba	Noroeste Cearense
Trairi	1.951	943,2	Itapipoca	Norte Cearense
Tururu	1.989	203,2	Uruburetama	Norte Cearense
Ubajara	1.915	290,5	Ibiapaba	Noroeste Cearense
Umari	1.956	265,6	Lavras da Mangabeira	Centro-Sul Cearense
Umirim	1.989	321,3	Uruburetama	Norte Cearense
Uruburetama	1.899	125,4	Uruburetama	Norte Cearense
Uruoca	1.957	687,1	Coreaú	Noroeste Cearense
Varjota	1.986	222,6	Ipu	Noroeste Cearense
Várzea Alegre	1.933	811,2	Várzea Alegre	Centro-Sul Cearense
Viçosa do Ceará	1.882	1302	Ibiapaba	Noroeste Cearense

CEARÁ. TERRA DA LUZ.

Ceará.
Land of light.



SIARÁ, palavra da língua Tupi-Guarani, quer dizer "O Canto da Jandaia". Assim os índios chamavam nossa terra.

SIARÁ, a word from the Tupi-Guarani language, means "The Jandaia's Chant". This is how the Indians called our land.



Os índios viviam harmonizados com a natureza e se alimentavam dos frutos, da caça e da pesca. Como seres humanos, tinham os nossos defeitos, mas a sua cultura possibilitou a conservação das florestas, dos animais e das águas. Com a chegada dos europeus iniciava-se a mudança desse cenário. Segundo a lenda, romanceada pelo escritor cearense José de Alencar, Iracema e sua tribo receberam com um gesto de paz os primeiros estrangeiros. A bela índia quebrou a flecha, num gesto de paz e hospitalidade, no seu encontro com Martins Soares Moreno.

The Indians lived in harmony with the nature. They fed by fruit gathering, hunting and fishing. As human beings,

they had our defects, but their culture allowed the preservation of forests, animals and water.

As the Europeans arrived, this landscape began to change. According to the legend told in a novel by writer José de Alencar, from Ceará, Iracema and her tribe welcomed the first foreigners with a gesture of peace. The beautiful Indian broke an arrow in a gesture of peace and hospitality at her meeting with Martins Soares Moreno.



Os índios, porém, logo descobriram as intenções dos invasores brancos que, na verdade, queriam as suas terras e suas riquezas. E uma longa guerra teve início, onde os nativos resistiram com muita bravura e coragem, mesmo em desvantagem diante da superioridade das armas dos brancos.

The Indians, however, soon found out the white invaders' intentions, who in fact wanted their lands and wealth.

And a long war began, to which natives resisted with much bravery and courage, even in disadvantage in view of the white men's artillery superiority.



Os que sobreviveram, fugiram para outras regiões do país. Os demais foram escravizados. Catequizados pelos missionários, pouco a pouco se adaptaram ao trabalho da pecuária, pois, como exímios conhecedores das matas, facilmente traziam de volta o gado que se embrenhava sertões a dentro. Com essa atividade se deram muito bem e daí nasceram os vaqueiros, os valentes vaqueiros.

Those who survived fled to other regions of the country. Others were enslaved. Catechized by missionaries, little by little they adapted to cattle raising, for – as people who knew the bushes very well – they easily brought back the cattle that entered deep into the scrubland. They fit this activity very well. Then, the brave cowboy was born.



A libertação dos escravos contribuiu para a queda do império e o advento da sonhada república. Essa mudança acarretou uma imensa crise no país, refletida mais duramente no Nordeste.

A escassez, a fome e as desigualdades sociais fizeram surgir o banditismo na forma do cangaço. O vaqueiro se tornou jagunço. Roubava, pilhava, amedrontava os sertões. O mais famoso deles foi Lampião e sua mulher Maria Bonita.

The end of slavery contributed to the fall of the Empire and to the advent of the so expected Republic. This change resulted in an immense crisis in the country that toughly reflected in the Northeast.

Shortage of commodities, hunger and social inequities made "banditism" emerge in a version called "cangaço". The cowboy became "jagunço". He stole, plundered and scared the scrublands. The most famous of them was Lampião and his wife Maria Bonita.



O forró é o seu modo de dançar, obedecendo ao fole da sanfona, acompanhada pelo zabumba e triângulo.

The forró is a way of dancing, following the rhythm of the accordion, the drummer and the "triangle".



O maracatu é a lembrança da realza africana trazida escrava para cá.

The Maracatu is a memory of African royalty brought by the slaves.

Nossa Senhora da Assunção - Padroeira de Fortaleza

Our Lady of the Assumption - Fortaleza's Patron Saint



Padre Cícero - de Juazeiro, venerado por muitos nordestinos

Priest Cicero - from Juazeiro, worshiped by many northeasterners



São José - Padroeiro do Ceará

Saint Joseph - Ceará's Patron Saint



São Francisco - venerado em Canindé

San Francisco - worshiped in Canindé



Nossa Senhora do Sertão - Quixadá

Our Lady of the Scrubland - Quixadá



E muitas outras danças folclóricas e festas, como as juninas, cuja tradição continua apesar do peso da aculturação.

And many other folkloric dances and parties, like the typical parties in June, which tradition continues despite the interference of other cultures.



Nos acontecimentos históricos do Brasil, o Ceará sempre esteve à frente nos processos e nas lutas sociais e políticas. Entre 1817 e 1824, junto com os pernambucanos, sonharam com a independência do Brasil e com a República, simultaneamente. Bárbara de Alencar, seus filhos e outros ardorosos cearenses, lutaram por essas idéias. Foram presos, alguns exilados e outros fuzilados.

In Brazil's historic events, Ceará has always stood out in processes of social and political struggles. Between 1817 and 1824, together with the people from Pernambuco, the dreams of the independence of Brazil and the advent of the Republic were present simultaneously. Bárbara de Alencar, her sons and other passionate natives from Ceará fought for those ideas. They were arrested, some were sent into exile and others, shot.

Bem antes que a princesa Isabel empunhasse a pena para assinar a Lei Áurea, o Ceará já havia libertado os seus escravos. Grupos de homens e mulheres abolicionistas da nossa sociedade daquele tempo fizeram isso acontecer. Notabilizou-se na história, o jangadeiro Francisco José do Nascimento, o Dragão do mar, que liderando os jangadeiros, não embarcavam ou desembarcavam mais negros escravizados. Por isso o Ceará ficou sendo denominado Terra da Luz, por José do Patrocínio. "Nos portos do Ceará não embarcam mais escravos".

Much before Princess Isabel signed the Lei Áurea, Ceará had already freed its slaves. Groups of abolitionist men and women from our society at that time made it happen. Fisherman Francisco José do Nascimento, the Dragão do Mar (Sea Dragon), stood out in history by leading his colleagues in a boycott that prevented traffickers from embarking and disembarking more enslaved Negroes. Because of that, Ceará was called Terra da Luz (Land of Light) by José do Patrocínio. "Slaves are no longer embarked from harbors in Ceará."



Nossa natureza é diversificada. Rica em litoral, com serras verdejantes e imensos monolitos no sertão semi-árido. Ela tem praticamente duas estações: o inverno e



a seca. Durante as chuvas, os rios correm e as matas verdejam de uma hora para outra. Nesse tempo, procura o cearense armazenar essas águas para atravessar os períodos longos de estiagem.

Our nature is diversified. Rich in coast, with green mountains and immense monoliths in the dry scrubland, it practically has two seasons: the rainy season and the drought. During the rainy season, rivers flow and the bushes become green from one moment to the next. This weather invites the countrymen to stock water in order to face the long periods of drought.



O coqueiro
The coconut tree



A carnaúba
The carnaúba

E, dentro desse quadro natural, aflora, cresce e vive a nossa vegetação: árvores e plantas resistentes, como a carnaubeira, o juazeiro, as palmeiras, o mandacaru e muitas outras, que suportam o sol inclemente das secas.

In this natural landscape our vegetation flourishes, grows and lives, resistant trees and plants like the carnaubeira, the juazeiro, the palm trees, the mandacaru and many others that stand the merciless sun of the droughts.



O caju
The cashew



HINO DO CEARÁ

Letra: Thomaz Lopes

Música: Alberto Nepomuceno

*Terra do sol, do amor, terra da luz!
Soa o clarim que a tua glória conta!
Terra o teu nome a fama aos céus remonta
Em clarão que seduz!
Nome que brilha esplêndido luzeiro
Nos fulvos braços de ouro do cruzeiro!
Mudem-se em flor as pedras dos caminhos!
Chuvas de prata rolem das estrelas...
E despertando, deslumbradas ao vê-las
Ressoie a voz dos ninhos...
Há de florar nas rosas e nos cravos
Rubro sangue ardente dos escravos
Seja teu verbo a voz do coração,
Verbo de paz e amor do sul Norte!
Ruja teu peito em luta contra a morte,
Acordando a amplidão,
Peito que deu alívio a quem sofria
E foi o sol iluminando o dia!*

*Tua jangada afoita enfune o pano!
Vento feliz conduza a vela ousada!
Que importa que o teu barco seja um nada.
Na vastidão do oceano,
Se à proa vão heróis e marinheiros
E vão no peito corações guerreiros?*

*Se, nós te amamos, em aventuras de mágoas!
Porque esse chão que embebe a água dos rios
Há de florar em meses, nos estios
E bosques, pelas águas!
Selvas e rios, serras florestas
Brotem do solo em rumorosas festas!
Abra-se ao vento o teu pendão nata!
Sobre as revoltas dos teus mares!
A vitória imortal!
Que foi de sangue, em guerras leais e fracas
E foi na paz, da cor das hóstias brancas.*

ÍNDICE ONOMÁSTICO

- ABREU, Capistrano de – 106
 ACCIOLY, Antônio – 89,
 ACCIOLY, Antônio Pinto Nogueira – 77, 79, 80, 83, 84, 85, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 95, 96, 97,
 107
 ACCIOLY, Benjamim – 89
 ACCIOLY, José – 89, 91, 107, 131
 ACCIOLY, Thomaz Pompeu Pinto – 85, 89
 AFONSO, Almino Tavares – 60
 AGUIAR, Fausto Augusto de – 50
 AGUIAR, João José Ferreira de – 50
 AGUIAR, José Firmo de – 150
 AGUIAR, Murilo Rocha – 150
 ALBANO FILHO, Manoel – 60
 ALBANO, Ildelfonso – 105
 ALBANO, Tibúrcio - 106
 ALBUQUERQUE, Diogo Velho Cavalcanti – 50
 ALBUQUERQUE, Estevão – 25
 ALBUQUERQUE, Faustino de (desembargador) – 47, 130, 135, 137
 ALBUQUERQUE, Luís – 56
 ALCÂNTARA, Lúcio – 156, 157, 162, 166
 ALCÂNTARA, Lúcio Gonçalo de - 47, 85
 ALCÂNTARA, Tancredo Harley de - 147
 ALCÂNTARA, Waldemar de – 154, 156, 157
 ALENCAR, Antônio Alexandrino de – 68
 ALENCAR, Bárbara de – 40, 41, 46
 ALENCAR, Carlos de – 41
 ALENCAR, José de – 27
 ALENCAR, José de – 40
 ALENCAR, José Martiniano de – 40, 41, 42, 46, 47, 53
 ALMEIDA, Miguel Calmon du Pin e – 50
 AMARAL, Isaac – 60
 AMARAL, José – 60
 AMARAL, Ubaldino do – 64
 ANDRADE, Humberto Rodrigues de – 131
 ANDRADE, Manuel Paes de – 42
 ANDRADE, Paes de – 159
 ANTA, Pessoa – 43
 ANTERO, Francisco – 68
 AQUINO, João Pedro – 63
 ARAGÃO, José - 157
 ARAÚJO, Francisco – 60
 ARAÚJO, Maria de – 67
 ARAÚJO, Paulo Cabral de – 139, 143
 ARRUDA, Edgar de – 138
 ATÁÍDE, Feliciano Augusto de – 135

- AZEVEDO, Manuel Antônio Duarte de – 50
BAIMA, Djalma – 115
BANDEIRA, Antônio – 127
BANDEIRA, Antônio – 151
BARBOSA, Frutuoso – 27
BARBOSA, Joaquim José – 47
BARBOSA, Raul – 139, 140, 141, 142
BARRADAS, Joaquim da Costa – 50
BARREIRA, Américo – 158
BARRETO, Adahil – 147, 148
BARRETO, Alcebíades Chacon (tenente-coronel) – 115
BARRETO, Francisco Xavier Paes de – 56
BARRETO, Francisco Xavier Paes – 50
BARRICA – 127
BARROS, Adhemar de – 143
BARROS, Antônio Cardoso – 11, 21
BARROS, Costa – 42, 43
BARROS, José Júlio de Albuquerque – 50
BARROSO, Almirante – 126
BARROSO, Benjamim Liberato (major) – 75, 97, 98, 101
BARROSO, Gustavo – 145
BARROSO, José Parsifal – 47, 139
BARROSO, Parsifal – 144, 146, 161
BARTOLOMEU, Floro – 91, 92, 94, 95, 96, 97, 98, 107, 108, 122
BATISTA, Cícero Romão (padre) – 67, 68, 69, 70, 92, 94, 95, 96, 97, 108, 120, 121, 125
BECK, Matias – 26
BENEVIDES, Mauro – 141
BENEVIDES, Mauro – 158
BERNARDES, Arthur – 104, 105, 107, 112
BEVILÁQUA, Clóvis – 47, 74
BEZERRA DE MENEZES, Israel – 58
BEZERRA, Adauto – 128
BEZERRA, Adauto – 153, 154, 157, 158
BEZERRA, Antônio – 60
BEZERRA, Humberto – 153, 154
BOCAIÚVA, Quintino – 64
BONAPARTE, Napoleão – 39
BONAVIDES, Aníbal – 128
BONIFÁCIO, José – 42
BORBA, Aécio de – 158
BORBA, José de – 131
BORGES, Frederico – 60
BORGES, Pedro Augusto – 80, 83, 85
BORGES, Raimundo (capitão) – 89
BOTELHO, Diogo – 21, 23, 27
BRANCO, Humberto de Alencar Castello – 148, 149, 151
BRANDÃO, Pinto – 89
BRASIL, Thomaz Pompeu de Souza – 46, 77, 80, 89
BRAZ, Venceslau – 98
BRITO, Antônio Pereira – 72
BRITO, Farias – 77, 78
CABRAL, Fausto – 138
CABRAL, Fausto – 147

CABRAL, Pedro Álvares – 13, 14, 20
 CALS, César – 128, 152, 153, 154, 157, 158
 CALS, Marcos - 167
 CAMBRAIA, Antônio - 164
 CAMPOS, Francisco – 122,
 CAMPOS, Mirtes - 156
 CÂNDIDO, Manoel – 68
 CANECA, Frei – 42
 CARAPINIMA, Tenente-Coronel – 43
 CARVALHO, Eleazar de – 145
 CARVALHO, Fernando Setembrino de (coronel) – 92, 97
 CARVALHO, Jäder de – 131
 CARVALHO, Pedro Ribeiro de (padre) – 69
 CASTELO, Plácido Aderaldo – 150, 152, 157
 CASTELO, Plácido Aderaldo – 47
 CASTRO E SILVA, José Lourenço de – 51
 CASTRO FILHO, Manoel de – 156, 157
 CASTRO, Francisco Castelo de – 159
 CASTRO, Liberato de – 51
 CASTRO, Tomás Lourenço da Silva – 47
 CAVALCANTE, José Walter – 156
 CAXIAS, Duque de – 126
 CHABLOZ, Jean-Pierre – 127
 CHAVES, Franklin Gondim – 150
 CHAVES, Joaquim Secundo – 67
 CIDADE, José Pinto – 45
 COELHO, Gonçalo – 20
 COELHO, Pero – 27
 COLOMBO, Cristóvam – 20
 CORDEIRO, João – 60, 75, 77
 CORREIA LIMA, Idelfonso – 67
 CORREIA, Figueiredo – 147, 150
 CORREIA, Pedro Ângelo – 113
 COSTA E SILVA, Artur da – 150
 COSTA, Caetano José da – 66,
 COSTA, José Teodorico da – 60
 CRISÓSTOMO, José Tarcísio – 157
 CRISTO, Jesus – 67
 CRUZ, Carmélio – 127
 CRUZ, Luís Lopes da (Capitão do Porto) – 88
 CUNHA, Euclides da – 83
 CUNHA, Quintino – 116
 DIAS, Sátiro de Oliveira – 50
 DÓRIA, Franklin – 58
 DUTRA, Eurico Gaspar (general) – 124, 125, 133, 134
 ESTRIGAS – 127
 FALCÃO, Armando – 142
 FÁTIMA, Nossa Senhora de – 145
 FAUSTINO, José (coronel) – 90
 FEITOSA, Joaquim Moraes - 134
 FEITOSA, Jovita – 58
 FEITOSA, Raimundo – 127
 FERRAZ, Luís Antônio (coronel) – 73, 75

FERREIRA, Aderaldo Rufino (Cego Aderaldo) – 151
FERREIRA, Antônio Rodrigues – 52
FIALHO, Vicente Cavalcante – 153
FIDIÉ, João José da Cunha – 42,
FIGUEIREDO JÚNIOR, João Bento da Cunha – 50
FILGUEIRA, Luís – 24
FILGUEIRAS, José Pereira – 40, 42, 45, 46
FILOMENO, Sérgio – 161
FIRMEZA, Pedro – 133, 134
FLEURY, André Augusto de Pádua – 50
FONSECA FILHO, Júlio César de – 72
FONSECA, Demerval – 64
FONSECA, Deodoro da – 71, 72, 75, 76, 77
FONSECA, Hermes da (marechal) – 92, 95, 96, 97, 98
FONTENELE, Maria Luíza – 159, 161, 162
FONTENELLE, José Freire Bizerril – 76, 77, 91
FRANCÊS, Manuel – 32, 34, 37
FREIRE, Aderbal Nunes – 131
FREITAS, Sebastião Brasilino de - 150
FURTADO, Celso – 155
GADELHA, Antônio – 89
GIRÃO, Blanchard – 128
GIRÃO, Eduardo Henrique – 105, 108
GIRÃO, Raimundo – 58
GOMES, Ciro – 161, 162, 163, 164, 166
GOMES, Eduardo (brigadeiro) – 124, 130
GONÇALVES, Antônio – 20
GONÇALVES, Antônio Marcelino Nunes – 50
GONÇALVES, Joaquim Bastos – 136
GONÇALVES, Tristão – 40, 41, 42, 43, 46
GONÇALVES, Wilson – 144, 147, 152
GOULART, João – 143, 148
GOUVEIA, Delmiro – 100
GRAÇA, Heráclito de Alencastro Pereira da – 50
HENFIL – 155
HENRIQUES, José Antônio de Araújo Freitas – 50
HERBSTER, Adolfo – 35, 37
HOLANDA, Aurélio Buarque de – 156
HOMEM DE MELO, Francisco Inácio Marcondes – 50
IBIAPINA, José Antônio – 45
IBIAPINA, Miguel Pereira – 43
JARDIM, Jerônimo Rodrigues de (coronel) – 72
JATAÍ, João José da – 65
JEREISSATI, Carlos – 140
JEREISSATI, Carlos – 147, 148, 162
JEREISSATI, Tasso – 128, 129
JEREISSATI, Tasso – 159, 160, 161, 162, 163, 164, 166
JOÃO III, Dom – 21, 23, 27
JOÃO VI, Dom – 39, 41
KUBITSCHKEK, Juscelino – 143
LAJE, Gonçalo de – 77
LANDIM, Wellington – 166
LAVOR, Aurélio de – 97

LEITE, Moslair Cordeiro – 150
 LEMOS, Francisco de Farias – 50
 LEPE, Diogo de – 20
 LIMA, Antônio Gondim de – 145
 LIMA, Filipe Moreira – 117, 118
 LIMA, Israel Negrão de – 149
 LIMA, Raimundo Correia – 126
 LIMA, Tito de Alencar (Frei) – 154, 155
 LIMA, Gustavo – 97
 LINHARES, José – 125
 LINHARES, José – 145
 LOBO, Glicério da Costa – 68
 LOPES, João – 85
 LOPES, José – 89
 LOPES, Machado - 135
 LOPES, Paulo Sarasate Ferreira – 47
 LOPES, Thomaz – 85
 LÓPEZ, Francisco Solano – 54, 55
 LORSCHIEDER, Dom Aloísio – 37
 LOTT, Henrique Teixeira (Marechal) – 144
 LOURENÇO FILHO - 105
 LOURENÇO, José (beato) – 121, 122
 LUÍS, Washington – 108, 109, 110, 116
 LUJIZ, Antônio – 77
 LULA - 164
 LUSTOSA, Antônio de Almeida – 141
 LUSTOSA, Antônio de Almeida (Dom) – 146
 MACEDO, Júlio Álvaro Teixeira de – 56
 MACHADO, Pinheiro – 97
 MACHADO, Sérgio – 166
 MACIEL, Antônio Mendes – 82
 MACIEL, Francisco de Assis Oliveira – 50
 MADEIRA, Marcos – 67
 MADEIRA, Pinto – 45
 MAGALHÃES, César - 106
 MAGALHÃES, Juraci – 161, 164
 MAGALHÃES, Luciano Campos – 150
 MALLETT, Parda – 64,
 MANOEL I, Dom – 13,
 MARCÍLIO, Flávio – 142, 143
 MARIA I, Dona – 29, 36, 38, 39, 41
 MARROCOS, José – 60,
 MARTINS, Antônio – 60,
 MARTINS, Haroldo Magalhães – 150
 MARTINS, Aldemir – 127
 MATOS, José Wilkens – 50
 MEDEIROS, José de Pontes – 131
 MEIRA, Manoel Olímpio – 126
 MELO E ALVIM, João de Sousa – 50
 MELO, Jerônimo Filgueira – 45
 MELO, João de Alencar – 140
 MENDONÇA, Antonio Pinto de – 45
 MENDONÇA, Carneiro de – 114, 116

MENDONÇA, José Luiz de – 40
MENESES, Ferreira – 64
MENEZES PIMENTEL, Francisco – 118, 119, 120
MENEZES, José Ferreira de – 43
MESQUITA, Jonas – 127
MIRANDA, José Antônio de – 45
MOBILE, Adolf – 19
MONTE, Francisco – 139, 140
MONTEIRO, João Carlos (padre) – 63
MORAIS, Antônio Ermírio de – 155
MORAIS, Prudente – 81, 83
MOREIRA, coronel – 83
MORENO, Martins Soares – 11, 25, 27
MORORÓ, Padre – 46
MOTA, Antônio Frederico de Carvalho (coronel) – 91
MOTA, Aquiles Peres – 158
MOTA, Gonzaga – 128
MOTA, Gonzaga – 158, 159
MOTA, Inácio Francisco Silveira da – 50, 51
MOTA, Leonardo – 138
MOTA, Vicente Pires da – 50
MOURA, Sinval Odorico de – 50
MUNIZ, Onofre Gomes – 134, 139
NABUCO, Joaquim – 64
NASCIMENTO, Francisco José do – 61, 65
NEI, Paula – 64
NEPOMUCENO, Alberto – 85
NEPOMUCENO, Vitor Augusto – 85
NOOT, Guilherme – 58
OLIVEIRA, Joaquim José de – 60
OLIVEIRA, Olavo – 131, 134, 137, 139
OLIVEIRA, Olavo – 147
OLIVEIRA, Sítio Dias de – 60
ORLEANS E BRAGANÇA, Isabel Cristina de (princesa) – 62
OTONI, Carlos Honório Benedito – 50
PACHECO, Janot – 140
PAIVA, Maria Virgínia de Oliveira – 85
PATROCÍNIO, José Carlos do – 63, 64
PAULA, Inimá de – 127
PAULET, Silva – 35, 37
PAULO II, João (papa) – 161,
PEDRO I, Dom – 14, 41, 42, 44, 45, 46, 47, 49, 57
PEDRO II, Dom – 44, 49, 56
PEIXOTO, Floriano (marechal) – 76
PEIXOTO, José Carlos de Matos – 47, 108, 112, 113
PEREIRA JÚNIOR, José Fernandes da Costa – 50
PEREIRA, Lafayette Rodrigues – 50, 53,
PESSOA, Caetano Estelita Cavalcante – 50
PESSOA, Egberto de Paula – 131
PESSOA, Epitácio – 98
PESSOA, João – 110, 113, 116
PIMENTEL, Menezes – 135, 143
PIMENTEL, Sancho de Barros – 50

PINTO, Fernandes – 141
 PINTO, Francisco – 24
 PINTO, Jovino – 89,
 PINTO, Vicente (padre) – 89
 PINZÓN, Vicente – 20
 POMPEU SOBRINHO, Thomaz – 21
 POMPEU, Plínio – 131
 PONTES NETO, José – 137
 PRADO, Antônio Caio da Silva – 50
 PRESTES, Júlio – 112
 PRESTES, Luís Carlos – 104, 108, 117, 119, 124
 QUADROS, Jânio – 144, 146
 QUEIROZ, Clarindo de – 75, 76, 77,
 RABELO, Franco – 90, 91, 92, 94, 95, 96, 97, 100, 105
 RAYOL, Domingos Antônio – 50
 REGO, Joaquim Marco de Almeida – 50
 ROCHA, Acrísio Moreira da – 133, 134, 143, 147
 ROCHA, Demócrito – 116
 ROCHA, Guilherme César – 84
 ROCHA, José Moreira da (desembargador) – 91, 105, 106, 107, 108
 RODRIGUES JÚNIOR – 77
 RODRIGUES, José Antônio Calazans – 50
 RODRIGUES, José Martins – 149
 RODRIGUES, Tomás – 91
 SÁ, Francisco – 89
 SÁ, Francisco Teixeira de – 50
 SÁ, José Félix de Azevedo – 43
 SABÓIA, João Tomé – 91, 105
 SABÓIA, José – 131
 SABÓIA, Plínio - 142
 SALDANHA, Antônio Cruz – 60
 SALES, Antônio – 125
 SALES, Antônio – 78
 SALES, Campos – 79, 84
 SALES, Gonçalo Claudino – 150
 SALGADO, Alfredo – 60
 SAMPAIO, Dorian – 150
 SAMPAIO, general – 57
 SAMPAIO, Manuel Inácio de – 40
 SAMPAIO, Teodoro – 64
 SAMPAIO, Governador – 40
 SANTOS, Agapito dos – 74
 SANTOS, Benedito Augusto Carvalho dos - 120
 SARASATE, Paulo – 142, 143, 148, 151
 SARMENTO, Casimiro José de Moraes – 50
 SARNEY, José – 159, 162
 SENA, Emiliano Rosa – 64
 SERPA, Justiniano de – 77, 105, 106
 SERRA, Joaquim – 63
 SILVA, Antônio Gonçalves da (Patativa do Assaré) – 13
 SILVA, Chico da – 127
 SILVA, Edson – 161
 SILVA, João Tomé de Sabóia e – 98

- SILVA, José Barros da – 60
SILVA, Manoel Pereira da – 126
SILVA, Stênio Gomes da – 139, 142
SILVA, Virgulino Ferreira da (LAMPPIÃO) – 108, 125
SOBRAL, Othon – 140
SOMBRA, Severino (tenente) – 115
SOUSA, Antônio Tibúrcio Ferreira de (general) - 57, 58
SOUSA, Eusébio Nery Alves de – 116
SOUSA, João Silveira de – 51, 52
SOUSA, Jorge de – 89
SOUSA, José Silveira de – 50
SOUSA, Maria Amélia de – 85
SOUSA, Maria Teresa – 80
SOUSA, Tomé de – 29
SOUSA, Vital Félix de - 135
SOUTO, Gonçalo – 89
SOUZA E MELLO, Manoel Felizardo – 45
SOUZA, Antônio Bezerra de – 43
SOUZA, Jerônimo André - 126
SOUZA, José Bento de – 131
SOUZA, Pero Coelho de – 23, 27
STUDART, Guilherme (Barão de) – 125
STUDART, Guilherme (Barão de) – 77
SUCUPIRA, Luís – 134
TAMANDARÉ, Almirante - 126
TAVARES, Joaquim Vilela de Castro – 50
TÁVORA, Juarez – 108, 112, 113, 142, 143, 146
TÁVORA, Manuel do Nascimento Fernandes – 112, 113, 114, 115, 130, 135, 138
TÁVORA, Virgílio – 128, 137, 144, 146, 147, 148, 149, 150, 152, 156, 157, 158, 161
TEIXEIRA JÚNIOR, Antônio Soares – 60
TEIXEIRA, Perilo – 140
TEÓFILO, Marcos José – 51
TEÓFILO, Rodolfo – 79, 80
TOMÁS, Antônio (padre) - 126
TORREÃO, Enéas Araújo – 50
TROVÃO, Lopes – 64
TROVÃO, Lopes – 64
ULISSES, Heitor (tenente-coronel) – 115
VARGAS, Getúlio – 145
VARGAS, Getúlio – 57, 108, 110, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 120, 122, 123, 124, 125, 126, 129, 130, 139, 140
VASCONCELOS, Bernardo Manoel de – 29, 37
VASCONCELOS, Ignácio Correia de – 50, 51
VASCONCELOS, José Marinho – 137
VELOSO, Pedro Leão – 50
VERAS, Beni – 155, 164
VIANA, Antônio de Castro (Capitão-Mor) – 77
VIANA, Ernani de Queirós – 150
VIANA, Torquato – 65
VIEIRA, Joaquim José (bispo) – 68
VIEIRA, Joaquim José (Dom) – 69
VILANOVA, João Rodrigues Pacheco – 64
XIMENES NETO, Raimundo – 150



Mesa Diretora 2003 – 2004

Dep. Marcos Cals

Presidente

Dep. Idemar Citó

1º Vice – Presidente

Dep. Domingos Filho

2º Vice – Presidente

Dep. Gony Arruda

1º Secretário

Dep. Fernando Hugo

2º Secretário

Dep. José Albuquerque

3º Secretário

Dep. Gilberto Rodrigues

4º Secretário

INSTITUTO DE ESTUDOS E PESQUISAS SOBRE O DESENVOLVIMENTO DO
ESTADO DO CEARÁ
INESP

Presidente
Gina Marcílio Pompeu

Gráfica do INESP
Coordenação: Hermes Lima
Diagramação: Mário Giffoni
Av. Pontes Vieira, 2391
Dionísio Torres Fortaleza Ceará.
E-mail: inesp@al.ce.gov.br
Fone: 277-3705
Fax: (0xx85) **277-3707**



Home page: www.al.ce.gov.br

E-mail: epovo@al.ce.gov.br



Home page: www.al.ce.gov.br/inesp

E-mail: inesp@al.ce.gov.br

POR UMA CULTURA DE PAZ E NÃO-VIOLÊNCIA¹



Reconhecendo a parte de responsabilidade ante o futuro da humanidade, especialmente com as crianças de hoje e de amanhã, **EU ME COMPROMETO** – em minha vida cotidiana, na minha família, no meu trabalho, na minha comunidade, no meu País e na minha região a:

- 1 RESPEITAR A VIDA.** Respeitar a vida e a dignidade de cada pessoa, sem discriminar nem prejudicar.
- 2 REJEITAR A VIOLÊNCIA.** Praticar a não-violência ativa, repelindo a violência em todas suas formas – física, sexual, psicológica, econômica e social – em particular ante os mais fracos e vulneráveis, como as crianças e os adolescentes.
- 3 SER GENEROSO.** Compartilhar o meu tempo e meus recursos materiais, cultivando a generosidade, a fim de terminar com a exclusão, a injustiça e a opressão política e econômica.
- 4 OUVIR PARA COMPREENDER.** Defender a liberdade de expressão e a diversidade cultural, privilegiando sempre a escuta e o diálogo, sem ceder ao fanatismo, nem à maledicência e o rechaço ao próximo.
- 5 PRESERVAR O PLANETA.** Promover um consumo responsável e um modelo de desenvolvimento que tenha em conta a importância de todas as formas de vida e o equilíbrio dos recursos naturais do Planeta;
- 6 REDESCOBRIR A SOLIDARIEDADE.** Contribuir para o desenvolvimento de minha comunidade, propiciando a plena participação das mulheres e o respeito dos princípios democráticos, com o fim de criar formas de solidariedade.

¹ Manifesto redigido por defensores da Paz, como Dalai Lama, Mikail Gorbachev, Shimon Peres e Nelson Mandela, no sentido de sensibilizar cada um de nós na responsabilidade que temos em praticar valores, atitudes e comportamentos para a promoção da não-violência.

Lançado em 2000 pela UNESCO, contou com a adesão da Assembléia Legislativa ao "Manifesto 2000" com a coleta de mais de 500 mil assinaturas em nosso Estado.